Antônio Bezerra

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

NOTAS DE VIAGEM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
BIBLIOTECA
913.31
B469n

FORTALEZA ◆ IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ ◆ 1965

ANTÔNIO BEZERRA

Homem algum, entre nós, foi tão presente aos fastos cívicos e intelectuais do seu tempo. Bem o disse o escritor paraibano-cearense, Rodrigues de Carvalho: "No Ceará é figura obrigatória em tudo que seja manifestação de inteligência o conhecido literato Antônio Bezerra de Meneses. Investigador tenaz, idólatra das coisas de sua terra e amante das belas-letras".

Não é possível silhueta mais fiel, porque, efetivamente, o quixeramobinense inquieto não deixou campo que não trabalhasse com os instrumentos ágeis do seu formoso talento.

Nasceu em 1841 e faleceu em 1921. Viveu, assim, 80 anos de vida incansada e útil, destemida e obreira, sempre marcada daqueles traços inconfundíveis: tenacidade investigadora, amor do seu Ceará e afeição perene aos lavôres do cérebro.

Jovem, fêz versos, talvez bons, mas sem ter encontrado, como afirmara Nabuco de si próprio, a tecla inspiradora, "cuja ressonância interior não se confunde com a de nenhum timbre artificial". O lirismo do seu primeiro livro — Sonhos de Môço — *não passou dum anseio de rapaz de alma quase implume. Como que os primeiros versos são as primeiras penas da avezinha que quer voar. E o que de poesia ofereceu para* Três Liras (*Fortaleza, Tip. Econômica, 1883*), *em colaboração com Justiniano de Serpa e Antônio Martins, tem o valor do entusiasmo e exaltação da causa que defendiam.*

Esta causa era a libertação dos negros das senzalas, que seria motivo de uma das glórias e vaidades do cearense: o Ceará ainda hoje é a "Terra da Abolição".

Nesse movimento de civismo inflamado, cheio de incríveis rasgos e coragens e, mais que tudo, de despretensão interesseira, todo ideal puro, o filho de Quixeramobim ocupou alto

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

comando no pelotão da vanguarda. Na frente, dirigindo e atuando — ao mesmo tempo general e soldado de pré. "De todos os modos e por todos os meios, alforriava, libertava cativos". A luta anti-escravista sublimou a solidariedade humana dum grupo de idealistas e ali estava Antônio Bezerra, como um doido, fazendo e quebrando, os braços na ação e a impaciência procurando galgar o objetivo animoso.

Um dia, já passada a refrega, terce perigosamente armas com o terrível João Brígido que, afinal, o define: "Não passa de um escritor ameno, duma alma bem formada, apenas com uns toques de visionário. Meio estrábico, vê as coisas de través; voluntarioso em excesso, tem como um fogão no crânio, no qual está, dia e noite, ardendo a novidade e queimam as quimeras, até se reduzirem a cinza eternas verdades".

Parece que estão aí algumas coordenadas do temperamento de Bezerra, que a idade sequer pôde modificar. Principalmente estas: a ardência da sua paixão pelos assuntos que o preocupavam e a formação da sua mente sempre aquecida na boa excitação dos combates que enfrentava. O fogão do seu crânio teve fogo aceso até o fim: a lenha da sua obstinácia e do fervor das idéias realizadoras jamais faltou. No seu túmulo, o que se enterrou foi uma plena juventude, pois nunca o velho do Barro Vermelho envelheceu. Oito décadas de mocidade de espírito num corpo que elas materialmente apenas alquebraram.

A Emancipação negra levou-o ao jornalismo e como jornalista não parou. Não sabia parar. Fundou jornais, manteve jornais e cooperou na vida de jornais, intensivamente. "Colaborou em quase todos os jornais literários de seu tempo".

O Libertador, aparecido em 1881 e de tanta atuação e renome na imprensa do Ceará, é criação sua, com Antônio Martins e Teles Marrocos, emancipacionistas enrijados. Era o órgão de propaganda da Abolição. Também criação sua, com o Barão de Studart, com Antônio Augusto de Vasconcelos e Francisco Ferreira do Vale, o jornal Ceará, de 1888. Com José de Barcelos, fundara A Estrêla, em 1859. Em Manaus, para onde o puxara a pobreza de haveres em busca da sobrevivência dirigiu, desde 1898 e enquanto lá estêve, o periódico A Pátria, no qual escreveu a série de crônicas, "delineadas na mesa da redação, entre agradáveis palestras dos companheiros de trabalho e as exigências dos tipógrafos", e delas resultou O Ceará e os Cearenses (1903), livrinho que é um encanto de leitura das coisas desta sua terra do Ceará e do valor dos que dão com os olhos, pela primeira vez, na luz do sol queimante do Nordeste.

Mas o grande efeito das suas atividades mentais apurou-se no domínio da Literatura e no das investigações científicas. Quase não houve associação literária do Ceará de que êle não participasse como elemento de prol. O Instituto do Ceará, de 1887, teve-o com um dos seus doze fundadores. A Academia Cearense de Letras, de 1894 do mesmo modo, tal qual o Centro Literário, de 1894. Da Padaria Espiritual, de 1892, foi um dos mais ativos padeiros. O seu nome de guerra — André Carnaúba — era uma liderança.

Como estudioso das ciências naturais e investigador da História, então é que Antônio Bezerra alcança o ápice do seu caminho cultural, vistosamente florido.

No tocante àquelas, fazia das suas atenções não mais que o diletantismo de ledor desaparelhado de diploma universitário. Leu muito e aprendeu muito da Botânica e da Zoologia, sem, contudo, inclinar-se para a preparação de obra escrita que espelhasse a sua erudição de naturalista. O que, a respeito, deixou escrito, entre páginas várias, servia-lhe, e êle o declara modestamente, para o fim "de despertar entre os moços de minha terra o gôsto das ciências naturais pela exposição de ligeiras noções, porque, infelizmente, para mais não dispunha eu de habilitações" (Sirva de Prólogo, em Notas de Viagem ao Norte do Ceará). Realmente, dispunha, nas generalidades, do conhecimento corrente das ciências da Natureza, à sua época divulgado no Brasil.

As pesquisas históricas, porém, deram-lhe posição emérita em nosso Estado. Com êle, a bem dizer, começam a exercitar-se entre nós os princípios da Nova História ou História Científica.

À velha História Narrativa, tradicional, simplesmente descritiva, não raro falseada, muita vez novelesca, não se acomodou o seu espírito insatisfeito, novidadeiro, "o fogão do seu crânio", cada dia mais a arder de ânsia pelo gostoso encontro com a verdade.

Em nossa Província, os livros pioneiros de Pedro Théberge (Esbôço Histórico sôbre a Província do Ceará) e do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe (História da Província do Ceará desde os Tempos Primitivos até 1850) não mais podiam orientar, com segurança, aquela marcha para o verídico e o exato. E os Estudos de História do Ceará de Joaquim Catunda, mais aproximados da nova concepção da ciência de Heródoto, igualmente não satisfaziam, pelo pessimismo de que se contaminaram, arrastado o autor por idéias muito pessoais em relação aos fatos comentados e, portanto, levando-o, repetidamente, a conclusões falhas.

Com a criação, em 1887, do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), inaugura-se outra fase dos estudos históricos, que pode ser denominada elucidativa ou documentista, na qual é predominante a intenção de rever ou corrigir antigas afirmações e proporcionar novos elementos materiais para a melhor e desejada apreensão da realidade histórica. Nesse trabalho meritório e necessário, as vigílias do Barão de Studart, de Paulino Nogueira, de João Batista Perdigão de Oliveira foram admiràvelmente construtivas. As do primeiro são colossalmente grandes, eloqüentemente fartas.

Todavia, a História não é só isto: ela não é achada no documento. O documento escrito, mesmo comentado, será ùnicamente um meio ou utensílio de que se há de servir o historiador para fazer história, tirar ou extrair da complexidade documental e dos subsídios de outros documentos não literários a interpretação precisa, a dimensão justa e nítida do fato histórico, mediante a análise rigorosa das fontes históricas, fundamentada no que se tem denominado, com razão, o senso histórico. Enfim, a História constrói-se com o documento.

Quaisquer que sejam as suas simpatias e ódios, as suas idéias anteriores ou os seus preconceitos, o nôvo historiador sòmente o será se puder alhear-se inteiramente dêsses fatôres de perturbação e desnorteamento. Aí estará a História dita Científica, essencialmente crítica e conclusiva, em ponto de explicar o fato histórico e não ùnicamente registá-lo.

Nesse nôvo e belo terreno, limpo de ervanços, entrou inegàvelmente Antônio Bezerra, ajudado pela insistência e persistência do seu pendor irresistível para encontrar e proclamar a verdade e pela insônia do seu gênio de perquirição, capaz de resistir, vitoriosamente, às canseiras, às decepções, aos escolhos de tôda sorte e, sobretudo, às traições sentimentais e às reações do preconcebido.

Com êle abrem-se, pode-se afirmar, as cortinas da História Crítica no Ceará, a que Tomás Pompeu Sobrinho deu energia e superior expressão, notadamente com a sua Proto-História Cearense, magistralmente elaborada, seguido de Carlos Studart Filho e, mais recentemente, de José Aurélio Câmara, ambos com as mais estremes demonstrações, em trabalhos diversos.

Efetivamente, em Algumas Origens do Ceará, publicada de início como simples estudo na Revista do Instituto do Ceará, e, em 1918, no formato de livro (Fortaleza, Tip. Minerva) — Bezerra mostra bem claro o seu teor de crítico histórico e, refutando Brígido, põe sob as lentes do frio exame da exatidão fatos do passado cearense até então cobertos do azinhavre dos enganos e dos conceitos errôneos. A sua esponja avinagrada de uma a uma descobriu as suposições sem base de velhos historiógrafos e as notícias sem fundamento de cronistas aligeirados, trazendo para cada contradita a luz da verdade incontestável.

Depurou, com efeito, de tantas dúvidas e distorções, a história do povoamento do Jaguaribe e do vale do Cariri, valendo-se de desusada acuidade, conquanto ainda sem a observância de determinadas normas que os melhores métodos históricos aconselham. Não anulam, nem desmerecem a sua ingente e proveitosa obra de pesquisa e raciocínio quais quer senões de linguagem e certo desalinho na argumentação, que aí se verificam e o próprio autor reconhece, e dos quais se escusa,

dizendo tê-lo feito de propósito "para mais salientar a verdade, e que, por isso, tornam desenxabido e pesado o estilo".

Algumas Origens do Ceará, não há como negar-se, passou a ser a estaca-zero ou marco inicial da nova ordem de lucubrações da história desta Terra de Sol, que o autor não se cansa de evocar, como cantilena amorável do seu coração, e o livro tem suporte confirmativo noutros estudos por êle insertos em lugares outros, de modo especial na Revista do Instituto do Ceará.

Sem a linha exegética daquele, antes moldado na singela narração de uma viagem através de parte do território cearense, Antônio Bezerra fêz-nos legatários doutro livro de valor inexcedível. São as Notas de Viagem no Norte do Ceará, em 1.ª edição no ano de 1899 (Fortaleza, Tip. Econômica), com o título — Província do Ceará — Notas de Viagem (parte Norte) e dedicada "À Memória do Meu Bom Amigo Dr. Antônio Caio da Silva Prado" e "Ao Instituto do Ceará". Era, antes, da ciência pública, por ter saído em folhetins do jornal Constituição, de Fortaleza, em 1884 e 1885.

A 2.ª edição é de 1915, Lisboa, vem oferecida a Alfredo Salgado e, como a princeps, se acha esgotada, fora do alcance, portanto, daqueles que, por dever de estudo ou por mera recreação, precisam dos valiosos adminículos contidos no volume.

Bezerra aproveitou-se de embaraçosa comissão que lhe dera o govêrno provincial, com a finalidade de colhêr informações e dados no interior cearense, para escrever as suas Notas, desde a hora saudosa da partida, até a da chegada de volta. "Procurei suavizar a minha contrariedade, consolando-me de que, se de um lado tinha dificuldades que vencer, incômodos que suportar, de outro ia percorrer grande parte do território cearense; conhecer sua natureza, seu solo, suas belezas, as fontes de sua riqueza futura; visitar lugares célebres, uns por feitos de heroismo na sustentação da integridade do Império, outros pela história dos crimes dos seus primeiros povoadores; confrontar a flora e fauna do interior com a flora e fauna do litoral; verificar à medidas dos meus fracos conhecimentos se nossas rochas pertencem à formação que lhes atribui Mr. L. Agassiz ou se são formadas de terrenos eruptivos que, em conseqüência da alta temperatura na camada principal do globo, irromperam através dos depósitos sedimentários, como pretende Mr. Liais e com êle a maioria dos geólogos que têm visitado o Brasil; encontrar algum objeto ou fragmento dos usos e costumes dos primitivos habitantes do nosso solo, que despareceram ou se internaram mais para o Norte; descobrir alguma camada de limo, constantemente submergida e privada de influência do ar, corpos organizados que tivessem conservado a forma permanente, apesar das transformações químicas por que houvessem passado, corpos que eu sabia se encontram ao sul da Província e que têm o nome de fósseis; examinar as águas termais que demoram na área do meu caminho; sondar... o que seu eu?"

Aí está o plano da obra, resultante de tantos desejos do quase visionário e curioso impenitente, por felicidade bem realizados. As respostas a tantas perguntas são uma riqueza de esclarecimentos e revelações oferecidas ao leitor, que não as teria se o livro continuasse raridade bibliográfica.

Muito acêrto houve, pois, no incluí-lo entre as reedições de obras esgotadas, dentro do esquema de publicações comemorativas do 10.º aniversário de instalação da Universidade do Ceará. Os homens da cultura literária e da cultura científica vão gostar da decisão do Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, mandando prazerosamente reeditar as suculentas e agradáveis Notas de Viagem ao Norte do Ceará, do "idólatra das coisas de sua terra".

RAIMUNDO GIRÃO

SIRVA DE PRÓLOGO

(Da 1.ª edição)

Escrito êste livro em folhetins para o jornal "Constituição", nos anos de 1884 e 1885, só agora me é dado realizar a sua publicação em volume, devido à benevolência do ilustre e malogrado môço, Dr. Caio Prado, Presidente desta Província, que mandou fazer-me o empréstimo necessário para levar a efeito a minha ardente ambição; e, como daí se extraíram diversos apontamentos hoje impressos, até em peças oficiais, à vista dos quais parecerá que os copiei de outros, atenta à prioridade das datas, tiro a lume o meu trabalho tal qual se acha naquele jornal.

No pouco tempo que me sobrava do serviço da comissão de que fui encarregado em algumas localidades do interior nos anos acima mencionados, tratei de colhêr os dados precisos que tornassem mais conhecida a Província, e, se o não consegui, por aninhar-se qualquer inexatidão no que está escrito, deve ser atribuída a falta, não a mim, que procurei ser o mais fiel possível, narrando os fatos, mas às pessoas, aliás de mais critério naquelas paragens, a quem recorri em casos tais.

Poderão acusar-me de que me excedi em fastidiosas digressões literárias, algumas científicas, muitas vêzes fora do plano da obra, é exato; mas confesso que o fiz levado tão-sòmente por um motivo — o de despertar entre os moços

de minha terra o gôsto das ciências naturais pela exposição de ligeiras noções, porque, infelizmente, para mais não dispunha eu de habilitações.

Se, entretanto, aos meus patrícios agradar êste livro, apesar dos seus mil defeitos, dar-me-ei por bem pago do sacrifício que fiz, porque como o cantor dos Lusíadas *só tenho uma glória e é — que amo de coração a minha terra e a minha gente.*

Fortaleza, 30 de maio de 1889.

ANTÔNIO BEZERRA

Em dias do mês de setembro de 1884, recebi ordem do Govêrno Provincial para seguir em comissão ao interior da Província.

Medindo as conseqüências dessa viagem em um tempo em que faltam os recursos de comodidade, senão até do necessário na travessia do sertão árido e abrasador, renunciei a honra da comissão, reforçando os motivos de minha recusa.

Não fui atendido; era preciso partir e partir sem demora.

Nestas condições, procurei suavizar a minha contrariedade, consolando-me de que, se de um lado tinha dificuldades que vencer, incômodos de suportar, do outro, ia percorrer grande parte do território cearense; conhecer sua natureza, seu solo, suas belezas, as fontes de sua riqueza futura; visitar lugares célebres, uns por feitos de heroísmo na sustentação da integridade do Império, outros pela história dos crimes dos seus primeiros povoadores; confrontar a flora e fauna do interior com a flora e fauna do litoral; verificar, à medida dos meus fracos conhecimentos, se nossas rochas pertencem à formação que lhes atribui Mr. L. Agassiz ou são formadas de terrenos eruptivos que, em conseqüência da alta temperatura na camada primordial do globo, irromperam através dos depósitos sedimentários, como pretende Mr. Liais e com êle a maioria dos geólogos que têm visitado o Brasil; encontrar algum objeto ou fragmento dos usos e costumes dos primitivos habitadores do nosso solo, que desapareceram ou se internaram mais para o norte; descobrir nalguma camada de limo, constantemente submergida e privada da influência do ar, corpos organizados, que tivessem conservado a forma permanente apesar das transformações químicas por que

houvessem passado, corpos que, eu sabia, se encontram ao sul da Província e que têm o nome de fósseis; examinar as águas termais que demoram na área do meu caminho; sondar... e que sei eu?

Assim, acondiconados nas malas de viagem alguns instrumentos e poucos livros, companheiros do meu exílio, pelas 5,30 horas da tarde do dia 12, uma jangada me transportava a bordo do vapor **Cabral**.

Ali, debruçado à amurada, contemplava com saudade os alvos cômoros da praia e o perfil dos edifícios que emergiam de entre os coqueiros, cuja coma, baloiçada aos beijos da brisa, se irisava ao palores do crepúsculo.

Dentro em pouco eu ia deixar talvez para sempre a família e o torrão natal.

Êstes pensamentos tornaram-me insensìvelmente triste.

As ondas, quebrando-se de encontro ao largo dorso do navio, traziam-me aos ouvidos sons plangentes, como de magoada canção.

Esmaeciam as côres da tarde, e tôda extensão não era agora mais que um desenho simples, delicado e elegante como os fundos do Perugino.

À dúbia opacidade das sombras enterneciam-me cada vez mais o azul infinito que, imperceptìvelmente, se alongava a perder de vista por sôbre a planície líquida.

Ao fim, a forma vaga das montanhas e as curvas caprichosas da costa submergiram-se em tênue obscuridade, e o céu tépido e silencioso revestiu-se de pontos cintilantes, que vinham se refletir na face do oceano.

Escureceu de todo.

De bordo nada mais se percebia senão uma enfiada de luzes avermelhadas e irregulares dos combustores, que contrastavam com a suavidade da luz das estrêlas.

Poucos passageiros ainda.

No entanto, o ruído das caldeiras que se aquentavam fazia estremecer tôda aquela casa flutuante, ouvindo-se de qualquer parte o rijo tique-taque dos pistões.

Os marinheiros, dispondo os preparativos para a primeira manobra, garganteavam à proa esdrúxulas canções de amor, de saudade, muitas vêzes em melancólica toada.

A sinêta troou oito horas.

Pouco depois um vulto negro, ferindo com estrépido o dorso das ondas, como se fôra irrequieto cetáceo, atraca à escada de ré.

Era o escaler do comandante.

Todos a bordo; o vapor deve largar à meia-noite.

Enquanto cada um busca o beliche para evitar o terrível enjôo eu conservavà-me no tombadilho a pensar no que de mais caro me ficava em terra.

Dominavam-me naquele momento as mesmas cruciantes comoções que a René, apoiado ao castelo de proa do navio que o conduzia a Lousiane!

Que coisa dolorosa é a hora da partida.

Nem mesmo a pena mágica de Chateaubriand soube traduzir a grandeza dessa dor.

E eu evito de dizer mais algumas palavras com receio de despertar a gargalhada dos adeptos da escola realista.

Se lhes sobra espírito, falta-lhes coração.

* * *

À hora determinada, o vapor começou a mover-se, primeiramente devagar, depois mais forte, e entre a vozeria da marinhagem, virou de bordo e fêz-se ao largo.

Vi desaparecer no espaço as luzes e bustos dos edifícios da cidade da Fortaleza, e na meia claridade da noite estrelada notei que a linha negra da costa nos acompanhava a pouca distância.

A lua, na sua segunda quadratura, assomou com pouco do seio das águas, e erguia-se de manso, empanando o brilho das estrêlas.

O mar era uma esteira de prata.

Já se divulgava agora a larga fita de espumas que deixava a hélice na velocidade da carreira.

Em contínuo movimento, o vapor ora se erguia na crista das ondas, ora mergulhava no fundo do abismo.

Eu velava ainda, apesar do vento frio da noite que me umectava de uma poeira de sal as mãos e a roupa.

Ouvi um ruído de passos no convés.

Era um passageiro, que como eu se destinava ao pôrto de Camucim, que, enfurecido contra o calor do beliche, vinha refrescar-se ao ar livre.

Aproximou-se de mim, deu-me as boas-noites e sentou-se no mesmo banco.

* * *

Ao fim de alguns instantes, vendo que não lhe prestava atenção e me conservava sempre em atitude meditativa, a contemplar o astro da saudade, que se librava na imensidão do firmamento, exclama: "Pelo que vejo, o senhor é como eu, amante da lua!"

— É exato; tive sempre por ela certa predileção.

— O que eu aprecio, é esta luz pálida e suave que não nos fere os olhos, como a do sol, atribuída talvez à matéria de que é formada; que diz?

— Digo que a lua é uma terra como a que habitamos.

— Que! — isso é uma visão, um sonho de poeta! Se assim é, porque não tem a terra o mesmo brilho da lua?

— Simplesmente, porque não se acha o senhor em posição entre uma e outra; porque então havia de ver que o sol envia a sua luz à lua e ela a nós, ao passo que a terra, por sua vez, recebendo a luz do sol, a envia à lua.

Não sendo transparente, a lua reflete para nós os raios do sol, mas não os refrata; e enviando-nos êsses raios, ela não nos envia todos, absorve grande parte, razão por que nos parece menos luminosa do que o sol.

Para produzir luz igual à do sol seria preciso 800 mil luas cheias, ou 20 milhões de vêzes a luz da estrêla mais brilhante.

— Então, nós parecemos para a lua o mesmo que ela nos parece?

— Sim; a lua parece-lhe exercer as funções de um astro, embora não vejam seus habitantes descrever a terra um círculo em tôrno dela, e ignorem que a sua habitação seja também outro astro. A metade da lua que se achava voltada para nós desde a criação do mundo é a mesma que se nos apresenta até hoje, donde se vê que não podemos conhecer a outra metade, e a razão é porque quando no-la devia apresentar é justamente na ocasião em que se acha entre a terra e o sol e aí está em frente da face iluminada da terra.

Nessa posição é esclarecida pela luz plena da terra, e então se dá para ela terra cheia, do mesmo modo que, quando no hemisfério oposto, refletindo para a terra tôda a sua luz, se dá lua cheia.

Assim, o que parece luminoso na lua e nos esclarece durante as noites é a luz do dia na sua face, na mesma conformidade a terra, quando tem o dia e se acha voltada para ela que tem a noite, a ilumina também.

Elá nos vê radiante como nós a vemos.

— Pelo que acaba de dizer, nós servimos de lua para a lua!

— Sem dúvida, e muito mais esplêndida.

Os **subvolves**, como denominou Kepler aos habitantes da parte da lua que observamos, vêem no seu céu a terra como um astro imenso, gigantesco, sempre na mesma atitude sôbre suas cabeças, enviando-lhes treze vêzes mais luz do que a lua nos envia quando cheia.

Êste astro me apresenta as mesma fases, desde terra nova até terra cheia.

Além disso, a esfera terrestre é para ela um lindo e curioso espetáculo por causa da variedade de tons que, em conseqüência da grande quantidade d'água dos oceanos, das matas, dos desertos de areia e dos gelos, apresenta sua superfície; espetáculo que constantemente varia, pois que os continentes lhe parecem verdes, os mares azuis, os desertos amarelos e os pólos brancos, segundo as mudanças da atmosfera.

— Então lá também tem gente?

— Aparentemente é o que se supõe, e desde a antigüidade os filósofos e até, segundo Plutarco, os teólogos do Ocidente consideravam-na como a residência das almas felizes.

Refere Ariosto que, tendo enlouquecido Roldão, sobrinho de Carlos Magno, em conseqüência de ter a formosa Angélica dado sua preferência a Medor, o bravo paladino Astolfo, sabendo que na lua havia um pequeno vale, onde se encontrava tudo o que se perde na terra, como honra, glórias, riquezas, esperanças, ilusões, suspiros dos amantes, pede e é transportado por S. João àquela ditosa morada.

Ali o surpreende a existência dos vales, rios, montanhas, florestas, cidades, e mais ainda a beleza das travêssas ninfas que percorrem os bosques.

Estas idéias têm sido largamente desenvolvidas por escritores de todos os séculos e nacionalidades, notadamente pelo negro Lucianus de Samosate, pelo italiano Jordano Bruno, alemão J. Kepler, holandês Cristian Huyghens, franceses Cyrano de Bergerac, Fontenelle e Jules Verne, inglês William Godowin, sueco Svedenborg, e outros não menos célebres.

— Qual! isso é romance!

— Nada se pode assegurar com certeza, no entanto, há quem afirme que é habitada por sêres diferentes dos que vivem sôbre a terra.

A ciência progride e com o auxílio dos grandes telescópios, que já a aproximam a 15 léguas de nós, é possível que não muito longe tenhamos a solução dessa importante questão.

Quanto à existência de cavidades, montanhas e vulcões que alguns supõem em atividade, ninguém o contesta; se bem que outros crêem que aquelas manchas luminosas que se avistam na sua superfície sejam grandes mares.

Mas, sendo assim, quero saber o que impossibilita que os habitantes da lua sejam semelhantes a nós.

— A falta de atmosfera.

Como deve saber, o sol levanta da terra e das águas emanações e vapôres que geram as nuvens; estas, acumulando-se ora aqui, ora ali, dissolvendo-se, apresentariam, a quem

observasse de longe, mudança sôbre a superfície do globo, isto é, lugares obscuros que se iluminam e vice-versa; ao passo que a face da lua que conhecemos apresenta sempre a mesma configuração, o que é obscuro é sempre obscuro, o que é luminoso é sempre luminoso nas mesmas fases, fato que não se dá com relação a outros astros muito mais afastados de nós.

À vista do que acabo de dizer, não tendo a lua atmosfera, não podem gozar os seus habitantes das belezas e esplendores das auroras e crepúsculos, que são o efeito dos raios solares através do ar que nos circunda; pois, não podendo cair sôbre a terra, êste no-los envia, depois de reter uma certa parte.

São os encantamentos da nossa natureza.

Não acontece o mesmo com o astro da saudade que, permanecendo a falta daquele fluido gasoso, em longa noite, de repente parece que se ergue uma cortina e o sol despeja de chôfre sôbre ela tôda a sua claridade: está no gôzo de uma luz viva e penetrante, de repente se mergulha em profunda escuridão.

Não tem como nós esta suave transição de luz à aproximação do sol, nem o enfraquecimento da mesma à medida que êle desaparece no horizonte.

E sendo ainda o arco-íris o resultado de pequenas gôtas de água nas nuvens de chuva sôbre os raios solares, e não existindo em tôrno da lua nem nuvens nem vapôres fica ela privada também da vista dêsse agradável meteoro.

Não são de todo infelizes os habitantes da lua, porquanto se não se extasiam seus olhos diante da magnífica decoração do nosso céu, ignoram pelo menos o que sejam os raios, as tempestades e os trovões que trazem em sobressalto o sexo frágil.

— É bom assim!

— Mas, como disse acima, não existindo neste satélite gases nem líquidos, agentes indispensáveis à vida orgânica, é claro que se não pode encontrar ali nem vegetais nem animais, e até se supõe que os habitantes vivem sem beber nem respirar.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

São surdos-mudos em conseqüência da falta do ar atmosférico, que é o que propaga o som, e portanto sem ouvidos, sem pulmões e sem língua.

— Em tais condições como se pode subsistir em terra tão desgraçada?

— Ignora-se ainda: entretanto alguns astrônomos e entre êles o sábio Arago opinam que há uma atmosfera nas cavernas, que não se eleva à camada superior.

Acreditam que suas cidades são construídas à semelhança das de Roma subterrânea, que, no entanto, é maior que a Roma exterior.

O Professor Gruithuysen, de Munique, foi mais longe: julgou descobrir no centro do satélite baluartes paralelos, cortados transversalmente por outros que lhe pareceram grandes fortificações, embora contestem Lohrman e Mrs. Beer e Meadle, assegurando que tais fortificações não eram mais que altas montanhas, pelas sombras das quais chegaram a medir os pontos mais elevados, atingindo alguns a 7.600 metros, ou 2.809 metros de mais que o Monte Branco.

— E essas montanhas serão como as nossas?

— Creio que sim; com a diferença de que as da terra são quase tôdas prolongadas em linha reta, ao passo que as da lua descrevem grandes círculos.

Herschel diz que observou com seu telescópio, que aliás aumentava três mil vêzes em diâmetro, nalgumas dessas montanhas traços de estratificação vulcânica resultante de depósitos de matéria que havia feito erupção.

— Cada vez menos o entendo! Então aquêle povo vive em furnas como animais ferozes?

— Talvez para evitar o extraordinário calor; pois que a lua, na mesma distância que nós do sol, tem seu dia solar 30 vêzes mais comprido do que o nosso; isto é, tem alternativamente 15 dias de sol e 15 dias de noite.

Confirma Herschel que os raios solares durante êsse longo dia produzem uma temperatura superior à da água a ferver, sucedendo-se na longa noite um frio glacial capaz de fazer descer o termômetro a 40 graus abaixo de zero.

Daí se conclui que aquêles povos só vêem o astro do dia uma vez por mês.

Nós não sentimos êsse calor nem êsse frio por causa da camada de ar atmosférico que envolve nosso globo até a altura de 48 mil metros, ou 12 léguas de quatro quilômetros, segundo o grande físico Biot; ar que contém sempre grande quantidade de vapor d'água.

Tyndall demonstrou que o vapor d'água permite ao ar não só absorver parcialmente os raios caloríficos emanados do sol, mas ainda impede o resfriamento da terra, absorvendo uma parte do calor desprendido do sol.

— Qual! Que seja verdade o que se diz a nosso respeito, vá; mas que os habitantes da lua sejam tão disformes, não acredito.

De lá de cima, meu amigo, ninguém entende nada; no entanto teimo em dizer apesar dos pesares que amo a lua, e se é habitada, faço melhor juízo dos seus habitantes.

Histórias de astrônomos!

Veja como ela caminha serena no fundo do céu!

De feito, o astro da noite aclarava com sua luz doce e melancólica a face oscilante do mar que, coroado de alva espuma, desprendia agradáveis cintilações de prata fremente.

Reinava no espaço indizível harmonia, que parecia fazer vibrar sutilmente a extensão serena do céu.

No silêncio daquela hora da noite, na tristeza que infunde a solidão das águas ante a profundeza do firmamento imerso em indefinido azul, na agradável sensação que desperta a música das esferas, a imaginação julga ouvir o que pressentia Platão na sua República: os cantos da sereia que acompanha a lua em maravilhoso concêrto com os demais planêtas.

É deveras indescritível a doçura das noites de luar no seio do oceano!

Por tôda a parte suaves irradiações de cristais, que se agitam no revolutear das ondas.

O olhar embebido na luz fraca e dúbia da noite, apercebe estreitarem-se as linhas do horizonte, que nos parece segregar do resto do mundo.

Desperta-se em nós a idéia que nos leva a eterno exílio, e então mais cruciante torna-se a lembrança das afeições que nos ficaram além.

Meu interlocutor já havia desaparecido.

Profundo silêncio a bordo, apenas interrompido pelo ruído da máquina, que imprimia certa agitação convulsa a todo o navio e de quando em vez os sons agudos da sinêta indicando as horas aos homens de vigia à bússola.

O cansaço dominava-me, adormeci sôbre o banco.

* * *

No outro dia ao despontar da aurora o **Cabral** navegava por 45° NO. em frente da enseada do Pecém.

As alegrias da manhã haviam dissipado as tristezas da noite.

A cena era outra. A aurora inundava de tons alaranjados a superfície do oceano, que pela transparência semelhava líquida esmeralda.

Deslumbrava o azul infinito do céu, e na fímbria do horizonte rendas de prata rasgavam-se à aproximação do sol.

As ondas tremiam e cintilavam sob a chuva de chamas do astro-rei.

Pelas oito horas apresentou-se-nos a ponta das Frecheiras, lugar de dunas entremeado de alguma vegetação, descobrindo-se com o auxílio do óculo, próximo à praia, cerrado bosque de coqueiros.

Os morros da costa contrastavam pela brancura das areias com o fundo escuro da mata que coroa os pontos mais elevados de além.

Surge agora Emboaca, o morro das Melancias, morro escalvado que apresenta do lado de O. a sombra confusa de arvoredos.

Duas horas depois fundeava o **Cabral** diante do Mundaú, no ancoradouro de fora ao NO, da ponta do recife que vem de Emboaca.

Do mar avista-se a capelinha, o edifício da cadeia pública e algumas casas, erguidas entre os coqueiros, que lhe dão certo ar alegre.

É um povoado de pescadores!

* * *

Pelas duas horas deixamos o pôrto e fizemo-nos ao largo.

Eram já conhecidos os meus companheiros de viagem.

Dois magistrados, um deputado provincial, dois comerciantes, um estudante, uma professôra e um tabelião do Camucim.

Dêstes, poucos apareciam por incomodados, a professôra nunca foi vista, e sòmente eu, o futuro tabelião e o estudante resistíamos aos horrores do enjôo.

Era insuportável uma viagem assim, sem as distrações que oferecem os vapôres transatlânticos, onde tudo se emprega, tudo se inventa para vencer a insipidez da enfadonha travessia.

Música, canto, jogos divertidos, e até a palestra costumeira entre nós sôbre política, faltavam-nos a bordo.

Nos livros esquecia eu o meu isolamento.

* * *

À tarde, em ocasião em que me deliciava a contemplar a face cerúlea do oceano, chega-se a mim o meu interlocutor e, com sorriso amigo, diz-me, batendo-me no ombro: "Perscrutais os segredos do mar? Será êle porventura tão caprichoso como é a lua na vossa opinião?"

Ri-me e respondi:

— Para mim o oceano é tão maravilhoso como a terra, cujas belezas nos encantam e surpreendem.

Sem querer referir-vos como formou êle a terra que pisamos, continua a formar novos continentes pelo trabalho incessante de milhões e milhões de animálculos infusórios,

que vivem e se extinguem no seu leito, vou dizer-vos alguma coisa a êsse respeito que talvez ignoreis.

O solo submarino é o pronlogamento do solo subaéreo.

Naquele encontram-se vales, planícies, desfiladeiros, desertos de areia, rochedos, fontes d'água doce e vulcões em atividade.

Demonstrar-vos-ei categòricamente.

A água do mar, segundo L. Sonrel, em sua origem era pura, mas se corrompeu em contacto com a terra que continha matérias solúveis; as chuvas que escorriam pelo solo até o oceano, donde haviam saído em estado de vapor, voltavam ao seu ponto de partida carregadas de sais.

Elie Margollé supõe que o mar devia ter sido salgado desde os primeiros dias da criação.

Seja como fôr, são os sais, na opinião de Maury, o principal elemento da formação das correntes que o atravessam e constituem uma circulação tão regular como a da atmosfera, a do sangue, cruzando-se em diferentes direções, umas frias, outras quentes.

As águas quentes acham-se no equador próximo à superfície; nos pólos estão no fundo, ao passo que as camadas superficiais são muito frias.

É sabido que águas frias tendem dos pólos, e o Almirante Beechey diz que, de tôdas as partes do Atlântico, as águas tendem para o gôlfo do México, onde nasce a principal corrente oceânica, conhecida sob o nome de Gulf-stream.

Esta tem a velocidade igual à dos maiores rios sem contudo misturar suas águas, de tal modo que chega-se a ver os navios flutuarem, metade sôbre a corrente, metade sôbre as águas frias que lhes servem de leito.

A côr do mar provém de substâncias colorantes que as águas têm em dissolução, bem como de uma infinidade de animálculos e vegetais microscópicos que se acumulam à superfície; daí a razão por que em tôrno das Maldivas o mar é negro, é branco no gôlfo da Guiné, amarelo entre a China e o Japão, vermelho próximo a Califórnia e no mar dêste nome esverdeado nas Canárias e Açôres.

O capitão Scoresby diz que os mares glaciais têm a côr azul ultramar; Cortoz que as águas mediterrâneas são de um azul-celeste, e Tuckey que o atlântico é de azul vivo.

* * *

É notável a analogia do relêvo dos continentes e o fundo do mar, de sorte que os pontos mais elevados se acham próximos das bacias mais baixas.

Assim, o cume do Himalaia pouco dista do fundo da bacia das Índias, as montanhas Rochosas do fundo do oceano Pacífico, o Monte Branco do fundo do Mediterrâneo, etc., isto é, o que falta aqui sobra ali, pelo que me parece que, preenchidas as depressões, nosso globo seria perfeitamente redondo e liso como uma bola.

Pelos trabalhos dos exploradores inglêses nestes últimos anos, se reconheceu que lugares há no seio do oceano, em que a sonda tem medido uma profundidade de 9.300 metros.

— E os vales, fontes e vulcões, já se esqueceu?

— Antecipou-se; mas enfim vou satisfazê-lo.

Nos vales e planícies submarinas a vida vegetal é admirável.

Se bem que se não conheça senão uma classe de plantas, as algas, estas formam vastas florestas mais espêssas que as florestas do nôvo Mundo.

Lineu, no seu tempo, classificou 50 espécies; hoje são conhecidas para mais de 2.000.

Na zona temperada é onde a flora oceânica atinge maior desenvolvimento e grandeza.

Algas têm-se encontrado de tamanho descomunal, como por exemplo a **Macrocystys pyrifera**, que chega a 500 metros de altura.

Outras vêzes são microscópicas e como tais dão côres aos mares, quando flutuam em grande quantidade.

Estas se acumulam nas regiões onde a ação das correntes é menos ativa, e aí formam pastas espêssas que embaraçam a marcha do navios.

Não menos curiosos são os bosques de pedras cobertos de flôres vivas, que brilham com as mais variadas côres, verdadeiro país encantado que deu motivo ao sábio Professor Schleiden a dizer arrebatado de entusiasmo: "A vegetação mais rica dos países tropicais não pode desenvolver mais rica variedade de formas, e fica muito aquém dos jardins magníficos do oceano, compostos inteiramente de animais."

* * *

As fontes d'água doce contidas nas entranhas da terra surgem na face do mar, do mesmo modo que na superfície dos continentes.

No gôlfo de Spezzia, quando o mar está calmo, se vê em diversos jatos verticais que se elevam do fundo.

No fôlfo de Tarento, não longe da embocadura do Galesus, existe uma fonte quase sem mistura d'água salgada.

Nos portos de Cátaro e de Aulona se encontram fontes d'água doce.

No gôlfo de Argos existe uma conhecida sob o nome de Anavolo, de que nos fala Leake na sua **Viagem à Grécia.**

Humboldt observou outra a alguns quilômetros ao sul de Cuba, onde os navios tiram água, e esta é tanto mais doce quanto é apanhada mais profundamente.

Podia citar-vos outras muitas, mas me contento com dizer que em todos os mares se encontram fontes d'água doce.

* * *

Agora os vulcões.

Sabe-se que existem vulcões submarinos, principalmente nos mares da Grécia, que têm feito de quando em vez surgir ilhas como por encanto.

Delos, Rodes, Santorini, Nea-Kameni, Paloe-Kameni são solos produzidos por suas erupções.

Mr. Girardin descreve como, em 1707, a uma légua da costa de Santorini, apareceu uma nova ilha que vomitava

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

chama e aumentava de volume de dia em dia, e ainda em 1767, outra na vizinhança de Nea-Kameni, que se chamou ilha Negra, por causa da côr do seu solo.

De lavas e pedras lançadas por um vulcão formou-se a ilha Júlia ao oeste da Sicília.

As terras dos Açôres são de formação vulcânica.

Perto de S. Miguel foi visto um vulcão submarino formar ilhas que depois de atirarem a grande altura chamas, fumo e cinzas, desapareceram.

Segundo Mr. Daussy, um dos vulcões mais notáveis existe no meio do oceano Atlântico na altura de 21° 12' long. O. e O° 58' lat. S., o qual tem sido observado por diversos navegantes mencionados por Mr. Vezian.

Próximo a Kamtchatka vê-se de quando em vez erupções submarinas, e Mr. Krinckhof chegou a presenciar a formação de uma ilha perto de Umnak, uma das Aleútas, da qual saía fogo com imensidade tal, que se distinguia a 10 milhas de distância.

Omito outros menos importantes.

* * *

A temperatura do mar diminui à medida que se afasta da superfície; em fraca profundidade é nenhuma.

Nas camadas profundas, onde não chegam os raios luminosos, torna-se completamente opaco, mas aí estão as medusas, astérias, moluscos, crustáceos, peixes que geram a luz e aclaram o fundo do abismo.

As cintilações de variadas côres, mais caprichosas do que as nossas iluminações públicas, cruzam-se em tôdas as direções e produzem o efeito de um sem-número de astros a espalharem faíscas por tôda a parte.

O peixe-lua atravessa com seu largo disco de prata o turbilhão de pequenas estrêlas.

Êstes voam nos ares como um bando de pássaros, aquêles soltam vagidos como o atum, estoutros cantam tôda noite, como observou Mr. Thoron, na bacia situada ao norte da

província de Esmeraldas, no Equador, semelhando êsses cantos a sons de órgão ouvidos a certa distância.

Não vos cansarei descrevendo a imensidade de animálculos que povoam a superfície líquida, de tal maneira que está reconhecido que os continentes têm muito menos habitantes que as águas.

Em parte nenhuma o poder criador se revela com mais magnificência, nem a vida se ostenta com mais exuberância do que no seu seio.

O naturalista Plaucus em um quilograma de areia tirada do Adriático contou 200 mil conchas de formas variadas e, A. d'Orbigny em um grama de areia fina nas Antilhas achou 30 mil ou 30 milhões em um quilograma.

— Com efeito! mas sendo tão conhecido o mar, porque não se apanham as riquezas que se acham depositadas no fundo?

— Têm-se feito diversas tentativas, e apesar das vantagens do aparelho de Gawau, é absolutamente impossível que se desça além de 60 metros, onde é submetido o mergulhador a forte pressão de sete atmosferas, e o menor incidente o sujeita a morte súbita.

— Estou inteirado! no entanto muita coisa que ouvi parece que não passa de pura invenção.

Dizendo isto, se retirou em direção à proa cantarolando um trecho dos **Sinos de Corneville.**

* * *

Vinha caindo a noite, e nós enfrentávamos então por 56 graus com o rio dos Patos, a 40 milhas do Mundaú.

Os morros da costa revestiam-se de côr parda e sombria, e apesar da pouca claridade que se extinguia imperceptìvelmente, divulgava-se ainda lá ao longe os píncaros azulados da serra da Uruburetama.

Do meu banco eu via a sombra envolvendo pouco a pouco a extensão, apagarem-se as cintilações do crepúsculo, desaparecerem os contornos da praia e uma ou outra estrêla assomar radiante na fronte do firmamento.

As brisas do mar, ainda tépidas dos beijos do sol, afagavam-me as faces e passavam a gemer nos mastros e nas cordas, como uma **stanza** de saudade.

Prêso ao estreito espaço do convés, sem outra perspectiva mais que o mar e o céu obscurecidos pela treva, a ouvir contìnuamente a toada melancólica das ondas, eu sentia a grande e triste solidão, como a sentira J. Michelet em Granville, ante a plaga tumultuosa que vai da Normandia à Betânia.

Eu ansiava por chegar ao têrmo da viagem.

* * *

Horas depois o **Cabral** largava a âncora, e nos condenava a passar a noite naquelas paragens.

Quando despertamos, tínhamos à esquerda a ponta do Tapajé, orlada de coqueiros que se estendem pela praia fora, onde se vê a alguma distância o cabeço denominado Pedra do Tapajé.

Vem em seguida a costa de Almofala, que em direção ao norte se torna mais baixa e mais escura.

Pelas nove horas demandávamos a barra do Acaraú, depois de contornarmos a do Presídio, na confluência dos dois braços do rio, um dos quais forma a ilha que dá nome à barra.

Ao nor-noroeste desta ilha, na distância de cinco milhas, vêem-se os restos do vapor **Guarajá**, da companhia maranhense, que ali naufragara em conseqüência de explosão.

Referiu-me alguém de bordo que faz pouco tempo, no mastro grande, que ainda aparece mesmo de longe, flutuava uma bandeira na qual se lia as palavras: "Salsaparrilha de Kemp", sem se saber ao certo quem a colocara ali.

Trabalho talvez de algum ianque, que muito ao contrário dos brasileiros, se esforça por espalhar e fazer conhecida a indústria e produtos de sua nação.

* * *

Afinal o vapor deu fundo no canal, longe da costa; e não havendo água suficiente para vir a bordo a lancha receber a carga destinada à cidade do Acaraú, perdemos o resto do dia e foi resolvida a partida para meia-noite.

Distando do pôrto a cidade cêrca de oito quilômetros, nada se podia ver de sua edificação, visto como a esconde espêssa mata de mangues, que revestem tôda a planície até a praia, contrastando por maravilhoso efeito de luz a brancura das areias com o verde cintilante de sua folhagem.

Os braços do rio, como serpentes de prata, recortam o terreno, ondulando caprichosamente pela terra dentro.

Notei que a côr do mar era esbranquiçada, em conseqüência talvez da pouca profundidade do ancoradouro, quase circulado de grandes coroas, que mudam de posição pelo efeito das marés.

A ressaca começava de sacudir o navio, e se bem que não fôssem as ondas, como as que encontrou Durville no Cabo das Agulhas, que se elevam a cem pés de altura, incomodavam contudo aos bons companheiros, e obrigavam aos mais valentes a recolherem-se aos insuportáveis beliches.

Nova contrariedade para os passageiros.

* * *

O mar era cavado, mas o **Cabral** prosseguia galhardamente sua marcha indiferente a sua impetuosidde.

O relógio de bordo marcava cinco horas da manhã.

A transparência do céu, o brilho suave da luz que rasgava os horizontes, a limpidez dos perfis da costa vizinha, a fôrça e delicadeza de tons colorindo a superfície crispada do oceano, davam à imensa perspectiva matinal um esplendor deslumbrante e vertiginoso.

* * *

Tínhamos em frente os morros pequenos e escuros do Catelhano; em seguimento dêstes, grandes planícies de areia, e no centro a sombra grandiosa da serra da Meruoca, que esmaecia a longa distância.

Com pouco se desdobrou pela costa fora em tôda sua majestade e selvatiqueza o morro de Jericoacoara, sobrepujando a passagem.

As ondas quebravam-se de encontro às penedias e atiravam ao ar uma chuva de espuma.

Pequenas canoas com as alvas velas enfunadas aos ventos da manhã cruzam-se em tôdas as direções e quebram a monotonia daqueles lugares.

Os flancos do morro cobertos de relva e argila avermelhada dão-lhe aspecto sombrio.

Ali os holandeses, aproveitando-se das vantagens de uma posição estratégica, assenhorearam-se do terreno e levantaram um pequeno forte, cujas ruínas ainda hoje se vêem em baixa maré.

Foi ainda nas suas imediações que se fêz naufragar o cúter **Palpite**, carregado dos trabalhos da célebre comissão científica que deixou de sua passagem na Província a mais triste recordação.

* * *

Pelas onze horas, deixando à esquerda o rio Guriú, o morro das Cabaceiras, o das Moreias, por detrás dos quais se erguem os serrotes de Tiaia, Aratanhin e Trapiá, descobrem-se como surgindo das ondas as casinhas brancas de Camucim, que pela distância pareciam submergidas em bruma sutil.

Ao reflexo do sol na cinta azul do rio, semelhavam as casas um bando de garças que se banhavam na superfície levemente ondulada.

Sôbre a ponte todos os passageiros, animados do prazer de se verem em breve aliviados dos incômodos de enfadonha viagem, entregavam-se a alegres divagações.

O dia estava esplêndido; nem uma nuvem no céu!

* * *

À medida que nos aproximávamos do pôrto, desapareciam os contornos da costa, as formas confundiam-se ou se apresentavam sob uma incidência desfavorável.

Em conseqüência da curvatura do oceano, os objetos situados na meia tinta esfumada do horizonte parece que se afundavam ou se erguiam no azul deslumbrante do espaço ao embalo constante que as ondas imprimiam ao vapor.

Na margem ocidental do rio a linha de pequenas casas caiadas, com tetos de um vermelho vivo, produzia a meus olhos o efeito de vagarosas contrações.

Escondiam-se estas por detrás daquelas, que vinham agora aparecendo em todo o esplendor da luz.

* * *

Faltando água na barra, retrocedemos algumas milhas, e descrevendo o **Cabral** uma longa elipse, fundeou afinal no magnífico ancoradouro de Camucim.

Logo uma nuvem de canoas nos rodeia, e os remeiros nos disputam entre si, prometendo cada qual nos transportar a terra mais cômodamente.

Êste já tinha conduzido a mala de viagem, aquêle a caixa do chapéu, de sorte que só na praia é que pude reunir minha bagagem, sendo obrigado a pagar o trabalho dos dois.

Depois de ter agradecido a amabilidade e delicadeza que nos dispensara o comandante Charles durante a viagem, em dois minutos pus-me em terra e pouco depois me acomodava em um dos quartos do hotel.

A vila de Camucim assenta numa planície arenosa, contornada do lado do norte pelo Atlântico, e a leste pelo rio de seu nome, que oferece um excelente ancoradouro, o melhor da Província, o qual tem proporções para acomodar cêrca de 30 navios de alto calado.

Em frente da vila a sonda tem sempre encontrado de 12 a 25 pés d'água.

Próximo ao pôrto ergue-se a Estação da via-férrea de Sobral, edifício de nobre aparência, cujo andar superior domina o resto das construções circunvizinhas.

Incontestàvelmente é mais imponente que a da cidade de Fortaleza, que, por causa da arquitetura acaçapada, perde tôda a elegância.

Dali se descortina magnífica vista do oceano; à esquerda uma extensão plana e triste, como a **puszta** dos húngaros, coroada aqui e ali de árvores de côr verde-negro que fazem avultar a solidão do deserto; e à direita ilhas de aspecto pitoresco sombreiam as margens do rio com o luxo de viridente vegetação.

Entre as diversas ruas e praças largas e espaçosas, ainda com grandes claros, sobressai a rua da Boa-Vista, que se estende de norte a sul, onde se vêem prédios de ótima construção.

A agitação constante do povo nas ruas, a afluência de passageiros desta e da Província do Maranhão que concorrem ao hotel, certa animação nas transações comerciais, o grito da locomotiva anunciando a saída ou chegada de trens de Sobral, os navios ancorados no pôrto a receberem carga para dentro e fora do império, causam a quem desembarca aqui pela primeira vez agradável impressão.

De feito, é a localidade da Província que mais tem progredido, e na qual há tudo que esperar em futuro não muito remoto.

Esta esperança advém de que, não há ainda oito anos, existiam apenas dois armazéns velhos das companhias costeiras e um ou outro casebre de pescadores.

No hotel a vida corre animada.

À mesa, que é aqui excelente, comparece sempre grande número de cavalheiros e senhoras, que se destinam a alguma cidade do interior ou aguardam a chegada dos vapôres.

Os que saem são substituídos quase logo por outros que vêm pedir hospedagem.

Nada se perde para dissipar o tédio dos passageiros.

Durante o dia, animada palestra sôbre tudo que pode

dar assunto à ociosidade, boa música de flauta e violão, canto e recitativo, a mais cordial intimidade entre todos, enfim, e à noite no livro da receita quatro mil réis por cada hóspede!

O dono do hotel é um homem amável, malicioso, em extremo inteligente — o tipo mais correto do Fígaro de Beaumarchais.

Como povoação recente não tem ainda edifícios notáveis; por isso serve de prisão um prédio particular, a municipalidade faz as suas reuniões em outro, sendo de notar que até para o culto católico falta um templo condigno.

Quem observasse ligeiramente a casa velha de taipa, pouco asseada, onde se efetuam os atos mais solenes de nossa santa religião, ficaria fazendo desfavorável conceito acêrca dos bons sentimentos dos habitantes, se não se desse ao trabalho de visitar as obras em comêço de uma grande igreja, traçada caprichosamente por um hábil engenheiro, que além da magnificência da planta, assentou-a em local aprazível, em um dos lados da praça mais espaçosa e elegante.

* * *

À tarde do dia 16 levou-me a curiosidade a visitar o mercado, situado na parte ocidental da vila.

Consta de pequenos quartos, formando um quadrilátero de mesquinha aparência, alguns dos quais despidos de rebôco, onde o silêncio e a ausência de compradores destoam do bulício e animação da parte próxima do pôrto.

De volta de um passeio àquele lado, entrei no estabelecimento das máquinas empregadas no serviço da via-férrea, e não pude deixar de admirar a ordem e regularidade com que funcionam, prendendo-se, como uma teia de aranha, umas às outras de um modo admirável.

Notei algumas destinadas a outros misteres que se não encontram nas oficinas da estação da Capital, distribuídas tôdas cômodamente em largo espaço, de sorte que o trabalho se executa fàcilmente sem certo ar de atropêlo.

Os operários concluíam um vagão para passageiros, in-

formando-me um dêles que dali já têm saído alguns carros empregados no tráfico da estrada.

Se não têm a elegância dos construídos nos Estados Unidos, que fazem o serviço da estrada de Baturité, têm mais solidez, já pela construção, já pela madeira empregada, e sobretudo a grande vantagem de serem fabricados por cearenses.

Tive ainda ocasião de ver e admirar uma peça, de calibre 18, trazida com algum trabalho do forte de Jericoacoara pelo sempre lembrado Dr. Privat.

Diante dêsse troféu eu recordava a guerra holandesa, uma das mais brilhantes páginas de nossa história, em que o patriotismo de poucos triunfara da bravura e denôdo de exércitos disciplinados de uma grande nação.

Não sei se ganhamos com o triunfo!

Era noite quando me retirei.

* * *

De volta à alva casinha em frente ao gradil da estação, que me fôra cedida para prosseguir o meu trabalho, visto como era interrompido a cada instante pelo alarido das discussões no hotel, sentei-me à porta e entreguei-me a vagas reflexões.

A noite havia submergido a vila em profunda escuridade, e o silêncio substituíra a alegria diurna.

O mar a poucos passos rolava com suave murmúrio as suas vagas queixosas na margem fronteira.

Não longe deslizava mansamente uma canoa, e uma voz grave, mas melodiosa, quebrava o silêncio da noite.

Lembrei-me dos gondoleiros, de que nos fala A. de Musset, que atravessam à hora do crepúsculo o **grand Canale**, em Veneza, a entoar uma dessas canções que a imaginação do povo inventa e às vêzes fazem empaledecer a poesia culta.

O Conselheiro Lisboa, na sua viagem a Venezuela, descendo à noite numa **falucho** o Niveri, recordava as estrofes de Beranger:

J'ai pris pour passagère
La muse des chansons,
Et ma course légère
S'égale a ses doux sons.
La folâtre pucelle
Chant sur chaque bord:
Eh! vogue, ma nacelle,
(O doux zéphir, sois moi fidéle.)
Eh! vogue, ma nacelle,
Nous trouverons un port.

É preciso ser dotado de uma alma afinada ao sentimento do belo para interpretar êsses devaneios dulcíssimos da poesia.

* * *

Pouco depois se extinguiram as luzes das casas e Camucim entrou na quietude do sono.

Só, obrigado a me recolher cedo, como me volviam à mente, cheias de saudades, as belas noites da Fortaleza, as ruidosas alegrias do Passeio, os maravilhosos efeitos da iluminação, estendendo-se ao longo das ruas, de modo a simular que se reúne no ponto extremo!

Como é insuportável no êrmo a tristeza do céu, o silêncio da noite!

Escrevi algumas páginas sôltas para matar o tempo, delineei o plano de um nôvo passeio aos arrabaldes, e com pouco, embalado ao doce som da música do oceano, adormeci pensando nos tormentos que me reservava uma viagem ao alto sertão, no tempo em que até a natureza se rebela contra o homem.

Levantei-me aos primeiros clarões do dia.

Enquanto me calçava, entrou-me em casa o velho amigo Luís Gomes, que vinha me convidar para um passeio ao Rio.

Saímos.

No pôrto se juntaram a nós mais três companheiros.

Tomando assento na canoa, aproamos para a ilha Testa-Branca, propriedade do Sr. Custódio Branco, na margem direita, circulada ao norte pelo oceano, a oeste pelo rio, sendo

a ponta extrema alteada de cômoros de areia que se deprimem à aproximação da praia.

O rio estava manso e tranqüilo como um lago, e a brisa da manhã, enchendo a larga vela da canoa, em poucos minutos nos transportou ao ponto de desembarque.

Ao saltar em terra observei que a vegetação era mesquinha, enfezada, composta de plantas salsuginosas e arenosas (Eriocaulonáceas, Portulacáceas, Utriculárias, Ciperáceas, entre as quais em abundância a **Remirea maritima**, e uma alga terrestre do gênero **Scytonema**, que vai por ali fixando as areias); no centro, porém, onde se ergue a casa de campo, de medíocre aparência, distante uns 500 passos do pôrto, o terreno muda completamente de aspecto.

Dali se desfruta magníficos pontos de vista, principalmente pela presença dos coqueiros (**Cocos nucifera**) que dominavam o cimo da mata de mangue (**Rhizophora-mangle**).

Ao lado esquerdo da casa há grandes currais, e sendo ainda cedo, se achava recolhida porção de gado grande e nutrido.

Fomos recebidos com amabilidade pelo proprietário, que nos fêz servir a todos de leite e logo de excelente café.

Depois de demorada conversação sôbre as vantagens daquele recinto, apropriado não tanto a criação como a lavoura, saímos a visitar as plantações, que no entanto ocupam pequeno espaço.

Apreciei mais que tudo, entre as cucurbitáceas, os melões (**Cucumis Melo**) que ali se desenvolvem de modo admirável, sendo informado pelo proprietário de que o mesocarpo dêstes é de uma massa polposa de sabor dulcíssimo, sem conterem essa grande quantidade d'água de vegetação de outros, que os torna indigestos.

* * *

A ilha apresenta aspecto agradável pela variedade de perspectivas.

Dêste lado é um campo aberto a que animam as flôres

violáceas, infundibuliformes da salsa-da-praia (**Ipomea littoralis**), já semeadas harmoniosamente na planície, já matizando o cimo dos arbustos que engrinaldam de verdura; daquele, são branco lençóis de areia, que se estendem pela praia fora a ondular de alvura aos raios do sol; ali um sulco que abriu o rio na enchente da maré, onde à sombra das árvores o joão-de-barro (**Furnarius rufus**), valente cantor da família dos **Tenuirostros**, com o arruído de sua gargalhada em gama descendente acorda os ecos daquela solidão; além uma colina, fechando a paisagem do lado do sul, que revestida de gramíneas ressequidas, de côr amarela de ouro, esmaece ou cintila à gradação da luz no fundo negro da mata próxima.

Surpreendeu-me saber que quase tôda a vila de Camucim é abastecida d'água levada dali, água que por mim verifiquei ser de ótima qualidade, muito embora esteja o poço situado a poucos metros da praia.

Pelas nove horas despedimo-nos daquela boa gente.

Na volta, contornando os morros, deparou-se-me uma linda variedade de conchas, que o mar lançara à costa, e que foram para mim motivo de agradável recreação.

Havia de tôdas as formas e proporções: brancas, pintadas, lisas, listradas, nacaradas, algumas com a valva superior curva, outras chatas, com raios longitudinais arredondados e por vêzes recortados; uma infinidade afinal que só com o auxílio do microscópio se podia distinguir.

Se bem que não se dispusesse de suficientes conhecimentos sôbre conquiliologia, diante de tamanha ostentação de riqueza dessa parte dos animais viscosos, despertou-se-me o desejo de conhecer a que classes pertenciam tão variados testáceos, pelo pouco que havia aprendido com de Blainville, L. Keiner, Ferussac e Fischer.

É o delírio de quem se dedica inteiramente ao estudo das ciências naturais.

Na classe dos Gasterópodes observei algumas variedades do gênero **Helix**, **Bulimus**, **Anostoma**, **Siphonaria**, **Cassis**, **Fasciolaria**, **Littorina**, **Trochus**, **Janthina**, **Fissurella** e um grande **Tritão**, que conservo como uma recordação daquelas

paragens, o qual se presta perfeitamente ao ofício de buzina.

As diversas espécies em que cada uma se subdivide, chegando às vêzes a 200 variedades, como a **Cyclostoma**, dificultava o meu trabalho.

Pertencente à classe dos Pelecípodes nota-se algumas lindas conchas das famílias **Arca**, **Castalia**, **Crassatella**, **Cardium**, **Venus**, **Tellina**, **Donar**, **Unio**, **Amphidesma**, **Thracia**, e outras.

Aqui e ali invólucros calcários de equínides (ouriço), gênero dos Equinodermes, da classe dos Radiados, alguns providos de espinhos, outros perfeitamente estriados e sem aquela armadura, semelhando cestinhas de forma ovóide, achatadas na parte inferior.

Para completar tão variada colheita a fortuna me fêz descobrir uma estéria (estrêla-do-mar), pertencente ao mesmo gênero e da mesma classe, que media 22 centímetros de um a outro extremo dos tentáculos ou braços.

* * *

Eu estava bem pago do meu trabalho, pelo prazer que saboreava em presença daquelas jóias da natureza.

Os indiferentes, direi antes os ignorantes, desconhecem o mérito destas manifestações de íntima alegria.

Vendo um dos nossos companheiros, filho do senhor Custódio, o açodamento com que me entretinha em colhêr fragmentos de moluscos, que jaziam na praia, sem que me estorvasse nesse empenho o ardor do sol, que se tornava incômodo, corre a casa e presenteia-me com uma raridade do reino animal.

Era um hipocampo (cavalo-marinho), gênero de peixes **Lophobranchios** da ordem dos **Osteodermes**, que me afiançou ter sido encontrado na praia.

A sua configuração recorda o arco do pescoço do cavalo desde a cabeça até as espáduas.

Agradeci-lhe cordialmente.

* * *

Fazia-se tarde, e os meus companheiros, sentindo os aguilhões da fome, me convidavam repetidas vêzes para deixar a ilha e regressar à vila.

Os remadores esperavam-nos com impaciência, e nós tivemos de pagar caro a demora, porque começando de encher a maré umedecia grande extensão de terreno, onde tivemos de molhar os calçados, ao atravessar o solo que afundava ao pêso do corpo, quando exteriormente nada denunciava a falta de solidez.

Na carreira passei do morro a bordo da canoa, parecendo no entanto ter sido o menos prejudicado.

Cada qual que se escapava da forçada submersão, era saudado ao som de estridentes gargalhadas, visto como a lama que se aderia ao calçado de cada um tornava os pés mais grossos que os de um elefante.

No meio da mais alegre diversão, pelas onze horas menos dez minutos, aportamos à riba oposta, junto ao paredão que sustenta o gradil da estação da via-férrea.

* * *

Numa terra pobre de obras d'arte ou outra qualquer curiosidade que prenda a atenção do viajante, contentava-me com empregar o tempo que me deixavam livre as minhas ocupações, em visitar as belezas naturais do solo; por isso me dispunha para nôvo passeio pelo curso do rio, cujas margens são esplêndidas.

Descansava do jantar, quando me batem à porta.

Era o criado do chefe da estação que trazia um cartão dêste, me convidando para percorrer os arrabaldes.

Anuí com a melhor vontade.

Minutos depois atravessávamos a vila e dirigíamo-nos a Boa-Vista, ponto culminante, em direção noroeste, que domina as edificações, o oceano em grande parte das terras do sertão.

É realmente bela a vista que se goza daquela colina.

No trajeto observei que até ali, cêrca de três quilômetros, o terreno é mais ou menos ocupado de pequenas casas, apresentando uma população superior à que eu calculava, em vista da recente edificação da vila.

À exceção das ricas quintas de cajueiros (**Anacardium occidentale**) que bordam ambos os lados da estrada, e que por ser a estação própria se apresentavam carregados de lindos frutos, a vegetação adjacente é fanada e agreste, como tôda a do litoral.

Notava-se certa alegria campesina naquelas paragens, pelo modo por que as crianças recolhiam ao redil o gado caprino.

Chamavam as cabras por nomes graciosos, como os camponeses suecos às suas vacas, segundo refere o mimoso romancista Augusto Blanche nas suas **Nouvelles du Nord**.

Entretive-me longo tempo em observar a ingenuidade dos costumes do sertão.

* * *

Fazendo-se tarde, tivemos de galopar até as barreiras, extensa planície que, como uma fortaleza, se erguem a prumo do lado do mar, em cujos flancos se quebram as ondas com grande arruído.

Sua côr de um vermelho vivo lhe dá aspecto sombrio, principalmente vista de longe.

O sol afundava-se na curva do horizonte, e seus últimos raios, colorindo de tons côr de rosa a solidão das águas, infundiam vaga saudade.

Barreiras é um lugar êrmo, tristonho, que faz lembrar o canto do Flytfaglarne de Stagnelius, o sonhador escandinavo.

* * *

Era noite quando me recolhi a casa, trazendo a impressão de que a sequidão do terreno sôbre o qual assenta a vila tem sido a causa de esta não se desenvolver mais ràpidamente.

Entretanto, a favorável posição com que a dotou a natureza, relativamente aos pontos do litoral e localidades circunvizinhas, há de forçosamente torná-la importante, e isso fàcilmente se depreende, quando se reflete que só de direitos sôbre gêneros que entram e saem por seu pôrto arrecadou a repartição provincial o ano passado cêrca de 70 contos, sendo que tende a melhorar em tempos regulares.

* * *

Não me tinha ainda esquecido do passeio ao rio, por isso, terminado o meu trabalho, renovei o pedido ao bom amigo Gomes, que tudo fêz aprestar para a tarde do dia seguinte, 24 de setembro.

À hora convencionada, fizemo-nos ao largo.

Com pouco a canoa tangida ao impulso de dois remos possantes deslizava docemente à flor das águas, caminho da Granja.

Começava a minha admiração.

Mesmo no pôrto o rio forma diversas ilhas, cada qual mais pitoresca, mais cheia de atrativos.

Levávamos direção sul.

A floresta de mangue de um e outro lado é alta, sombria, inacessível.

A vegetação deixa de espaço a espaço um claro na espêssa cortina, claro profundo que semelha a garganta de um túnel, onde o olhar não pode penetrar até o fim.

Estando baixa a maré, mais caprichosa se ostentava aquela floresta, visto como um montão de raízes cônicas, quase despregadas do solo, sustenta por milagre a mais linda cúpula de verdura.

Ouve-se lá dentro contínuo rumor; ora é o estalido de paus secos que se partem, ora o trilo de aves que se afagam escondidas à sombra da ramagem, ora o marulho sonoro d'água impelida pela canoa no solo gretado da margem próxima.

Aqui é mais largo o rio, ali mais estreito, além descreve

uma curva graciosa, mais longe parece que ondula levemente, refletindo as côres do céu, tudo de um efeito encantador.

O perfil das árvores do lado oposto de um colorido verde-negro, luzente, se destaca altivo à refração da luz no espelho das águas de prata do rio.

Eu não cansava de admirar a variedade de agradáveis perspectivas que a cada passo se desenrolava diante de nós.

À medida que volteávamos uma ponte saliente, a vegetação que além ia aparecendo, parece surgir do seio das águas.

Quando nos aproximávamos do mangue, uma infinidade de aratus miúdos (**Sesarma pisonii**) e guaiamuns (**Uça Una**), crustáceos da ordem dos **Decapodos brachyuros**, família dos **Cyclometopos**, recuavam desordenadamente, recolhendo-se uns às fendas dos terrenos, outros trepando as hastes inclinadas, outros estacando para nos ver passar.

A cada instante novos motivos de estudo e de recreação.

* * *

De tudo o que eu havia visto e visitado em Camucim, nada me causava mais prazer do que aquêle vaguear a êsmo pelo rio, oferecendo-se-me ocasião de apreciar encantos da natureza até então desconhecidos para mim.

Caiu alfim a noite e fomos forçados de retroceder.

A sombra dos mangues, à frouxa claridade da lua, tornava não menos imponente a cena noturna.

O ruído dos remos ferindo a superfície lisa das águas, as auras da noite agitando de manso a coma das árvores, a lua a iluminar a larga cinta do rio emoldurada entre dois muros de pálida folhagem, o zumbido monótono dos insetos na espessura, a languidez da noite, a tristeza do céu, tôda aquela música deliciosa, aquela morbidez da natureza adormecida, despertava em mim verdadeiro regozijo.

Estava satisfeita a minha curiosidade.

* * *

Ao outro dia tratei dos preparos da viagem, fiz minhas despedidas e esperei a partida do trem.

26 de setembro. — Pelas sete horas da manhã a locomotiva soltou longo assovio de envôlta com uma baforada de fumo negro, e partiu a galope.

No momento vi desaparecerem por detrás das árvores os telhados das casas da vila.

Atravessamos um terreno plano, coberto de extensas capinas, donde emergiam as hastes eretas, esbeltas das carnaúbas (**Copernicia cerifera**), que pela velocidade da carreira parecia se entrecruzarem como em fantástica contradança.

Durante a viagem notei que o rio Camucim acompanha do lado esquerdo, ora mais, ora menos, as curvas da estrada.

Ao cabo de duas horas desembarcávamos na estação da Granja.

Informado de que não havia hotel na cidade, achava-me embaraçado sôbre a resolução que devia tomar, quando me apareceu um dos companheiros de viagem a bordo do vapor **Cabral**, que vinha ao meu encontro para me conduzir a sua casa.

Era o sr. Valdemiro Moreira, deputado à Assembléia provincial.

Cavalheiro delicado, sabendo que eu tinha de me demorar alguns dias na sua cidade, dera-se pressa em vir oferecer-me os seus serviços, proporcionando-me ocasião de apreciar as vantagens de sua amável convivência.

Aceitei e partimos.

Depois de têrmos andado pouco menos de um quilômetro, entramos na cidade.

A vista em geral é tristonha, por certo ar de ancianidade que apresentam os prédios.

Ocupa grande extensão, com boas praças, largas e espaçosas; mas notei que à exceção da rua principal que a atravessa de norte a sul, ligada ao meio por uma pequena ponte de madeira, onde se encontram algumas casas de boa aparência, a mais edificação é inferior.

Lugares há, onde parece que se conservam os velhos

casebres com que se erigiu o antigo povoado de Macavoqueira, que por alvará de 27 de junho de 1776 foi elevado à vila da Granja, e mais tarde a cidade por lei de 3 de novembro de 1854.

Em 107 anos de existência pouco tem progredido a cidade de Granja, a despeito da excelência do seu terreno.

Alguns sobrados que ainda há pouco aqui se viam, caem em ruína e são demolidos para em seus lugares se levantarem casas térreas.

Apenas os de propriedade do negociante João Benício Beviláqua e do Major Salustiano Moreira escapam à sorte geral.

Granja estacionou, e mais do que qualquer outro ponto do interior, vai decaindo consideràvelmente por causa talvez da aproximação do Camucim, que lhe rouba as fontes de riqueza, atraindo todo o comércio das localidades circunvizinhas.

* * *

Além do aspecto vetusto e sombrio da cidade, a falta de asseio ainda a torna mais desagradável; porquanto o lixo se acumula nas praças, onde manadas de porcos revolvem o terreno, infeccionando o ar.

Dir-se-ia que aqui nunca existiu Câmara Municipal, ou, se existe, é pouco zelosa do bem-estar de seus munícipes.

* * *

Visitei o mercado, situado em meio da primeira praça que se encontra à esquerda de quem entra do lado da estação.

É um grande edifício de forma quandrangular, rodeado de quartos excelentes pintados exteriormente de côres alegres, que destoam da tristeza comum.

São todos ocupados por objetos de comércio.

Se bem que se não recomendem como obra d'arte, fazem no entanto lembrar a elegância das modernas construções.

* * *

Dali nos encaminhamos à Câmara Municipal, prédio assobradado com vista para os quatro lados, que fica na face ocidental de outra grande praça a oeste da do mercado.

O pavimento térreo é ocupado pelo quartel do destacamento e cadeia pública.

Ao transpor o portão incomodaram-me as exalações mefíticas, que partiam das prisões à direita; e do lado esquerdo não menos repugnam os hieróglifos obscenos que ornam as paredes; de sorte que para se chegar à sala das sessões da edilidade e do júri, a mais livre instituição que se conhece no país, fôrça é ter primeiramente assistido àquelas cenas de miséria e de imundície.

De qualquer das janelas do andar superior desfruta o observador magníficos pontos de vista, principalmente pelo percurso da linha do caminho de ferro, que se descobre a distância.

A cinta de verdura que acompanha as curvas do rio é de um efeito maravilhoso.

Daquela altura descobre-se o largo espaço que é ocupado pela cidade, e à esplêndida luz do sol iluminam-se os horizontes que parece se dilatarem, circulando extensa planície.

* * *

Sendo ainda cedo quis ver o cemitério que de longe surgia dentro do mato, numa colina de suave ascensão.

Êste, aliás bem tratado e com uma engraçada capelinha, é construído ao lado de outro abandonado, onde por entre as catacumbas pastava porção de animais.

O desprêzo daquele lugar sagrado, no qual deviam repousar os restos de pessoas queridas por muitos respeitos, me fêz duvidar do espírito de religiosidade dos habitantes.

Que desamparo, meu Deus!

Meu companheiro guardava silêncio, enquanto eu verberava tão estranho procedimento.

Havia desaparecido o sol, e a luz langue, tristonha, quase imperceptível do crepúsculo, fazendo avultar a tristeza daqueles sítios desertos, nos forçou a voltar.

Eu trazia infelizmente do meu primeiro passeio as mais desagradáveis impressões, e para não parecer hostil aos hospitaleiros filhos da Granja, deixo de mencionar aqui as causas a que atribuo o atraso e a decadência de sua cidade.

* * *

28 de setembro. — Era um domingo.

Às dez horas apareceu-me o amigo Valdemiro, que, conhecendo o desejo que eu nutria de examinar a igreja-matriz, me vinha dizer ser ocasião oportuna, visto como celebrava naquele momento o respectivo pároco.

Num momento estávamos na rua.

A igreja é alta, espaçosa, bem construída, notando-se, em cada objeto que a guarnece interiormente, o cunho do trabalho dos jesuítas.

Nas minhas indagações acêrca do templo, pude apenas saber que foi começada sua edificação em 8 de setembro de 1759.

Tem bonito adro com assentos em redor, e em baixo uma grande cruz erguida sôbre pesado pedestal.

Terminada a missa, examinei com atenção os diversos compartimentos, e em tudo notei o mais culposo descuido, especialmente na capela do Sacramento, onde se vêem preciosos quadros de pintura a óleo, que a acumulação do pó e outras matérias têm feito desmerecer o colorido, tornando quase imperceptíveis as figuras que os decoram.

Em outra parte, onde se conhecesse o mérito de trabalho igual, seriam conservados com zêlo, senão como primor d'arte, ao menos como uma lembrança do passado.

Enquanto os estrangeiros compram a pêso de ouro os fragmentos de objetos encontrados nas escavações de Herculano e Pompéia, muitas vêzes falsificados pelos es-

peculadores, entre nós se deixa destruir o pouco que de útil nos legaram os nossos maiores.

Esta indiferença para tudo que não seja política é própria do caráter brasileiro, e sobretudo dos cearenses, que têm ainda como coisa de nenhum valor o progresso do espírito humano nas variadas manifestações do saber.

* * *

Na rua confirmei a observação, que desde minha chegada havia feito, de que os habitantes em vez de charutos ou cigarros se servem de cachimbos, uns mais finos, outros mais grosseiros, pela maior parte feitos de raízes, e isto lhes dá ar bisonho.

Victor Tissot, na sua viagem do Adriático ao Danúbio, não menos impressionado com a vulgarização dêsse costume entre os boêmios, diz que nada mais difícil que encontrar um montenegrino sem suas armas e um cigano sem seu **chibouck** (cachimbo).

Entre aquêles povos talvez seja o **chibouck** uma necessidade à sua inclinação às idéias abstratas; quanto aos granjenses não me foi possível descobrir a causa. O que é verdade é que esgotada a minha provisão de cigarros, e não se encontrando dos mesmos no mercado, tive pela fôrça das circunstâncias de sujeitar-me ao uso geral, e à fé que paguei caro a aprendizagem.

Chegando a casa, recebi a visita do cidadão José Eleutério da Silva, professor aposentado e homem estimado entre seus conterrâneos por sua inteligência e virtudes cívicas.

Eu já o conhecia de há muito pelo modo por que começa suas missivas para o jornal e mesmo as cartas particulares, que é invariàvelmente nestes têrmos: — Viva Deus e a pátria!

De estatura mais que regular, um tanto acurvado pela idade, traz rigorosamente sobrecasaca preta e chapéu alto, gravata enrolada em todo o pescoço.

Sua conversa interessa sempre, principalmente pela narração das velharias de sua localidade, narração que faz temperar com certa dose de espírito.

É sobretudo respeitado por seu caráter grave e probidade inexcedível.

Mas o que me interessou saber a seu respeito, foi que dedica a Sua Majestade o Imperador extremado amor e veneração.

Sua pobreza não o inibe de, todos os anos, no dia 2 de dezembro, ornar de palmas e flôres a efígie de Sua Majestade, e ao som da música e dos foguetes render suas homenagens ao chefe da Nação num discurso cheio de respeito e submissão.

Não raras vêzes os soluços lhe embargam a voz nessa expansibilidade de afeto ao adorado Monarca, que nem sequer pode suspeitar que neste recanto existe um servo leal, que o idolatra com os extremos de filho.

Fui informado de que se priva do necessário para solenizar a festa de seu soberano.

É monarquista às direitas, e quem o ouve nos transportes de seu entusiasmo pela sustentação do Imperador, crê ter presente um êmulo de Egas Muniz.

Sua fidelidade é igual à daquele herói.

Não é possível haver melhor cidadão, que ame mais a paz e a justiça, que tenha alma mais pura, piedade mais sincera.

É sem dúvida uma exceção no seu tempo.

* * *

À tarde saí acompanhado do meu bondoso hospedeiro.

Cêrca de 500 passos da cidade, em direção sueste, encontra-se uma grande pedra de forma cônica, que se ergue à altura de mais de oito metros.

Quis examiná-la de mais perto, e apesar dos receios do companheiro que voltava as costas para me não ver trepar, cheguei afinal ao cume.

Tôda a cidade fica debaixo de vista em uma grande extensão em redor.

Embora no rigor da estação outonal, era belíssima a perspectiva que se desdobrava diante de mim.

Aqui os tetos vermelhos da casaria espalhada na planície,

ali a soberba ponte pênsil do caminho de ferro debruçada transversalmente sôbre o rio, além o viso azul da serrania longínqua, e o sol alourando com seus raios amortecidos a coma dos arvoredos!

* * *

Êsse colosso é uma beleza do lugar, além do que já tem a sua celebridade.

Do lado do norte, vê-se uma larga fenda a modo de covil, onde por muito tempo se refugiou aí uma onça, que, devastando as criações dos campos vizinhos, afinal foi morta pelo povo em 1808.

Soube dêsse fato por informação do velho tabelião Tibúrcio.

Em cima forma a pedra uma pequena plataforma, amparada por ligeira saliência do lado do nascente.

Aí jogavam calmamente dois indivíduos, quando se estranhando, um assassinou o outro a faca.

Prêso o criminoso, cumpriu a sentença nas prisões de Fernando e sendo pôsto em liberdade mudou sua residência para a vila do Camucim.

Um dia em que se divertia a jogar com outro, por motivos que não me foi possível averiguar, é por êsse assassinado, cumprindo-se assim as palavras do Divino Mestre: Quem com ferro fere, com ferro é ferido.

Eu pisava talvez o lugar onde o sangue lavara o granito, e refletia sôbre a selvageria de costumes no homem rústico, que a instrução poderia ter adoçado os maus instintos.

Muita treva cobre ainda o nosso país!

* * *

Bem cedo pela manhã já me entretinha a divagar à sombra das ricas quintas de cajueiros que bordam as margens do rio.

São esplêndidas!

Para falar verdade, foi o que encontrei de cultura na área que havia percorrido nos subúrbios da cidade.

Pasmei de ver pelo curso do rio, de um e outro lado, terrenos de aluvião e depósitos de terra vegetal completamente desaproveitados.

Não descobri, nem me constou que houvesse as pequenas vazantes, que em outros lugares suavizam os rigores da estação sêca.

Por tôda parte lamentável incúria!

* * *

Vi afinal a ponte, êsse colosso da indústria moderna, incontestàvelmente a mais linda, senão a mais gigantesca do império brasileiro.

É trabalho americano, saído das oficinas de **Phoenixville Bridge Works**, perto de Filadélfia.

O vão total da ponte sôbre o rio Camucim é de 112m, formado por dois vãos de 56m cada um, tendo no meio um pilar de dois metros de grossura.

Os encontros das margens são construídos de cantaria com argamassa de cimento, e ambos montam sôbre rocha.

O pilar do centro com 6,70m de altura até as primeiras peças de ferro, além da sapata com 0,50m, acha-se colocado no lugar da antiga "Pedra do meio", a qual foi arrasada por não oferecer base suficiente.

Êsse pilar é construído de pedras de grande volume, tendo algumas mais de dois metros cúbicos.

Seu volume total é de 150m e pesa 405 toneladas.

Custou nos Estados Unidos 46 contos.

Tem ela de comprimento 56,46m entre os pinos extremos, e acha-se fixa sôbre o pilar do centro.

É na verdade aquêle viaduto justo motivo de entusiasmo para os filhos da Granja, e por isso ao visitante que aqui desembarca, logo depois de qualquer apresentação perguntam com certa ufania: — Já viu a ponte?

Com relação a êsse melhoramento podem descansar, que se avantaja às mais cidades da Província, direi mesmo ao resto do Império.

Fiz ainda uma excursão à parte oriental da cidade, conhecida sob o nome de Alto do Piauí.

O terreno além da linha férrea, que passa não longe da matriz, vai-se elevando sensìvelmente, e à direita forma um alto, donde entre as pedras de formas tôscas e diferentes espécies de arbustos, sôbre os quais lindos cajueiros, surge a pequena casinha do agente do Correio, cuja vista domina a cidade, assentada como está sôbre o local mais elevado da vizinhança.

Em baixo circunda-a um riacho que na estação hibernal deve torná-la mais poética com a música de sua toada.

Daquele lado encontram-se ùnicamente habitações insignificantes; poder-se-ia denominar o arrabalde dos pobres.

* * *

Em caminho fui apresentado ao Sr. Vicente Laurindo da Silva, que na frente de sua casa trabalhava em obras de tartaruga.

É um artista de merecimento.

Depois dos primeiros cumprimentos, mostrou-me êle diversas peças que havia terminado, tão perfeitas, que nenhuma diferença se notava das que são importadas do estrangeiro.

Pentes de variados feitios e arrendados, grampos simulando flôres com longos pedúnculos, cadeias para relógios, botões, arrecadas, caixas de todos os tamanhos, braceletes com fino esmalte de ouro, marcadores de livros, cofres, enfim, uma variedade de objetos que satisfazem a curiosidade mais exigente e excitam, a quem os vê, o desejo de comprá-los todos.

Em pouco tempo tem ganho uma pequena fortuna, que lhe assegura uma velhice descansada.

Não me pude furtar ao desejo de possuir uma lembrança daquele passeio, e comprei-lhe algumas tetéias, que sôbre serem preciosas, tinham para mim o grande valor de haver sido executadas por um artista cearense.

* * *

Informado pelo meu companheiro de que nas horas de descanso o artista se aplicava ao estudo da geografia, dirigi-lhe perguntas acêrca dos Estados da Europa, e vendo que me satisfazia prontamente com certo ar de desdém, convidei-o a responder sôbre a África, a parte menos conhecida do globo.

Aí mesmo não se deixou vencer.

Falamos acêrca das viagens de Campbell, Clapperton, Tuckey, Caillié, Burton, Speke, Cameron, Schweintfurt, Levingstone, Stanley e outros, que percorreram o continente misterioso, e fiquei convencido de que não tem perdido seu tempo.

Admiro que não tivesse escolhido teatro mais amplo, onde pudesse reputar melhor os produtos de sua indústria e desenvolver o gôsto que tem das letras, mas se contenta com viver ignorado naquele recanto sem o aprêço mesmo dos seus.

O senhor Laurindo pode ufanar-se de que é perito no seu ofício.

Como Hugo Miller, que aproveitava os instantes que lhe deixava livre o emprêgo de canteiro para escrever lindos versos, êle descansa a serra de mão e a lima para ilustrar o espírito.

É bem raro entre os nossos artistas essa inclinação para as letras!

* * *

De outras informações que pude colhêr nos poucos dias que ainda me demorei, soube que aqui existira um periódico denominado **Granjense**, que desaparecera cêrca de três anos.

Não se pudera manter com os recursos da localidade, se bem que houvesse prestado os melhores serviços.

Uma cidade sem jornal é como a fonte sem água, o navio sem leme, a noite sem luar.

O jornal é o livro do povo, e onde o povo não lê não se instrui, a ignorância alimenta as paixões, avulta a estatística dos crimes.

Já em 1790 dizia o abade Siéyés que a imprensa havia mudado a sorte da Europa e em breve mudaria a face do mundo.

Considerava-a como uma nova faculdade junto às mais belas faculdades do homem, e Louis Jourdan atribui o aperfeiçoamento das ciências às vantagens da vulgarização do jornal.

Para lá; entre nós ninguém pensou ainda nisso.

* * *

As rendas provinciais do município da Granja êste ano produziram a soma de 11:111$000 réis, que comparadas com as de 1864, consignadas no **Ensaio Estatístico da Província do Ceará** pelo Senador Pompeu, na importância de 9:382$000 réis, verifica-se apenas uma diferença para mais da quantia de .. 1:729$000 réis; prova mais que suficiente do seu moroso desenvolvimento com relação a outros pontos, que têm feito triplicar os seus recursos.

O espírito do povo parece que se ressente daquele ar de ancianidade, que por tôda parte impressiona ao visitante, e daí essa terrível apatia que lhe absorve tôda a atividade.

Refletindo sôbre essa notável circunstância que deve, sem dúvida, influir no ânimo dos habitantes, eu me recordava de haver lido que, em conseqüência de umas varinhas coloridas e enfiadas à beira d'água, conseguiu Jacó ovelhas pintadas, e logrou assim ao tio Labão.

Quem sabe? — a presença de uma grande dor faz-nos contrair os músculos da face, como a alegria muito embora do estranho nos desperta o sorriso.

Um filho da Groenlândia nunca poderá levar a vida alegre do camponês da zona tórrida; aquêle afigura-se-nos que vive sempre a chorar e êste a rir sempre.

Cada um traz no semblante o cunho de sua nacionalidade.

Dizia Goethe que o homem que nasceu à sombra dos grandes carvalhos não pode ter o mesmo caráter que aquêle que cresceu no meio dos mirtos e das laranjeiras.

É uma verdade.

* * *

Não me foi possível calcular a população da cidade à falta de dados estatísticos, falta de que se ressentem as

demais localidades, e que motiva a nossa ignorância a respeito de todos os ramos do público serviço.

O que se há feito é viciado e sem base real.

A estatística é a história de uma nação escrupulosamente escrita por meio de números.

Infelizmente estamos ainda na infância, tão descuidados do presente como ignorantes do passado, e em conseqüência dêsse desleixo imperdoável temos sido julgados no estrangeiro mais atrasados do que realmente estamos.

Ainda não há muito um jornal que se publica em Portugal suprimiu de modo simplíssimo a população da Capital, não podendo admitir que a epidemia pela sêca de 1877 fizesse mil vítimas por dia; pois que, contendo a cidade 10 mil almas, com aquela mortalidade em dez dias teriam sucumbido todos os habitantes.

Não nos conhecem.

Outro tanto não se há de dar com relação ao Chile, onde a ciência de Duquesnoy é mantida com verdadeiro escrúpulo, e está por isso a par de tudo o que se opera em seu território.

A diferença é sòmente que ali há patriotismo.

* * *

Convencido de que não poderia colhêr outras notas de que precisava, dispus-me a deixar a Granja.

Assim, no dia 3 de outubro, tendo agradecido ao meu bondoso hospedeiro a demonstração de amizade com que me honrara, tomei passagem no caminho de ferro até Massapê.

Depois de 20 quilômetros de marcha se encontra a estação de Angica.

O caminho é quase plano com pequenas ondulações.

Aqui, à direita, começam os altos, à esquerda singela paisagem suaviza a vista cansada da monotonia do deserto.

Em terreno mais baixo que o leito da estrada uma espécie de lagoa **alaga** a planície, e do meio das águas se alteiam carnaúbas, a que se abraçam virentes plantas sarmentosas, que lhe dão aspecto agradável.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Os raios do sol, esbatendo-se nas largas palmas, que estremecem aos beijos da brisa, expelem suaves cintilações de prata.

Porção de gado atravessa em tôdas as direções a lagoa e abriga-se à sombra das árvores, animando com longos mugidos aquêle poético retiro.

De uma pequena casa sentada no meio do alto, desce até à base o caminho praticado na argila, cuja cinta de um vermelho vivo contrasta com o verde que adorna os flancos e coroa o cimo.

A locomotiva arrancou-me à contemplação daquele lindo quadro, digno do pincel de Claude Lorrain.

* * *

Com pouco atravessávamos os grandes cortes do Arisco, de aspecto agreste e selvagem, que parece quererem se precipitar na linha, e por entre morros despidos de vegetação e de formas tôrvas e grotescas, viemos sair a um local aberto, onde se acha o povoado do Riachão (1) circulado ao longe, do lado do ocidente, de uma enfiada de montes de caprichosos recortes, sôbre os quais sobressai o pico do Aiuá.

Adiante se ensombra de nôvo o caminho, e depois de deixarmos atrás terrenos secos e sem importância nenhuma, apresentou-se-nos Pitombeiras, a 35,5 quilômetros de Angica.

A estação, de pobre arquitetura, e alguns casebres miseráveis constituem o povoado, numa planície árida como um pedaço da Arábia.

Terminada a carga e descarga, partimos.

* * *

O excessivo calor e sobretudo o pó que levantava a locomotiva a correr naquele deserto incomodavam a ponto de me fazer reter com o lenço a respiração.

Meu paletó prêto tornara-se ruço como se fôra um traje velho.

(1) — Atualmente, cidade de Uruoca.

Por vêzes tive de limpar os óculos em conseqüência da acumulação de poeira fina e sutil, que me embaraçava a vista.

Sendo o único passageiro de primeira classe, não tinha quem me fornecesse informação acêrca dos lugares que margeiam a estrada, dos nomes dos montes fronteiros à direita, das rendas que produzem as estações.

O chefe do trem aparecia-me de quando em vez como aquela visão do D. Álvaro de Cazotte, trocava comigo algumas palavras e passava aos outros carros, exercendo enérgica fiscalização, mais severo que um policial inglês.

Ai daquele a quem a imprudência fêz trazer uma carta sem sêlo!

Apanhado em flagrante é impossível escapar à severidade da multa.

Fiscalizam-se escrupulosamente os interêsses de outras repartições à falta de ter o que fiscalizar na sua.

* * *

A locomotiva galopava sempre, vencendo o espaço, e, depois de ter percorrido 28,5 quilômetros da última estação, parou em Massapê, têrmo da minha viagem em caminho de ferro.

Eu podia agora aspirar livremente o ar puro do campo.

Consultando as minhas notas, havia percorrido 106 quilômetros na estrada de Sobral desde Camucim até aqui.

Massapê, se bem que insignificante, e contendo poucas casas espalhadas sem forma de arruamento, em terreno acidentado, que declina sensìvelmente para o lado do poente, é no entanto o melhor dos pontos escolhidos para estação em conseqüência de sua vizinhança da serra da Meruoca e da cidade de Santana.

A serra, que se ergue daquele lado a 12 quilômetros da povoação, apresenta agradável perspectiva, talvez pela conservação da mata ou a porção d'água de diversos regatos que banham os flancos, o efeito da luz que faz que seja vista na distância sempre azulada e coroada às vêzes de alvos véus de neve.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

É a Meruoca quem sustenta Massapê e lhe suaviza a aridez.

Dois minutos depois vi sumir-se ao longe a cinta negra dos carros que a locomotiva arrastava, perdendo-se pouco e pouco no vácuo o ruído de sua carreira, e apenas rolos de fumo esbranquiçado indicavam no vale a direção que ia descrevendo a máquina.

Estrada de ferro de Sobral!

Aquilo significava para mim a última palavra da vaidade humana, a ostentação caprichosa da falta de patriotismo, a impunidade do extravio dos dinheiros públicos sob fútil motivo, o ridículo mais cruciante aos sacrifícios de um povo inconsciente dos seus direitos!

Adiante me encarregarei de provar o que vem a ser aquêle luxo de despesa, aquela gargalhada de escárnio modulada em escala ascendente, desde Camucim até Sobral, que nem o futuro com tôdas as suas promessas de grandeza será capaz de fazer emudecer.

Presentemente contento-me com dizer que não conheço nesta Província nada mais inútil, nem mais ilusório, que aquela grande mentira escrita em 131 quilômetros de trilhos de ferro.

Não me engano, e duvido que os homens profissionais, em quem palpite no coração resto de amor da pátria, sejam capazes de me contestar sèriamente.

* * *

Veio ao meu encontro o chefe da estação, o Sr. Ursulino Ferreira de Paula, a quem eu fôra recomendado pelos amigos da Granja.

Com a amabilidade que o caracteriza conduziu-me para sua casa, e deu as ordens precisas a fim de me serem fornecidas cavalgaduras até a cidade de Santana.

Pelas quatro horas pus-me a caminho, acompanhado do arrieiro, Francisco, que me entretinha com a narração de suas viagens a outros pontos da Província.

Deixadas as últimas habitações do lado do nascente, logo se abriram diante de nós largas e imensas campinas, onde pastavam inúmeros rebanhos de ovelhas, que me pareceram nutridas e de boa raça.

Adiante, cêrca de seis quilômetros, começa o caminho a tornar-se acidentado mais ou menos, e à esquerda apresenta relevos fantásticos, pelo meio dos quais se apercebem os telhados das casas de velhas fazendas.

O sol baixava pouco e pouco no ocidente, e seus raios oblíquos estendiam na várzea a sombra das árvores.

Com pouco desapareceu de todo.

O céu parecia inflamado desde o ponto em que o astro-rei se afundara no horizonte até o plano oposto.

Voltei-me para observar aquêle deslumbramento de chamas, de côres e cintilações.

Nuvens de ouro em fusão, traços como de lava estendiam-se sôbre o fundo do céu de uma pureza e brilho indizíveis; tons de laranja e azul vivo confundiam-se em um verde infinitamente suave, e esplendiam como um vasto nimbo, esmaecendo no seio do azul mais terno da imensidão.

A crista da serrania parecia iluminada, e por tôda a parte a tristeza e languidez dominavam a extensão.

Nem mais uma voz em tôrno de nós, mas lúgubre silêncio precursor das trevas da noite.

Apagaram-se as côres, enlutou-se o céu e a natureza inteira recolheu-se ao repouso.

Continuamos nossa viagem.

* * *

Aos esplendores do crepúsculo substituíra a amenidade do luar.

A sombra das árvores formava no chão estranhas figuras, caprichosos arrendados, danças fantásticas.

Vista de um alto agora a paisagem tinha a doçura inimitável de um desenho de Le Sueur.

Além, enormes oiticicas (**Pleuragina umbrosissima**) cujos ramos descendo até o solo para formar novas arcadas, excita-

vam-me o capricho de descansar à sua sombra, onde a música da aragem na folhagem delicia o ouvido e a luz da lua faz avultar a majestade daqueles templos colossais.

Francisco convidava-me a prosseguir, acoimando de extravagância a pousada ali a tão poucos passos da cidade.

Acedi, retirando-me cheio de respeito daquelas galerias, que servem de abrigo, nos dias calmosos, ao viajeiro do sertão, e que me despertavam à lembrança as sessões magnas de sacrifício dos antigos Camamus e Anacés.

Transpondo o rio Acaraú, galgamos a barranca oposta e entramos na cidade às sete horas da noite.

Acolhido generosamente pelo Sr. José Ferreira do Nascimento, foi-me designada a casa de seu genro, o Dr. Plutarco, que se achava então de passeio na serra da Meruoca, para minha residência.

Eu precisava de descanso, e por isso, antes de tudo procurei recobrar minhas fôrças por um sono reparador.

Ao outro dia pela manhã apenas abri a janela e deitei um olhar sôbre a cidade, fiquei satisfeito.

A alva inundava de luz a alegre cidade de Santana, que parecia sonolenta e se espreguiçava langorosa sôbre os alvos lençóis de areia da margem direita do rio.

As carnaúbas espalhadas caprichosamente pelo meio das ruas me causavam agradabilíssima impressão.

Aquelas majestosas palmeiras, de folhagem robusta e verdejante, cujas frondes sacudidas pelas auras rumorejam ciciosas harmonias, contrastavam de modo esplêndido com a brancura das casas que as emolduram.

* * *

Não sei o que sinto em presença destas altivas filhas dos sertões do Norte.

Parece que simbolizam a sobranceria, a coragem do povo cearense em frente da aridez do solo, da inconstância das estações, da luta incessante para adquirir o pão da subsistência.

Como o cerne de seu caule, tem o cearense a coluna dorsal sempre erguida, sem que sejam capazes de dobrá-la as calamidades de seu clima ou a prepotência do poder.

Afeito à severidade do trabalho que o compensa quase sempre na razão inversa do seu esfôrço, é dotado de aptidão para tudo; o ponto é iniciá-lo.

Se lhe falham os recursos, vai procurá-los por tôda a parte, afrontando perigos, resistindo aos maus tratos, e por tôda parte se faz admirar por sua atividade, sua inteligência nas letras como nas artes, nas armas como nos serviços mais pesados.

Servem contentes nos hotéis de S. Petersburgo, como amanhã cantarolando os campos próximo a Pequim.

Zeloso de sua liberdade, aceita fàcilmente tôda idéia de progresso, e ainda à custa de sacrifícios procura realizar galhardamente os grandes cometimentos.

No meio das dificuldades que lhe tornam pesada a vida, tem sempre no lábio o riso galhofeiro com que mofa de tudo, até mesmo de sua própria infelicidade.

Li numa obra de Mr. Maurice Jokaí, o maior romancista atual da Hungria, o que dizia a respeito dos boêmios, e não sei se porque se contentam com pouco e se julgam felizes na pobreza ou porque prezam sobretudo sua independência, achei certa homogeneidade de sentimentos entre êles e os cearenses.

São os boêmios do Brasil.

A calamidade de 1878 que tanto destroçou esta Província, se tivesse pesado sôbre qualquer das outras suas irmãs, talvez produzisse estrago total.

Entretanto o Ceará ao fim de três anos, quando ainda se ressentiam do grande abalo que o prostrara, agradeceu o socorro do Govêrno com a libertação de 35.508 homens, alguns dêles único arrimo de famílias pobres.

Êste ato de patriotismo é digno sòmente dos filhos da terra das carnaúbas, e não tem igual na história da humanidade!

* * *

Saí a percorrer a cidade.

As ruas correm quase paralelas ao curso do rio Acaraú, na direção de norte a sul, sendo a principal a de 28 de Setembro, que atravessa uma baixa sôbre a qual há um largo passeio, com talvez seis metros de altura, que une no mesmo nível um ao outro extremo.

Na estação invernosa o rio alaga a planície, e deita as águas além dos últimos degraus do mercado na parte ocidental; e então é belo contemplar a multidão de canoas transportando famílias que em doce recreação passeiam por dentro da cidade.

Pelas noites de luar dizem que é magnífico aquêle passatempo, em que não raras vêzes a voz melancólica de algum **dilletante** a gemer suas saudades atrai ao balcão da janela o vulto misterioso de um anjo cismador.

É preciso ter lido Alfred de Musset para avaliar o que são êsses deliciosos devaneios de Tizianello e Beatriz Loredano, que se enleiam no mesmo afeto ao resvalar sutil de uma gôndola nas águas da **Riva dei Schiavoni** em Veneza.

* * *

A parte do norte, onde se acha a igreja de N. S. Santana, é a mais populosa e tem os melhores prédios, observando eu em alguns certo asseio, comodidade e ricos móveis, que indicam prosperidade ou pelo menos amor de seus proprietários ao luxo.

Dêsse lado é que se encontram os estabelecimentos comerciais no meio do labirinto de pequenas ruas, que se cruzam irregularmente.

No extremo oposto, próximo a uma pequena elevação do terreno conhecido por alto de S. João, está a Casa de Caridade, lindo edifício com 15 portas de frente, de construção elegante, que começada a 22 de novembro de 1862, pelo célebre missionário cearense José Antônio Pereira Ibiapina, na qual trabalhou tôda a população na mais doce e fraternal harmonia, sendo inaugurada em 2 de fevereiro do ano seguinte.

Uma mimosa capela, em cujo cimo monta pequena tôrre, que se escapa da cornija aberta em dois arcos voltados para cima, forma o ângulo setentrional do edifício e torna mais imponente aquela construção.

Em frente se abre espaçosa praça, sendo em tôrno circulada de viçosos tamarindos (**Tamarindus indica**).

* * *

Achando-se aberta a porta central, penetrei no estabelecimento.

Logo à entrada, do lado esquerdo, deparou-se-me um rico altar, convenientemente preparado, onde um sacerdote celebrava missa.

Diversos bustos de santos me impressionaram pela perfeição do trabalho, mas sobretudo o que mais atraiu minha atenção foi o retrato a óleo do Padre Ibiapina, que pendia da parede lateral.

Levei tempo esquecido a contemplar aquêle homem prodigioso, que trocara a toga de magistrado, honrada sempre com as glórias de seu talento superior, pelas vestes de sacerdote desconhecido e ignorado, a fim de poder melhor prestar os serviços à religião e à pátria; que tinha pendente do lábio a palavra de consolação e de paz e cuja vida fôra constante exemplo de santidade e heroísmo!

Muito lhe devem os filhos de Santana.

Quando em 1862 os homens se entregavam aos excessos da política, em que cada um via ameaçada a própria vida, sem que se respeitasse sequer o santuário da família, súbito lhes apareceu o santo missionário, como o anjo bom do lar, e com sua palavra ungida de ternura e mansidão evangélica, acalmou as paixões, fêz esquecer as rivalidades, amenizou os costumes e restituiu-os à paz e à amizade de irmãos.

Auxiliado por todos, sem distinção de fortuna ou posição, construiu o calvário em frente da matriz, levantou o cemitério, e em 73 dias começou e inaugurou a Casa de Caridade, asilo de órfãos e infelizes, talvez a melhor da Província.

Desapareceu de entre os vivos o grande apóstolo da caridade, mas seu nome ficou gravado no coração dos filhos de Santana, que não esquecem jamais as lições de confraternidade que lhes deixou.

Retirei-me depois de refletir sôbre os relevantes serviços prestados nesta Província, na da Paraíba e Rio Grande, por aquêle grande herói do cristianismo, que eu agora admirava em efígie, e cuja presença me despertava a veneração que costumo tributar aos benfeitores da humanidade.

* * *

Na mesma rua, mais abaixo, se encontra o mercado, pequena edificação, que nada tem de recomendável, e se acha ainda por completar do lado do nascente.

Pouco movimento, sinal de pouco recurso na localidade.

* * *

Visitei a cadeia pública, situada no extremo sul da cidade, quase por detrás da Casa de Caridade.

É pequena, baixa, mas de excelente construção.

Destaca-se ao longe por achar-se isolada na planície.

Examinei os compartimentos, travei conversa com os encarcerados, e por ser a prisão o termômetro do atraso de um povo, lamentei de coração a sorte dos desgraçados, que não tiveram os benefícios da instrução.

Quando me será dado o prazer de ver multiplicarem-se na Província, não casas de detenção, mas escolas para o povo, onde cada um, cônscio dos seus deveres pelo esclarecimento de seu espírito, saiba dominar-se, ilustrar-se e esforçar-se pela paz e prosperidade da terra do berço?!

Mas preciso é não esquecer também a influência que de domar os maus instintos tem a religião, êste laço que une o homem a Deus e o homem ao homem, e que tão descurada tem sido por aquêles que tinham rigoroso dever de divulgar-lhes os sãos princípios, os nobres exemplos, essa moral sublime, diante da qual teve que ceder até a fereza dos bárbaros.

* * *

À noite, sentado à porta, eu me deliciava em contemplar a lua cheia que se erguia majestosa nos páramos azuis.

Pelas sete horas o astro das noites entrou na penumbra, depois na sombra e ficamos mergulhados em espêssas trevas.

Dava-se eclipse total da lua.

Os vizinhos entregavam-se a vagas apreciações a êsse respeito, e alguns atribuíam aquêle fato a causas de mau agouro.

Houve quem se escusasse de olhar o decrescimento da luz, que pouco e pouco desapareceu no céu.

Em 3 de junho de 1503, Cristóvão Colombo, no pôrto de San-Glória da ilha Jamaica, para livrar-se da insurreição dos índios, anunciara-lhes igual fenômeno, o que, efetivamente acontecendo, fêz prostrarem-se por terra e oferecerem seus serviços e suas riquezas ao general.

Aqui, mais de três séculos depois, encontrei ainda quem tivesse os mesmos receios dos índios da Jamaica, o que quer dizer que o nosso povo em pouco tem excedido àqueles selvagens.

* * *

Apesar dêstes e outros defeitos que denunciam ainda a falta de educação nas classes inferiores de nossa sociedade, não posso no entanto deixar de assinalar aqui um melhoramento na cidade de Santana que, se ainda não teve a devida amplitude, em todo caso concorre heròicamente para dissipar essa ignorância com a propagação de idéias novas, conhecimentos úteis e experiências da vida.

Falo dos jornais que se publicam hebdomadàriamente, e que são redigidos por penas hábeis.

Acontecendo ir uma ocasião à agência do Correio, surpreendeu-me ver diversos jornais da Europa com endereço ao **Município de Santana**, que conta atualmente quatro anos de existência e tem o seu escritório na rua do Coronel Menescal, n.º 2.

Mais uma vez me convenci da importância desta via do progresso, que transmite por todos os ângulos do universo seus pensamentos e recebe em franca intimidade os dos outros que têm o mesmo fim, o mesmo destino, presos à mesma idéia que é a aspiração à perfectibilidade humana em cujo trabalho representa cada um o elo de uma grande cadeia, com a mesma simpatia com que o fluido elétrico se transporta de um a outro ponto, a comunicar, a difundir, a vulgarizar o aperfeiçoamento das artes, das letras, das ciências, da indústria, do comércio e da política.

Eu reconhecia tudo isso; mas infelizmente não tem tido o jornal entre nós o desejado acolhimento; não foi ainda compreendida a sua importante missão em uma sociedade bem constituída como a nossa.

Entretanto, o **Município de Santana** e a **Comarca de Santana**, que começou a aparecer êste ano, quando não prestem relevantes serviços, tornam bem conhecida a sua localidade dentro e fora da Província.

Já é alguma coisa.

* * *

A cidade é circulada de diversos serrotes.

A três quilômetros ao sul e ao lado direito do rio vê-se o morro da Rôla, coberto de arbustos, de árvores enfezadas, de mandacarus (**Cereus Jamacaru**), que se estende de nascente a poente, em cuja base serpejam vários regatos, dos quais o principal é o da Piedade, notável pela abundância e excelência de suas águas, colhidas em tanques formados naturalmente na pedra, donde se precipitam em terreno sombreado por majestosas gameleiras (**Ficus doliaria**).

A leste do regato, a começar da ponta daquele morro, nasce uma linha de serrotes, que se dirige para o norte, quase sempre paralela ao rio que lhe fica ao poente, deixando a cidade dêste lado, e prossegue 30 quilômetros mais ou menos rio abaixo, formando na sua extensão diferentes elevações, que se denominam dos Dois Irmãos, Sêco, Sapo, Chora e Morrinho ao extremo norte.

Esta linha de serrotes pelo lado oriental é acompanhada

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

de terrenos arenosos, que, vindo das praias do Acaraú, vão terminar ao sul na ponta leste do morro da Rôla.

A esta área, que contém cêrca de 90 quilômetros de extensão, dão os naturais o nome de Cipoal.

Do lado ocidental da mesma cordilheira descem os olhos-d'água da Piedade, das Pombas, Carnaubinha, Gameleira, Ipu e Chora.

A 18 quilômetros ao norte e à esquerda do rio está a serra Mucuripe, a mais elevada dêste lado, que dispõe de excelentes terrenos apropriados ao plantio do algodão (**Gossipium vitifolium**) e cereais.

Ainda à esquerda do rio, ao sul desta serra, seis quilômetros da cidade pelo lado do poente, aparece o serrote Madeira; e mais além, entre o Madeira e a serra da Meruoca, a estação de Massapê, de que já falei.

Acêrca da fundação do município de Santana sabe-se que fizera parte desde 1726 do antigo curato do Acaraú, curato devido à intervenção de Frei Cristóvão de Lisboa, quando exercia o cargo de custódio do Maranhão.

O território dêste compreendia a parte do litoral desde Mundaú a Parnaíba; daí estendia-se pela cordilheira da Ibiapaba, abrangendo em forma de círculo a serra dos Côcos, as ribeiras do Aracatiaçu e o Mundaú.

Constituíra-se ao mesmo tempo que os povoados do Aquirás e Fortaleza, e achava-se encravado na sesmaria concedida a Manoel de Góis, seus filhos e outros pelo Capitão-Mor Bento de Macedo Farias, contendo vinte e uma léguas de comprimento pelo rio Acaraú acima, a começar de onde terminam os terrenos de marinha; sesmaria que foi confirmada a 14 de julho de 1684 pelo Governador-Geral do Brasil.

É curioso conhecer-se como fêz o sesmeiro a medição de suas terras.

Conta-se que tendo plantado o primeiro marco no lugar Picada, a três léguas do mar, montara um excelente cavalo, e subindo o rio acima, com uma ampulheta na mão, onde deu uma hora, sentou o segundo, que denominou de Marco do Serrote.

Por êsse sistema mediu ainda nove léguas das vinte e uma que lhe pretenciam, colocando no fim de cada hora de viagem novos marcos, os quais são conhecidos sob os nomes de Marquinho, Marco, Antônio, Miguel, Poço Branco, Espinhos, Estreito, Tucanos e Pau-Ferrado, com uma légua de largura para cada lado do rio.

Houve resistência a essa medição, mas uma carta régia de 11 de dezembro de 1710 ordenou que o Ouvidor Soares Reimão se transportasse ao Ceará para proceder contra os resistentes.

O curato do Acaraú tinha por centro Caiçara, hoje Sobral, quando pelo fim de 1733, ali chegando o Padre Antônio dos Santos Silveira, que viera de Pernambuco, foi nomeado escrivão do cura daquela povoação, cujas funções eram exercidas pelo Padre Elias Pinto de Almeida.

No desempenho de sua missão que correspondia a uma coadjutoria, o Padre Silveira, tendo comprado uma légua de terra, denominada Ôlho-d'Água, ao Coronel Sebastião de Sá, e meia ao Sargento-mor Antônio de Sá Barroso, irmão daquele, incorporou-as e veio situar-se na antiga posse do sargento-mor, no lugar Curral Velho onde hoje se acha situada a cidade de Santana.

De posse dessas terras, voa a Caiçara e requer licença para erigir no seu sítio uma capela sob a invocação de N. S. Santana do Ôlho-d'Água e Almas.

Foi-lhe em seguida concedida.

Sem perda de tempo dá começo à sua obra em 9 de novembro de 1738, assentando-a em terreno elevado não longe da casa da fazenda, e após 264 dias de aturado trabalho, a 31 de julho do ano seguinte acha-se concluído o nôvo templo.

Erguido na solidão, no centro de um círculo de majestosas cercanias a deslumbrar de alvura, como o cisne pousado no meio do lago, tornou-se aquêle singelo e santo edifício o ponto de convergência de vistas dos que habitavam a circunvizinhança.

A 19 de agôsto dêsse ano aquêle piedoso sacerdote, auxiliado pelo Padre Dionísio da Cunha Araújo, convenientemente autorizado pelo Rev.do Antônio de Aguiar Pereira, vigário colado na igreja paroquial de S. José Ribamar, então vigário-geral em tôda a Capitania, benzeu o templo e as imagens de Cristo, Santana, S. Joaquim e Sta. Rita, celebrando no outro dia a primeira missa, com a assistência dos moradores de todos os cantos do curato, que corriam a essa festa, trazendo nos semblantes sinais da mais viva e mais terna alegria.

A religião do Calvário triunfou da selvageria, e dessa data em diante desenvolveu-se vida de paz e de progresso no município.

* * *

Por Lei Provincial n.º 465, de 29 de agôsto de 1848, foi criada a freguesia de Santana, e elevada sua capela à categoria de matriz; e quinze anos depois, a 27 de junho de 1863, instalada vila por Lei n. 1.012, de 3 de novembro de 1862.

Hoje goza dos foros de cidade em virtude da Lei n.º 1.740, de 30 de agôsto de 1876.

Relativamente a outras localidades o município de Santana faz quanto possível para acompanhá-las na senda da civilização, e tem dado à Pátria filhos diletos que se recomendam pelo patriotismo e amor às letras.

* * *

Sua população é calculada em 9.000 habitantes, e suas rendas produziram o ano passado a soma de 6:665$187 réis.

Na cidade existem duas aulas do ensino primário, para meninos de um e outro sexo, e são ambas regularmente freqüentadas.

Colhidas ligeiras notas sôbre essa localidade, e terminando o meu trabalho, dispus-me a deixar a cidade de Santana.

Na manhã do dia 10, tendo agradecido ao Sr. Nascimento a generosa hospedagem que me emprestara, abracei o respeitável ancião, pai do cidadão João Cordeiro, o herói do movimento abolicionista, e tornei a Massapê.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

Recomeçaram as atenções do Sr. Ursulino de Paula, que me acolheu sob o seu teto, convidando-me para visitar o povoado dos Remédios e outros nos arrabaldes.

Acedi prontamente.

Ao outro dia pelas 3 horas da tarde pusemo-nos a caminho, sendo acompanhados do Dr. Rodolfo Coroaci e sua família.

Nosso trajeto era feito sôbre o traçado da estrada de ferro de Sobral até o morro das Pulgas, e daí tomando a esquerda e atravessando terrenos áridos, levemente ondulados e despidos de vegetação, chegamos depois de três horas de marcha à risonha povoação, cuja igreja, dela, majestosa, de longe se avistava a resplender de alvura no centro de uma pequena praça não acabada.

Êsse edifício é um dos mais amplos e mais asseados do interior e sua construção é atribuída principalmente à piedade de Diogo Lopes de Aguiar.

Manda a justiça que não esqueçamos o muito que pelo mesmo tem feito o Rev.^{do} Diogo José de Sousa Lima.

Com vastas acomodações, mais espaçosa talvez que a matriz de S. Luís, na Capital, ostentava galas e louçanias na última noite de novena da Padroeira, à qual afluíam em multidão os moradores de Sobral e pontos adjacentes.

* * *

Grandes fogueiras iluminavam o pátio.

No templo os cânticos festivos, e pelos subúrbios as danças ruidosas ao som das violas e pandeiros denunciavam a impetuosidade do regozijo popular.

Os rimadores em desafio sustentavam, cada qual mais apaixonadamente, o prestígio de suas favoritas.

* * *

Terminada a novena seguiu-se a venda em leilão das prendas oferecidas à Padroeira.

Foi uma cena divertida em que não raras vêzes recebia o arrematante o objeto do seu lance sem uma tremenda vaia.

Lembro-me que o Dr. Coroaci, tendo comprado por 2$000 réis um cupido (**Icterus violaceus**) a instâncias de um seu filhinho, apenas o recebe do pregoeiro, morre-lhe o pobre pássaro nas mãos.

A criança dispara em pranto e os circunstantes em estrepitosas gargalhadas.

Findo o leilão, veio procurar-me o Sr. Professor José Bezerra de Meneses e conduziu-me para sua casa, onde se achavam reunidos diversos cavalheiros e senhoras do povoado e da cidade de Sobral.

Pouco depois a música chamou a postos os convidados, e num instante voavam todos no torvelinho da dança.

Se não se notava ali a forma cerimoniosa das reuniões de etiquêta, captava no entanto a atenção esta intimidade originária dos costumes dos filhos do sertão.

Eram singelos os vestidos, mas realçava a lhaneza de trato e abundância de coração.

À meia-noite serviu-se uma ligeira refeição em que foram saudados recìprocamente os convidados, e eu tive ocasião de agradecer aos donos da casa a distinção com que me haviam tratado.

Pálidos clarões anunciavam no céu o aparecimento da aurora, quando dissolveu-se aquela alegre reunião, sem que a ninguém fôsse mais permitido procurar repouso das fadigas da noite.

Com pouco brilhou no horizonte o sol com todo o seu resplendor.

* * *

O povoado dos Remédios está sentado na margem esquerda do rio Acaraú, ao nordeste da cidade de Sobral, da qual dista 18 quilômetros.

É pequena, pobre, tendo apenas um ou outro prédio de regular edificação.

Pertence ao município de Sobral.

À exceção daquela que de feito é notável pelo tamanho e asseio com que é tratada, nada mais encontrei que me chamasse a atenção.

* * *

Meu relógio marcava 7 horas quando deixei os meus amáveis hóspedes, que se preparavam para a festa solene à Padroeira no dia de sua invocação, e tomei o caminho do Massapê.

Depois de três quilômetros de marcha, levaram-me alguns companheiros de viagem à fazenda de Monte Belo, do Rev.mo Padre Diogo, situada no cimo de uma colina, onde pude sem custo ver lá ao longe na planície as cidades de Santana e de Sobral, que se banhavam em vago azul aos esplendores do sol.

Demorei-me um pouco a contemplar a extensão que se desenrolava diante de mim, em diversos pontos da qual o contraste da luz com a sombra nos altos e plainos, produzia efeito maravilhoso despertando certo contentamento que inebria.

A casa da fazenda é de modesta aparência, mas o local é o mais bem escolhido possível.

* * *

Atravessando os campos cortados pela estrada de ferro de Sobral, na parte compreendida entre o morro das Pulgas e a estação de Massapê, observei um capricho da natureza, que me não lembro ter visto em outro lugar: uma carnaúba que do meio da haste abria-se em dois galhos com lindas frondes.

Enquanto eu admirava essa raridade, assaltavam-me pensamentos acêrca da injustiça com que havia sido desprezada a classificação dada em 1810 pelo Dr. Arruda da Câmara àquela planta de **Corypha cerifera**, para aceitar-se a de Von Martius, **Copernicia cerifera**.

Foi êle quem primeiro a descreveu, pôsto que Macgrave dela tivesse tratado com o nome de Corandaí.

Lembrei-me ainda que em 1845 o Dr. Maia classificou também uma espécie de macacos do subgênero **Brachyurus** de Spix sob o nome de **Brachyurus albescens**, e em vista da pele de um dêstes, que foi remetida ao Museu de Paris, Isidore Geoffroy a denominou **Brachyurus calvus** com desprêzo da classificação do naturalista brasileiro.

Um dia o Brasil há de reivindicar o direito de seus filhos!

* * *

Chegando a Massapê quis telegrafar ao chefe da estação de Pitombeiras, José Gomes Ferreira Tôrres, que mandasse postar duas cavalgaduras próximo ao desembarque para nos transportarem ao Ôlho-d'Água dos Picos.

Duas horas depois o trem de ferro de Sobral conduzia a mim e ao Sr. Ursulino até aquêle povoado.

Pelas quatro horas partimos prestando-se a acompanhar-nos o Sr. José Gomes.

Ao fim de vinte minutos de viagem, descendo um alto, se abriu diante de nós uma espécie de anfiteatro de rochas nuas e de formas grotescas, tendo em baixo à direita viçosos arvoredos alimentados pela umidade de um ôlho-d'água perene.

À esquerda ficam os picos mais ou menos agudos que dão nome ao lugarejo.

Mais além se descobre a casa de pedras que constitui uma curiosidade nessas paragens, e tem merecido a visita de quantos amam a ciência e mostram interêsse pelas raridades.

É realmente digna de nota pela sua pesada construção, e principalmente pelas lendas caprichosas com que a imaginação do povo a tem procurado tornar célebre.

Recostada à rocha de formação gnáissica, ergue-se como uma fortaleza, do solo a mais de dez metros de altura, tendo as paredes superiores 82 centímetros de grossura.

Não tem e creio que nunca teve coberta, e apesar do abandono e estrago dos agentes atmosféricos, conserva-se ainda em perfeito estado.

A entrada é pelo lado do fundo por duas portas na sala do centro, às quais correspondem duas janelas que dão vista para a planície e as outras duas salas do lado direito e esquerdo só têm comunicação interiormente.

Uns atribuem sua construção aos holandeses, outros aos jesuítas, e quer tenha sido levantada por êstes ou aquêles, admira a perfeição do trabalho, visto como as pedras sustentadas sem cimento ou outra composição de argamassa se mostram ainda tão aprumadas que tanto do lado interno e externo não sobressai uma polegada da parede.

Calculo que tenha de frente cêrca de vinte metros.

* * *

Satisfeita minha curiosidade no exame e medidas que tomei daquele edifício, ao sair fora dei com os olhos nos obeliscos que emergiam a poucos passos de nós de entre pedras negras, fendidas regularmente e desejei vê-los de mais perto.

Tocávamos a base do mais elevado quando se nos apresentou o Sr. Alexandre da Cunha Freire, morador e possuidor do casebre que se esconde à sombra das grandes árvores ao lado direito do ôlho-d'água.

Nada soube nos informar com certeza a respeito do construtor da casa de pedras que no entanto pertencera a seu pai, Antônio da Cunha Freire, o qual se finara com idade superior a oitenta anos, havia bem pouco tempo; mas ouvia referir pelos habitantes dos arredores ter sido seu primeiro dono um estrangeiro que ajudado de uma preta velha nela só trabalhava à noite.

Durante o dia nunca nenhum foi visto no serviço daquele colosso, de sorte que cada manhã aparecia um lanço de parede construída, como por encanto.

A preta, dizia êle, constava que era o diabo.

Ficamos a pensar.

* * *

Mais tarde, notando o Sr. Cunha que eu me dispunha a trepar o pico e que procurava o lado mais fácil, riu-se de

minha tentativa, dizendo que de milhares de visitantes àquelas rochas escarpadas muitos haviam tido o mesmo intento, mas sem vantagem; conseguindo-o apenas com muito trabalho a Sra. D. Matilde, mulher do Dr. Augusto Fonn, o que dera motivo aos engenheiros, amigos de seu marido, para tomarem muita cerveja em brindes à heroína.

Ora! repliquei com certa ironia, não admito que uma mulher faça mais do que eu e, calçado como estava, abracei-me à rocha e comecei a subir.

Com algum trabalho cheguei ao tôpo.

Que magnífica perspectiva se desdobrou diante de mim!

De todos os lados a planície se perdia na linha azulada do horizonte, quando não era irrompida pelo perfil de alguma montanha, que formava sombra no fundo do céu e dava certa alegria à paisagem na variedade dos vagos contornos.

A cúpula do firmamento arqueava-se sôbre minha cabeça em tôda a sua magnitude.

Do meio da extensão ondulada sobressaíam pontos mais ou menos iluminados aos raios do sol, que declinava vagaroso para o poente, tão negro como o da gravura de Albert Dürer.

O vento rugia forte aos meus ouvidos e não me deixava conservar de pé no estreito plano que formava o cume.

Sentei-me.

Estendendo a vista pelos arredores notei que diversas pessoas nas portas das casas numa área de seis e mais quilômetros me observavam com curiosidade, por causa talvez da surprêsa de minha presença ali, onde raro alguém ascendeu.

Enquanto ufano do meu triunfo proclamava as belezas do imenso panorama, os companheiros instavam por voltar, visto como se fazia tarde e tínhamos ainda de visitar outros lugares.

* * *

Dispus-me a descer.

Foi quando avaliei dos riscos e dificuldades da ascensão, e invejei a prudência dos que haviam ficado embaixo a increpar de loucura a minha temeridade.

Não encontrava uma fenda, uma saliência, um ponto de apoio, onde firmasse os pés, fazendo desesperados esforços para segurar-me, e mais de uma vez se apoderou de mim grande susto ao pensar que num descuido seria atirado sôbre as pontas das pedras.

O suor que rorejava da fronte empanava-me os vidros dos óculos, e aumentava a minha aflição.

Alcancei afinal o solo tão fatigado, tão exausto de fôrças, que tive de deitar-me à sombra para acalmar a convulsão que me agitava o corpo.

* * *

Minutos depois descíamos a rocha pelo lado direito, atravessamos o pequeno açude que as águas das chuvas haviam derrubado a parede passada no meio de um riacho, e íamos além ver uma grande pedra, crivada de caracteres inteligíveis, a qual supunha o Sr. Cunha encobria um tesouro.

Alegrou-me esta notícia, porque talvez me fôsse dada ocasião de colhêr algum esclarecimento com relação à grande questão de terem os Fenícios vindo ao Brasil, e se há quem sustente que do Amazonas foram transportadas madeiras para o templo de Salomão, não seria extraordinário que os navegadores estendessem mais alguns graus ao sul as suas explorações.

* * *

Chegamos ao pé da massa granítica, que media cêrca de três metros de comprimento sôbre dois e meio de altura e igual grossura.

Esta pedra montava nos ângulos sôbre quatro menores, que a separavam do lajedo, fendido justamente no lugar coberto, não se podendo ali chegar em conseqüência da estreiteza da abertura entre o lajedo e a pedra, que teria quando muito vinte centímetros.

Examinada ligeiramente, faz supor que de fato havia sido ali colocada para guardar eternamente um segrêdo, e a

fenda que parece ir-se alargando para o fundo aguça ainda mais a avidez dos que sonham com dinheiro enterrado.

Vi as figuras traçadas na face ocidental da pedra, que não julguei terem sido feitas para dar forma escrita a pensamentos, mas para indicar o lugar, onde se achava um ôlho-d'água, ou antes o marco das terras pertencentes a alguma tribo de índios, além do qual nenhum poderia passar nos exercícios da caça.

Eu já tinha examinado outras nos arredores de Granja, e tanto aqui como ali, era o juízo que fazia diante daqueles traços de tinta encarnada, indelével, extraída do suco das plantas, que me parece não podem ter outra explicação.

Em apoio da minha opinião vem o que refere o Príncipe Maximelien de Neuwied, em sua **Voyage au Brésil**, ao assistir em 1816 não longe do quartel do Salto, em Minas, a um combate entre os botocudos dirigidos pelos chefes Jéparak e June.

O motivo dessa desavença fôra ter June morto alguns porcos-do-mato (**Dicotyles sp**) nos terrenos de caça de Jéparak, sendo considerado êsse procedimento como ofensa grave, visto como aquêles indígenas respeitavam os limites dêsses terrenos e nunca os transpunham voluntàriamente.

A transgressão dêsse princípio fôra causa ordinàriamente de discórdias e guerras intermináveis.

* * *

Do lado oriental verifiquei ainda, abertas a escopro por algum visitante em data recente, três letras ìntimamente ligadas que tinham a forma de três FFF.

De tudo extraí cópia para a minha carteira.

Por essa ocasião referiu-nos o Sr. Cunha que alguém havia tentado arredar a pedra com o fim de sondar o âmago da fenda, mas inùtilmente.

O pedaço de rocha parece selar com o seu pêso para todo o sempre aquêle motivo de incitamento à cobiça humana.

* * *

A tarde enternecia-se aos palores do crepúsculo, e pouco e pouco o céu perdendo a suavidade de sua transparência se envolvia nessa opacidade difícil de se definir àquela hora melancólica, que já não é dia, nem tem ainda os negrumes da noite.

Calavam-se as vozes da natureza, e uma languidez terna, inexprimível, efeito do acurado labor diurno, que descia pela ramalhada sombria das árvores e azul vago e sutil dos cerros longínquos, enlutava de tristeza aquêles desertos sítios, encobrindo-nos à vista os objetos mais distantes.

A meia-luz do céu extinguiu-se de todo, o silêncio domou os últimos rumôres, e ao fim a noite distendeu na amplidão seu vasto manto de sombras.

Partimos a galope.

* * *

Em Pitombeiras, onde nos entretivemos ainda a discorrer sôbre o passeio ao Ôlho-d'Água de Picos, ouvi diversas narrativas maravilhosas acêrca da origem da casa de pedras.

Contou-nos um velho que realmente havia ela sido levantada por um estrangeiro coadjuvado por uma preta velha, o qual se desgostando do lugar traspassara a outrem sua propriedade, e por essa ocasião lhe deram um frasco que continha um besouro, dizendo que em caso de vexame recorresse ao inseto, que seria imediatamente valido.

Um dia, tendo o nôvo possuidor de se ausentar em conseqüência de uma viagem a lugar distante, recomendara à mulher que não tocasse no frasco, mas esta apenas o marido se põe longe, lança mão do vidro misterioso, revolve-o encosta-o ao ouvido, escuta, pensa, e depois de mil conjeturas, no impulso de curiosidade extrai a rôlha.

Súbito pulou no meio da sala, soltando gostosas gargalhadas e fazendo esgares ridículos, um moleque côr de carvão que tinha os beiços encarnados como um pedaço de lacre e o branco dos olhos mais branco do que o leite.

— Pronto! disse perfilando-se.

A senhora não se perturbou à vista do hóspede inesperado, e despertando todo seu sangue frio, com ar de intimidade, exclama:

— Ah! eras por acaso o besouro encerrado naquele vidro?!

— Exatamente.

— Não acredito.

— Pois era eu mesmo em pessoa.

— Qual! é impossível!

— Está bem; se juras não te arredares daí vou provar o que digo.

— Juro, mas quero ver.

Nisto, some-se o moleque e num segundo o besouro apareceu no fundo do frasco.

A senhora já o tinha rolhado.

Como vêdes, diz o velho, desta vez a mulher enganou o diabo e o marido nunca veio a saber dessa traquinice.

Rimo-nos do caso, e não menos da seriedade com que o referia o narrador.

Tornamos na mesma noite a Massapê.

Ao outro dia dei comêço aos preparativos ao alto sertão.

Fiz-me triste à lembrança de que me ia afastar dos pontos que me punha em comunicação com a Capital.

Estava decidido: eu devia partir na têrça-feira 14 do mês.

Nesta resolução pedi e me foi enviado por um amigo da cidade de Sobral o arrieiro, Tibúrcio, rapaz inteligente, ativo, de conhecida coragem, que me acompanharia em tôda viagem.

Tibúrcio se me apresentou de um modo heróico: efetuara seu casamento no dia e saía no outro conduzindo minhas cargas para a vila da Palma, onde devia esperar por mim.

Êle atravessava a serra da Meruoca, e eu tomava passagem no trem de ferro até o povoado do Riachão.

Ali cheguei pouco mais de 10 horas.

* * *

Riachão estava em festa, e apresentava imensa população, que revolteava pelas duas pequenas ruas de casas inferiores, situadas de um e outro lado da estrada.

De tôda a parte chegavam visitantes que vinham aumentar o número de adoradores ao Santo Padroeiro do lugar.

Vi a capelinha que constava de um compartimento, tendo na frente uma ramada, onde se abrigavam dos raios do sol os fiéis por ocasião do Santo Sacrifício.

Diversas bandeiras ornavam o pátio, e de minuto a minuto atroavam os ares tiros de roqueira, como chama o vulgo a pequena peça feita de pedaço de espingarda.

Sôbre os balcões das lojas improvisadas, estendiam os negociantes ambulantes suas mercadorias de côres vivas, que desafiavam a avidez das freguesas.

Riachão transformara-se num bazar alegre, tanto a variedade de trajes, diferenças de tez, ajuntamento de compradores às portas de comércio, arruídos de vozes, de risadas, de gritos, tropel dos cavaleiros que entravam e cavaleiros que saíam, animavam aquêle insignificante lugarejo, de contínuo silencioso e triste como uma povoação groenlandesa.

* * *

À tarde o Sr. Joaquim Manuel da Rocha Franco, tão bom amigo quanto delicado cavalheiro, instava por fazer-me companhia até o lugar do meu destino, 42 quilômetros dali; e por mais esforços que fizesse para lhe agradecer o sacrifício visto como era êle o encarregado de dirigir as novenas, não o pude convencer.

A amabilidade vencia as minhas razões.

Pelas 4 horas deixamos o Riachão, trazendo-nos ainda o Sr. Rocha Franco um seu primo, que de boa vontade se prestou a fazer aquêle passeio forçado, e tomamos direção do poente.

A princípio o caminho era largo, plano, marginado de árvores tristes, esgalhadas, que aos rigores da estação outonal haviam perdido o ornato das fôlhas e com pouco começamos de subir e descer altos vermelhos, gretados pelo efeito da água das chuvas, perto quase sempre de seixos e sílex que nos dificultavam a marcha.

O Sr. Rocha Franco para me ser mais agradável, obrigara-me a montar o seu cavalo, animal excelente, pele negra luzidia, tão ágil que só a custo o podia refrear.

Ainda com ar de dia atravessamos a serra Cajueiro, deixando à direita os olhos-d'água de S. Francisco, S. Joaquim, Almas, S. Domingos e Conceição, e à esquerda Bom Sucesso, Salão, Gameleira e Picos.

Êsses mananciais regam as terras por onde passam, e são vantajosamente aproveitadas por diversos moradores, que ali têm levantado excelentes propriedades rurais, como a do Sr. Conde de Almada, que aufere não pequeno lucro na exportação de aguardente, se bem que nela se note certo descuido por falta de aplicação dos instrumentos aperfeiçoados na lavoura.

Há por ali muito atraso acêrca do modo de preparar as terras, que verifiquei são ricas em elementos nutritivos visto como se compõem de uma argila cinzentada cheia de grãos de quartzo e lâminas miúdas feldspáticas, produto de composição das rochas circunvizinhas, que as águas das chuvas têm arrastado para o vale.

Confirmou o Sr. Almada o meu ligeiro exame relativamente aos seus terrenos, referindo-nos que a cana produz naquelas paragens de um modo extraordinário, de sorte que já tem cortado algumas com 63 palmos de comprimento.

No entanto, apesar dessa riqueza, não só êsse senhor como os outros seus vizinhos, ou porque lhes faltem os recursos ou não tenha consumo o que poderiam produzir suas propriedades, deixam de cultivar grande parte dêsse ubérrimo terreno.

* * *

Fazendo-se tarde pusemos a caminho.

Pouco depois a noite nos surpreendeu no meio das grandes ladeiras.

Profundo era o silêncio em tôrno de nós, interrompido pelo bater das patas dos cavalos no solo endurecido.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

As hastes das árvores que se erguiam de um e outro lado da estrada aumentavam a escuridão de tal sorte, que não me deixava ver o trilho por onde seguíamos; por isso fiz passar para a frente o Sr. Rocha Franco, que devia me servir de guia em conseqüência da côr branca de sua cavalgadura.

* * *

Prosseguíamos descuidadosamente em conversar em voz alta, quando de repente grita o companheiro da frente: — Para a esquerda! Uma cascavel!

Tomando o lado indicado, um ramo me apanha pelo flanco e atira-me por terra quase sôbre o terrível ofídio (**Crotalus horridus**) que enfurecido agitava a cauda com arruído medonho.

Na queda ralei o dorso da mão direita e não cheguei a precipitar todo o corpo, porque o Sr. Rocha Franco, com a velocidade do raio, me havia aparado nos braços, arrebatando-me para lugar distante.

Era grande sua aflição, e apesar do susto por que acabava de passar, eu pedia para que se fizesse uma fogueira, a fim de me ser possível ver de perto o hórrido crótalo, sôbre o qual tanto se tem dito e que eu tanto desejo tinha de conhecer.

Não fui atendido; os companheiros encareciam a conveniência de nos retirar dali.

* * *

Adiante, diz o Sr. Manuel da Rocha, voltando-se para mim; com êste animal, meu amigo, não se brinca: ainda depois de morto é perigoso.

Escute:

Dois indivíduos iam a negócio a um certo lugar.

Em caminho mataram uma cascavel, e depois de terem dado alguns passos lembrou-se um dêles de querer saber como era formada a bôlsa, que contém o veneno no colo do dente da cobra.

O outro increpou de prejudicial a demora, mas afinal teve de ceder às suas solicitações.

Com dois pauzinhos fazia o louco o seu exame, quando não sei como, crava sôbre um dos dentes o dedo indicador da mão esquerda.

Não teve dúvida, arranca do quadril a faca de mato e de um golpe decepa as duas falanges do dedo ferido.

Seguiram seu caminho sem alteração alguma ficando apenas o desgraçado com êsse defeito para lembrança de sua imprudência.

Quatro dias depois estamos de volta.

Ao passarem justamente pelo lugar onde se dera o triste incidente, teimou o meu homem em querer ver os restos do seu dedo, e para lá se encaminha contra a vontade do companheiro, que se conserva em distância.

O dedo estava extremamente inchado, negro, já em estado de putrefação, e sôbre êle pousavam diversos maribondos.

Ao aproximar-se é mordido no pescoço por uma destas terríveis vespas.

Quis correr, era tarde; sentiu-se cansado, a respiração era difícil, perdeu pouco e pouco a vista e momentos depois respirava não longe daquele lugar fatal.

Chegamos afinal à fazenda Angicos, onde pernoitamos.

Pela manhã atravessamos vastos campos que se abriam diante de nós tendo à esquerda lindos carnaubais, e nesse trajeto atormentava-me a impressão de que o sol havia surgido do lado do poente.

Não pude achar a explicação do meu equívoco.

Procurava a todo o custo me desfazer daquela ilusão, quando a pouca distância se nos apresentou, sentada na planície, a vila da Palma.

Tibúrcio já vinha ao meu encontro para indicar-me a casa em que devia alojar-me durante os dias de demora indispensável.

Ficava ela ao lado ocidental da melhor e mais espaçosa praça da vila.

Logo ao apear-nos, o Sr. Rocha Franco apresentou-me ao

Rev.do Bernardino Lustosa, vigário da freguesia, que me acolheu com expansiva cordialidade.

Depois do almôço tive de separar-me dos bons companheiros de viagem; êles regressavam ao Riachão mas deixavam em minha alma motivos de profundo reconhecimento.

Na mudez da despedida talvez interpretassem êles a sinceridade de minha gratidão.

* * *

A vila da Palma (2) consta de uma grande praça, rodeada de prédios mais ou menos antigos e sem elegância, com exceção apenas do do rev.do vigário, que é construído ao gôsto das edificações modernas, e de pedaços de ruas espalhadas principalmente na parte do sul.

Seu edifício principal, o único talvez, é a igreja-matriz, templo excelente que, devido ao zêlo do respectivo pároco, conserva-se sempre em grande asseio.

O interior é bastante claro e ornado de doirados e pinturas, que bem longe estão de ser consideradas obras-primas, mas preciso é confessar que grande número de nossos templos não apresentam melhores.

Constou-me que o Padre Lustosa despende não pequena soma de suas rendas com a conservação e ornatos dessa igreja, que é para êle como sua estremecida espôsa, e raro é o dia em que não chama o bronze sagrado aos fiéis para algum ato de religião, promovido por aquêle incansável apóstolo.

Êle ama de coração os seus paroquianos, e é por êles amado à medida de sua dedicação.

* * *

A vila ressente-se de extrema pobreza.

Tem poucos estabelecimentos de comércio, e êsses desprovidos e insignificantes.

(2) — Cidade de Coreaú.

Seus habitantes em geral morigerados, hospitaleiros e de costumes severos, que fazem lembrar tempos mais remotos e mais felizes, ocupam-se da criação de gados, de que tiram os meios indispensáveis à vida.

Aqui não há agricultura, como não há indústria.

Raras vêzes o tumulto na rua ou a sombra de algum transeunte em frente de minha janela, me fazia levantar a cabeça; mas sempre profunda calma e doce tranqüilidade de tôda a parte.

O calor do dia é suavizado por uma brisa constante, e as noites são em extremo agradáveis.

Gozam os filhos da Palma de um clima saudabilíssimo e desconhecem as moléstias que afligem os centros populosos.

Só quem leu **Il doce farniente** e **La vita campestre**, de Antônio Caccianiga, o florido escritor italiano, que renunciou as honras da prefeitura de Udine, e duas vêzes uma cadeira no parlamento de sua nação, pelo retiro de Saltore, é que pode avaliar da serenidade e despretensão dêste povo feliz. que vive na mais perfeita confraternidade.

É bem difícil essa reciprocidade de afetos em lugar tão pequeno.

* * *

No outro dia pelas 4 horas da tarde o Rev.do Lustosa e Miguel Arcanjo de Aguiar levaram-me ao sítio Canto, a seis quilômetros para o lado do nascente e um ao poente da serra de Meruoca, com o fim de visitarmos o açude em ruínas denominado Ôlho-d'Água, de Pedro da Costa.

De feito, não se encontra local mais apropriado para um reservatório que aquêle, pois que pode acumular grande volume d'água numa extensão de 12 ou mais quilômetros.

A parede contruída de pedra e barro ali está para atestar a perícia com que sabiam os nossos maiores tirar proveito de sua longa experiência.

Com pouco dispêndio poder-se-ia levantar aquela parede, entre dois serrotes fronteiros, numa largura apenas de 25

metros, cujas vantagens seriam incalculáveis para a localidade, atendendo-se ainda que grande parte das terras adjacentes pertencem ao govêrno e são aproveitadas por particulares sem título algum.

Apologista como sou hoje da idéia dos grandes açudes, depois da leitura que fiz sôbre idênticas construções na Lombardia e nas Índias Orientais, único meio capaz de levantar essa província, a ponto de torná-la rica e poderosa, como o Milanez, que pela execução delas tornou-se o centro comercial da Itália e salvou essa nação da sua profunda desorganização financeira, eu deixaria de pedir para a Palma êste melhoramento, se acreditasse possível ser-nos concedido tão grande favor.

Os três reservatórios de Quixadá, de Lavras e de Itacolomi estão orçados em oito mil contos e quem medita um pouco acêrca da indiferença com que nos olha o govêrno quando daqui a sete anos estaremos a nos debater com os horrores de outra sêca, talvez maior que a última, visto como por triste fatalidade tem coincidido se renovarem neste século, nas mesmas épocas, as calamidades que afligiram os nossos maiores do século passado, não pode deixar de descrer da realização de tão grandes promessas, e se contentar com pedir graça menor, que nos salve ao menos da terrível contingência de morrer de fome.

Estou mais que convencido que, efetuados aquêles melhoramentos, nosso território que dispõe de terrenos dos mais ricos em propriedades nutritivas, depressa se constituiria a melhor fonte de riqueza do império.

Seus terrenos adquiririam subido valor, porque como acontece na Itália, o serviço de irrigação é perfeito, as terras produzem dez vêzes mais que as não irrigáveis; renasceria pujante a agricultura, a nossa riqueza e a fertilidade de nossos campos atrairiam aos milhares cultivadores europeus, e o govêrno auferiria rendas incalculáveis, como pelo arrendamento das terras adjacentes ao grande canal do Ganges e no departamento irrigado de Madras, recolhe fabulosos capitais o govêrno da Inglaterra.

Mas ser-nos-á permitido aspirar a tanta prosperidade?

Não creio.

O Ceará há de ser, como tem sido sempre, o mendigo a quem se dá a esmola pelo prazer de ultrajá-lo na sua miséria.

Lamento não ter tido parte na riqueza com que dotou a natureza as outras suas irmãs, que podem tudo exigir, gozar de todos os privilégios, dispor dos recursos da nação **par droit de conquête**, e quando muito se contente com ser o eterno fornecedor de tropas para a armada e para o exército.

* * *

Procurando colhêr informações acêrca da fundação da vila, a antiga Várzea Grande, soube apenas que fizera parte da comarca da Granja, tendo sido criada freguesia por Lei n.º 1.206, de 10 de agôsto de 1867, e na mesma data erigida em matriz a respectiva capela de N. S. da Piedade.

Por Lei n.º 1.316, de 24 de setembro de 1870, foi elevada a vila sob a denominação de vila da Palma.

Tem duas escolas estipendiadas pelo govêrno da Província, uma para o sexo masculino e outra para o feminino, sendo que a primeira tem como professor o cidadão Érico João de Oliveira Freire, que se recomenda por seu zêlo no desempenho das funções do cargo, e sobretudo por sua grande piedade.

A pobreza da localidade depreende-se da insignificância de suas rendas, pois que no ano passado montaram apenas a 716$140 réis.

* * *

Na madrugada do dia 18 deixamos a vila da Palma, acompanhando-nos até cêrca de seis quilômetros o Rev.^{do} Pe. Lustosa e Miguel Arcanjo de Aguiar.

Seguíamos direção noroeste.

Muito tempo ainda fui pensando na placidez daquela estância, na amabilidade dos habitantes, nos obséquios que já

me dispensara o bom amigo José Manuel Araújo Lopes, quando Tibúrcio me lembra a necessidade de descansar.

Meu relógio marcava 10 horas e tínhamos tirado 30 quilômetros.

Encaminhamo-nos para uma pequena casa a poucos passos à direita da estrada, e só a custo nos foi cedida a latada da frente, por onde os raios do sol se escoando através dos ramos causavam insuportável calor.

Chama-se êste lugar Santa Luzia.

* * *

Gemidos contínuos partindo do interior vinham morrer aos meus ouvidos, e despertavam a compaixão que sinto pelas dores do pobre.

Não me pude conter; bati com fôrça na porta.

Súbito nos apareceu uma velha mulher, que me referiu sofrer há dois dias sem descanso a dona da casa, e que o marido desesperado procurara naquela manhã a vila no intuito de trazer-lhe qualquer medicamento.

Consultei num minuto o meu **Manual de Jahr**, preparei uma dose de pulsatila e esperei o resultado.

Pouco depois o nascimento de mais uma criança fazia voltar a alegria ao casebre de Santa Luzia.

Rendeu-me êsse pequeno serviço boa ração de milho para as cavalgaduras, além dos bens que de lá de dentro eu ouvia pedir-se ao céu para mim.

Ainda não era chegado o dono da casa, quando nos partimos.

* * *

Ao cair da tarde refletia eu sôbre a contingência que me obrigava a atravessar aquêles plainos desertos, e distraidamente me deixava ir ao passo do animal, quando um bando de seriemas (**Mycrodactylus crystatus**) surgiu a pouca distância adiante de mim.

Despertei como de um sonho, cheguei as esporas aos

ilhais do animal e arremessei-me a galope sôbre aquelas aves da família dos Pressirostros, as quais na velocidade da carreira desapareceram, deixando-me no meio do campo sem saber a direção que haviam tomado.

Apenas voltei à estrada, elas prorromperam em estridentes gargalhadas, que ecoavam além no silêncio da tarde, e parecia que zombavam de minha inépcia.

Prossegui a viagem a pensar na variedade de nomes com que tem sido classificada essa curiosa ave dos sertões, que de quando em vez nos surpreendia com seus gritos monótonos, e que segundo alguns autores deve constituir uma subfamília ou família distinta.

Lineu chamou-a **Palamedea**, Illiger **Dicolophus**, Vieillot **Lophorrynchus**, Macgrave **Cariema cristata** e a maioria dos naturalistas **Mycrodactylus crystatus**.

Para quem se dedica ao estudo das ciências naturais, essa multiplicidade de denominações dificulta àqueles que não dispõem de recursos para a aquisição de todos os livros publicados relativamente à fauna do País, e de que muito pouco se têm ocupado os escritores brasileiros.

O que a êsse respeito possuímos é traduzido do estrangeiro e nìmiamente imperfeito, comparado com a riqueza que sôbre qualquer ramo das ciências naturais encerra em seu seio o Brasil.

Parece que já era tempo de têrmos o nosso Stanislas Meunier, que se esforça por tornar conhecidos de todos em França os progressos do espírito humano, e sobretudo os segredos do seu território.

Não faltam profissionais, onde existem homens de ilustração tão vasta como Capanema, Barbosa Rodrigues, Ladislau Neto, Nicolau Moreira, Saldanha da Gama, e outros, tendo à mão imenso subsídio que nos deixaram Von Martius, Spix, Neuwied, Saint'Hilaire, Luccok, Gardner, Lindley, e dezenas de escritores que viajaram nosso país, e imortalizaram seus nomes, apresentando ao Velho Mundo parte quiçá diminuta da opulência com que dotou a natureza o solo do Brasil.

* * *

Absorto nestas idéias, não pude no entanto deixar de admirar as copas dos paus-d'arco (**Tecoma** sp), que tendo perdido a folhagem, se cobriam de lindas flôres de côr violeta e amarela.

No meio da tristeza geral que dominava aquelas paragens, que se aumentava à hora do pôr do sol, eram de um efeito maravilhoso essas esplêndidas bignoniáceas.

Eu já tinha visto em outra parte árvores dessas de maiores dimensões e de flôres diferentes, que não cheguei a examinar, mas que me pareciam vermelhas levemente descoradas.

Se não estou enganado, a esta terceira variedade é que se denomina **Tecoma insignis.**

* * *

Não era ainda noite, quando chegamos à fazenda Imbueiras, do Capitão Lourenço Francisco Xavier, a qual se acha situada num alto à esquerda da estrada que atravessa uma grande várzea em frente da casa.

Dali se goza de agradável perspectiva pela extensão que parece dilatar-se até a extrema do horizonte, onde as árvores à proporção que se perdem na distância ensombram-se de côres mais ternas e mais tristes.

Pretendendo seguir além, o Sr. Capitão Lourenço, com a amabilidade que o caracteriza apesar da rusticidade de seu todo, me convenceu de que devia pernoitar ali, visto não encontrar adiante cômodo igual, e ter sido regular a viagem da tarde às cavalgaduras que haviam tirado 30 quilômetros.

Acedi.

Armada na varanda uma rêde para mim, tomou o Capitão Lourenço posição em outra defronte e começamos animada palestra.

A princípio fui perguntando sôbre o que havia de nôvo, depois sôbre motivo de minha viagem, sôbre outros assuntos mais importantes, terminando como termina tôda conversa entre os homens do sertão, pelas coisas da política.

Fazia-se tarde e eu sentia que o meu interlocutor se dispunha a prosseguir; mas a rêde, essa excelente invenção dos índios, cuja comodidade e brandura tanto apreciou Mr. Georges Verbruggue, quando a bordo do navio **Marajó** na sua viagem ao Amazonas e que lhe fêz dizer que tem dom de tornar preguiçoso o mais ativo, me dispunha para o sono, e nesse estado mórbido mal respondia às perguntas que me eram feitas.

O cansaço baixava-me as pálpebras como uma placa de ferro.

Alfim, o Sr. Capitão Lourenço fitou-me um instante e, talvez para não me fazer cometer uma grosseria, ergueu-se, deu-me as boas-noites e passou à sala, tendo antes aceitado à minha insistência em querer ficar na varanda.

* * *

Bem cedo no dia seguinte já o Sr. Capitão Lourenço estava de pé, e dava-nos instruções acêrca do melhor caminho até Viçosa. (3)

Tínhamos ainda que percorrer 12 quilômetros.

Agradecida a amável hospedagem, deixamos Imbueiras, que eu sabia havia sido uma das mais importantes fazendas dos jesuítas, quando dirigiam as aldeias de índios tabajaras na Serra Grande.

Depois de têrmos contornado um grande cercado, construído de estacas plantadas transversalmente, notei que o caminho ia mudando de aspecto.

Atravessamos agora um espêsso bosque de carnaúbas, cujo solo composto de terras argilo-humíferas me pareceu o fundo de uma lagoa ou de lugar alagado, que se exaurira ao excessivo calor do sol, e pouco depois começaram de aparecer os altos, primeiros indícios da aproximação da montanha.

À medida que nos elevávamos a vegetação cobria-se de rica folhagem.

(3) — Hoje, cidade de Viçosa do Ceará.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Quase no tôpo da ladeira tive de admirar a beleza da fonte Itaguruçu, que me trouxe ao espírito vagas recordações da Província de S. Paulo.

Meus olhos cansados da aridez do deserto extasiavam-se agora diante da verdura que cobria a rocha negra.

A frescura, o murmúrio das águas, a variedade das flôres, o canto das aves enchiam de uma alegria íntima aquela encantadora solidão.

Apeei-me, banhei o rosto e as mãos, sorvi alguns goles d'água cristalina e quase que esqueci os incômodos da viagem.

Certo de que encontraria nesta terra ubérrima e de gloriosas recordações matéria de sobejo com que saciasse minha indomável curiosidade, passei adiante e entrei na cidade.

* * *

Apenas constou a Luís Januário Lamartine Nogueira, velho camarada que eu havia conhecido na Capital em 1881 quando deputado à Assembléia Provincial, que eu o procurava, veio a correr ao meu encontro, e num instante nos atirávamos nos braços um do outro.

Fui hospedado na casa vizinha, de um seu cunhado que se achava ausente, onde encontrei tôdas as comodidades.

Ansioso de ver e conhecer tudo que dizia respeito a essa importante localidade, saímos logo a percorrer a cidade.

Apesar da hora adiantada, não me incomodavam os raios de sol, por causa da amenidade da temperatura, pois que o barômetro aneróide indicava se achar Viçosa a 840 metros acima do nível do mar.

As ruas correm de norte a sul, sendo a principal a que começa numa pequena praça logo à entrada de quem vem de Itaguruçu, deixando à direita o matadouro, e vai terminar depois de mais de meio quilômetro noutra menor em frente do cemitério.

Tem quatro praças: a de que já falei, outra maior quase ao extremo da rua principal, outra ainda maior ao poente

desta onde se acha a igreja de N. S. d'Assunção, assentada na face setentrional, e outra ao sul desta.

Entre as diversas ruas, em grande parte compostas de casas antigas e acaçapadas, merece especial menção a rua de Paris, cognominada assim pelo Dr. Xilderico de Farias, quando aqui residia, em conseqüência das freqüentes desordens e rixas entre os moradores, que à semelhança do povo da capital do mundo civilizado, de um momento para outro se revolta e levanta barricadas em qualquer canto da grande cidade.

O Dr. Xilderico desapareceu de entre os vivos, mas o nome da rua ficou até hoje.

Há contudo excelentes prédios, construídos com a elegância e proporções dos da Capital, sobressaindo o sobrado do Coronel Joaquim Fontenele, com vinte metros de frente na outra rua ao nascente da principal e esquina de outra que atravessa esta e a grande praça em frente da matriz.

É feito de pedra e cal, e se não fôsse o defeito que se nota na pouca altura relativamente à largura pela perfeição do trabalho ou antes com o luxo com que o está concluindo seu proprietário, poder-se-ia dizer que não tem igual na Província.

* * *

No dia seguinte pela manhã levou-me o Dr. José Patrício de Castro Natalense até a igreja cuja tôrre e capela-mor pertenceram ao antigo hospício dos jesuítas.

Ao lado esquerdo vêem-se os alicerces do hospício e o terreno do centro revolvido narrando-me o companheiro que, em conseqüência da notícia que corria de que aquêles padres por ocasião de sua saída precipitada haviam enterrado muito dinheiro, pessoas do povo escavavam todo o recinto em procura dêsse sonhado tesouro.

Em frente se estende um grande patamar ladrilhado de cantaria, onde se desce por degraus também de pedra.

Pouco adiante está o cruzeiro que assenta sôbre imenso pedestal, que me pareceu ainda de granito.

Penetramos no templo.

* * *

Eu senti profundo respeito, parecendo-me ouvir a cada passo a voz do Padre Francisco Pinto e seu companheiro Luís Figueira, os quais depois da malfadada expedição de Pêro Coelho de Sousa neste mesmo lugar penetraram em 1607, sendo o primeiro assassinado junto do altar pelos índios Tucurujus; os eloqüentes sermões do visitador e superior das Missões do Maranhão, o célebre Padre Antônio Vieira que apareceu em 1659, voltando diversas vêzes para visitar as Missões de Ibiapaba, pelas quais se interessava particularmente, como se vê de sua **Voz Histórica.**

* * *

O templo é pequeno, e nêle encontrei pouco asseio, achando-se as paredes enegrecidas, prova de que há muito não são caiadas.

A capela-mor é separada da nave por balaustrada de jacarandá negro.

Nos ângulos onde se nota a diferença da nave e da capela-mor, encontra-se à direita e à esquerda um altar oblíquo; e no meio das portas que se abrem nas paredes laterais, na altura de três metros vêem-se uns rostos de anjos de côr natural, três de cada lado.

Observei no fôrro da capela-mor doze quadros coloridos, simbolizando diversas passagens, como Davi a tocar harpa, Daniel na cova dos leões, e outros, tendo tão vivas ainda as tintas, que pareciam acabados de pouco.

É pena que não sejam tratados com zêlo devido!

* * *

Passamos à tôrre, e ali tive ocasião de ver o animal reparando o desleixo do homem, e dando-lhe uma lição, se não de economia ao menos de respeito às coisas sagradas.

Um raio caíra sôbre a cúpula da tôrre e abrira grande

fenda, por onde as águas da chuva se escoando iam demolindo a parede até darem com ela em terra, sem que ninguém se lembrasse de amparar-lhe a queda inevitável, quando essa abelha preta, que chamam o arapuá, do gênero **Melipona**, ordem dos Himenópteros, família dos Melíferos, veio formar sua colmeia justamente na abertura feita pela faísca elétrica e impedira assim de continuar o estrago.

Aí está como um protesto à criminosa indiferença com que encaramos os esforços dos nossos maiores.

Visitando o côro, se me apertou o coração de pesar ao ver naquele mesmo lugar onde outrora cantores e instrumentistas elevavam fervorosos hinos de submissão ao Deus de nossos pais, tanta imundície e estêrco de morcêgo, que chegaria para encher cargas!

Retirei-me horrorizado.

Achando-se a pouca distância o cemitério, para lá nos dirigimos.

Êste edifício foi levantado a esforços do Rev.^{do} José Tomás de Albuquerque, quando em 1873 missionava esta região.

É pequeno, situado ao nordeste da cidade, e tem uma capelinha, que não é mais bem tratada que a igreja paroquial.

Tudo o mais em completo abandono!

* * *

Visitei o prédio provincial, cujo andar superior serve de casa de câmara, e o inferior de cadeia pública, à rua mais oriental, quase na quebrada da serra por aquêle lado.

No arquivo da edilidade descobri êstes livros velhos escritos a mão e de letra quase ininteligível, onde se acham registrados os atos do govêrno da Metrópole relativos à administração da nova povoação.

Em um notei que se referem ao ano de 1750 em diante, e dêle extraí excelentes notas, que me puseram a par da importância de que gozou esta localidade no último século.

Passando ao andar térreo, surpreendeu-me o número dos encarcerados.

Vinte e cinco indivíduos que podiam ser bem aproveitados, em vista de sua robusta constituição e vigorosa saúde, cumpriam sentença por diversos crimes!

Da conversa que com êles entretive, fiquei sabendo que apenas um ou outro sabia ler.

É sempre assim.

Onde a religião não reformou os costumes, a instrução não levantou o espírito e abrandou o coração, há de se encontrar sempre esta miséria.

* * *

À noite recebi a visita de diversas pessoas que me vinham cumprimentar em casa do amigo Lamartine.

Durante quase todo o tempo que estivemos reunidos, entretive-as com a narração de pasagens de minha viagem, e principalmente com escolhidos assuntos sôbre literatura.

Lembro-me ainda que por ter expendido idéias acêrca da total emancipação da mulher, e increpado o egoísmo dos homens que as têm privado da representação social, sendo certo que dispõem de talento, de bom senso e sobretudo de espírito econômico, capaz de dirigir-nos com mais sabedoria que os nossos políticos, valeu-me o afã com que advoguei o seu direito a simpatia das senhoras presentes, que me saudaram com entusiasmo.

Não ficou aí minha defesa a essas adoráveis criaturas, sacrificadas muitas vêzes à perversidade dos homens, que não conhecendo a grandeza de sua missão, acusam-nas de todos os males, quando só êles são os culpados por faltar com o devido aprêço à sua abnegação e às suas virtudes.

A mulher é para mim o anjo bom que encontramos no caminho da vida, e que se alguma vez se transvia, é sempre arrastado por nós; ao passo que na maioria dos casos nos impele a tudo quanto há de grande e de generoso, disse o grande mestre.

No seu coração não pode aninhar-se a maldade; esta é só própria do sexo forte, principalmente em um tempo em que

se tem perdido quase a noção do que é santo, do que é nobre, não dessa nobreza convencional, mas da que tem sua origem mais alevantada — a homenagem ao verdadeiro merecimento.

Eu não discorria pelo prazer de ser agradável, não; externava uma opinião que mantenho de há muito.

Foi, pois, bem acolhida a minha apreciação.

Fazendo-se tarde, retiramo-nos satisfeitos da ligeira reunião, que fornecera a todos momentos de agradável passatempo.

* * *

Apesar da intensidade do frio que me obrigava a ficar mais tempo no leito, ergui-me cedo pela manhã do dia 21, e dirigi-me ao monte denominado Céu, prolongamento da cordilheira que se levanta ao poente e forma o planalto onde se acha assentada a cidade.

Em meio da encosta, não me sendo possível passar adiante em conseqüência da espessura do mato, voltei-me para o lado do nascente.

Que magnífico espetáculo!

O sol, assomando na fímbria do horizonte, derramava uma chuva de ouro sôbre a crista das ondas alteradas, que formam os montes, sucedendo-se uns aos outros desde a planície de muitos quilômetros.

Foi esta uma das mais agradáveis impressões que tenho sentido em minha vida.

A côr azul, em tôda a escala de suas variedades, desde a de ultramar à de cobalto, matiza por maravilhoso efeito de luz o dorso daqueles píncaros, que se assemelham de modo admirável a ondas do oceano.

Té o sol parecia afogado num nimbo azul, tão suave se erguia aquêle globo de ouro no meio do espaço sereno, onde parecia que perdiam seus raios a intensidade ao se esbaterem de encontro à extensão anilada.

Razão de sobejo teve o Padre Vieira para denominar Viçosa — a filha do mar de pedras.

De feito, a ilusão é completa.

Dificilmente a natureza compõe panorama mais arrebatador, arranjado de cenas mais variadas, em que servem de decorção as planícies, as matas, os alcantis, a dilatação dos horizontes, a imensidade enfim repleta de atrativos!

Meus olhos extasiavam-se na contemplação de tanta beleza, estranha por certo ao fim do sertão.

A meus pés ficava a cidade com sua casaria, suas ruas e travessas visìvelmente delineadas, e à direita, no cimo, os recortes da serrania coroada de viridente vegetação, cujo verde sombrio e carregado contrastava com o azul suave que se distende em frente.

Tendo de visitar outros pontos, desci afinal do Céu, lançando ainda um olhar sôbre a cena, que tanto me havia maravilhado.

Os lugares que mais nos impressionam são como amigos de quem nos separamos e que desejamos tornar a ver.

A cidade sentada no meio do perene jardim é cercada de lindas fontes que embalam-na com o marulho de suas águas e alimentam viçosa vegetação, circunstância que talvez tenha influído para dar-lhe o nome que tem.

Itaguruçu, Caranguejo, Ramelosa, Pinga-Bananeiras, Tacaranha, Laranjeiras, Conceição, Beija-Flor, Catinguba, Careta e Aia fornecem motivo de sobejo para a mais esplêndida descrição, esta por sua natureza singela, aquela pela selvatiqueza dos seus arredores.

A principal é Tacaranha, mas agradou-me de preferência a do Caranguejo, na quebrada da serra, pela presença de abruptos precipícios, não se podendo lá chegar senão dificilmente.

As águas caem em grossas gôtas de chuva de uma altura de 10 metros, vazando de grandes pedras, em forma de cúpula que me pareceram formadas de xisto argiloso, perfeitamente cobertas de plantas aquáticas e depois de encherem dois pequenos poços artificialmente talhados no solo de uma pequena gruta, cujas paredes são sempre adornadas de lindas trepadeiras e flôres variadas, precipitam-se com canoro murmúrio através de hórridos despenhadeiros.

A qualquer hora do dia se conserva sempre frígida a água daquela fonte, e não sei se a beleza do local ou outras circunstâncias atraem para aí a maioria dos habitantes.

Como por tôda a parte onde a natureza apresenta aspecto grandioso, onde as grutas dos rochedos ou profundezas da floresta oferecem surpreendentes atrativos, a imaginação crê encontrar também nestas passagens sua fada bela e graciosa, de talhe elegante e ligeiro como o espique das palmeiras, espáduas brancas como a neve, olhos azuis como a transparência do céu, cabelos louros como nuvens de ouro, protegendo e assistindo aos montanhenses nos seus trabalhos, do mesmo modo que a fada Arie de Désiré Monnier, cuja voz suave e pura em lânguidas **stanzas** se ouve às vêzes à calada da noite.

Realmente, a poesia deve ter nascido, não da inspiração de Apolo, mas do seio da natureza virgem ao desdobrar a universidade dos seus esplendores!

Verdadeiramente admirador da natureza de Viçosa, que nada tem de comum com que eu havia visto e visitado até então, estendi mais longe o círculo dos meus passeios.

A cada passo cenas surpreendentes chamavam minha atenção.

Sem tempo para fazer um estudo mais detido das belezas naturais que enriquecem êste encantado ninho, erguido no seio dos alcantis a que é moldura esplendorosa a floresta, malgrado o adiantamento da estação outonal, eu vagava da direita para a esquerda, dêste para aquêle lado, a galgar os precipícios, a admirar a variedade de perspectivas que de qualquer parte se apresentam sempre sob nôvo aspecto.

Não mais a solidão do deserto, a tristeza das campinas, a nudez das árvores, o silêncio dos caminhos; mas o vozear constante da natureza animada, o musgo tapeçando a terra, as rochas, o tronco das árvores; a folhagem mais rica e luxuosa revestindo de alto a baixo os contornos da serrania, o rumor da aragem, o sussurro das cachoeiras, o gorjeio das aves a derramarem por tôda a parte vida, movimento e alegria!

As mais ignotas sensações nos surpreendem de contínuo quando nos afastamos alguns passos da cidade, principalmente para o lado nascente, onde surgem os grandes talhados, cuja presença infunde certo horror, tão alcantilados e rápidos são os cortes quase sempre a prumo.

Somos compensados.

Para cima e para baixo as vistas mais variadas, os contrastes mais atraentes se reunem aqui num largo espaço: sítios selvagens, imagens risonhas, abismos medonhos, veredas sombrias e cobertas de flôres.

Galgando a montanha, se passa por diversas zonas de vegetação, como se fizéssemos uma viagem através de diferentes graus de latitude.

Recolhi-me a casa, dispus o necessário para passeio mais longe no dia seguinte.

Ao alvorecer da manhã já eu estava de pé, e Tibúrcio apresentou-se disposto a acompanhar-me.

Partimos.

Tomamos direção norte pela ladeira que vai ter ao Tubarão.

Próximo à cidade o terreno é alimentado de diversos brejos, e as plantações apresentam-se viçosas, independente de qualquer cuidado.

O caminho irregularmente acidentado é sempre sombreado de grandes árvores da família das Moreáceas, ora aqui ora além.

Começamos a descer.

Diante de nós se apresentavam agora novos panoramas, em que os cones dos montes mais elevados dêste lado, mais baixos daquele, êstes de uma coloração mais alegre, aquêles mais sombria e terna pelo efeito da distância a desaparecer na linha esfumada do horizonte, produziam o mais maravilhoso aspecto.

De instante a instante eu tinha de deter o passo para deliciar-me na contemplação daquela natureza selvagem, grandiosa, cujas belezas desconhece aquêle que não galgou ainda o cimo das montanhas.

A planície cansa a vista pela presença do mesmo objetivo — a extensão; os pontos elevados, porém, arroubam-na com a variedade de suas perspectivas que são os caprichos de uma natureza vigorosa e criadora.

* * *

Continuamente eu colhia de uma e outra margem do caminho flôres de todos os matizes, de tôdas as formas, cada qual mais caprichosa, mais elegante, que pendiam da ramada das árvores.

Eram flôres de plantas leguminosas, papilionáceas, mimosáceas, rosáceas, melastomáceas, passifloráceas e outras que constituem a riqueza da flora cearense onde o botanista muito tem ainda que explorar.

Em vista da ostentação de tanta beleza me ficou a convicção de que a inflorescência das árvores destas montanhas se sucede de contínuo sempre variada, sempre esplêndida, isto é, que após as flôres da estação hibernal surgem novas igualmente lindas, próprias da outra estação.

Adiante apresentou-se-nos do lado esquerdo um imenso talhado, largo e sombrio donde surgiam hastes de árvores da família das Sapotáceas, que mediam cêrca de 25 metros de altura.

Alguém que no descuido ali se precipitasse, dificilmente voltaria com vida.

São estas desigualdades do solo que formam o belo horrível das montanhas.

O povoado do Tubarão apareceu-nos afinal entre os montes, e pelas curvas da ladeira ora se apresentava à nossa direita, ora à nossa esquerda, ora em frente.

* * *

Embaixo Tibúrcio chamou a minha atenção para o lado direito.

O joão-de-barro (**Furnarius rufus**), passarinho vermelho, gritador dos **Anabatidae**, bem conhecido entre nós, construíra

seu forno ou casa no braço direito de uma grande cruz que se erguia a poucos passos da estrada, e no outro braço chamava em estridente gargalhada o par querido, que respondia no mesmo tom a correr com passo cadenciado para êle.

É uma avezinha santa, diz Tibúrcio; trabalha nos dias úteis e não consta que alguém a tivesse visto ocupada nos domingos.

Eu mesmo já tenho feito reparo, e afianço que guarda os dias santificados.

Um camponês que passava na ocasião confirmou o fato.

Ao rir-me de tanta ingenuidade, Tibúrcio formalizou-se e procurou convencer-me da religiosidade do alegre tenuirrostro que nada tem de grave.

Vá com vistas aos modernos ornitologistas, já que não encontrei nada igual nos compêndios de Dumeril, Meyer, Illiger, Temminck, Vieillot, Lherminier, Lesson, Gray, nem ao menos no de Audubon que se ocupou especialmente dos pássaros da América.

Pelas 8 horas chegamos ao Tubarão.

* * *

É um povoado insignificante a 12 quilômetros de Viçosa, tendo apenas algumas casas de um e outro lado da estrada, que formam aí uma espécie de praça, em cujo centro se acha uma capelinha mal construída.

Fui informado de que o pequeno sino que se vê do lado de fora sob um telheiro, viera daquela cidade, e havia sido fundido ali mesmo ao tempo em que dirigiam as Missões os padres jesuítas.

Assentado entre montes num terreno mais ou menos acidentado, a presença das carnaúbas dá-lhe certo ar alegre; mas o que o torna mais pitoresco é a côr branca das telhas.

Vistas de longe fazem lembrar as edificações mourescas, cujos tetos deslumbram aos raios do sol.

* * *

Do proprietário da casa que enfrenta com a parede da igrejinha pelo lado de leste para onde me dirigia a fim de descansar um pouco da fadiga da viagem, soube que não longe do povoado existia uma rica mina de cobre.

Ardendo em desejo de visitar sem demora a jazida do valioso minério, exigi informações mais completas a respeito dela, e fiz chamar o guia que nos conduzisse aos arredores de Ubari, cêrca de três quilômetros.

O guia não se fêz esperar, e tendo prestado notícia mais minuciosa sôbre a riqueza da mina, pusemo-nos a caminho.

De longe apareciam os cabeços negros das rochas de Ubari, que se estendiam para o lado de noroeste.

Paramos ao fim de 40 minutos ao pé da mina que o nosso guia não cansava de exagerar a opulência, repetindo de quando em vez que àquele lugar já havia conduzido diversos visitantes.

Realmente, quebrada a camada exterior da pedra, que é formada de xistos argilosos, vê-se uma substância verde irregularmente disseminada na massa, que talvez determinasse as fáceis clivagens que obtivemos.

A matéria verde assemelha-se a essa mistura de hidrato e de carbonato de cobre que pela ação do ar úmido ou dos líquidos acidulados, forma-se na superfície dos objetos feitos dêsse metal, e para mim, conquanto não me fôsse possível servir-me na ocasião do instrumento de Antonie Schwab, desenvolvido por Berzelius e Plattner, proposto em vista de métodos práticos seus por Kobell e Scheerer, cujo processo é preferível nas análises qualitativas ao da via úmida, fornecendo ainda resultados mais seguros que o estudo das formas cristalinas, da densidade, etc., não havia dúvida que se encontraria aqui mais ou menos minério de cobre.

Tendo feito colhêr alguns fragmentos da rocha, retrocedemos, reservando-me para prosseguir as experiências na cidade de Viçosa, onde ia submetê-los à ação que o fogo e os diversos reagentes fizessem sôbre os minerais.

* * *

Adiante, quase ao sopé da ladeira, nos abrigamos à sombra de uma frondosa begoniácea, enquanto aliviávamos do excessivo calor do sol e nos dispúnhamos para o trabalho da subida.

Apenas sentado, levantei-me incontinenti levado pela curiosidade de observar o fenômeno do cipó de chumbo (**Cuscuta americana**), essa planta herbácea, para assim dizer sem fôlhas, de hastes longas e filiformes, gênero da família das Convolvuláceas, de que se conhecem hoje para mais de 40 espécies e que vicejava não longe de mim.

Ela se enlaçava com seus mil braços aos ramos de um arbusto, como faz a serpente **boa** à sua prêsa.

O arbusto morrera em conseqüência da sucção da seiva por aquêle terrível parasita.

Enquanto as mais plantas trepadeiras conservam-se enraizadas no solo onde nascem e tiram daí sua nutrição, a Cuscuta, ao contrário, depois de ter germinado na terra, dela se desapega e deixa aparecer as raízes que ali havia lançado.

Tirava seu alimento do vegetal a que se abraçara e sôbre êle fizera penetrar seus inúmeros sugadores ou raízes, matando-o completamente, e como não havia outro arbusto próximo, onde pudesse encontrar o sustento preciso, estendia suas hastes para prender-se ao solo.

O espaço que percorre o voraz parasita se torna estéril e não deixa em tôrno de si senão destroços e solidão.

* * *

Em presença daquele curioso vegetal eu refletia sôbre os motivos que levaram Mr. Riccardi, de Modena, a pretender ter provado que os movimentos de que diversas plantas são dotadas demonstram uma espécie de instinto.

Como exemplo temos a **Valisneria spiralis**, a **Mimosa pudica**, o **Desmodium gyrans**; mas o que sobremodo me surpreende no estudo dessa parte da natureza é a voracidade das plantas insetívoras.

Charles Darwin no seu **Insectivorous Plants**, prova que há vegetais que capturam e dissolvem os insetos em sua secreção análoga ao suco gástrico do homem, e que dêles se servem como de um alimento.

Na Inglaterra, Francis Darwin, filho daquele, e na Alemanha, Ch. Kellermann e Von Raumer, têm feito inúmeras experiências sôbre a **Drosera rotundifolia**, e chegaram à conclusão de que as que eram cultivadas com alimentos animais, cresciam melhor, eram mais robustas, mais fortes do que as que eram privadas dêles.

O sábio Dr. Hooker é desta opinião, e na sua **Memória**, lida à Secção de Zoologia e Botânica da Associação Britânica em Belfast, diz que tendo colocado pedaços de carne crua e môscas sôbre as fôlhas da **Drosera longifolia**, minutos depois estas se haviam dobrado do vértice para o pecíolo, e os enrolara completamente, ao passo que experimentando também substâncias minerais e fragmentos de greda sêca, etc., as fôlhas se conservam sem movimento.

* * *

A **Drosera** é uma herva bianual notável pela estrutura de suas fôlhas.

Êstes têm o pecíolo alongado, na extremidade do qual se acha o limbo, que forma duas espécies de lóbulos meio ovais, bordados de longos cílios e cheios internamente de glandulazinhas e entremeadas de pequenos pêlos em extremo irritáveis.

Logo que o inseto pousa sôbre os lóbulos, atraídos sem dúvida pelo líquido que exsuda das glândulas, imediatamente êstes se contraem e o inseto fica prisioneiro, não se abrindo depois senão quando o imprudente é morto.

O Dr. Eichler na sua **Monografia** nos apresenta 13 espécies, quase tôdas de Saint'Hilaire, que as colheu em Minas e em São Paulo.

* * *

Estas considerações levaram-me a pensar em outra curiosidade menos importante do mundo vegetal, referida por Mr. Eduard Morren ao Congresso Botânico de Bruxelas em 1877 — a nutrição das plantas aéreas.

Para examiná-la, Mr. Ed. André dirigiu-se propositalmente a Liège, e visitou a estufa daquele notável horticultor, maravilhando-se diante da esplêndida inflorescência das numerosas Bromeliáceas e Tillândsias, suspensas por arames e tratadas como plantas aéreas, sem outro alimento mais que as emanações espalhadas por um pedaço de carbonato de amoníaco colocado a um canto da estufa.

Êstes e outros caprichos que de dia em dia se manifestam na família do **Miraculum naturae**, como se expressou o pai da botânica, o imortal Lineu, quando estudava uma **Dionia**, me impressiona sempre, muito embora eu saiba que certas Crassuláceas da África (**Crassula rochea**), os Ficóides ou **Mesembryanthemmums**, certas Asclepidiáceas, **Stapelias**, e outras plantas cada qual de flôres mais lindas, mais esquisitas, não necessitam de terra para vegetar, pois que é a atmosfera quem as faz viver.

Elas decompõem o ar para dêle tirar os princípios indispensáveis ao seu desenvolvimento.

* * *

Depois de quase 30 minutos de demora, prosseguimos a viagem serra acima, ora pela estrada, ora nos desviando pela mata, onde a cada passo encontrava eu motivos para admirar a riqueza da Ibiapaba.

Por ali cresce e floresce em larga zona o Jaborandi (**Ottonia jaborandy**) (4), quase sem proveito, quando em França se faz esforços para aclimar essa utilíssima rutácea, destinada a tomar lugar importante na farmacopéia, e lembro-me de ter lido algures que já prospera vantajosamente nos jardins de Mr. Mazel em Golfe-Juan.

Andando sempre de um para outro lado, a ramada das

(4) — **Pilocarpus pinnatifalius**, Lem.

árvores nos resguardava dos raios solares, e nesta meia sombra passavam esvoaçando junto a nós lindos lepidópteros dos gêneros **Papilio**, **Heliconia** e **Morpho**.

A cada passo novos motivos de estudo e meditação me detinham aqui e ali no meio da mata, e pouco atendia que o dia descambava para seu fim.

Eu imaginava o que não deveria ser a vegetação de Viçosa animada das chuvas do inverno.

Nos lugares onde um veio d'água alimenta constante verdura, que mimo, que graça no arranjo da paisagem, que alegre desordem na configuração das fôlhas, que caprichos na variedade das flôres, de tôdas as formas, de todos os matizes!

A vista acha aí doce sensualidade em esvoaçar como a borboleta de uma para outra mais delicada, mais formosa, desta azul para aquela côr-de-rosa, detendo-se mais nas labiadas que nas infundibuliformes, mais nas Crucíferas que nas Papilionáceas, mais nas Umbelíferas que nas Liliáceas, nas floculosas mais que nas radiadas.

Eu me dava por bem pago dos incômodos de um passeio a tais horas, saboreando prazeres que dificilmente oferece a natureza em outra parte.

Trazia as mãos cheias de curiosidades que iriam me entreter por longo tempo, e que satisfariam a insaciabilidade de um naturalista.

Digo, sem mêdo de ser contestado, que a nossa flora, apesar dos progressos da botânica que tem classificado para mais de 600.000 plantas conhecidas, contém ainda inúmeras espécies novas.

Em casa, examinando mais detidamente as pedras que trouxera da mina Ubari, de sob o martelo saltou-me um pedaço de cinco centímetros que numa fenda apresentava um fragmento de cobre em estado nativo de dois centímetros de comprimento. (*)

Eu não me havia enganado.

(*) Desta amostra da rica mina de pedra-verde fzi presente ao Exmo. Dr. Caio Prado.

* * *

Sôbre a origem de Viçosa consta que foi esta localidade a primeira visitada da Província, pois que tendo obtido Pêro Coelho de Sousa autorização do governador-geral, Diogo Botelho, para fazer a conquista das terras que se estendiam do Ceará ao Parnaíba, partiu da Paraíba em 1603 com 65 soldados e 200 índios, e ali chegou em 20 de janeiro de 1604; mas não podendo resistir aos assaltos dos indígenas instigados pelo francês Mombille, se retirou para a foz do Pirangi, depois Ceará.

Pêro Coelho conseguiu dominar tôda a chapada da serra da Ibiapaba. (5)

Depois, em 1607, os jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira saíram de Pernambuco com uma escolta de quarenta índios, concedida pelo mesmo governador, encaminharam-se à Ibiapaba, e encontrando a mesma resistência, foram assassinados não só os seus companheiros como até o Padre Pinto na ocasião em que celebrava o Santo Sacrifício da Missa.

O Padre Figueira escapou à morte por ter fugido a tempo. (6)

Depois do período da guerra dos holandeses, em que êstes influíram sobremodo no espírito dos selvagens desta zona, os jesuítas do Maranhão intentaram chamá-los à fé e vieram missioná-los.

* * *

(5) — Estudos posteriores, mais à vista de novos documentos, fazem certo que Pêro Coelho venceu os franceses de Mombille, fazendo alguns prisioneiros. Rumando, então, ao Parnaíba, não pôde prosseguir até o Maranhão porque os seus foram contrariados pelos seus soldados. Voltou ao rio Ceará e aí fundou o forte de S. Tiago, no local em que, mais tarde (1612), levantou Martim Soares Moreno o fortim de S. Sebastião.

(6) — Sôbre essa viagem dos dois jesuítas muito se há escrito. Paulino Nogueira, na **Rev. do Instituto do Ceará**, v. 18, p. 5, publicou substancioso trabalho a respeito. Outro, do Barão de Studart, saído em **Tricentenário da Vinda dos Portuguêses ao Ceará**, Fort., Tip. Minerva, 1903, p. 47, deve ser lido como segura orientação. Mas a **Relação do Maranhão**, de autoria do próprio Luís Figueira, é a mais autêntica fonte de esclarecimentos de aludida expedição. (Acha-se transcrita na **Rev. do Inst. do Ceará**, v. 17, p. 97; e em **Tricentenário** referido, p. 93.)

Viçosa chamou-se outrora aldeia Ibiapaba, e em 7 de junho de 1759 foi elevada a vila sob a denominação de Vila Viçosa Real e criada comarca separada de Granja por Lei n.º 912 de 20 de agôsto de 1859.

Vinte e três anos depois foi elevada a cidade por Lei n.º 1.994, de 14 de agôsto de 1882.

Tem duas aulas primárias, uma para o sexo masculino e outra para o feminino, ambas regularmente freqüentadas.

Quanto às suas rendas não corresponde à importância de que goza, porquanto o ano passado arrecadou apenas a estação provincial a quantia de 4:865$488 réis, soma diminuta relativamente a muitas de inferior categoria.

* * *

Dos dados que extraí dos velhos registros notei que já gozou de grande importância esta localidade, ao tempo em que aqui residiam os jesuítas; pois que rendia à Câmara Municipal anualmente mais de três contos de réis, e se abatiam por dia 20 reses para o consumo da população.

Dos bens deixados pelos padres da Companhia, como eram conhecidos os jesuítas, parte passou para a Coroa, e parte, como a fazenda da Tiaia, ficou patrimônio da matriz.

Esta, segundo fui informado, consta apenas de terras, porque os gados foram vendidos em bem do respectivo administrador.

Constituía bem do santo, e não sabendo êste reclamar o seu direito, perdeu tudo.

Faz isto lembrar o que se deu há anos com Santo Antônio dos Pobres, que se venera na Bahia.

Um gatuno penetrou na igreja, roubou o rico chapéu do santo e deixou-lhe um de palha velho com o dístico: "Quem é pobre não tem luxo!"

* * *

Com alguma dificuldade descobri o lugar onde se ergueu em 1759 o pelourinho, a que assistiu o Governador Bernardo Coelho da Gama Casco.

Ficava na pequena praça a leste da igreja-matriz, pouco além da casa de Inácio Correia.

Vila Viçosa Real mantinha um corpo regular de tropas, e gozou de certa importância até o princípio dêste século.

* * *

Na cidade existem diversos estabelecimentos comerciais bem sortidos, e nos arredores excelentes propriedades rurais que produzem em abundância cereais, cana, fumo e café.

Se mais não são aproveitadas suas terras, a razão está na falta de consumo em conseqüência da dificuldade de transporte, obrigando aos plantadores a restringir a área de suas colheitas.

Poucos dias antes de minha chegada aqui, transpunha a serra um locomóvel fabricado nas oficinas de Breval, em Paris, que se destinava ao serviço da fazenda do negociante João Benício Beviláqua.

Montado sôbre quatro rodas, ao aproximar-se da cidade, os condutores deitaram fogo a uma pouca de palha depositada na caldeira, de sorte que expelindo grossa coluna de fumo, atravessou as ruas aquela marca de progresso, sendo saudada por todos que se empenham pelo engrandecimento da terra do berço.

Foi um dia de contentamento geral, e que deveria marcar para a localidade uma época de prosperidade.

Cabe agora a outros imitarem o exemplo do ousado negociante, e pelos meios aconselhados pela moderna agricultura substituírem a rotina do cultivo e amanho das terras, que lhes traz perda de tempo e dinheiro.

Não sei se será crível esperar rápido desenvolvimento para Viçosa, quando o homem reflete que desde seu começo a êle se opõe o gênio selvagem da população.

Um filho da Ibiapaba é como um montenegrino: não sabe andar sem trazer à mão uma espingarda e no quadril a longa faca de mato.

Não me lembro de os ter encontrado desarmados.

O sangue dos Tabajaras que lhes corre nas veias talvez concorra para que de quando em quando se reproduzam nesta região as cenas de barbaria dos seus antepassados.

O Padre Francisco Pinto abre a extensa lista dos mártires que têm caído ao choque do punhal dos sicários.

Pelo tempo adiante, outro ministro de Cristo, o Padre Filipe Benício Mariz, é esbofeteado pela índia Dionísia, mulher de Custódio Pinto, e depois de sofrer as mais revoltantes afrontas, obrigam-no a deixar a freguesia que regia como vigário.

Logo depois, no meio da pequena praça que extrema a cidade pelo lado do sul, o Padre Martiniano José Valcasso é assassinado bàrbaramente, e ainda hoje se aponta ao visitante o lugar onde ensopou o terreno o sangue do desditoso sacerdote.

Sem descer a minuciosidades sôbre outros crimes menos importantes, mas revestidos de negras côres, avulta logo entre os mais horrorosos a matança de Taperacima.

Ao correr do ano de 1848, Vicente Alves Ferreira dos Santos, feitor da fazenda dêste nome pertencente ao Dr. Lima, habitava uma grande casa de taipa coberta de palha, situada num alto à direita da estrada que vai a S. Pedro de Ibiapina, da qual distava uns 170 metros.

Taperacima pertencia ao distrito de S. Pedro, têrmo de Viçosa, e ficava ao sul desta vila cêrca de 48 quilômetros mais ou menos.

Tendo-se indisposto com José de Alencar Sousa, mais conhecido por José Brilhante, natural da serra do Martins, e com o Tenente-Coronel Joaquim Inácio Pessoa, feitor da fazenda Jaguarapinima do Senador Paula, vieram êstes a Viçosa denunciá-lo como criminoso e conseguiram da autoridade competente ordem de prendê-lo.

De volta de Jaguarapinima mandou o tenente-coronel notificar guardas, e tendo reunido 85 pessoas, acompanhado de José Brilhante e do Oficial de Justiça Gonçalo Pereira da Costa em a noite de 11 de março dêsse ano pôs cêrca à casa de Vicente Alves.

Não querendo êste abrir a porta, fêz vir ao lugar da diligência o Major João da Costa e Silva e o feitor da fazenda Jaguaruna, do Dr. João Fernandes Barros, geralmente conhecido por Barrinhos, um e outro amigos íntimos do denunciado, para que o convencesse de se entregar à Justiça.

Ambos compareceram sem demora, e quando exortavam ao amigo que se deixasse prender, José Brilhante fêz fogo sôbre Barrinhos que caiu imediatamente morto; e como o major o exprobrasse dêsse ato de barbaridade, é atravessado por outra bala e expira ao lado do companheiro de infortúnio.

Em seguida deitam fogo à casa, acompanhando ao incêndio os gritos, os insultos dos canibais sedentos de sangue.

Nessa dolorosa emergência, saem fora Vicente e o pardo Inácio que com êles se achavam na ocasião, e atirando sôbre os que lhes tomam a frente, procuram salvar-se, correndo em busca da mata que limitava uma pequena ladeira à direita da casa.

Inácio é morto logo, e Vicente caído mais adiante, acabam os sicários de matá-lo a facadas.

As chamas iluminavam com seu sinistro clarão aquela cena de horror em que várias vêzes mais se tem excedido a perversidade humana.

* * *

Assoma sôbre os crimes o crime de Tabatinga.

Tabatinga — essa tragédia de ódio e vingança, de sangue e ferocidade, sem igual talvez na história da humanidade pela série de peripécias cada qual mais horripilante que a compõem!

Que homem de coração não velará a face de vergonha ao ouvir a narração da pavorosa carnificina, praticada no último quartel dêste século da ciência e do progresso, diante da qual parece que desaparecem por insignificantes as crueldades cometidas por Antônio Gasperoni, famoso bandido de Terracine e Lagoas Pontinas; por Wutchklo Paulowitcho, célebre salteador da Bósnia; por Stenk Razin, o terrível pirata do Volga!

* * *

Pelas duas horas da noite de 6 de outubro de 1878, Francisco Gonçalves da Costa, vulgo Juriti, ajudado dos filhos, genros e outros, assaltam a propriedade do Major Inácio José Correia, levando a ferro e a fogo tudo que encontram.

Aos golpes e às balas caem D. Ana Maria Correia, espôsa do Major Correia; Francisco José Correia, filho do mesmo, de 23 anos de idade; Maria da Natividade Correia, filha do mesmo, de 15 anos; Itelvina, idem, de 9 anos; Maria do Carmo, idem, de 5 anos; Joana, criada, de 18 anos; Manoel de Freitas, criado, de 18 anos; Feliciana, idem, de 6 anos; Manuel, idem, de 6 anos; Honorato, idem, de 2 anos; Quitéria Correia, sobrinha do mesmo major; Antônio, idem, de 5 anos; Francisca, idem, de 3 anos; Antônio Ferreira Barros, que veio em socorro, de 38 anos; Pedro Ferreira Barros, idem, de 36 anos; Manoel, idem, de 46 anos; José Duarte, idem, de 25 anos; um menino, de nome Macário, que ali se achava casualmente, de 8 anos; Florêncio, idem, de 5 anos; e saem feridos, João José Correia, outro filho do major, de 21 anos; Elias Antônio da Rocha, que ali pernoitava, de 55 anos, e Vítor de tal, de 40 anos.

Escapou da horrível hecatombe o Major Correia, porque apenas foi a casa assaltada, sua senhora, com um crucifixo nas mãos, e as filhas, de joelhos, lhe pediam fugisse enquanto era tempo, persuadidas de que só por êle sofreriam qualquer violência

Engano manifesto e doloroso!

Correia cede afinal, e auxiliado por dois filhos, saiu furtivamente pelos fundos para o mato próximo, donde pouco depois viu arder a casa com os entes que lhe eram mais caros!

Que cruciante espetáculo para o coração de um pai!

Imagine-se àquela hora da noite o estampido dos tiros, o vozear da turbamulta desenfreada, as súplicas e gemidos dos feridos, as imprecações e ultrajes dos facínoras, uns a trucidarem as vítimas, outros a acumularem matéria com-

bustível para o incêndio, e no meio das labaredas as contrações musculares de dezenove criaturas inofensivas.

Edgar Poe, com todo o arrôjo de sua imaginação extraordinária, não seria capaz de inventar, de conjecturar sequer nada mais bárbaro, mais selvagem que a hecatombe da Tabatinga!

* * *

A êste acontecimento, sempre revoltante, se prende uma enfiada de fatos criminosos de parte das autoridades desta cidade, que não cabe aqui expendê-los; mas que um dia a história com a inexorabilidade de Lucius Brutus ou Joseph Amberg, Landammann de Schwitz, há de lançar à execração do universo os nomes daqueles que morreram tàcitamente ou aplaudiram tão horroroso morticínio.

O lema do moralista inglês há de ser cumprido em tôda a sua inteireza sem que preciso seja se alterar a ordem na natureza: **Let the justice be done, though the heaven fall.**

* * *

Volvo à página negra da história de Viçosa para fazer lembrar que esta terra é berço de Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa, o môço general, bravo em Corrientes, herói em Riachuelo, que ilustrando o seu nome em repetidos feitos de armas nos pampas do Paraguai ilustrou ainda mais o nome querido da Pátria!

Era um espírito cultivado e bravo militar, que delineava bem um plano de batalha, como discorria com vantagem sôbre qualquer assunto científico, e tinha na palavra fácil e fluente a magia com que sabia colorir a conversação acêrca dos objetos mais áridos e insignificantes.

Seus compatrícios não compreenderam a grandeza daquele coração, e malgrado a funda mágoa que o acompanhou até os últimos dias, seu nome será sempre uma glória nacional.

Tive o prazer de ver o lugar onde veio à vida o laureado soldado, e talvez tivesse percorrido com o mesmo afeto os sítios que lhe foram de predileção na meninice!

* * *

Esta cidade reclama ainda para si a glória de ter visto nascer em seu solo o índio Poti, um dos heróis da guerra holandesa, o célebre Antônio Filipe Camarão.

O Comendador Antônio Joaquim de Melo contesta a Francisco Adolfo Varnhagen a honra de ser êle natural do Ceará, e fá-lo filho ilustre de Pernambuco; Pereira da Silva dá-lhe por pátria a Paraíba, e se bem que Aires do Casal o tenha como nascido nesta Província, não há hoje a menor dúvida que era do Rio Grande do Norte.

Antônio Potiguaçu, mais tarde Antônio Filipe Camarão, era de nação petiguar, e os Petiguares habitavam o terreno compreendido entre os rios Paraíba e Apodi.

O mapa do **Livro da Razão d'Estado** (7), de Diogo de Campos Moreno, autor do **Jornal do Maranhão**, e tio e tutor de Martim Soares Moreno, designa e até descreve a aldeia de Camarão próximo da antiga vila da Extremoz, hoje extinta, tendo por nome Iguapura ou Igapó, à margem da lagoa Guajeru.

Com o que a respeito dêle escreveu Diogo Moreno, naquela obra, está de acôrdo a narração do Padre José de Morais, coevo e testemunha ocular de muitos fatos ali mencionados; é confirmado pelo Padre Fernão Guerreiro nas suas **Cartas Ânuas**, e ainda pelo Padre Antônio Vieira na **Relação da Missão da Serra da Ibiapaba**.

Da narração de José de Morais vê-se que o grande cacique foi batizado solenemente na sua aldeia a 22 de fevereiro de 1612.

---

(7) — Mais precisamente — **Livro que dá razão do Estado do Brasil**, divulgado em edição crítica, com Introdução e Notas de Hélio Viana. (Publicação do Arquivo Público Estadual de Pernambuco, Recife, 1955.)

Não consta que o Camarão (Antônio Filipe) tivesse passado do estabelecimento português nesta Província e das aldeias vizinhas.

* * *

Refere a tradição que, quando em 1840 se achava a passeio nesta cidade o presidente, Francisco de Sousa Martins, enchera de considerações e favores a Tomás Ribeiro de Sousa, índio abastado e a êsse tempo suplente do juiz municipal, que se dizia bisneto de Camarão.

Pode ter acontecido; mas o que ninguém com critério sustentará mais hoje é o êrro de ter nascido aquêle chefe petiguar na Serra Grande.

É fácil de admitir-se que para aqui tenham vindo descendentes seus, como para Missão Velha, a primeira povoação do vale do Cariri, vieram descendentes de Caramuru.

É por certo gloriosa a terra que produziu o bravo Poti, a quem de muito reclamam por filho as Províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande e Ceará, como outrora sete cidades da Grécia disputaram a honra de ter sido o berço de Homero.

Esta glória, infelizmente, não nos pertence; provou de sobejo o erudito Senador Cândido Mendes.

* * *

O que não deixa de impressionar ao viajante, que tem atravessado o sertão, é o tipo das mulheres da Serra Grande, geralmente agradável pela brancura da pele, colorido das faces e sobretudo pela delicadeza das formas, quando de origem mais ou menos pura.

Acredito que para isso influa a doçura do clima, a amenidade de temperatura, ainda no vigor da estação outonal, que não faz senão acender mais a côr rósea da cútis e anilar a íris dos lindos olhos.

Em geral por aqui se encontram na classe baixa caracteres distintivos da raça americana, hoje quase extinta na Província.

Vi homens que, pelo talhe musculoso, pele avermelhada, cabelos duros, longos, em extremo negros, face larga, óssea, olhos quase oblíquos, barba pouca e endurecida, denunciam nos restos dos primitivos habitadores do território cearense.

Informou-me pessoa competente que entre êle há ainda quem saiba palavras e até frases do dialeto de seus maiores, e que de quando em vez descem à cidade, verdade é que instados, para o fim de executar sua dança favorita — o **torém**.

Nessa dança todos tomam parte, e fazem uma longa cadeia que se dobra e desdobra engenhosamente, e são os volteios sempre acompanhados de cantos, batendo cada um em certos intervalos com o pé no solo de modo regular e cadencioso.

Os coreógrafos Dupré Noverre e Castil Braze, se a tivessem conhecido, com que entusiasmo não enriqueceriam de cenas interessantes a arte de Tabourot!

Viajando-se, diz Mr. de Bonnstetten, apercebe-se ruínas de costumes como se observa ruínas de edifícios.

Aquêles espetáculos fazem volver a imaginação aos séculos passados.

* * *

Foram-me oferecidos fragmentos de louça grossa, trabalho de tempos remotos encontrado em uma escavação não longe da cidade, que pela espessura, pelo pêso e configuração me pareceu pedaços de urnas, nas quais era costume enterrarem os índios seus mortos.

Entre as raridades que por aqui se encontram, nota-se uma cadeira de recôsto à Luís XIII, como as que se vêem nas velhas gravuras de Abraham Bosse, que pertenceu aos jesuítas e hoje à família do Sr. Vicente Magalhães, a qual tem na sola do dorso entre as insígnias daquela ordem, em baixo-relêvo, as letras IHS.

É deveras um objeto de muita valia, que nem por isso lhe dá grande aprêço o atual possuidor.

* * *

Não passou despercebido para mim o hábito de trazer o povo ordinàriamente tamancas.

Mesmo entre as pessoas abastadas algumas observam a regra geral.

Explica-se essa usança talvez pela necessidade de evitar-se a umidade, principalmente pela manhã em que o rocio da noite aperola a relva das ruas.

En cada tierra su uso!

* * *

Tendo percorrido encantadoras avenidas, trepado às cumeadas revestidas de viridente vegetação, transposto desfiladeiros mais ou menos perigosos, visitado as mais aprazíveis vivendas dos arredores, colhido variados espécimes de rochas, que indicavam sua formação em terrenos secundários, se bem que assentadas sôbre gnaisse, ricos em feldspato e mica, que revestem quase tôda a Província mais ou menos à superfície do solo, dispus-me afinal a partir e continuar a minha peregrinação.

A 25 de outubro, tendo-me despedido da família do amigo Lamartine, de quem havia recebido provas de consideração e aprêço além do meu merecimento, pusemo-nos em caminho para S. Pedro de Ibiapina. (8)

Eu mantinha resolução de visitar a célebre Gruta de Ubajara que se abre no dorso da serra pelo lado do nascente, embora me fôsse preciso descer ao sertão.

Faziam-me a honra de acompanhar até certa distância os senhores Major João Severiano da Silveira, irmão do sempre lembrado General Tibúrcio, um seu filho do mesmo

(8) — Hoje, simplesmente Ibiapina.

nome, o Dr. Castro Natalense, o comandante da fôrça policial destacada, Tenente Prazeres, e o bondoso Lamartine.

Eram 6 horas da manhã.

Por entre nuvens côr-de-rosa e gaze deslumbrante o astro do dia assomou no horizonte, derramando cascatas de luz por sôbre a extensão lânguida e entorpecida.

Do verde-escuro passavam as árvores ao verde-gaio com tons côr de ouro, e do lado oposto o fundo do firmamento parecia que mais se carregava de azul.

Por tôda parte a criação se expandia num doce sorriso, que se traduzia pelo rumorejo da brisa na ramalhada, pelos cantos alegres das aves meio ocultas na sombra dos arvoredos, pelo aroma inebriante das flôres que desdobravam as corolas intumescidas aos primeiros beijos do sol, pelas harmonias do regato que vai além contando as lendas da montanha, pelas vozes, pelos rumôres, pelas alegrias enfim de todos os sêres nessa hora de expansibilidade, de regozijo, de gôzo do acordar da natureza.

Ao lado dos meus distintos companheiros eu via pouco e pouco desaparecer e entre os mantos de verdura que revestem as faldas da serrania, a cidade de Viçosa, e descendo e subindo altos de decline mais ou menos suave, prosseguíamos quase sempre abrigados pela sombra das árvores.

* * *

famos a conversar em altas vozes, apreciando os formosos panoramas que se desenrolavam diante de nós, ora dêste lado, ora daquele, quando de repente, tomado de entusiasmo, saltei do cavalo embaixo.

Os companheiros voltaram-se admirados da velocidade dos meus movimentos, e riam dos esforços que eu fazia para apanhar flôres, que esplendiam como estrêlas no cimo de uma moita de viridentes arbustos, a que se emaranhavam viçosas lianas.

Eram esplêndidas passifloras.

Apesar de ter lido o que a êsse respeito escreveram

Pfeffer, Bentham, Decaisne e Maxwel Marters, parecia que eu tinha diante de mim uma espécie desconhecida.

Notável pela beleza de suas pétalas coloridas de vermelho escarlate, aroma agradável, a flor era dominada por uma coroa de bela côr purpúrea até dois terços de sua altura, terminando em um lindo azul-celeste.

Analisando minuciosamente os cinco estames, os três estigmas craviformes, a coroa de estaminóides, eu recordava que talvez por causa da estrutura alegre dessas flôres foi que o historiador espanhol Pedro de Cieza julgou ver nelas representados todos os instrumentos do suplício de Jesus Cristo.

George Gardner que herborizou muito tempo no Crato, que percorreu grande parte da serra do Araripe, que classificou a passiflora especiosa, talvez não tivesse conhecido esta variedade.

Com pouco chegamos a Tabatinga.

* * *

Eu estava no teatro do maior e mais horroroso crime praticado neste século!

Via com os meus próprios olhos até que ponto pode chegar a perversidade humana.

Transposta a cancela da fazenda do Major Correia, à esquerda da estrada, encontra-se a poucos passos o montão de ruínas da grande casa que ali existiu.

O fogo devorou tôdas as madeiras e os restos carbonizados atestam os estragos das chamas.

Em vez do ruído, da vozes, das alegrias de um local habitado, o silêncio apenas interrompido pelo gemido do vento nas fôlhas das árvores, que se erguem ao perto com o aspecto de cipreste sombreando um túmulo!

* * *

Como devia ser lutuosa aquela cena, que só Egbert van der Poel seria capaz de reproduzir na tela com a mesma fide-

lidade com que representou o incêndio da casa de um camponês em Roterdam, em que o vago das côres, a incerteza das massas afastadas, a indecisão das formas, o perfil negro do edifício desmoronando ante os sinistros clarões, a profundeza do espaço, a cúpula negra do céu, tudo contribui para tornar mais desolador êste monumento da escola holandesa!

Já li **Os Grandes Incêndios,** de Maxime Petit, e se bem que a imaginação se apresente sempre aterrada diante de tanta devastação, não encontrei nenhum que despertasse a indignação como obra de selvageria.

Eu estava profundamente impressionado, e acredito mesmo que ninguém será capaz de visitar êsses destroços, sem sentir certa comiseração do infortúnio alheio.

Há uns cinqüenta passos dali mais ou menos fica do outro lado da estrada a casa do autor dêste feito.

É pequena e de má construção.

* * *

Depois de alguma demora regressaram à cidade os companheiros; eu e Lamartine continuamos a viagem.

O caminho por aqui vai sempre conservando o mesmo aspecto até Coatiguaba, onde o terreno se deprime profundamente em conseqüência do riacho dêste nome, que recebendo àgua de diversos brejos do distrito de Barrocão, se precipita no vale do lado do nascente e se lança no Itacolomi, que por sua vez vai engrossar o Coreaú.

Coatiguaba é um local aprazível.

Aqui residiu em princípio dêste século o Ouvidor Luís Manuel de Moura Cabral, e da casa que lhe pertenceu, encontram-se ainda os alicerces.

Devia ter sido homem de fortuna avaliando-se pelos restos das construções ainda existentes à esquerda da estrada onde se vêem lindas e robustas gameleiras (**Ficus** sp), que, como tive ocasião de verificar, não são das classificadas por Von Martius, mas de espécie diferente.

* * *

Referiu-me um amigo, velho respeitável, que tendo ido Luís Manuel visitar o Coronel Simplício, da Paraíba, fôra por êste tratado com grande estima e mimoseado com ricos presentes, e que por ocasião de se retirar prometeu àquele milionário pagar-lhe a visita no ano seguinte.

Luís Manuel não esperou pela realização da promessa, e para não ser surpreendido pelo hóspede, incômodo que o viria obrigar a despesas excessivas, dispôs-se de tudo e mudou-se.

Outros entendem que a sua retirada foi motivada pela necessidade de esconder um tesouro que extraíra de um poço, onde se supõe ali o haviam atirado os jesuítas.

A primeira versão talvez seja verdadeira, principalmente para quem sabe com que luxo, com que ostentação vivia o Coronel Simplício.

A tradição o tem como um homem mais extraordinário, mais rico que o herói do célebre romance de Dumas.

* * *

Vencido o alto fronteiro, com pouco começávamos a atravessar terrenos completamente diferentes.

A vegetação muda de aspecto.

Já se não vêem os indivíduos gigantes da flora das montanhas, mas arbustos fracos e enfezados da zona do litoral; rareia a mata, vastos lençóis de areia branca estendem-se pela estrada afora, a extensão se aplaina como em uma campina, a verdura que vinha colorindo os contornos e pontos elevados, súbito se transmuda em côr pálida e amarelenta relebrando a esterilidade do deserto, a paisagem se desnuda de atrativos e só domina agora a luz quente e dourada do sol a esplender como um dilúvio de chamas.

Eram 9 horas.

Deixando um instante a estrada, tomamos outra à direita, e depois de 15 minutos de marcha me apresentou Lamartine

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

a **pedra-fina**, curioso monólito de natureza granitóide, que serve de pouso aos comboieiros.

Tem a forma de um pião perfeitamente arrendondado, liso, inacessível, de 14 metros de altura mais ou menos, montado sôbre uma pequena pedra, que excede a base cêrca de 60 centímetros em redor, e oferece de todos os lados cômodo assento.

A base pode ter quando muito cinco metros de circunferência.

Há em tudo rigorosa simetria.

Pode-se muito bem aí passar a chuva ou se abrigar dos raios do sol.

Os viajeiros encostam ao cume hastes firmadas no solo, e nelas suspendem as rêdes, onde descansam abrigados de qualquer incômodo do tempo.

Dir-se-ia que lhes ampara gigantesco guarda-chuva.

Tendo demorado alguns instantes no exame dêsse colosso, que ali permanece isolado, como benéfica guarida em meio do deserto, partimos a galope.

Pouco depois nos apeávamos à porta do Sr. Manuel Francisco de Aguiar, no povoado do Barrocão. (9)

* * *

Barrocão consta de poucas casas em quadro e tem uma pequena capela não acabada.

Se bem que não seja ainda freguesia, é local populoso, e sua importância se verifica do número de reses que diàriamente se abatem para o consumo público.

Situado no meio de diversos brejos, com terrenos apropriados ao plantio de cereais e cana, nota-se que dispõe de recursos próprios, e tanto assim é que, durante o flagelo de 1877 que devastou a Província, acolheu e manteve imensa população do sertão que aqui veio pedir agasalho.

---

(9) — Cidade de Tianguá.

No entanto, vivem os habitantes como se fôssem segregados de Viçosa, privados até dos socorros da religião.

Se tivesse fáceis meios de transporte, êste distrito assinalaria sem dúvida a sua proeminência sôbre outros pontos mais populosos, porquanto férteis são os seus terrenos e o povo é extremamente laborioso.

* * *

Mais que os obséquios que me havia dispensado o Sr. Aguiar, eu agradecia o presente de um lindo periquito (**Psittacus** sp), dêsses que vivem nos trabalhos da serra, e que diferem dos que habitam o sertão.

Parece que não se ausentam dos lugares de seu nascimento, e têm horror ao clima quente, razão por que nunca os encontrei senão nesta região.

É realmente uma ave formosa.

Cobre-lhe a cabeça uma faixa purpureada, rodeiam-lhe os ouvidos sinais brancos, o resto do corpo é de um verde-escuro e sob as asas as penas refletem puro azul.

Não me lembro de ter visto classificada esta espécie.

* * *

Pelas 5 horas da tarde deixamos Barrocão, fazendo-nos companhia até 12 quilômetros além os Srs. Aguiar, Teófilo Ramos e David Portela, que me penhoraram com sua amabilidade.

Tencionando visitar a Gruta de Ubajara, deixamos a estrada de Ibiapina, e tomamos um caminho à esquerda em direção ao nordeste.

Os terrenos próximos ao povoado são sensìvelmente acidentados, e nos baixos sobremaneira regados por imensos arroios.

Por tôda a estrada domina sempre a verdura das plantações, de cana principalmente, e de instante a instante éramos surpreendidos por lindas perspectivas que se abriam diante de nós.

O céu enternecia-se às côres do crepúsculo sempre triste nos lugares montanhosos, e pouco e pouco a sombra estreitando os horizontes envolvia a extensão.

Paramos; era preciso separar-nos.

Despedi-me dos companheiros e apertei ao coração o bom Lamartine, significando-lhe em algumas palavras o meu reconhecimento à sua lhaneza, à sua inexcedível amabilidade, à sua preciosa amizade.

* * *

Eram quase 8 horas quando cheguei a casa de Anastácio Ferreira de Sousa, onde eu devia passar a noite, conforme as instruções que dera o Sr. Aguiar a um seu vaqueiro que me servia de guia.

O Sr. Anastácio recebeu-me com agrado, fêz-me os mais lisonjeiros oferecimentos, mas me referiu que Cesário Gomes Coutinho, seu inimigo, mandara-lhe dizer que nesta noite viria-lhe incendiar a casa.

Ficamos perplexos a olhar um para o outro.

Que fazer?

Regressar a Barrocão era difícil àquela hora; descer a ladeira de Jaguarapinima era impossível em conseqüência dos saltos perigosos e hórridos despenhadeiros.

Resolvi ficar.

Reuni os filhos, sobrinhos e jornaleiros do Sr. Anastácio, que com os meus arrieiros perfaziam o número de 13 homens, armei-os do melhor modo possível e tracei o plano de defesa disposto a velar até o despertar do dia.

De quando em vez me acudiam à mente as cenas de Tabatinga.

O estrago devia ser maior, porquanto a casa, embora grande, era coberta de fôlhas de palmeira.

De revólver à cinta, como Heimdall da mitologia escandinava, guarda da Valhala, e encarregado de vigiar que os gigantes assaltassem a morada celeste pela ponte de Brefrost (arco-íris), nessa ocasião parecia que eu tinha os sentidos do

ouvido e da vista dispostos com a mesma perceptibilidade e delicadeza, de sorte que ouvia crescer a erva dos prados, acompanhava com o olhar um pequeno inseto perdido no espaço, distinguindo-lhe as articulações das patas, e seria capaz até de ouvir-se mover um átomo e no mais profundo das ondas assistir ao consórcio das mônadas.

* * *

Contou-nos o Sr. Anastácio a causa da ameaça de que receava ser vítima.

Fôra ter êle, à requisição da autoridade policial, feito parte da escolta que prendera um filho de Cesário, acontecendo ainda que escapara miraculosamente ao tiro que êste lhe desfechara no ato de se avizinhar de uma janela da casa.

Finalmente, nada nos veio interromper, e embora descambasse a noite para seu têrmo, apesar da fadiga que me dominava, eu não podia resignar-me a dormir.

Que noite longa e medonha!

Pouco depois os primeiros sinais da alva assomaram no céu, e logo após uns clarões côr-de-rosa dissiparam pouco a pouco os pesados nevoeiros.

Com o aparecimento da manhã cessaram os meus receios; eu tirava um pêso enorme de cima de mim.

Respirei então livremente.

Sem mais demora fiz aprestar as cavalgaduras e procurei pôr-me fora dali.

Partimos.

O Sr. Anastácio com os seus parentes caminhavam ao nosso lado para o fim de nos auxiliarem na descida da serra.

Dentro em poucos minutos chegamos ao tôpo da ladeira de Jaguarapinima, donde a estrada se precipita com rápido declive.

Na larga superfície que me caía debaixo da vista, notei que em muitos lugares a montanha termina em aprumados despenhadeiros.

* * *

Confirmei então a idéia que eu fazia de que a Ibiapaba pelo poente se prolonga com insensível abaixamento para o lado da Província do Piauí, e pelo nascente é alcantilada e quase cortada a pique.

Dir-se-ia que abatera dêste lado, visto como o escarpamento mostra o solo formado de camadas horizontais de espessura e natureza variáveis, do mesmo modo por que se compõem os terrenos estratificados que se desagregaram abruptamente da outra parte.

Aquêle fenômeno está contìnuamente a oferecer ao geólogo motivo de reflexão e estudo.

Quando algum dia fôr êle aprofundado por homens da fôrça intelectual de Labéche, d'Omalius, Lyell d'Archiac, Gaudry, e outros, talvez que se confirme essa idéia que a muitos parecerá extravagante.

Todo o solo da Província é de origem primitiva, dominando por tôda a parte o granito, o porfírio e o calcário não disposto em estratos, e o contrário dá-se na Ipiapaba que é de formação secundária, onde abundam os fósseis, e esta mesma está assentada sôbre rochas não tanto sedimentárias quanto eruptivas.

Quando se aventou a opinião de que o primeiro solo formado havia sido o da América, predominando a razão de que as espécies quando apareciam no Antigo Continente já haviam desaparecido do Nôvo, alvoroçou-se a ciência, abriu-se mais amplo o campo das investigações e hoje se ainda não se chegou a um resultado favorável, sustentam-na no entanto notabilidades científicas, que acabarão por triunfar.

Tudo isto, muito fora do plano de ligeiras notas de viagem para dizer que pode acontecer ter eu dito uma verdade sem ser profissional, mais aceitável do que a do geólogo americano Withney em querer provar a descoberta de crânio humano no pliocênio da Califórnia.

* * *

Arreamos as malas e começamos a descer o precipício, carregando cada homem um volume.

Eu mesmo tive de me apear com mêdo de descer mais ràpidamente do que pretendia.

Poucas vêzes deitei os olhos para baixo, onde o abismo parecia que me atraía.

Notei, no entanto, que a vegetação até a base da ladeira é forte e vigorosa, em conseqüência talvez da natureza do terreno que a alimenta.

O Sr. Anastácio, como afeito montanhês, muito de propósito tocava o cavalo que montava e se atirava abaixo de um a outro salto, como chamam os obstáculos que apresentam as pedras que não puderam ser quebradas e embaraçam com sua saliência o caminho.

Êste ora pendia para a esquerda até a borda do talhado ora para a direita, mas amparado pelas árvores, formando irregulares ziguezagues.

Depois de cêrca de 30 minutos tocamos a planície.

Aliviei afinal da pressão que me pesava sôbre o coração.

* * *

Levou-me o Sr. Anastácio a casa de seu pai, pardo velho que havia servido no exército para mais de 30 anos, e que aqui vive isolado como os anacoretas na antiga Tebaida.

O velho, depois de perguntar por alguns militares que haviam sido seus comandantes, deu-me instruções acêrca do caminho a seguir até Furnalhão, onde eu devia descansar.

Tendo agradecido ao Sr. Anastácio a boa vontade com que se prestara a me auxiliar na perigosa descida, pus-me a caminho, contornando a serra em direção ao sul.

Pelas 10 horas apresentou-se-me Furnalhão, pequeno povoado com algumas casas espalhadas irregularmente na planície, e que dispõe de excelentes terrenos, visto como naquele tempo continham bastante água diversos poços quase ao lado das casas, nos quais é alimentada porção de cana em larga extensão.

Pertence êste povoado à freguesia da Palma.

* * *

Uma carta de recomendação para o Sr. Raimundo Carneiro Portela me alcançou bom acolhimento, e sob seu teto achei-me perfeitamente à vontade, descontando a noite não dormida da véspera.

Quando despertei às 3 horas, comunicou Tibúrcio haver morrido, em conseqüência do excessivo calor do sol, o lindo periquito que eu trazia da serra.

Foi uma grande perda para mim.

Eu tinha pressentimento de que trazia uma variedade da família dos Psitacídeos, ordem dos **Zigodactylos**.

Quando o afavaga, muitas vêzes me acudia à mente que se o Padre Latreille em 1793 deveu a liberdade a Bory de Saint Victor em conseqüência de um pequeno inseto (**Necrobia ruficollis**) que encontrou nos muros de sua prisão, eu em falta de bem maior podia ao menos me regozijar ao ver mais um nome classificado no cômputo geral das coleções zoológicas do Museu Nacional.

A pobre avezinha não pudera resistir a quatro horas de sol e expirara não longe da pátria!

* * *

À tarde dei ordem a Tibúrcio que me fôsse esperar no Araticum, e com o Sr. Carneiro nos encaminhamos à gruta que tem o nome do povoado, a três quilômetros ao poente, que por falta de atrativos nem por isso deixa de ser freqüentemente visitada.

Em distância já domina à frente da serrania, de côr plúmbea erguida como um muro, cujos cimos abertos em delicados recortes, dão ao lugar imponente perspectiva.

Próximo à entrada cresce uma gigantesca leguminosa, o bálsamo (**Myrospermum erythroxylon**), que de diversas incisões feitas na camada cortical vertia aromática resina.

Penetramos na gruta.

Consta ela de uma espaçosa galeria de seis metros de largura sôbre quatro de altura mais ou menos, que se prolonga em terreno plano numa extensão de 25 metros até

encontrar o rochedo no fundo, com grande orifício irregular por onde penetra a luz.

O teto conserva a mesma altura.

De um e outro lado partem corredores que se perdem além em completa escuridão, sendo de notar que o da esquerda, pela configuração das formas que levanta o calcário, parece que termina num cemitério.

A quatro metros da entrada à direita pròximamente ao muro, uma gameleira, cujo tronco não podemos abraçar, subiu comprimindo-se naturalmente até penetrar no teto com a largura de 10 centímetros, e atravessando assim cêrca de 12 metros de rocha, surge em cima e com sua ramagem coroa os recortes da serrania.

É realmente curiosa a ascensão da árvore; pois que no teto da gruta apenas se nota um traço imperceptível que dificilmente se pode supor a fenda, por onde passou aquela frondosa urticácea.

* * *

Fazia-se tarde, e antes que escurecesse conduziu-me o Sr. Carneiro ao Araticum, apresentando-me ao velho Norberto Ferreira Gomes, tão chão quanto delicado, que me recebeu com prazer.

Passei uma noite agradável.

Ao outro dia, mal despontava no oriente a luz indecisa da alvorada, e ainda escondidos na ramada das árvores ensaiavam os passarinhos as primeiras notas dos seus dulcíssimos garganteios, eu deixava a rêde armada a um canto da varanda da frente, e do lado de fora enleava-me em assistir ao esvaecimento sutil e gradual dos negrores da noite.

A profunda sonolência da natureza substituía agora um rumor vago, prolongado, harmonioso, que se aumentava à medida que os fulgores da aurora dissipava as linhas esfumadas de vapôres do horizonte.

Doce claridade surgiu ao fim matizando de lindas côres os páramos azuis.

A manhã vinha esplêndida, e sob o véu ligeiro com que

a sombra noturna encobria ainda os pontos longínquos, no plano oposto, sentia-se uma suavidade indefinida, reflexos argentinos, tons de nácar, tôda essa gradação de deslumbramentos adormecidos no mistério do claro-escuro, que só Corregio sabia decorar o fundo das suas telas.

* * *

O Sr. Norberto não se fêz esperar, e conforme havíamos acordado na véspera, apareceu-me seguido de dois filhos, que traziam os preparos indispensáveis para o passeio a Ubajara.

Sem mais demora pusemo-nos a caminho.

Contìnuamente amparados pela sombra de robustas mimosáceas, leguminosas, terebintáceas, begoniáceas, e outras árvores frondosas, atravessamos terrenos mais ou menos acidentados, e tivemos de transpor dois regatos, que rolavam suas águas cristalinas com ruidoso murmúrio.

Tendo andado pouco mais de um quilômetro me mostrou o meu guia os restos de antigos fornos, que em tempos idos serviram a exploradores empenhados no serviço de mineração.

Ainda se vêem por aqui vertígios de profundas escavações.

Pouco adiante, onde o terreno se abate em conseqüência da passagem de um largo riacho, descobre-se o semicírculo que descreve a montanha cortada a prumo, com exceção de uma parte à esquerda, que, no entanto, é de difícil ascensão.

É nesta encosta que se acha a gruta.

* * *

Começamos a subir e ao cabo de 15 minutos tínhamos vencido dezenas de metros.

A entrada fica a mais de meia altura, quase escondida por trás de grandes árvores.

Com algum esfôrço, agarrando-nos às arestas das pedras, alcançamos o primeiro plano, espécie de vestíbulo abobadado

de pequenas dimensões, cujas paredes se acham revestidas de centenares de nomes de visitantes, entre outros alguns estrangeiros.

Não tem forma de porta, mas de uma fenda de dois e meio metros de altura com largura irregular.

* * *

Antes de penetrar o misterioso recinto consultei meu relógio que marcava 7 horas, tomei na carteira os apontamentos necessários, e notei que a abertura na rocha fazia frente para o norte.

À direita alonga-se estreito corredor, que se deprime no centro para elevar-se no extremo, direção leste, sôbre grossa camada de nitro ou azotato de potassa, que os naturais extraem o sal cristalizado pela decoada das terras impregnadas e pela concentração das lixívias.

Em frente forma a rocha uma espécie de janela, que aclara a massa salitrosa e todo o intervalo até encontrar com a fenda da entrada em nível mais baixo.

Encontra-se ainda ali junto ao orifício uma grande pedra deitada sôbre as outras, e com o vértice pendente, que, vibrada por qual instrumento, produz sons metálicos mais ou menos fortes, como os de um sino.

* * *

Tendo de prosseguirmos a excursão nas profundezas da rocha, o Sr. Norberto fêz acender os archotes, que êle, os filhos e dois homens meus haviam trazido, e eu nesse momento, se bem que tivesse o maior desejo de examinar as belezas que se iam patentear a meus olhos, sentia-me no entanto dominado de ignoto terror.

Para tranqüilizar-me, afirmavam os companheiros que até êsse dia não havia notícia de se ter encontrado animal de espécie alguma no subterrâneo, nem mesmo morcegos que costumam se ocultar nos lugares êrmos e escuros.

* * *

Passamos adiante, observando eu na face da pedra, que nos ficava à direita na passagem do pequeno compartimento para outro maior, a figura de uma âncora feita de tinta verde, que, soube, fôra com outras traçadas em 1861 pelo Dr. Gabaglia para servir de baliza aos visitantes.

Súbito se nos apresentou um largo espaço, a sala da rosa, onde os extensos corredores, as sombras profundas fazem poderoso contraste com a beleza regular, a harmonia suave das concreções brancas e transparentes, que a luz dos archotes lhes dá contínua agitação.

De todos os lados cintilações de ouro, brilhos de pedras preciosas, o que há de mais deslumbrante no irradiar das constelações exaltam a imaginação e transportam-na às habitações das fadas nas **Mil e Uma Noites** ou às fantasias de Ariosto.

* * *

As estalatites revestem as mais estranhas formas.

Aqui, colunas esbeltas, ricas de ornatos, de uma tenuidade e de uma delicadeza que nada tem que invejar aos mais finos marfins chineses, e que fariam o desespêro de Froment Maurice, Henri d'Arfè, Wechte e do próprio Bevenuto Gelini; além, tapeçarias estendidas em longas odulações que simulam ligeiras nuvens, franjas caprichosas flutuando como se fôssem cortadas em mármore branco, massas indecisas, isoladas, agrupadas, que nas paredes lembram cascatas sùbitamente congeladas; no teto, uma imensa rosa a esplender a beleza de suas pétalas, sôbre as quais se poderia dizer derramara o orvalho rutilantes pérolas, e contìnuamente a luz, penetrando nos espaços que medeiam estas formações sedimentárias, aumenta a transparência dos finos rendilhados, dos nítidos lavôres, das filigranas mimosas.

Diante destas maravilhas sentia-se amesquinhado; para qualquer parte que volvesse os olhos, me pareciam que surgiam dos muros, pilares, volutas, nervuras, balaústres, florões, todos enfeites enfim da arquitetura medieval.

* * *

Ao sair desta sala, a gruta prolonga-se declinando cada vez mais o terreno para o interior, e vai sempre apresentando as mesmas belezas, os mesmos fulgores, outras configurações não menos caprichosas, não menos pitorescas, não menos variadas, que nos surpreendem a cada passo.

À proporção que o solo baixa de nível, o teto se eleva até perder-se de vista nas alturas insondáveis.

A luz, que dos fachos se derrama pelo espaço a destacar os fantásticos relevos, é de uma suavidade indiscutível, dir-se-ia ligeiramente azulada.

Uma poeira de chuva que mal se apresente dá ao recinto agradável temperatura, e parece que faz aumentar a irradiação das arestas de uma infinidade de diamantes engastados nas paredes, que se alternam do branco puro à côr do café com leite.

À direita, em um intervalo despido de incrustações, se vêem nomes de diversos visitantes no meio dos quais o do Padre Manuel de Medeiros, depois bispo de Pernambuco, que ali o escreveu em 1855, e que se conserva tão fresco, tão perfeito como se fôra deixado na véspera.

Por tôda parte morno silêncio, mas não tão profundo como na gruta de Maëstricht, onde a extrema porosidade da pedra faz que pouco se ouçam as palavras e o som dos passos não cheguem aos ouvidos.

Dá-se aqui o contrário.

A voz tem inflexões tão agradáveis, é tão doce a sucessão e simultaneidade dos sons, tão delicioso o ruído produzido pela vibração sonora das palavras, tão ritmada a doçura da fala, que mais de uma vez senti-me transportado a mundo desconhecido.

Um filho do Sr. Norberto, vendo que eu me surpreendia de admiração ao ouvir aquela música estranha, puxou de uma rabeca que trazia e tocou alguma coisa de sua invenção.

Tudo que eu havia ouvido de melhor, de mais recomendável na ciência harmônica, nas produções dos grandes

mestres parecia monótono e dissonante diante desta melodia profunda, arrebatadora, inebriante, que nos associa, para assim dizer, aos gozos celestes que nos faz assistir antecipadamente aos esplendores e delícias da eternidade.

Os deslumbramentos que de todos os lados nos fascinam, as harmonias que contìnuamente nos embalam e nos extasiam, dão ao lugar um caráter especial, um ar fantástico e misterioso.

Momentos há que não nos recordamos do passado, não sabemos onde nos achamos e receamos que não deixem ficar ali para sempre.

Parecia que me achava na gruta de Loc, entre os anões, no meio da riqueza e suntuosidade do seu magnífico palácio, onde a pena fascinadora de Anatole France faz aquêle rei apresentar aos olhos da encantadora Abeille tudo o que há de mais luxuoso e atraente pelo preço, pela raridade, pela beleza; cofres cheios de ametistas, esmeraldas, berilos, topázios, rubis, jacintos, euclasas, turquesas, opalas, granadas, que ao contacto das mãos expelem rutilantes faíscas, um mundo enfim de fascinação e encanto.

* * *

Depois de mais de duas horas de marcha, em que por tôda parte me assaltava ao espírito motivo de admiração e surprêsa, chegamos à margem de pequeno regato, cujas águas puras e cristalinas aparecem e desaparecem na rocha fronteira.

Do outro lado do riacho se abate a abóbada e quase beija o solo, não se podendo passar além senão curvado em conseqüência da estreiteza da fenda.

Todos os visitantes chegam até êste ponto, que no entanto dista da estrada 1.444 metros, segundo medição escrupulosa que fêz o Sr. Norberto.

Referiu-me êste senhor que o único homem que se atrevera a intrometer-se na fenda e que por lá se demorara havia sido o Dr. Justino Domingues da Silva, atual diretor da Instrução Pública.

O que viu, o que encontrou nesse recinto, não me soube informar.

Até próximo ao riacho é impossível medir a altura do teto, donde a água cai em chuva fina e sutil como um nevoeiro.

Examinei com atenção as águas do riacho e mesmo os pontos adjacentes e nada encontrei que denunciasse a existência de animais, como os da caverna de Adelsberg, na Corintia que os naturalistas designam com o nome de **Proteus**, e que o químico Humphry Davy tomou por lagarto, tendo no entanto os movimentos do peixe e os olhos tão pequenos como o da toupeira; os **Cyprinodons**, peixes cegos das grutas de Mammouth, no Kentuky, onde vivem também rastos de uma espécie similar do tamanho de coelhos, grilos enormes, amarelos, que não saltam, não cantam, mas se arrastam como sapos; lagartos manchados de prêto que têm grandes olhos fora da testa.

Nada, absolutamente nada, e as águas sempre límpidas, sempre puras e se escoarem com brando e suave arruído!

* * *

Sendo quase 12 horas, tivemos de voltar, visto como se extinguiam as luzes dos archotes e os nossos estômagos reclamavam algum alimento.

Eu me dava por bem pago do meu trabalho, e admirando sempre as belezas que decoram aquêle palácio encantado, os mágicos efeitos que produzem, as concreções calcárias, a brancura das paredes, o azul do ambiente, a reverberação dos cristais, os caprichos da natureza prendendo ao teto largos panos de extensas cortinas rematadas de flocos de ouro, as figuras elegantes que formam as estalagmites, os magníficos festões enredando-se às colunas caneladas de puro mármore, a suave harmonia dos tons, ficou-me a certeza de que nenhum desenho seria capaz de dar uma idéia satisfatória de semelhantes vistas.

Acredito que Alexandre Dumas e Félix Mendelssohn

tenham motivo de sobejo para engrandecer a riqueza e majestade da gruta Azul, no Gôlfo de Nápoles; Penckoucke se extasiasse ante a maravilhosa harmonia que tira o vento remoinhando nas colunas basálticas da gruta de Fingal na ilha de Staffa, uma das Hébridas; que Philéas Collardeau admirasse os clarões avermelhados que iluminavam a gruta de Han-sur-Lesse, cuja disposição produz curiosos efeitos de acústica; que Hutchings diga não terem encontrado linguagem ou comparações para dar uma idéia de magnificência da caverna de Alabastro na Califórnia; o que afianço é que Ubajara prende a atenção do viajante com a ostentação de sua grandeza, vislumbres de sua arquitetura de cristal, transparente delicadeza dos arabescos calcários, elegância das colunas esbeltas, finas, cobertas de tênues relevos com as maravilhas, enfim, que ferem profundamente a imaginação.

Ao chegar à sala da rosa tomamos outro corredor à esquerda, no fim do qual com surprêsa minha vi se apresentar de púlpito, recortado de lindas colunas brancas, polidas, cintilantes, miraculosamente cinzeladas e cercadas de bordaduras leves e caprichosas, que semelham os arabescos de Alhambra, das quais se desprendiam faíscas fosforescentes.

Parece que a natureza tem empregado extremo zêlo na formação destas jóias mimosas.

Aqui debuxa-se fantástico relêvo, ali a ilusão é perfeita de que o céu resplende sob um dilúvio de fogos e por tôda parte o ouro tremeluz em palhetas, em filigranas, em flôres, em estrêlas, em farfalhas, de um modo impossível de descrever.

Surgimos afinal do lado de fora apesar do prazer que sentia em contemplar tanta magnificência, tanta beleza, inebriou-me sobretudo tornar a ver a luz do sol, a imensidade do céu límpido e azul!

* * *

No vale, circulado de altas muralhas de rochas, numa área de muitos quilômetros, ficam as escadas de Ubajara velha, dos Macacos e da Catarina, por onde sobem e descem

os habitantes dos pontos circunvizinhos, que dela se servem com o fim de evitar a distância das ladeiras nos extremos do semicírculo.

Estas escadas são construídas de hastes emendadas umas às outras, encostadas à pedra, e têm os degraus presos por fortes cipós.

Olhar sòmente do alto para o fundo do despenhadeiro faz eriçar os cabelos e escurecer a vista de tenebrosa vertigem; entretanto os montanheses estão tão destros nesses caminhos, que vão e vêm indiferentemente muitas vêzes carregados como há bem pouco tempo aconteceu subir um levando a ombro um gordo vitelo.

Apesar do perigo para as pessoas não habituadas àquele sistema de locomoção, em 1868 o Senador Leão Veloso, desejando visitar a gruta de Ubajara, desceu pela que dá acesso para o Jacaré (10), pequeno povoado na chapada da serra.

Em presença dessas armadilhas, eu refletia que tudo vai do costume e duma certa dose de coragem com que se deve munir o ginasta; pois que na Suíça homens e mulheres se servem dêsse meio para se transportarem à aldeia de Albinen, a 1.300 metros de altitude, na margem esquerda do Dala.

* * *

À esquerda da gruta surge no cimo da rocha um cabeço negro com a parte oriental pendente de grande altura, onde se vêem duas pequenas saliências, que os moradores chamam Caboclo Pendurado, em razão da semelhança que têm aquelas pedras finas com o tronco e pernas de um homem.

Conta-se que um desgraçado andando por ali a caçar, escapara do alto, e estando ainda amolecida a rocha, ficara para sempre prêso pelas mãos, e que em noites do mês de novembro o rochedo do suplício resplende como coroado de coruscante auréola.

(10) — Cidade de Ubajara, assim denominada em virtude da Lei n.º 1.279, de 24 de agôsto de 1915.

Em caminho para casa, narrou-nos o Sr. Manuel Francisco Gomes, filho mais velho do Sr. Norberto, que um indivíduo traído pela iluminação sobrenatural e cantos celestiais que partiam daquele ponto para lá se encaminhara e penetrou em um imenso templo, onde o havia deslumbrado a suntuosidade das decorações, a riqueza dos móveis, a profusão das luzes e mil objetos de uma magnificência desconhecida.

Um grande pássaro negro guardava a entrada, mas que se revestindo de coragem ao transpor o limiar, cedera êste a passagem, atirando-se no espaço com medonho estrépito.

No salão fôra recebido por uma mulher jovem e formosa, engrinaldada de flôres aromáticas, trajando longo manto de finíssima gaze, que lhe envolvia ligeiramente as formas polidas e corretas, a cujos meneios dir-se-ia que a luz iluminava-lhe as carnes, produzindo uma transparência côr-de-rosa, que contrastava harmoniosamente com as ondas de ouro dos longos cabelos.

Alguma boa fada transportada das Gálias! Melusine, Urgele ou Morgane, por exemplo!

Ela murmurava palavras misteriosas de uma doçura inefável, que enleavam com a harmonia das esferas, o arrulho das rôlas ouvido na extrema da floresta, o bater de asas das sílfides no silêncio de uma noite de luar, o cicio da brisa ao cair da tarde nas frondes da carnaúba.

Malgrado a incompreensibilidade daqueles sons maravilhosos, nem por isso deixou de inebriar-se de afagos, de contentamento, de enlêvo, de gôzo, de fascinação enfim.

Não durou muito esta fase de felicidade.

Pela meia-noite, sentindo que se extinguiam lentamente as luzes, que as últimas notas da música divina morriam além pela abóbada das galerias, o corajoso sertanejo vem fora, corta uma fôlha de palmeira, que coloca ao lado da porta para indicar dali em diante o templo dos seus amôres, e foge precipitadamente protegido pelas trevas da noite.

No outro dia ainda sob a agradável impressão das delícias da véspera, voa ao lugar querido, percorre todos os arredores,

encontra a fôlha emurchecida, mas nem o mais leve vestígio de fenda na pedra!

Ela se conserva silenciosa e fechada como um túmulo.

* * *

Tomamos caminho diverso à direita, vindo sair ao riacho que corre a poucos passos da habitação do Sr. Norberto, onde sentados sôbre as pedras da margem, descansávamos um pouco, enquanto chegavam os outros companheiros.

Não longe de nós, na barranca fronteira, mostrou-me o Sr. Norberto uma pedra pequena, partida ao meio, com a abertura com o lado ocidental mais estreita, e referiu-me que oito dias antes, naquela fenda, uma onça (**Felis onça**) prendera um queixada (**Dicotyles labiatus**), dando-se ali luta terrível entre o voraz carniceiro e o valente paquiderme.

A onça guardava pelo lado mais largo o corpo do queixada, que tinha apenas livre a cabeça, sôbre a qual assentava a pata esquerda, e tantas vêzes fazia movimento para o dilacerar, quantas êste lhe atirava golpe com a afiada dentadura.

Após longa peleja sem resultado para nenhum dos contendores, chegaram afinal parentes seus, que derribaram a onça a bala, fugindo o porco sem o mínimo incômodo.

Por ocasião de se tirar a linda pele da pintada, como a esta espécie chamam os homens do sertão, notou-se que havia ela recebido três grandes talhos, sendo um na parte superior do pescoço, de 18 centímetros de extensão.

Quando chegaram os homens ao lugar da luta conheceram logo a vantagem do queixada, por causa da sua posição amparada pelas paredes da pedra e viram que a onça tinha a cabeça voltada para o lado direito, como se estivesse com mêdo de sua prêsa; de sorte que se continuasse por mais tempo aquêle desesperado combate, teria o agressor de cair sob as armas do agredido.

* * *

Às 4 horas deixamos o Araticum e continuamos a contornar a serra por terrenos mais ou menos acidentados, onde de quando em vez nos apareciam apenas pequenas zonas cobertas de viçosa mata, como oásis no meio da sequidão e tristeza dos sertões.

Aqui e ali se encontram poços, que são formados pelas águas que descem da montanha.

O Sr. Norberto tomara o incômodo de acompanhar-nos até a distância de 12 quilômetros, e ao deixar-nos deu as necessárias informações acêrca do rumo que devíamos seguir.

Separei-me com saudade do bom velhinho.

Com pouco atravessamos Urucu, lugar fresco situado numa meia colina, cuja vegetação robusta e variada não pude deixar de admirar.

Umas goiabeiras (**Psidium guayaba**), que crescem à beira de um córrego, mantêm caules de uma altura extraordinária.

Poucas Mirtáceas na nossa zona tinha eu visto mais frondosas e de desenvolvimento mais gigantesco.

* * *

A sombra da serrania alongava-se no vale e aumentava a tristeza da tarde.

Para não sermos surpreendidos pela noite, tivemos de acelerar a marcha.

Dentro em poucos minutos começamos a subir a ladeira de S. Pedro ou da Muamba, como a denomina o povo.

Aberta em terreno de argila vermelha até mais do meio, e daí em diante em terreno de argila branca, vêem-se da base, apesar da rapidez de sua inclinação, as curvas dos ziguezagues perdendo-se numa altura interminável.

Tínhamos vencido quase metade da distância com grande esfôrço das cavalgaduras, que estacavam de instante a instante, quando caiu a noite, tão profunda, tão cerrada que não me lembro ter presenciado mais espêssa escuridão

Concorria para aumentar o horror daquela hora a sombra das grandes árvores que margeiam a estrada.

Mais em cima, diante dos saltos desesperados, atiram as cavalgaduras as malas ao chão, e foi preciso que os arrieiros as transportassem com excessivo trabalho até quase à cumeada.

Eu maldizia interiormente tão horrível travessia!

Quarenta minutos depois descansávamos ao fim da vila de Ibiapina dos incômodos que a mais tormentosa viagem nos havia causado.

* * *

Situada no ponto mais elevado do planalto da Ibiapaba, a 72 quilômetros da cidade de Viçosa, Ibiapina é uma pequena vila de 32 casas de telha e 72 de palha, edificadas em muitas partes separadas umas das outras.

Tem uma espaçosa praça, no centro da qual se acha a igreja-matriz, templo excelente e bem conservado que foi erigido no mesmo lugar da casa de oração da Companhia de Jesus que a construíra ao tempo em que missionavam os índios desta parte da serra.

É circundada pelas ruas da Câmara, do Carvalho, da Estação telegráfica e de Miguel de Melo, estendendo-se as duas primeiras de nascente a poente e as outras duas de norte a sul.

Por detrás da primeira corre a de Miguel Soares onde se encontram os melhores prédios, porém de construção baixa e acanhada.

Em conseqüência da falta de argila apropriada ao fabrico do tijolo e da telha, em geral os habitantes se servem de tijolos crus e cobrem as casas de fôlhas de palmeira, mesmo no quadro da matriz, que é a parte mais importante da vila, sendo por isso expressamente proibido nas festas o uso de foguetes.

Na parte sudoeste está situado o mercado que consta de pequenos compartimentos, onde se acham os estabelecimentos comerciais, quase todos em pequena escala, e ao outro extremo, ao norte o cemitério público, que foi, como o de Viçosa, levantado pelo Rev.^{do} José Tomás de Albuquerque.

Pôsto que Ibiapina não atinja as proporções daquela cidade, sua vizinha, prova contudo que tem se desenvolvido regularmente, pois que há 10 anos, continha apenas três casas de telha e 30 de palha.

Criada vila por Lei n.º 1.773, de 23 de novembro de 1878, e freguesia pela de n.º 1.979, de 9 de agôsto de 1882, faz parte da comarca de S. Benedito.

Forma um distrito de paz, com dois policiais, sendo o segundo no Jacaré, a 12 quilômetros da vila.

Êste povoado, que pouco antes de minha passagem por aqui fôra quase inteiramente devorado por um incêndio, acha-se hoje reparado e floresce, devido ao impulso que lhe tem dado o negociante de Sobral, José Lopes Freire.

Tem duas escolas primárias, uma para o sexo masculino e outra para o sexo feminino, ambas regularmente freqüentadas.

A coletoria das rendas provinciais arrecadou o ano passado a soma de 3:411$088 réis.

O fio telegráfico atravessa a vila e deixa aqui uma estação, que a põe em comunicação com o resto do Império.

Sua população é calculada em 1.000 habitantes e a do município em 9.000.

* * *

Acêrca de sua fundação nada se sabe ao certo senão que foi povoada pelos índios no tempo da catequese dos Camucis, Anacés e Arariús, da nação Tabajara, pelos jesuítas no século passado; e que ainda no princípio dêste, havendo aqui aldeamento dirigido pelo índio Capitão Miranda, que nas revistas dos diretores representava para mais de 2.000 homens armados de arco e flechas, nesse breve espaço de tempo se

confundiram com a raça dos conquistadores, civilizaram-se, e os que daí provieram desconhecem hoje a língua dos seus ascendentes.

Entretanto, alguns indivíduos de faces salientes, olhos pequenos e afastados, um tanto erguidos obliquamente, orelhas grandes e despegadas, cabelo duro e pouca barba, que eu encontrava pelas estradas, apresentam ainda traços de sua origem.

* * *

A vila Ibiapina, assentada numa colina levemente inclidade sôbre o planalto da Ibiapaba, tem diante de si largos horizontes, sempre coloridos de perenal verdura, que oferecem os mais variados panoramas, principalmente pela presença constante das formosas palmeiras (**Attalea** sp), cujas frondes em muitos pontos dominam o cimo das grandes árvores.

O clima é em extremo sadio, e os seus terrenos fertilíssimos.

Produz vantajosamente o café, que em grande parte é consumido pela Província do Piauí; a cana, a mandioca e cereais, em abundância.

Vi venderem milho a 1$000 réis o alqueire, o feijão a 6$000 réis, preço insignificante em conseqüência da dificuldade de transporte, pois que o frete absorve o valor do gênero.

Na calamidade que assolou a Província em 1878, esta parte da serra recebeu e abrigou parte da população do sertão, que por aqui se estabelecendo concorreu para o desenvolvimento que tem tido a vila.

* * *

Conhecido suficientemente o seu perímetro, o meu excelente amigo Rev.^{do} Padre Cavalcante Rocha e seu digno

irmão Arnaut, forneceram-me ocasião de percorrer os pontos mais afastados, em cujos passeios não cansava de apreciar as belezas desta opulenta natureza.

Quem nasceu nos desertos do sertão e do sertão nunca passou, desconhece as agradáveis sensações que despertam a a vista das paisagens variadas, o aspecto dos soberbos alcantis.

As hervas e as flôres, as pedras e as sombras, tudo parece nôvo, tudo desconhecido.

Para qualquer lado uma nova perspectiva, um rumor agradável, uma árvore estranha, um perfume esquisito, um objeto raro que prende a atenção.

Em tudo a sublimidade das obras de Deus, que aparecem destruindo o que de acanhado, de estreito, de insignificante produz a vida artificial das cidades.

A presença destas cenas grandiosas deixam na alma tão profundas impressões que só as sabem traduzir o homens de espírito superior como o botanista Martius, o pintor Hogard, o geólogo Lory, o engenheiro Surell, os viajantes Schlagintweit, os bravos dominadores do Ibi-Gamin, no Himalaia, o ponto mais elevado a que subiu o ser humano!

* * *

Visitei o magnífico banho do Jaburu, no arroio denominado Ouro, que nasce a sudeste, e contornando a vila pelo nascente e pelo norte atravessa a estrada do Jacaré, onde forma uma pequena cachoeira e segue depois rumo do poente.

Árvores frondosas derramam sombra agradável em tôrno do lago, onde a variedade das plantas aquáticas alegram a superfície das águas tranqüilas.

À vista das flôres balsâmicas das Vilárceas, que matizam a líquida extensão, involuntàriamente eu refletia sôbre a surprêsa que devia ter causado ao botanista alemão Tadeu Haencke, que viajava, no fim do século passado, em companhia do missionário espanhol La Cueva, sôbre o rio Mamoré, afluente do Amazonas, quando encontrou o gigantesco nenúfar **Victoria regia**, dedicado à rainha da Inglaterra.

Suas fôlhas redondas, em forma de pires, têm de cinco a seis metros de circunferência, e o bôrdo se ergue em redor cêrca de 18 centímetros, partindo do centro para a circunferência oito grossas nervuras, que têm o aspecto de varas de três a cinco centímetros de grossura.

Essas fôlhas oferecem tão grande resistência, que uma infinidade de pássaros pescadores vem nelas pousar, a fim de observar suas prêsas.

A flor não menos extraordinária é uma enorme rosa de 40 a 50 centímetros de diâmetro, composta de umas 100 pétalas do branco mais puro, donde se exala o mais delicioso perfume.

Haencke não se pôde conter; caiu de joelhos e adorou o Criador.

* * *

Observando as mimosas filhas do lago, me parecia ver reproduzir-se em algumas o extraordinário fenômeno de sua fecundação, como sucede às **Vallisnerias**, que vivem nas águas do sul da França.

Esta planta contém no mesmo pé flôres pistiladas e flôres estaminadas.

Nos indivíduos a flor é sustentada por uma haste longa, flexível, enrolada em forma de uma espiral, ao passo que nos estaminados o conjunto dos órgãos sexuais termina em hastes muito curtas.

No momento da fecundação desenrola-se a haste dos primeiros até que a flor paira à superfície da água e aí se expande; a estaminada, sem meio de acompanhar a outra, se desprende espontâneamente da pequena haste, e vem acima, onde flutuando em tôrno da sua amada, envolve-a de pólen, enlanguece e deixa-se arrastar na corrente, indo morrer além.

Efetuado o ato da reprodução, a flor pistilada embuça-se nas suas macias roupagens, contrai a espiral da haste, e desce ao fundo da água para aí multiplicar sua espécie.

É de feito admirável êsse segrêdo da natureza!

Não vi, mas fui informado de que a 1.500 metros mais ou menos ao sul do Jacaré, no sítio Seminário, existe um orifício, por onde sai uma coluna de ar contìnuamente em agitação, que sopra com certo arruído, e em tôrno do qual até a relva que nasce é fanada e amarelenta.

Supõe-se ser o respiradouro da gruta de Ubajara.

Até hoje ninguém lhe mediu a profundidade, mas é sabido que atirado naquela garganta qualquer corpo pesado, debalde se espera ouvir o estrépito da queda.

Deve ter altitude que tem uma linha tirada de base ao cume da montanha.

Os índios, em tempos idos, lançavam ali os seus prisioneiros, e aquêle lugar a que chamavam Sumidoiro, era uma ameaça terrível para todos.

* * *

Nos poucos dias que aqui me demorei, notei certa frouxidão de costume na população, principalmente na classe baixa, que além de tudo é insubordinada e dissoluta.

Em geral é admitida com certa indiferença a mancebia, sem que por isso sejam privados de tôdas as considerações os que a mantêm pùblicamente.

Restos ainda dos costumes indígenas.

Conheci um indivíduo que vivia com a sua messalina, seus filhos, e do mesmo modo com as irmãs desta.

É realmente uma sociedade difícil de se conciliar em outra parte, onde se preze a moralidade e os bons costumes.

O rev.^{do} vigário por ter tido o arrôjo de estigmatizar desregramentos dessa ordem, fôra ameaçado de cair a pedradas no próprio púlpito.

Não seria o primeiro que, no cumprimento de seus deveres, teria de sofrer os desacatos dos licenciosos; outros já daqui saíram insultados e perseguidos.

Ainda não há muito, o Padre Melo, por igual motivo, na ocasião em que se dispunha a celebrar missa, é arrastado até a rua, fechando-se em seguida a porta da igreja.

Pelo desprêzo em que correm as coisas do culto, dir-se-ia que a religião católica não é aqui a religião do Estado, ou por outra que os sacerdotes se devem submeter aos costumes da terra.

Ri-me ao saber que o vigário atual, por ser adepto da política conservadora, só pode celebrar no altar de S. Pedro, que é conservador; ao passo que Nossa Senhora e S. Miguel são liberais, e como tais estão excluídos de sua jurisdição.

Quero crer que em grande parte seja atribuído êsse estado lastimoso ao elemento estranho que para a serra trouxe a sêca de 1877, composto de homens sem princípios, sem dignidade, sem caráter, verdadeira massa flutuante, que aparecendo aqui, como na Capital, deu mostras de sua miséria, do seu atraso, de sua depravação.

O Sr. Venceslau Soares e Silva, por ocasião de fazer-me uma visita, presenteou-me com um objeto hoje raro e de muita valia para o estudo da arqueologia.

Era um tembetá (de **tembé**, lábios, e **itá**, pedra), adôrno de pedra que pendia do lábio dos habitantes primitivos dos continentes americanos.

Tribos havia para quem o uso dêsse atavio era um emblema de pudicícia, e em algumas da América do Norte as mulheres tinham pejo de se apresentar em público sem o seu tembetá.

Era um enfeite de honra como a tatuagem da face e do corpo, o cabelo aparado e caído em trança do alto da cabeça.

No Brasil os Tupinambás apreciavam em extremo o uso do tal adôrno, depois os Tamoios e Goitacazes, e ainda hoje algumas hordas de Botocudos trazem uma rodela de madeira prêsa ao lábio, conhecida com o nome de **Kimua** ou **Guima**, que não é senão grosseiro arremêdo do gracioso artefato de feldspato de côr verde esmeraldina.

Êstes mesmos já vão abandonando o uso.

Segundo Sir Lubock, os anciãos faziam nos meninos, desde a primeira infância, um orifício no lábio inferior, que pouco a pouco se aumentava por meio de uma série de cones.

Só os que se deixavam operar sem soltar um gemido ou

contrair um músculo ou verter uma lágrima, podiam trazer êsse emblema de fôrça e nobreza.

Como veio ter aquêle artefato à serra da Ibiapaba?

Jean de Lery e o príncipe de Neuwied dizem que os Tupinambás traziam pedras nefritas no lábio inferior, e Azara afirma que os selvagens do Paraguai tinham o mesmo costume.

O mais lindo tembetá foi encontrado em terras da fazenda do Bonfim, do Tenente-Coronel Amado de Aguiar, a pequena distância de Macaé, que se supõe ter pertencido a algum chefe tupinambá.

No meado do século passado, Seyfied acreditava que no Amazonas existia uma terra verde que amolecia na água, e que ao contacto do ar se endurecia e tomava a consistência de um diamante.

Humboldt contestou esta asserção e diz que a pedra verde de que se fabricava êstes adornos era trazida da Ásia pelos Toltecas e Astecas.

Êstes dominaram por muito tempo a América Central, e na sua emigração estiveram em alguns pontos da bacia do Amazonas e para ali tendo trazido os seus adornos, é fácil de crer o engano de Seyfied.

Continuou a crença na divindade da pedra-jade ou miraquitá, importada da China, e não tendo os descendentes dos Astecas a mesma matéria para a fabricação serviam-se de ortósia verde, em que tudo se asemelhava àquela.

Descendo para o Sul o gentio trazia os objetos de suas glórias e de suas crenças.

O que me foi oferecido é cilíndrico, de feldspato esverdeado, com quatro centímetros de comprimento, tendo defeituosa uma das saliências que o prendia ao lábio.

Eu tenho em conta de objeto precioso.

* * *

Como o viajante Augusto François Biard, na sua viagem às florestas do Espírito Santo, tive também de sofrer dos

bichos de pé (**Pulex penetrans**), da ordem dos Dípteros, sub-ordem dos **Sugadores Aphonipteros** ou **Siphonipteros**, e não **Ixodes americanus**, 5.ª tribo da família dos **Araridos**, gênero **Arachnides**, como classificou aquêle viajante, dos quais as fêmeas se introduzindo na pele dos pés adquirem aí o volume de uma ervilha pelo desenvolvimento do saco membranoso que têm sob o ventre, e que encerra os ovos, causando muitas vêzes dolorosa inflamação.

Saint'Hilaire tinha bem queixa dêsses bichinhos, que o receberam pèssimamente logo à sua chegada ao Rio de Janeiro.

Grande parte dos habitantes, as crianças com especialidade, sofrem os estragos do terrível dermatófilo penetrante, que eu supunha só era conhecido nas terras do litoral.

Vi pessoas que dificilmente se podiam calçar tal era o estado deplorável dos pés.

Que tormento para um hóspede!

* * *

Foi aqui que se deu a prisão do célebre Coronel Manuel Martins Chaves, efetuada em princípio dêste século pelo governador do Ceará, João Carlos Augusto de Oeynhausen, depois marquês de Aracati.

A comissão confiada com tanto empenho ao ilustre fidalgo pela Rainha D. Maria, havia sido cumprida fielmente.

Martins tivera tanta vergonha, que cobrindo o rosto com um lenço, nunca mais o ergueu para encarar pessoa alguma.

A morte do juiz ordinário de Viçosa, Antônio Barbosa Ribeiro, fôra vingada cabalmente e o mandatário lá se foi morrer nas prisões do Limoeiro.

São célebres estas paragens.

* * *

A índole do povo ressente-se de certa ferocidade.

Como em Viçosa o solo de Ibiapina tem sido de quando em vez ensopado pelo sangue humano.

O ano passado, dentro de poucos meses, se deram no município diversos assassinatos, sendo o mais horroroso o de Casimiro Francisco Ponte, esfaqueado bàrbaramente no meio da rua por Clementino Ferreira Jardim, seus filhos, um cunhado e um irmão.

Eu mesmo fui vítima de insultos grosseiros de um ébrio, que veio à casa de minha residência provocar-me e, receando repeli-lo convenientemente, visto como há bastante que temer da fereza dêstes canibais, preferi retirar-me quase precipitadamente sem ter completado as informações de que necessitava.

Não desejando me demorar mais um instante, fiz chegar as cavalgaduras, e no dia seguinte, 31 de outubro, pela madrugada, deixamos Ibiapina.

Acompanharam-me o Rev.^{do} Padre Cavalcante e seu delicado irmão, que me haviam sempre penhorado com inequívocas provas de estima e amizade.

Quando o sol assomou na fímbria do horizonte, estávamos longe.

Eu sentia não dispor de tempo para internar-me naquela mata umbrosa, e percorrer a pé os sítios montanhosos adjacentes, por onde a desigualdade dos terrenos apresenta em tôda parte ares de agradável rusticidade.

* * *

Transpusemos o riacho Petuba, que corria com alguma água.

Poucos passos adiante notei à direita, não longe do caminho, um lindo grupo de palmeiras bacabas (**Aenocarpus bacaba**).

Com suas frondes majestosas dominavam a mata fronteira, cujo cimos dourados contrastavam de modo sensível com a côr verde-escura de sua rica folhagem.

À vista daquela linda paisagem, me fêz refletir sôbre o número de espécies de palmeiras espalhadas sôbre a face do globo, que se calcula em mais de um milhar, sendo apenas

conhecidas e descritas cêrca de quatrocentas, repartidas em 73 gêneros, dos quais, segundo Von Martius, 24 pertencem ao Brasil.

Êsse número deve ter sido consideràvelmente aumentado pelo incansável naturalista brasileiro João Barbosa Rodrigues, que no Amazonas, onde se acha há anos, vai enriquecendo quotidianamente a botânica com preciosas e novas variedades dessa família vegetal.

Além das que tenho falado, encontrei na região da Viçosa diversos indivíduos do gênero **Acrocomia**, a macaúba (**Acrocomia sclerocarpa**) da 5.ª tribo das Cocoíneas, segundo o Professor Decaisne, que reuniu tôdas as palmeiras em cinco tribos.

Assim o Ceará possui o buriti (**Mauritia vinifera**), pertencente à 2.ª tribo das Calâmeas; a carnaúba (**Copernicia cerifera**); o catolé (**Rhapis paramidata**) à 4.ª tribo das Corifíneas; a bacaba, a macapuba, a palmeira-da-serra (**Attalea** sp), o dendê (**Elaeis guineensis**), o côco comum (**Cocos nucifera**) e o tucum (**Astrocaryum vulgare**) à 5.ª tribo das Cocoíneas.

Destas, o dendê e o côco comum nos vieram, a primeira da Guiné e a segunda da Índia.

Atualmente se vê em alguns jardins da Capital a palmeira-imperial (**Oreodoxa regia**), originária da ilha de Cuba; no sítio do Ex.mo Bispo Diocesano o açaí (**Euterpe oleracea**), conhecido também com o nome de jiçara ou içara, do Pará, e no jardim que nos pertenceu à rua do Padre Mororó a **Pritchardea felifera** do México, a **Areca oleracea**, da Índia, a **Caryota urens**, de Ceilão, e a **Cycas revoluta**, do Japão.

Pouco adiante atravessava a estrada de nascente a poente o riacho Pejuaba.

Até aqui me diz o Padre Pedro Cavalcante, chegam as terras de Ibiapina; deixo-o, pois, na fronteira, adeus.

Apeamo-nos, trocamos algumas palavras de mútua cordialidade e nos separamos.

* * *

Ao fim de uma hora de marcha, declinando a estrada à esquerda, onde se encontra um pequeno açude dêsse lado, começaram a aparecer as primeiras casas de S. Benedito no alto em frente.

Enquanto eu procurava a residência do Dr. Henrique Domingues, me acolhia delicadamente o Sr. Raimundo Gonçalves de Paula, convidando-me para descansar um instante sob seu teto.

Acedi.

Não podendo me demorar, visto nada ter que fazer nesta localidade, levou-me êste amigo até o riacho que circunda a vila pelo nascente, sul e poente, e aí vi a pontezinha naturalmente feita de uma só pedra, que o atravessa de um a outro lado.

As águas passavam vagarosamente por baixo dos arcos abertos de distância em distância.

Mede cêrca de 12 metros de comprimento, com largura irregular de um e meio a dois metros.

É uma curiosidade que se recomenda principalmente pelas belezas que ornam seus arredores.

Apesar da época adiantada da estação outonal, ostenta ainda por aqui luxuriante verdura, apresentando as sarmentosas os variados matizes de suas flôres.

O terreno abre-se de um e outro lado das margens do regato, e nessa extensão se dilatam os plainos coloridos da paisagem, que se torna mais suave ao som da música doce e queixosa das águas.

* * *

Passamos a percorrer a vila.

Fica esta assentada numa chapada com diversas ruas, que correm de nascente a poente, se bem que com alguns intervalos sem edificação.

As casas são de excelente aparência, apresentando algumas as frentes pintadas de côres alegres, cuja tinta é extraída de uma massa fina que se encontra no âmago de pequenas pedras a que o povo dá o nome de tauá.

À delicadeza do Sr. Paula devo ter conseguido duas amostras dessas pedras, uma contendo tinta de côr purpurina e a outra de côr amarela.

No passeio visitei o mercado, espaçoso edifício, situado numa grande praça do lado do norte, com 28 quartos em forma de quadrilátero, para o centro do qual dão entrada dois largos portões.

Esta obra foi construída com os recursos dos habitantes.

Ao poente, na mesma praça se acha a casa de detenção, que se recomenda não tanto pela solidez, como pelas acomodações de que dispõe.

Quase no mesmo paralelo ao sul, em outra praça, ergue-se a igreja-matriz.

Não pude vê-la interiormente, mas soube que é bem conservada, e a julgar pelo exterior, conformei-me com a informação.

É pena que o melhor prédio da vila, aquêle cujo andar superior se destinava para Câmara Municipal e o inferior para escolas públicas, não tenha sido concluído e fique para aí a se desmoronar por falta de um pequeno auxílio.

É a sorte de tôdas as construções começadas no tempo do terrível flagelo de 1877.

A princípio a maioria das casas de S. Benedito eram cobertas de fôlhas de palmeiras pela dificuldade da telha, que vinha de Carnaubal (11) na margem do rio Inuçu, cêrca de 30 quilômetros; mas se descobrindo afinal argila apropriada no sítio do Capitão Antônio Joaquim da Silva Carapeba, a 1.500 metros apenas da vila, tem sido reparada a edificação.

A palha é empregada ùnicamente na construção de choupanas dos desprotegidos da fortuna.

Fui informado de que o cemitério, que fica à esquerda de quem vem de Ibiapaba, fôra ainda levantado a esforços do benemérito missionário José Tomás de Albuquerque, em 1864.

* * *

(11) — Hoje cidade, sede do Município de igual nome.

Criado distrito de paz com os limites fixados pela comarca de Viçosa por Lei n.º 527, de 6 de dezembro de 1850, S. Benedito, foi elevado a vila por Lei n.º 1.470, de 1.º de novembro de 1872, a freguesia por Lei n.º 1.600, de 6 de agôsto de 1864, e a comarca por Lei n.º 1.814, de 22 de janeiro de 1879, artigo 1.º, § 8.º.

Tem a freguesia quatro capelas filiais, que são: a de Nossa Senhora da Lapa, no sopé da serra da Ibiapaba, a 12 quilômetros da matriz; a de Nossa Senhora da Graça, povoado e distrito do mesmo nome, no sertão, a 24 quilômetros; a do Campo do Cruz, à margem do rio Inuçu, a nove quilômetros, e a de Nossa Senhora Auxiliadora do Ôlho-d'Água do Carnaubal, ao poente, cêrca de 18 quilômetros.

Duas escolas primárias para os meninos dos dois sexos funcionam regularmente.

Arrecadou o ano passado a estação provincial a quantia de 2:595$824 réis, soma insignificante relativamente à riqueza do município; mas tem a seu favor a justificação de que a cobrança dos impostos foi feita pela coletoria vizinha, a qual no entretanto pela distância de sua sede não podia exercer a necessária fiscalização.

Sua população é calculada em 12 mil almas, segundo o último recenseamento.

* * *

S. Benedito, antigo aldeamento de índios catequizados pelos jesuítas em princípio do século passado, começou a ser povoado regularmente no fim do mesmo século, por iniciativa do índio Jacó.

Tinha Jacó particular veneração a S. Benedito, e todos os anos solenizava convenientemente a festa do santo em sua própria cabana onde se reuniam os índios da vizinhança.

Depois das novenas rompia a dança do **torém** e o cauim saciava a sêde dos convidados.

Essa cabana ficava ao lado de umas laranjeiras, que

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

ainda hoje existem e se vêem do quintal do Sr. Francisco Cassiano do Amaral.

Em 1841 erigiram os moradores, que já então se iam estabelecendo por estas paragens, uma casa de oração, pròximamente à cabana de Jacó, e deram a esta maiores proporções e mais solidez; pois que à nave, que era de taipa, acrescentaram uma capela-mor de pedra e cal e cobriram-na de telha.

O vigário de Viçosa, Padre Filipe Benício, de quando em vez aparecia no nascente arraial, celebrava missa e desobrigava os moradores do preceito quaresmal, até que em 1847 para aqui veio residir o Rev.do João Crisóstomo de Oliveira Freire.

Êste fêz quanto em suas fôrças cabia para levantar o povoado, principalmente pela suntuosidade das festas ao padroeiro, mandando vir da cidade de Sobral música e outros preparos indispensáveis e não se poupando a sacrifícios para torná-las concorridas o mais possível.

Pelo ano de 1859 empreendeu o mesmo sacerdote construir um templo de maior capacidade, e tendo obtido a necessária permissão foi nesse trabalho auxiliado pelos moradores e não menos pelo administrador da Província, o Vice-Presidente Dr. Sebastião Gonçalves da Silva, que mandou dar um conto de réis para essa obra.

Com aquela quantia, alguns donativos de particulares e o produto de leilões em dias de festa, se concluiu a excelente igreja-matriz, que possui a vila.

Em 1878 terminou seus dias o promotor do engrandecimento de S. Benedito, sendo nomeado em janeiro do ano seguinte o Padre João Rodrigues Alves de Mendonça, primeiro vigário da freguesia, que a administrou até 1879, quando, vindo a falecer, foi substituído pelo atual vigário, Primênio Freire das Virgens.

S. Benedito, que em 1864 o Senador Pompeu em seu **Ensaio Estatístico** sôbre esta Província considerava povoado decadente, em pouco mais de 20 anos tem apresentado regular desenvolvimento, comparativamente a outras localidades do interior, e, à vista dos seus recursos naturais muito mais se

poderia esperar, se por meios fáceis fôssem levados aos centros consumidores os seus gêneros e produtos.

Dispõe de terrenos apropriados ao plantio da cana, do café, mandioca e cereais.

Seu solo, como o de tôda a Serra Grande, à parte alguns pontos onde a selvageria continua ainda o seu irresistível fadário de destruição, é coberto de rica floresta, notável em plantas medicinais e madeiras de construção.

Abundam por aqui mimosas cesalpíneas, altivas mirtáceas, bombáceas, begoniáceas, urticáceas, **cedrela brasiliensis**, **myracrodruon urundeuva**, e outros colossos do mundo vegetal que lhe dão ares de grandeza e majestade.

Dos cimos dourados das árvores gigantes desce a vista sempre afagada pelo encanto de variedades até o chão, onde se distende a cobrir as ondulações do terreno e fragosidades da rocha, esmeraldino tapête de musgo e relva, a que animam as mais lindas e variadas flôres de tôdas as formas e matizes.

O clima é delicioso e tão agradável a estação outonal, que raras vêzes no pino do dia incomodam os ardores do sol.

Tendo visitado tôda serra da Ibiapaba Jácome Raja Gabaglia e Basílio Antônio de Siqueira Barbedo, atualmente capitão-de-mar-e-guerra e comandante da galeota imperial, que faziam parte da comissão científica enviada a esta Província em 1859, ficaram tão enamorados da riqueza do solo e excelência do local, que cada um comprou uma posse de terra, convencidos de que em todo tempo tinham começo de uma fortuna.

De feito, a escolha dos ilustres profissionais parece demonstrar que os terrenos de S. Benedito são preferíveis aos do resto da serra.

* * *

Esta região desde o seu começo fôra infestada por malfeitores, que percorriam o distrito, levando por tôda parte, onde apareciam, o susto e a morte.

Corriam assim as coisas, quando em 1840 foi nomeado

subdelegado de polícia o Capitão Antônio Carapeba, que se revestindo de certo poder muitas vêzes além de suas atribuições, tentou estabelecer a ordem e manter a paz entre os moradores.

Empregou-se grande soma de rigor, e o subdelegado tornou-se odiado, incorrendo no desagrado dos que não viam nos seus atos o propósito de expurgar de desordeiros o têrmo, mas sòmente a autoridade arbitrária a exercer perseguições.

Durante 14 anos o tronco, o terrível tronco, larga peça de jatobá de cêrca de quatro metros de comprimento sôbre 80 centímetros de altura, com diversos olhais para prender os pés e um maior no centro para o pescoço, permaneceu no meio da sala da casa que servia de cadeia.

Por qualquer crime era o delinqüente metido no tronco, e se cometia falta mais grave, o prendiam pelo pescoço, ficando em posição acurvada com um pé no orifício da parte esquerda e com o outro no da direita.

A situação foi pouco e pouco melhorando a despeito da relutância dos refratários à correção, que por isso mesmo tiveram de pagar caro sua teimosia.

Afinal em 1861, quando asumiu a governança o Partido Liberal, entenderam alguns adeptos dessa política de queimar o tronco e o fizeram solenemente por meio de uma grande festa em que tomou parte tôda população.

Já era tempo!

* * *

Dos facínoras que vieram ter a S. Benedito, ainda hoje se contam façanhas de Alexandre Brás de Melo, célebre por assassinatos praticados no têrmo de Sobral e na Província do Piauí, e principalmente porque, tendo sido certo dia assediado na casa em que se achava, no viso da serra, pela escolta a seu encalço remetida do Ipu, não se quis entregar e preferiu lançar-se do talhado abaixo numa altura de mais de 900 metros.

Era inevitável a sua morte, e morto foi êle por muito

tempo considerado, até que por fim capturado por aquêle subdelegado, referiu que, tendo caído sôbre a folhagem de uma palmeira, cedera esta ao pêso, de sorte que pousando os pés em uma pedra, se salvara sem ter sofrido a mínima contusão.

* * *

Ao nascente da vila a cordilheira da Ibiapaba descreve um grande arco, a cujas extremidades se prendem por contrafortes a serra Morgado pelo norte e Serrinha pelo sul.

Esta se deprime quase no centro em sua direção até o pé do morro, e forma o Boqueirão da Caveira, por onde passa a estrada que se dirige ao Ipu.

Nesse semicírculo se acham os povoados da Lapa e da Graça, de que já falei, e a 12 quilômetros ao norte dêste último fica o do Pacujá, assentado numa linda planície e cercado de carnaubais.

Sua principal importância é fornecer a pedra precisa para os passeios e soleiras dos prédios melhores da cidade de Sobral.

* * *

Ao sul da Lapa encontra-se o magnífico banho dos Tatus, no riacho dos Oitis, e ao poente, no talhado da serra, vê-se a casa de pedra, onde por muito tempo nela se refugiou Alexandre Brás.

Próximo a Graça, do lado do sul, estende-se o famoso baixio do Cocal, com seis quilômetros de comprimento sôbre dois de largura, cujo terreno em extremo ubérrimo é convenientemente aproveitado para o plantio da cana.

Tem diversos engenhos, e exporta aguardente e outros produtos.

É rodeado dos olhos-d'água Caiçara, Machado, Ôlho-d'Água Grande, Glória, Caldeirão, Farinha Azêda, Alazão, Ôlho-d'Água das Abelhas e Palmeirinha, ao sul; João de Sá,

ao poente, e Lagoa da Cruz, ao nascente, que irrigam as terras por onde passam.

A dois quilômetros ao sul está o sítio S. Bento, banhado por uma torrente que desce da serra e lhe dá perene frescura.

Encontram-se aí excelentes laranjas, não inferiores às da serra de Maranguape.

Afirmam os moradores que, em certa estação do ano, aparece ladrando e correndo na linha da serra, em frente dêsse sítio um grande cão pelado, que atribuem ser a alma de um antigo morador, o qual, ambicionando a posse de terra de um vizinho pobre, lhe moveu demanda e o despojou do seu direito, acontecendo que por ocasião de sua morte se transformara nesse desgraçado animal.

Foram punidos menos severamente Narciso, metamorfoseando-se em fonte, em rãs os camponeses de Lícia, Filomena em rouxinol, Licas em rochedo!

Em tôrno da vila desliza, formando sítios encantadores, ninhos de poesia, agradáveis retiros pela variabilidade das respectivas, verdura perene, cantos das aves, chôro das cascatinhas, grutas perfumadas da fragrância das flôres, sombras repletas de amenos rumôres, os olhos-dágua Laranjeiras e Chora, um ao nascente do riacho S. Benedito e outro ao poente.

A pouco mais de um quilômetro dêste lado se encontra o sítio Ipanema, que pertencera a Luís José de Miranda, chefe dos índios e capitão-auxiliar de polícia, título que lhe foi conferido pelo govêrno e que honrou sempre até 1875, quando faleceu em idade bastante avançada.

Nos domingos passava o Capitão Miranda revista aos da sua tribo, fazendo-os reunir ao som de tambor, e o que não comparecia à forma era punido com severidade.

Êste homem muito auxiliou com sua gente as diligências da polícia e pode-se dizer que, enquanto viveu, foi uma garantia de ordem entre os seus.

Depois de sua morte debandaram os índios, ficando apenas um ou outro nos lugares próximos à antiga residência do chefe.

* * *

Procurando informar-se acêrca da descendência do Capitão Miranda, dos restos dos seus comandados, vim a saber que entre êles alguns havia que se tornaram célebres curandeiros de feitiço.

Ainda hoje se pronuncia com respeito os nomes de Marta, Duarte e Maura.

Tinham êstes certa ascendência sôbre o povo, e pela fama das suas curas afluíam a S. Benedito diversas pessoas que vinham buscar o alívio de seus males.

Entre outros aqui compareceu o Capitão Antônio Martins da Pintada, têrmo de Tamboril, que se submeteu ao tratamento impôsto, mas não me souberam informar se lograra bom resultado dos incômodos que sofria.

* * *

Consultado algum dos curandeiros acêrca da moléstia de qualquer desgraçado, era certo ouvir-se-lhe o terrível diagnóstico de que tinha no cérebro um sapo ou um besouro, caso sofria de dor de cabeça; e se o mal era no estômago, com certeza tinha porção de cabelos que embaraçava a digestão.

Em seguida fechavam-se o curandeiro, um ajudante e o doente em um quarto apertado, e aí em frente dêste último ardiam ao lado de um tigela coberta com um prato duas velas de cêra branca.

Acendia o curandeiro o cachimbo, e soltando longas baforadas de fumo, ao som do maracá, comprida cabaça sêca e limpa do miolo, e que se produziam pedras miúdas, dava o primeiro passo em redor da mesa:

Maria andou, já está na mesa,
Que era o rei dos mestres curandeiros!

Acelerando o passo, repetia:

Que era o rei dos mestres curandeiros!
Maria andou, andou, andou!

Ao passar junto do doente envolvia-o numa nuvem de fumo, embalando-lhe em tôrno da cabeça um maracá em tôdas as direções.

O ajudante trazia-lhe a tigela, retirava o prato e o paciente cuspia dentro.

Tomando a mesma posição continuava o curandeiro:

Olhai para o céu
Verás uma cruz,
Verás como é bonito
O Menino Jesus,
Verás como é bonito
O Menino Jesus.

Sempre no mesmo tom e fazendo os mesmos volteios:

Junco verde da lagoa,
Da lagoa de beber:
Onde Deus fêz a morada,
Anoê, anoê, anoê:
Onde Deus fêz a morada,
Anoê, anoê, anoê.

Oito dias depois, descoberta a tigela, o doente via com assombro o repulsivo animal ou o novêlo de cabelos que era retirado milagrosamente dos intestinos.

Consolidava-se o prestígio do curandeiro, e não precisa dizer que a cura era paga generosamente.

Mais do que em outra parte era aqui reconhecida a influência dêsses homens, e durante muito tempo, de diversos pontos do sertão, se encontravam de contínuo pessoas de alguma fortuna que procuravam S. Benedito para o fim de conseguir o restabelecimento de sua saúde.

* * *

Relativamente à prática destas e doutras não menos grosseiras superstições, a Europa muito embora se tenha esforçado de difundir por tôdas as camadas da sociedade maior soma de conhecimentos, não deixa de se ressentir ainda dos mesmos defeitos, malgrado a perseguição que sempre moveu a França aos feiticeiros, fazendo-os queimar na praça pública até 1672, quando deixaram de ser admitidas as execuções pelos tribunais.

Era tal a sanha contra semelhante seita, que como tais foram queimados vivos a heroína Joana d'Arc, o Padre Urbain Grandier, o Marechal d'Aumale, e outros a quem o fanatismo denunciava como vivendo sob a influência de espíritos malignos.

Apesar das cenas descritas por Mr. Louandre no seu tratado **De la Sorcellerie**, do que a respeito diz Michelet, ainda se interrompe um jantar nos paços do rei da Espanha porque à mesa se sentam 13 pessoas.

O **Correio da Manhã** n.º 394, de 13 de fevereiro último, que se publica em Lisboa, traz as proezas da Bruxa da rua da Adriaça, para onde corriam os ingênuos que vinham ouvir ler sua **buena dicha**!

Isso no nosso tempo!

De nada valeu o ridículo a essa mesma abusão atirada em um dos versos pelo inimitável cancionista Béranger.

Todos os dias, nas capitais do mundo civilizado, a credulidade é vítima da astúcia dos especuladores, se reproduzem fatos de verdadeiro fetichismo, que parece pelas circunstâncias ainda por ali se rende culto aos Grisgris da África central, aos Manitós e Ackis da América, aos Burkhaus da Sibéria.

* * *

Se bem que eu reconheça que nesse ponto o nosso povo, mesmo a parte educada acredita sèriamente numa infinidade de abusões, que lhe foram transmitidas pelos primeiros

povoadores desta porção da América, tendo dúvidas se os índios da serra da Ibiapaba herdaram o uso de curar feitiço de seus maiores.

Sei que os historiadores que tem escrito sôbre o Brasil são unânimes em falar dos pajés, charlatães ou maníacos, que viviam em grutas ou tejupares, exercendo as funções de médico, de cantor e de áugure dos gentios.

Hans Staden e Jean Lery, os primeiros que trataram do assunto, aquêle na **Hans Staden wahrhaftige Historia und Beshreibung einer Landschafi**, etc., publicada em 1556, êste na sua **Histoire d'un voyage en la terre du Brésil**, que veio a lume em 1655, por melhor que tenham descrito as coisas dêste país, não dispunham dos dados necessários por meio dos quais revelassem segredos, que só com o tempo e conhecimento da língua dos indígenas se podiam conhecer.

Que eram êstes supersticiosos, não há negá-lo, uma vez que a sua religião era a própria superstição; mas o que custa a se acreditar é que lançassem mão daqueles meios, sabido como está que, quando os parentes adoeciam gravemente, para poupá-los a maiores sofrimentos, davam-lhes a morte, certos de que praticavam uma ação meritória.

O príncipe de Neuweid, que viajou o Brasil em 1815, para sustentar a opinião comum, cita Henri Koster, o qual diz ter encontrado maracás em casas de índios de Pernambuco.

Chegou Koster à capital daquela Província em 1809, e à página 181 de sua **Voyage Pittoresque en Amerique**, onde se lê o assunto da afirmação do príncipe viajante, refere que os índios conservavam seixos e outros objetos em cabaças suspensas à parede da cabana, seus maracás; que fechavam as portas, quando executavam suas danças em redor de um vaso de barro, e que secretamente bebiam jurema.

No seu precioso livro **Brésil**, publicado em 1831, Ferdinand Denis, concordando com a maioria dos historiadores e viajantes, transcreve a observação de Humboldt acêrca do culto dos índios.

Entende Humboldt que o nome de **Caraíba** parece indicar que entre os povos selvagens uma nação privilegiada teria

renovado o costume dos caldeus, que exerciam o ofício de adivinhos entre os povos da vizinhança.

O trabalho dêstes era mais nobre que o de curar de modo tão grosseiro, pois que os pajés conheciam certas plantas úteis, cujas propriedades ocultaram sempre aos europeus, e além disso tinham ciência da ação poderosa da alma sôbre a organização física; impunham-se antes de tudo à imaginação do vulgo.

Talvez prevaleça sôbre o assunto a opinião de Robert Hartmann, que, no seu interessante livro **Les Peuples d'Afrique**, julga ter sido trazido o culto da África para a América, para a ilha de Taiti, para Luisiânia e Flórida, pelos escravos da Nigrícia.

A raça negra é inferior à raça vermelha ou americana, e ninguém ignora que desde o século XVII Diogo Vaz importou escravos da Nigrícia para o Brasil.

Já em 1645, Henrique Dias, chefe dos negros, aparece mantendo o cêrco do Recife, e fundando com outros diante dessa cidade o nôvo arraial do Bom Jesus.

* * *

Quando tive o cuidado de referir as datas das viagens dos exploradores do nosso país, fi-lo com o fim de demonstrar que uns o conheceram superficialmente, e outros se enganaram nas suas apreciações.

Resta agora saber se não estou também enganado, mas quem comparar os costumes, o valor intelectual de um e outro povo, talvez me dê razão.

O fetiche, corrupção da palavra portuguêsa feitiço, e outras práticas grosseiras, que ainda hoje são admitidas nas classes inferiores, nos vieram da África, e dos negros as receberam os índios.

* * *

S. Benedito, que no entanto já teve seus dias de terror, goza atualmente de inteira paz, atribuída talvez ao pessoal que constitui a maioria dos habitantes da vila, e sobretudo

às autoridades policiais e judiciárias, que se têm feito respeitar por seu critério independente.

É um município que muito promete para o futuro, quando puderem ser conhecidas as riquezas que contêm em seu seio.

* * *

Cêrca de 18 quilômetros ao sul da vila, e em frente da casa de João Correia da Silva, se encontra a cachoeira, no rio Inuçu, que merece uma visita.

O lençol de água precipita-se de uma altura de 50 metros, formando um poço bastante profundo, e por entre a água e as pedras de uma e outra margem se pode passar a pé enxuto.

São indescritíveis as belezas que se notam por ali, com especialidade em tempo de inverno, em que com mais abundância rolam as águas, e mais floridas se apresentam as faldas da montanha.

A cachoeira dá nome ao povoado que se vai estendendo nos dois lados do rio, onde se faz boa colheita de fumo, que me informaram ser de ótima qualidade.

* * *

Depois de me ter demorado algumas horas em casa do Dr. Henrique Domingues da Silva, recordando alguma coisa do passado da nossa estremecida Fortaleza, onde nos ficavam família, amigos e outras lembranças queridas de tempos idos, que são sempre os mais caros; de resistir aos repetidos convites para ficar mais uns dias em sua companhia, abracei-o cordialmente e deixei-o em S. Benedito.

Tendo o Sr. Raimundo Gonçalves de Paula se oferecido delicadamente para me acompanhar até o Campo Grande (12) pelas 12 horas pusemo-nos a caminho.

Conquanto se fizesse tarde e tivéssemos de acelerar a marcha para alcançar minhas cargas que haviam passado adiante, eu não perdia ocasião de reparar com interêsse os objetos, que se apresentavam no nosso trajeto.

(12) — Chamou-se, mais tarde, Guaraciaba e Inhuçu, mas atualmente se denomina Guaraciaba do Norte.

A estrada, aqui em terreno mais largo, além margeada de viçosos arvoredos, pendia ora mais para sueste, ora para o sul, baixando pouco e pouco de altitude.

Dêste lado se distende pequena planície arrelvada, do meio da qual se destacam grupos de frondosas urticáceas, a cuja sombra interrompem o silêncio do êrmo, com a melodia de seus cantos, alegres conirrostros; daquele se deprime o terreno em vales desiguais, sobrepondo-se uns aos outros.

O sol em seu esplendor derramava por sôbre aquela extensão esverdeada um dilúvio de chamas, e nas distâncias produzia magníficos efeitos de luz, tirando muitas vêzes dos limbos das fôlhas em movimento rápidas cintilações de prata.

Apesar da doçura da temperatura, nos trazia a brisa ardente bafagem.

Após uma hora de marcha em que havíamos andado mais de 12 quilômetros me levou o Sr. Raimundo Gonçalves a descansar ao Caranguejo, pequena vivenda à direita da estrada, pertencente ao velho José Joaquim da Silva, onde nos foi dispensada cordial hospedagem.

* * *

Pelas 3 horas prosseguimos a viagem.

Quando a tarde se enternecia ao esvaecimento da luz, que interceptavam os píncaros elevados do lado do poente, cujos perfis recortados crepitavam, simulando ligeira orla de ouro em fusão com reflexos porventura côr-de-rosa, que mais esplendiam ao efeito das sombras da montanha se debruçando pelos plainos em frente, viemos surgir ao lugar Garrancho, espaçoso vale onde vicejam extensos canaviais.

Do alto notei a desigualdade do solo, que aquela preciosa gramínea cobria colorindo de tons diversos, mais aloirados, mais sombrios, larga zona de um e outro lado da estrada, segundo a altura ou abaixamento das terras.

Era o tempo da colheita.

Os rolos de fumo que partiam das chaminés das fábricas, os rangidos dos engenhos de madeira espremendo a cana, a

toada dos jornaleiros que se empregavam em tôda a sorte de trabalho, davam a êste lugar ares de animada estância.

Em tôda minha viagem ainda não tinha visto tanto movimento, tanta animação, tanto serviço, e isto vinha confirmar o juízo que eu já havia feito da importância, da prosperidade de que há de vir a gozar a Serra Grande, quando puderem ser conhecidas as fontes de sua riqueza, por ora mal aproveitada à falta de meios de comunicação, da qual há mais que confiar para o engrandecimento da Província do que em todos os recursos do sertão.

Fui despertado dêsses pensamentos pela presença das casas da vila do Campo Grande, que se banhavam à luz frouxa e suave da lua na sua primeira quadratura, como ainda hoje guardo a lembrança de ter visto num cosmograma paisagem idêntica sob o efeito do mais belo luar.

Minutos depois era recebido pelo Capitão Clínio de Oliveira Memória, que me contestava o direito de procurar cômodo em outra parte.

Tive que ceder à sua delicadeza.

* * *

A vila do Campo Grande está situada numa planície com suave elevação para o lado do norte, onde termina a ladeira da Graça, na estrada que vem de S. Benedito, que chamam Alto Alegre, e onde se acham os edifícios da Câmara Municipal e mercado.

Era irregularmente edificada, ocupando o espaço de mais ou menos 300 metros, por onde se estendem as ruas mais povoadas e as melhores habitações.

As ruas contêm ainda intervalos sem edificações ou apresentam casebres em ruínas, não guardando em tôda a extensão a mesma largura; pois nota-se que na mais espaçosa, outra se apresenta estreitando esta e formando um ângulo, que lhe aumenta o defeito.

Tem uma grande praça quase no centro do povoado, onde está alevantada a matriz, templo regular, sólido e bem construído.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

O edifício que tem de servir de paço da Câmara, com um andar e soberba vista para os quatro lados, honraria a qualquer localidade que o possuísse por suas proporções e elegância, se à míngua de um pequeno auxílio da parte do govêrno não ameaçasse desabar com a continuação das chuvas do inverno.

Tem-se ainda conservado até hoje, devido ao esfôrço e zêlo dos habitantes, que se cotizando, preveniram-lhe a queda o ano passado, fazendo os reparos mais indispensáveis.

É pena que se não procure amparar tão excelente prédio, com o qual já se despendeu quantia superior a seis contos de réis.

* * *

A poucos passos dêste para o lado do sul, fica o mercado público, cuja face setentrional se acha concluída, e igualmente outros quartos nas alas que fecham os lados oriental e ocidental.

É pequeno, mas apresenta estabelecimentos sortidos de mercadorias, que se não encontram em outros pontos mais próximos dos centros comerciais, sendo de notar que em alguns atrai a atenção do visitante o gôsto e asseio das prateleiras fechadas por vidraças de forma elegante e envernizadas.

Notei numerosa concorrência de fregueses, uns que compravam fazendas, outros que vendiam seus gêneros.

* * *

Fiz uma visita à igreja, templo vasto, pobre e despido de ornamentação, como são em geral os do interior, e ao penetrar na capela-mor não pude deixar de admirar um grande quadro a óleo, representando S. Vicente Ferrer em todo o corpo, trabalho do inteligente cearense José de Lemos, que apesar de não ter tido escola, revela um talento superior para a pintura.

Não me foi possível detidamente analisar esta tela, mas

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

me agradou sobremodo a correção dos traços fisionômicos, a harmonia do colorido e principalmente o feixe de luz com que o artista aureolou a fronte pensativa do santo dominicano, que, longe de ter aquela expressão de terror dos monges de Zurbaran, deixa transpirar do semblante a doçura melancólica de S. Bruno, como lhe imprimiu o pincel inspirado de La Sueur.

O que atrai, o que prende a atenção, o que faz refletir diante daquele quadro singelo, que o tempo mais lhe tem realçado a beleza, adoçando a intensidade das côres, é o pequeno número de tons empregados e sobretudo o ar humilde, fervoroso e cheio de unção do ilustre pregador espanhol, cujo olhar embebido na amplidão do firmamento parece sondar os mistérios do desconhecido, que se dissipando como tênue nevoeiro, lhe desvenda os deslumbramentos do céu.

É um trabalho de merecimento, e que mais valia tem por ter sido executado por um môço de talento, que se fêz pintor sem nunca ter conhecido os tratados sôbre o assunto de Lebrun, Paillot de Montabert, Valin, Charles Blanc, etc., nem tampouco sôbre os contrastes das côres De Chevreul; mas porque quis ser artista, fêz estudos diante das imagens da natureza, e se apresentou despretensioso e modesto, traduzindo na tela as suas inspirações, os seus arroubos, os produtos de seu gênio.

Soube depois que o Sr. Lemos tem trabalhos melhores, mais perfeitos, e que honrariam a outros que gozam de merecido aprêço e veneração na arte sublime do divino Ticiano.

Voltaire dizia: **Tant de livres faits sur la peinture par des connaisseurs n'instruisent pas tant un élève, que la seule vue d'une tête de Raphael**; no entanto êste senhor, à fôrça de estudo e observação, sem ter os modelos dos mestres, pinta cabeças admiráveis que têm tôda a expressão de vida e vigor.

Dificilmente se encontra destas vocações em outra parte.

* * *

A fundação do Campo Grande data mais ou menos do tempo em que na serra Ibiapaba se começaram de formar os primeiros povoados.

Por Alvará de 12 de maio de 1791 foi elevado a vila sob a denominação de Vila Nova d'El Rei, e assim continuou até 1840, quando por Lei 200 de 26 de agôsto dêsse ano foi transferida para o Ipu.

Esta lei revogada pela de n.º 230 de 12 de janeiro de 1841, foi restaurada pela de n.º 261 de 3 de dezembro de 1842, em virtude da qual se deu a transferência dos cartórios da Coletoria, da Câmara Municipal, etc.

Por Lei 1798 de 10 de janeiro de 1879 foi novamente elevada à categoria de vila, e esta inaugurada a 9 de janeiro de 1883.

* * *

Em princípio Campo Grande fazia parte de S. Gonçalo da serra dos Côcos, erigida em freguesia por Provisão de 30 de agôsto de 1757, e por ser o ponto mais imporante do município era geralmente preferido pelos respectivos párocos, que vinham aqui estabelecer sua residência.

Entre outros se apontam o Rev.^{do} Manuel Pacheco Pimentel, natural de Pedra de Fogo, e 12.º vigário, que regeu a freguesia de 1809 a 1841.

O Padre Pacheco, homem ilustrado, patriota e empreendedor, exerceu altos cargos de eleição popular, já como representante às Côrtes de Lisboa, já como deputado à Assembléia Nacional.

Tomou parte nos movimentos mais notáveis da Província e o seu nome ainda hoje é querido dos campo-grandenses.

Auxiliado pelo Padre Gonçalo Inácio de Loiola Melo Mororó, um dos mártires da malfadada República do Equador, abriram cursos de preparatórios, onde se vinham instruir os moços dos municípios circunvizinhos, sendo entre outros aproveitável discípulo Tomás Pompeu de Sousa Brasil, que devia anos depois ocupar eminente lugar nas letras e na representação do País.

Não perdia o Vigário Pacheco ocasião de ser útil aos seus paroquianos e por isso das suas viagens a Portugal e ao Rio de Janeiro trouxe para a serra semente do café (**Coffea arabica**), da cana-caiana (**Saccharum officinarum**), da canela (**Laurus sinnamomum**), da pimenta-do-reino (**Piper nigrum**), e diversas mudas de fruteiras, ensinando-lhes o meio de plantá-las e cultivá-las.

Com a morte dêsse benemérito muito perdeu o povoado, que apesar da importância de que gozava teve de ceder do seu direito em favor do Ipu, passando a fazer desde 1842 parte do seu município.

* * *

Conta seu distrito 78 engenhos de ferro e de madeira, e 217 maquinismos para o preparo da farinha, movidos alguns por bolandeiras.

Sua principal riqueza consiste no plantio da cana nos vastos brejos de Suçuanha e Garrancho, que ocupam cêrca de 30 quilômetros ao noroeste da vila.

A cana desenvolve-se pouco; mas em compensação contém em abundância elementos sacarinos.

Se mais não se planta, é por falta de consumo, visto como abundam os terrenos apropriados ao cultivo desta preciosa gramínea.

* * *

Na vila funcionam duas escolas, que são freqüentadas pelos meninos de ambos os sexos.

Da do sexo masculino é professor José Florêncio de Carvalho, môço hábil e aplicado, um dos poucos que sabem conscienciosamente as funções do seu magistério, e que por seu talento e habilitações mais tem concorrido para o engrandecimento da localidade.

Está dividido o Campo Grande em 20 quarteirões, e sua população é calculada em 9.000 almas.

O ano passado produziu a Coletoria das Rendas Provinciais a soma de 2:282$626 réis.

Além de outros melhoramentos tem a vila um gabinete

de leitura, fundado em 26 de novembro de 1884, que conta hoje para mais de 200 volumes sôbre diversos assuntos científicos.

Ao ilustrado Sr. Aderson Ferro, que por aqui se demorou algum tempo, deve-se a criação de tão útil quanto proveitosa instituição.

* * *

Campo Grande é circundado de sítios pitorescos.

Do lado do poente estende-se um largo campo, donde se supõe que lhe vem o nome que tem hoje.

Aí se encontram extensos lajeiros e pedras de formas curiosas entre as quais sobressai uma que se assemelha a um arco triunfal com seis metros de altura, coberta pela parte superior de musgos e arbustos verdejantes; ao passo que embaixo pode servir de guarida e resguardar das chuvas e ardores do sol.

Um pouco a sudoeste, na distância de 700 metros, existe uma gruta, cuja abóbada é formada por uma imensa pedra, tendo a extensão de seis metros e pouco mais de um metro de altura.

Uma abertura em forma de janela que dá saída para a parte superior, do lado oposto, torna-se clara e habitável.

Apesar de pouco cômoda, serviu no entanto de habitação a indigentes na sêca de 1877 a 1879, e nesse tempo uma mulher de nome Rosa deu aí à luz uma criança.

Escondida por espêssa mata, dificilmente pode dar alguém com êsse covil, se não fôr levado por guia experiente.

Além desta há outra não menos célebre no sítio Morcêgo, a seis quilômetros da vila, com vastos salões e grandes belezas naturais; entretanto ninguém teve ainda a coragem de chegar até o fim dos seus compartimentos, razão por que é pouco conhecida.

* * *

São inúmeros os arroios que se encontram no município podendo-se quase dizer que cada sítio é banhado por um ou por mais de um.

Entre êstes é digno de nota o que vem do rio Piau, que banha a parte oriental da vila.

Acima do tanque conhecido por Poço do Ôlho-d'Água, existe um curioso ladrilho de pedras lisas e escorregadias em forma de rampa extremamente íngreme, que, recebendo as águas do rio, se torna um excelente banho, pricipalmente na estação invernosa, quando se acham estas úmidas e cobertas de branda camada de lôdo.

Para aí aflui grande número de pessoas da vila, e por divertimento galgam o declive e precipitam-se rolando do alto até o fundo do poço.

Além da vista pitoresca que se desdobra de todos os lados, os gritos e gargalhadas dos freqüentadores do banho tornam mais alegres estas paragens.

É nesse tempo o ponto da mais agradável recreação.

* * *

O povo do Campo Grande em seu comêço turbulento e por vêzes feroz, como o do resto da serra, com especialidade ao tempo em que por aqui estendiam os Mourões as suas correrias, trazendo em sobressalto os sítios por onde passavam, tem-se modificado completamente, e oferece hoje a tôda Província o espetáculo admirável do quanto pode o concurso de todos aplicado ao trabalho, ao bem geral do município, sem que mesmo a diversidade da política tenha tido fôrça bastante para afrouxar os laços de confraternidade, que se consolidaram no meio da mais benéfica união.

Aqui neste seio de Abraão, não se conhecem os desgostos que separam os homens por divergência política, e se bem que eu os tenha encontrado de ambos os partidos e sobremodo influentes, estimam-se tão intimamente, que apenas se sabe que adotam idéias contrárias por ouvi-los dizer.

Não se hostilizam, não se desconsideram, mas pelo contrário acordam entre si que o eleitorado deve ser independente, e se esforçam para que se não dê como nunca se deu até o presente a miséria de vender um eleitor o seu voto, o seu crédito, o seu brio.

É de feito invejável ver os chefes dos dois partidos, ao lado um do outro, conversando francamente até o paço da Câmara, assistirem ao pleito e voltarem da mesma forma, qualquer que seja o resultado da eleição, sem o mínimo ressentimento o que menos votos teve do que mais apurou!

Todos se estimam, se auxiliam, se respeitam, e o único móvel que os incita é o desenvolvimento e prosperidade do município, para o que trabalham todos à medida dos seus recursos.

É um povo feliz o povo de Campo Grande, e que por seu amor às letras e dedicação ao trabalho se recomenda à estima dos que prezam a terra do berço.

Não posso deixar de distingui-lo entre outros que vivem sem saber para que vivem.

* * *

No dia seguinte, 1.º de novembro, concluí o serviço que me trouxera a Campo Grande, e à noite, já depois de 9 horas, tendo me agasalhado para dormir fui despertado pelas vozes do Capitão Clínio, que me avisava da aproximação de uma visita.

Ergui-me num salto e mal acabava de me calçar, batem à porta.

Abri.

Era o melhor pessoal da vila, tendo à frente o Coronel João de Mendonça Furtado, que me vinha cumprimentar.

O Capitão Clínio fêz vir algumas garrafas de vinho, e em seguida o Sr. Furtado dirigiu à minha individualidade umas palavras tão cheias de delicadeza, tão repassadas de abundância de coração que me abalaram profundamente.

Os companheiros aplaudiam as palavras do coronel, e faziam-no com tanta cortesania, que eu me sentia bem no meio daquela mocidade inteligente e generosa.

Agradeci-lhe do fundo da alma.

De instante a instante a modesta banda de música, organizada entre os moços, alegrava os intervalos com ligeiras variações.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Rápidas corriam as horas, durante as quais, de contínuo, me eram dirigidas frases de afetuosa consideração, não tendo, como não tinha, motivo para merecê-las, senão em retribuição à legítima homenagem que eu havia prestado à localidade, na qual encontrava os elementos capazes de fazerem-na representar importante papel no futuro da Província.

Retiraram-se depois da meia-noite, deixando-me impressionado e pensativo, visto que a minha nulidade nunca fôra tão cavalheirosamente lisonjeada.

* * *

À tarde do outro dia, domingo, vieram procurar-me o Coronel Furtado e o Capitão Vicente Gomes do Nascimento, para um passeio a cavalo nos arredores.

Aceitei e partimos.

Tomamos direção do nascente e a cada instante tinha de refrear a minha cavalgadura para admirar novas e surpreendentes belezas, que oferecia a vegetação robusta desta parte da serra.

A grandeza das proporções, o verde-escuro das fôlhas sob o céu límpido e esplêndidamente azul, comunicavam à paisagem, que se nos apresentava por todo o caminho, tons graves e austeros.

Cada árvore tinha sua forma própria e até folhagem de colorido diferente das que lhe ficam ao pé.

As bignôneas erguem-se ao lado das cesalpíneas; confunde-se a ramagem das mirtáceas com a das eugênias.

Deixam perder suas compridas fôlhas de ligeiros folíolos as acácias, e as urticáceas derramam pelos declives sombra profunda, sendo que em crescido número abundam as leguminosas, apresentando as mais notáveis diferenças.

Àquele oceano de verdura sobressai a fronde das palmeiras, êsses **principes vegetantium**, como lhes chamou Lineu, que dominam a floresta por sua majestosa estatura, por sua beleza, sua elegância.

A arodéia parasita (**Phelodendron imbé**) enrola-se aos

mais robustos caules, descrevendo largas espirais, ao passo que inúmeros cipós trepam pelos ramos, dominam os cimos, serpenteiam entre os troncos, lançam-se de um galho para outro, e formam grutas impenetráveis.

Das raízes aéreas pendem caprichosas bromélias, de flôres mais caprichosas ainda, que se embalam ao sôpro brando da aragem.

Dêste lado a sambambaia (**Tillandsia usneiodes**), com suas longas barbas de côr plúmbea destoa da coloração geral, e dá aos arvoredos por onde se dependura ar grave e tristonho.

A vegetação é tão abundante nas quebradas da montanha, que cada vegetal é a imagem de um pequeno mundo, uma espécie de jardim cheio de plantas curiosas e em grande parte desconhecidas.

* * *

Prosseguíamos sempre, ora atravessando lugares úmidos e sombrios, onde não menos se ostenta esplendorosa variedade de plantas aquáticas, ora nos encobrindo na mais espêssa floresta.

Não faltavam malgrado o adiantamento da estação outonal as flôres, que fazem realçar a beleza dessas paragens; vi-as de formas diversas e variegadas côres.

Começamos a descer a ladeira do Ribeiro.

Minutos depois se desenrolou diante de nós largo espaço pardacento, limitado apenas pela linha do horizonte, que se perdia na imensidão plana, onde parecia se confundirem os limites da terra na extensão esfumada do céu.

Embaixo, lá embaixo se dilatava a planície ondulada, na qual se podiam ver os contornos dos montes, as curvas dos rios e torrentes com sua cinta verde de árvores que lhes bordam as margens, o espelho da água de algum poço a refletir as côres do céu, a serra do Carnotim, a da Meruoca, e mais além a cidade de Sobral.

Com o auxílio do óculo que eu tivera o cuidado de conduzir, fôra fácil destacar todo o circuito da mimosa princesa do sertão, ainda aureolada ao reflexo dos raios do sol.

As tôrres agudas e cintilantes de alvura dos templos sobressaíam à massa confusa e avermelhada dos telhados como velas brancas flutuando na imensidão dos mares.

Entretanto eu me achava a 102 quilômetros de distância!

* * *

O sítio, onde nos reunira a contemplação de tão delicioso panorama, era por si curioso capricho da natureza.

Elevado a centenares de metros acima do nível do mar assemelha-se a uma ponte com igual largura sôbre grande comprimento tendo de ambos os lados íngremes despenhadeiros que encheriam de horror a passagem, se não fôsse amparada por vigorosa mata, no fundo da qual se erguem caules que excedem a altura da ladeira.

No fundo é mais cerrada, mais escura que nos cimos da serrania e por lá vivem numerosos bandos de guaribas (**Mycetes barbatus**), que nos dias nublados fazem tal arruído que parece ouvir-se ao longe o oceano rolando estrepitosamente suas ondas na praia.

Penetram aí os caçadores, donde quase sempre voltam carregados com algum veado (**Cervus simplicicornus**) ou outra caça de valor.

Enquanto os companheiros se compraziam em deitar o óculo nos pontos longínquos, eu examinava o corte da ladeira, próximo a nós, onde se encontram grossas camadas de argila amarela, cuja coloração me revelava a presença de óxidos de ferro e manganês, matéria de que se servem os habitantes para pintar as frentes de suas casas.

Fazendo-se tarde, fui arrancado de meu exame sôbre a natureza daquelas rochas; mas sentei de voltar com tempo de prosseguir as minhas observações, certo como estava de que a serra não era menos rica em minerais.

* * *

Logo que chegamos ao tôpo, fomos deslumbrados pelo mais esplêndido pôr-de-sol.

As árvores banhavam-se de sombras, desenhando-se em prêto os troncos agigantados.

Por cima avultava um incêndio de esplendores, um fogo de artifício de raios dourados.

O sol afogava-se num montão de topázios, de rubis, de ametistas, que o vento agitando, fazia mudar a forma das nuvens.

Tôda a extensão do céu no seu poente reluzia, cintilava, flamejava, agitava-se em crepitação perpétua.

Era um dilúvio de chamas, uma agitação contínua de côres, jogos de luz, brilhos de sombras, capazes de fazer enlouquecer ao mais ardente colorista.

Entramos na vila já depois de 7 horas.

* * *

Logo depois chegando à porta fui surpreendido pelo esplendor do luar.

A serenidade e beleza da noite transportavam-me a doces cismas, e nesse vago enleio, parecia que me acariciava os ouvidos a música lânguida e sonora, modulada pelos beijos de sêres ignotos perdidos no vapor branco, sutil, transparente, que tremeluzia aos raios prateado da lua.

Tôda a praça esplendia à suavidade da luz pálida, a igreja tomava forma alterosa, desenhando em sombra do lado do poente graves figuras dos muros; revestia-se além o flanco da serrania de mágicos fulgores, enquanto os arvoredos exalavam grato aroma e faziam flutuar no seio da noite serena e silenciosa uma espécie de calma perfumada.

Era um espetáculo grandioso, um desdobramento de seduções impossível de traduzir-se, uma exuberância de poesia que se desprendia do céu à terra!

Que pode haver mais ameno, mais deleitável na natureza, que produza na alma sensação mais doce, gôzo mais inebriante, que uma linda noite de luar, que êsse langue e tênue véu lançado sôbre a terra para fazer transparecer objetos delicados e misteriosos, que a muita luz do grande astro ofusca no deslumbramento geral?!

Enlevado na contemplação da noite encantadora, acudiam-me as ternas palavras de Romeu no balcão da janela de sua noiva idolatrada:

O blessed, blessed night!
all this is but a dream
Too flattering sweet to be substantial.

Nesse momento me apareceu o Capitão Vicente Gomes, e levou-me a dar uma volta dentro da vila.

Seguindo pela rua do Padre, que se estende de nascente a poente, no lado meridional da praça, a poucos passos indicou-me êle uma casa de má aparência, que fazia frente para o fundo da igreja, dizendo-me ter sido nela que residira o Coronel Manuel Martins Chaves.

Nessa ocasião, fiquei sabendo que uma das razões, senão a principal, do assassinato de Antônio Ribeiro, fôra ter o cavalo dêste vencido em marcha ao do coronel em um passeio de aposta no campo vizinho.

Martins não era homem que soubesse suportar uma contrariedade, por isso fala em comprar o animal vencedor, e recusando-se o dono a ceder aos seus caprichos de potentado, sentou de desagrâvar-se na primeira oportunidade.

Não tardou a realização do projeto criminoso; pois que pouco tempo depois um assalariado investe contra o juiz ordinário de Viçosa que, surpreendido na rua, procura abrigo na igreja, entrando a correr pela porta do lado direito.

Aí mesmo o perseguiram os assassinos, e o derribam a bala junto do altar-mor.

* * *

Vizinha à casa do coronel, mas da parte de leste, vê-se a que pertencera ao Vigário Pacheco Pimentel, a qual é atualmente ocupada pelo cidadão Joaquim Fialho; e mais abaixo, do mesmo lado, transposta a estrada que segue para o Ipu, me foi mostrada outra, onde habitava Francisco José

da Costa, em companhia de quem vivia o Padre Mororó, seu parente e amigo, que comprometido na revolução, foi com outros fuzilado na praça dos Mártires em 30 de abril de 1825.

No extremo da vila pelo lado do poente, cêrca de 300 metros mais ou menos, se encontra o cemitério, pequeno espaço quadrangular, murado, que nada tem de notável, apesar de não apresentar indício algum de enterramento próximo.

A luz melancólica da lua aumentava a tristeza daqueles sítios desertos, e tornando-se incômodo o frio da noite, tivemos de voltar, recolhendo-me a casa às 9 horas.

* * *

Pela manhã, acompanhado de Tibúrcio que se queixava de doente parti para os lugares que eu já havia visitado, e que me ofereciam mais objetos de estudo.

Com pouco nos internamos na mata que ostenta em todo o dorso da montanha exuberante vegetação, e por ali eu não cansava de admirar o capricho dos cipós, várias epidêndreas e aritusas agarradas aos galhos mais fortes das árvores, e bem assim lindas espécies de **aechimeas**, que se elevam nos ramos.

Para quem tem pouco de veneração pelos encantos da natureza, naquele templo grave, solene, imponente, há muito com que exaltar a imaginação!

* * *

De quando em vez o som metálico, agudo e estridente do famoso traquiofone, conhecido por ferreiro ou araponga, chegava até nós.

Pude com algum trabalho ver que essa interessante ave diferia completamente da que os ornitologistas classificam sob o nome de **Chamarryncus nudicollis**; pois que em vez de ser branca, de colo verde e nu, era quase preta, com uma gola branca, pendendo-lhe do pescoço uma espécie de barba.

A princípio quis tomá-la pelo pavô (**Coracina scuttata**),

cujo grito profundo, rouco, prolongado, reboa na solidão das matas, mas se bem que seja preta como aquela, não tinha o colo vermelho e não me constava que as nossas florestas possuíssem êsse valente gritador, que no entanto faz parte do mesmo grupo dos insessores.

Continuando sempre amparado pelas sombras das árvores, ora nos abaixando, ora transpondo intrincadas rêdes de cipós, surpreendeu-me a presença de fósseis, entre os quais um me pareceu ser do gênero **Terebratula**, visto como era munido de poros dispostos sôbre a mesma linha, formando cirris.

Na impossibilidade de classificá-los à falta de estudos práticos, convencia-me, no entanto, ainda uma vez, de que a formação das rochas da Ibiapaba pertencesse à época paleozóica, e os restos daqueles moluscos, talvez caracterizassem os fósseis comuns ao terreno Silúrio e Devoniano.

* * *

Prosseguindo a nossa ligeira excursão, viemos sair próximo aos cortes da ladeira.

Depois de ter percorrido os pontos adjacentes, a observar quanto me era possível, como já havia feito em outros lugares, a natureza da serrania, notei que quase tôda ela é formada de xisto argiloso com pequenas variações.

Aqui se apresentam com caracteres de rochas filadianas, untuosas ao tato e fáceis de riscar com a unha, aproximando-se às vêzes das verdadeiras ardósias.

As camadas superiores são vermelhas, amarelas, e pardacentas, mas frágeis, indo gradualmente solidificando-se para o interior.

A ardósia preparada convenientemente, tem a mesma propriedade do bôlo da Armênia, que é empregado para doirar a água na pintura, e soube que na vila dela se servem os artistas como lápis.

Em alguns pontos aparecem intercaladas nos xistos camadas de calcário granular e sôbre estas conglomerados ferruginosos.

Os xistos argilosos ocupam grandes massas que se podem avaliar em muitos metros, sendo de notar que as anfratuosidades da rocha são preenchidas por argilas de côres variadas, devido ao óxido de ferro que abunda em tôda a parte.

Eu sentia não dispor de conhecimentos para deixar à minha província um trabalho desenvolvido e correto, e no meio da minha tristeza me dominava a sêde ardente de saber dêsse mancebo, de que fala Schiller nas suas poesias líricas, que se transporta a Sais no Egito, e ali diante de uma imagem velada, ouvindo o sacerdote que atrás dêsse véu estava a verdade, mas que seria fulminado o que ousasse tocá-lo, não me importa! ergue o véu e cai fulminado aos pés da estátua de Ísis.

* * *

Dando-me ao trabalho de descer até mais abaixo, observei as assentadas de gnaisse granitóide, de verdadeiros granitos que formam a base dos terrenos da Província.

Entre êstes e aquêles aparecem, ora aqui ora ali dêsse lado, massas minerais metamórficas que constituem as ardósias.

Ao granito não é raro ligar-se o pórfiro, que parece têm saído do solo de modo idêntico, na grande evolução da terra, quando formavam o fundo dos mares primitivos, visto como são encontrados nas camadas antigamente depostas.

Os escarpamentos apresentam o terreno cortado em camadas horizontais de espessura e natureza variáveis, dispostas pelas águas, que os tomei por terrenos de sedimento, estratificados.

Dispusesse eu de mais tempo, e teria classificado as variedades grosseiras, cristalinas, e sob forma de concreções com que se apresenta a sílica nas rochas plutônicas, cujo composto mais abundante é o feldspato, que no entanto se torna o mais variável dos seus elementos.

De sua decomposição forma-se a argila e a ortose; a albite e o labrador não são mais que variedades do mesmo.

Além dêste são também elementos dominantes o quartzo, a mica, a que se assemelha o talco, o mais branco dos minerais, igualmente em lâminas delgadas, doce ao tato como o sabão.

Os silicatos de cal e de ferro, quando predomina a côr verde ou negra do ferro, são chamados anfibólios.

O granito compõe-se da mistura dos cristais: quartzo, feldspato e mica, sendo que o segundo é que dá a côr preta, e forma ordinàriamente mais de metade do pêso do mesmo granito.

Chama-se pegmático o granito que não tem mica, isto é, quando é composto de quartzo e de feldspato; hialomito, quando de quartzo e de mica.

Há rochas que são formadas com um só dêsses elementos, o quartzito por exemplo, que se compõe ùnicamente de quartzo, e o leptinito, de feldspato.

O granito passa a gnaisse, como se nota em todo o subsolo da Província, e o hialomito ou **greiszen** torna-se micaxisto.

Perdoe-se-me a digressão; não me lembrava que estava escrevendo notas de viagem e que ùnicamente teria o meu escrito importância, se em vez de dizer que conheço, embora superficialmente, o terreno que constitui a crosta terrestre, os pudesse classificar segundo a natureza de cada um.

Entretanto, iludia-me pensando que, se não fôsse obrigado a andar ocupado em serviço muito diverso do que o que me levara ali, eu teria feito alguma coisa, quem sabe?

Marcando o meu relógio 9 horas, não era possível me demorar mais, sob pena de abusar da delicadeza do meu hospedeiro.

* * *

Começamos a subir.

Voltando para o lado do poente, maravilhava-me o efeito da luz do sol sôbre o oceano de verdura, que cobria tôda a falda da montanha.

Só Prosper Marilhat seria capaz de reproduzir na tela paisagem tão encantadora, na qual as árvores monstruosas elevam no ar quente seus ramos tortuosos e seus tufos de folhagem metálica, cujos negros recortes faziam brilhar mais vivamente o índigo do céu.

Pelo meio da massa caprichosamente colorida, as estrêlas de fôlhas das palmeiras expeliam prateadas cintilações sob a chuva de fogo do sol.

Os pontos longínquos parece que se banhavam em côr fosforescente, donde emergia extenso lençol dourado, com que se reveste a vegetação no vale.

Como remate ao encanto daquele delicioso quadro, mergulhavam no azul do espaço negros abutres, urubus (**Cathartes joia**), uns que se mantinham serenamente equilibrados nas alturas, outros que esvoaçavam ao perto, movendo convulsamente as largas asas, cuja sombra muitas vêzes ora se aproximava ora se afastava de nós.

Não se podia idealizar nada mais calmo, mais sereno, mais poèticamente belo!

* * *

Em caminho tivemos de embrenhar-nos na floresta, e por aí apercebemos algumas lindas borboletas (**Morphos menelaus**), a cujas fêmeas os autores davam o nome de **torens**.

Lineu classificou-as, fazendo parte das 300 espécies que compunham o gênero Papílio, família, divididas em cavaleiros troianos e cavaleiros gregos (**Equites troes** e **equites achivi**), e Boisduval distribuiu-as em 32 gêneros.

Nestor e **Menelaus** pertenciam aos cavaleiros gregos.

Segundo H. Lucas, fazem parte hoje do gênero **Morpho**.

Entre estas jóias da natureza, as helicônias que pertencem à 3.ª tribo da 2.ª família, são em maior número e constituem os ornamentos das florestas.

A **Heliconia sara ehliconia phyllis** esvoeja contìnuamente nestas paragens, e pode-se dizer com Dubleday que

a maior parte das espécies que compõem esta família habita o Nôvo Mundo, com exceção apenas das do gênero **Hamadryas**.

Apesar da ferocidade das **nymphales**, eu as via passar ràpidamente em tôrno dos cumes das árvores, deslumbrando-nos a vista com o brilho e variedade de suas côres.

Relativamente à ordem dos Lepidópteros, é esplêndida e variadíssima a fauna entomológica do Brasil.

No Pará, o naturalista Bates, no percurso de uma légua, contou 700 espécies de Papílio, e no vale do Amazonas chegou a observar 45 gêneros.

Rara é a família em que não abundam no País as variedades.

Nós também temos algumas espécies lindíssimas, principalmente entre as **nymphales**, vanessas, ericínias, etc.

* * *

Uma hora depois chegamos a casa quase sem sentirmos os incômodos do passeio, tanto me haviam deliciado os objetos que encontrara no caminho.

Eu trazia comigo algumas daquelas filhas das selvas, verdadeiros mimos de elegância e beleza, que iriam enriquecer a minha diminuta coleção, mas que espero mais tarde com algum trabalho tornar importante, ao menos com relação aos **Achalinopteros** e **Chalinopteros** da Província.

Admirando o colorido das asas alongadas de uma, triangulares de outra, estreitas desta, arredondadas daquela, achava razoável o que a respeito dêsses lnidos insetos disse Mr. Bernard Deschamps, reconhecendo que as escamas se compõem de três membranas sobrepostas, das quais a primeira cheia de granulações de formas arredondadas, espécie de pólen forma as côres vivas e variadas de seu rico manto; a segunda contém sêdas que produzem sôbre as escamas vários e curiosos desenhos, e a terceira consta de uma lâminazinha que tem a propriedade de refletir as côres mais brilhantes e mais variadas, ainda que a sua superfície seja muitas vêzes tenra e sombria.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Diz o mesmo observador que a natureza se afastou em favor das borboletas da marcha geral que segue a respeito dos outros insetos e pássaros, entre os quais as côres brilhantes não se vêem sempre senão nas partes externas; ao passo que nelas é sempre a superfície de suas escamas que reflete os matizes mais variados e admiráveis.

Eu dava-me por bem pago do trabalho dêsse dia.

* * *

Descansava ainda do enfado da longa excursão, quando me procuram à porta.

Eram os Srs. Aderson Ferro, José Florêncio e Jerônimo Memória, que me honravam com um convite para assistir ao espetáculo que a sociedade dramática particular instituída entre os moços realizava à noite.

Agradeci com prazer.

O produto do espetáculo devia ser aplicado aos reparos da igreja e à aquisição de utensílios para a escola noturna, que é dirigida pelos associados do gabinete de leitura.

Esta escola é freqüentada por 43 alunos dos mais pobres a quem se fornece roupa e livros.

Incontestàvelmente é um grande melhoramento numa localidade.

* * *

Pelas 7 horas apresentei-me no andar do edifício da Câmara, onde já se acha reunido grande número de senhoras e cavalheiros, notando que tudo estava bem disposto para o bom desempenho da peça.

Com pouco começou a ser representada a comédia do Dr. Joaquim Manuel de Macedo — **A Patente de Capitão**.

Cada um desempenhou regularmente seu papel, e durante o tempo que durou o espetáculo foi geral a hilariedade, mostrando-se todos satisfeitos.

Eu admirava o gôsto com que os atôres procuravam

interpretar o pensamento do valente dramaturgo fluminense.

Correu a execução perfeitamente bem, pelo menos de conformidade com as exigências do lugar.

Com efeito, quando por tôda parte a indiferença atrofia até as instituições mais bem organizadas, vê-se um pequeno povoado, distante dos pontos adiantados, fundar associações para cultivar a música, para desenvolver as faculdades pela prática das representações dramáticas, para divulgar os conhecimentos úteis por meio da leitura de bons livros de um Gabinete, para derramar a instrução nas classes menos favorecidas com a sustentação de escolas noturnas, não se pode deixar de sentir por êsse lugar uma certa simpatia.

Era o que acontecia comigo.

* * *

Às 10 horas mais ou menos terminou a récita, e ainda sob a mais agradável impressão, fiz chamar à cena os atôres e dirigi-lhes algumas palavras de congratulação pelo exemplo que davam de amor às letras e nobre esfôrço pelo alevantamento do torrão natal, referindo por essa ocasião como de frágeis tentativas nasceram e se desenvolveram as artes e as ciências na humanidade.

Prossegui demonstrando, pela leitura dos irmãos Parfaict, Mouhy Beauchamps, Pont Vesle, Grimarest, Sorel, Walckenaêr, Castil-Blaze, Villemain, e outros, a influência que sôbre a civilização exerceu o drama moralizado, que tem concorrido para reformar os costumes pela exposição da hediondez dos vícios, deixando de ser representado nas ruas à moda dos gregos e romanos para os colégios e casas particulares, e daí para edifícios apropriados, onde como diz o bom Chappuzau no seu **Théâtre Français** (liv. III), os atôres não deixavam de ser assíduos nos exercícios de virtudes e piedade, o que é confirmado por Paul Scarron; e Victor Founel nas **Curiosités théâtrales** (cap. XXII), desenrola uma relação dêsses beneméritos, desde Genest, do tempo de Deocleciano até Moessard, que alcançou um dos prêmios de virtude concedido pela

Academia Francesa em remuneração dos bons serviços prestados à pátria e à religião, e concluí levantando um viva à mocidade estudiosa e ao futuro e prosperidade de Campo Grande.

O Sr. Aderson Ferro, com o grande talento de que é dotado, respondeu cabalmente, agradecendo-me em nome de seus companheiros; e foi-me ainda dispensado de parte dos assistentes as mais significativas provas de aprêço e estima.

Depois de nos têrmos brindado mùtuamente, retiramo-nos todos na mais doce intimidade, levando cada um as mais gratas impressões desta noite.

* * *

Ao outro dia, 4 do mês, no momento em que me dispunha a deixar Campo Grande, recebi a comissão composta do Dr. Herculano Sales e Hermínio Ribeiro, que em nome do Capitão Pedro Ribeiro de Oliveira, me vinha convidar para almoçar em sua casa.

A delicadeza me impunha a obrigação de aceitar; aceitei.

Ali encontrei reunida tôda a família do Capitão Ribeiro, e numerosos amigos seus, que me receberam com a mais cordial amabilidade.

Depois de sentados à mesa, e antes mesmo de ser servido o almôço, o senhor capitão dirigiu-se a mim em frases íntimas, tão cheias de delicadeza, que me confundiam, não encontrando eu motivo a que atribuir tanta bondade, senão na generosidade de coração do respeitável ancião.

Signifiquei-lhe quanto me foi possível, em palavras não menos afetuosas, a gratidão de que me achava possuído.

O serviço do almôço foi magnífico, e no meio da mais fraternal alegria trocaram-se os mais animados brindes.

Notei na mesa lindas laranjas que me recordaram as de Maranguape, e procurando conhecer a sua procedência, soube que eram da vila, onde as há excelentes.

O café de que nos servíamos era igualmente de produção da mesma vila, onde se cultiva com vantagem e é quase todo

consumido pelo Piauí, sem que figure até hoje no orçamento de nossa Província essa boa verba de receita.

É pena que os processos de cultura e preparo dessa valiosa rubiácea não estejam ainda aqui aperfeiçoados, como em outros lugares; pois que a árvore se desenvolve com mais vigor do que em Aratanha e Baturité, e deve naturalmente dar carga na razão do seu prodigioso crescimento.

Após o almôço, conversando-se sôbre os recursos de Campo Grande, fiquei sabendo que na parte conhecida sob o nome de Macambira, encontram-se minas de sal-gema (cloreto de sódio), de caparrosa, chamada também de vitríolo branco (sulfato de zinco), e desta última foram-me oferecidas algumas amostras.

Palestramos largamente acêrca de diversos assuntos.

Fazendo-se tarde, e tendo de dar ordens para a partida à tarde, despedi-me das pessoas presentes, e retirei-me depois de ter oferecido os meus serviços, onde quer que me achasse, ao generoso Capitão Pedro Ribeiro.

Eu me ausentava não menos penhorado pelo acolhimento que havia recebido do Capitão Clínio, digno sobrinho dêste, que além das muitas finezas a mim dispensadas, arranjou-me ainda outro arrieiro em substituição de Tibúrcio, que por se agravarem os seus incômodos fôra forçado a deixar-me.

Agradeci-lhe e à sua ilustre família tanta bondade para comigo, e quase sensibilizado de deixar aquele torrão afortunado, pus-me a caminho para a cidade do Ipu.

Não tinha ainda atravessado a praça, quando diversos cavalheiros, à frente o Capitão Pedro Ribeiro, o Coronel João Furtado, o Capitão Vicente Gomes e outros não menos distintos cidadãos, vinham ao meu encontro com o fim de me acompanharem até certa distância.

Sendo a primeira vez que eu recebia destas manifestações não podia deixar de trazer a mais doce lembrança dos filhos de Campo Grande; e eu a guardo com indizível prazer.

* * *

Depois de têrmos caminhado cêrca de três quilômetros apresentou-se-nos à direita uma grande casa caiada, assobradada, que me informaram ter pertencido ao Vigário Pacheco.

Chamam a êste lugar Tamboatá, e foi aqui que aquêle benemérito deu comêço ao cultivo do café, da cana, e outras plantas úteis, que depois se divulgaram no município.

Pertence hoje ao Coronel João Evangelista da Frota, que conserva ainda as máquinas apropriadas para o preparo da aguardente, do açúcar e da farinha de mandioca.

É uma excelente fazenda, a mais bem montada de quantas encontrei na Serra Grande.

* * *

Pelas 5 horas mais ou menos, em lugar aberto e resguardado do sol, apearam-se todos e feitas as nossas despedidas, continuamos a viagem, eu, o Dr. Herculano Sales e o Padre João José de Castro.

A estrada, como por tôda parte desta região, apresenta de um e outro lado robusta vegetação, oferecendo de quando em vez lindas paisagens, principalmente nas profundas depressões do terreno, onde a água refletia o esplêndido azul do céu.

Íamos descendo sempre.

Adiante, numa curva do caminho, apercebemos um indivíduo que, galopando à tôda brida, galgava os altos e barrancos com incrível rapidez.

Estacou junto a nós e dirigindo-se ao Vigário Castro lhe comunica o passamento de uma sua irmã.

Pediu êste desculpa de não nos poder mais acompanhar, e num segundo desapareceu da nossa vista.

Prosseguimos calados um ao lado do outro.

Eu volvia meu pensamento aos entes queridos que me haviam ficado lá, muito além, quando o canto terno e mavioso do currupião (**Xanthornus jamacai**), pousada no cimo de gigantesca bignoniácea, ecoava à hora do crepúsculo pelas quebradas da serrania.

Senti-me ainda mais triste.

Vaga melancolia se derramava em tôrno de nós.

Ao rumor diurno substituía agora as agonias da noite e pouco a pouco dominava-me o mêdo, um mêdo singular que eu não tinha sentido ainda, o mêdo da sombra, o mêdo da solidão, o mêdo do bosque deserto, o mêdo do nada.

Escureceu de todo.

Nas descidas perigosas segurava-me quanto possível à sela e deixava ir a cavalgadura.

Com pouco entramos no pequeno povoado Várzea, e a convite do Dr. Sales tivemos de apear-nos em casa de um seu velho camarada, enquanto se erguia a lua, cuja claridade já se mostrava no horizonte por entre os troncos sombreados das árvores.

Aí depois de ter caído a conversa sôbre diversos assuntos foi-nos referido que em a noite antecedente, os moradores haviam sido despertados por um arruído medonho que saía da mata, justamente ao lado esquerdo da íngreme ladeira, que tínhamos descido minutos antes.

Para lá se encaminharam diversas pessoas munidas de paus e armas de fogo, e, à vista do monstro que rolava continuamente por entre as árvores, bufando de modo descomunal, sentiram-se todos sem coragem e voltaram às carreiras.

De manhã, porém, procurando conhecer pelo rasto o animal que tanto os intimidara, encontraram os cadáveres de uma cobra-de-veado (**Boa constrictor**) e de um gato maracajá (**Felis pardalis**), estirados ao lado um do outro, tendo a cobra a cabeça quase esmagada.

Diziam êles que a **boa** havia morto o gato pela compressão do corpo e êste aquela por meio dos dentes aguçados, visto como mostrava ela na cabeça sinal de instrumento perfurante.

Eu tinha repugnância em aceitar o resultado da luta; mas tive de me calar diante do testemunho de pessoas gradas, que confirmavam o fato com tôda a seriedade.

* * *

Mais tarde, esplendendo a lua com todo o seu fulgor, o Sr. Melo fêz aparelhar um cavalo e acompanhou-nos até além de três quilômetros.

Notei que a estrada, que quase sempre se dirigia de norte a sul, ia pendendo para o nascente.

Aproximando-nos da cidade, a ladeira aqui se torna excessivamente íngreme, e apresenta do lado esquerdo medonho despenhadeiro.

Em muitas ocasiões se me confrangia o coração de horror, que ora aumentava pela repugnância ainda maior de minha cavalgadura, que só a muito custo se dispunha a descer.

A luz da lua tornava mais pavorosa a sombra dos precipícios.

Quando transpúnhamos uma passagem tão estreita quanto perigosa, ouvi o Dr. Sales contar que descendo por ali dois indivíduos, marido e mulher, o marido que andava enamorado de outra mulher e tinha certeza de que seria inevitável a morte de quem caísse daquela altura, arremessa a companheira no despenhadeiro e voa a entregar-se ao delírio de sua paixão.

Foram seus planos frustrados, porque escapando milagrosamente a infeliz, denuncia-o pelo crime de tentativa de morte.

O marido foi prêso.

Esta narração faz lembrar fato idêntico referido pelo Dr. Saffray na sua **Voyage à la Nouvelle-Grenade**.

Um índio portador da bagagem de um oficial espanhol, sendo por êste instigado bàrbaramente para acelerar a marcha nos desfiladeiros das montanhas de Quíndio, na cordilheira central, entre Cartago e Ibiguê, apóia-se no seu bastão de viagem e com um jeito do corpo atira de uma altura de mais de 300 metros ao abismo o grosseiro oficial.

A diferença apenas está em que êste nunca mais foi visto.

* * *

Durou ainda cêrca de meia hora o meu grande susto.

Vencemos felizmente aquela interminável travessia, podendo eu afinal respirar mais livremente já fora de perigo.

Pouco além cintilavam ao reflexo dos raios da lua as grandes frondes dos coqueiros, que se erguiam em nossa frente, da direita para a esquerda, ocupando vastas zonas.

Entramos ao fim no Ipu, depois de têrmos caminhado 36 quilômetros, e sendo 10 horas da noite, a cidade adormecia ràpidamente.

Tratei de acomodar-me.

* * *

Levantei-me cedo ao outro dia, e no momento em que chegava à porta, encontrei o Sr. João Antônio Peres, que à recomendação do meu velho amigo de Sobral, João Francisco do Monte, me vinha oferecer os seus serviços.

Saímos a passeio.

A cidade do Ipu está situada em terreno mais ou menos plano, a dois quilômetros da serra da Ibiapaba, na margem esquerda do riacho Ipuçaba.

Consta de uma grande praça, circulada de vários prédios excelentes, em cujo centro se acha a igreja matriz, templo pequeno, baixo, pobre e inferior a muitos que encontrei no meu caminho; e de ruas traçadas de nascente a poente, paralelas ao curso do riacho que, à exceção da da Goela, onde se vêem maior número de casas, apresentam ainda largos intervalos.

Sua planta ocupa vasto espaço, e por sua posição em relação ao sertão e vizinhança da serra, dispõe de meios para vir a ser uma importante cidade.

Segundo informação de pessoa competente, conta ela atualmente 186 casas de telhas e inúmeras que são cobertas de fôlhas de palmeiras, espalhadas no subúrbio.

No entanto a presença dos coqueiros que margeiam o Ipuçaba e a perspectiva das montanhas que a circundam pelo lado do poente e norte, cujos píncaros mais ou menos

distantes parece que ondulam em linhas de azul, desenhando seu perfil esfumado pelo afastamento, dão-lhe ar grave e imponente.

Entre os edifícios da cidade, sobressai o prédio que serve para aulas do sexo masculino e feminino, situado na face setentrional da grande praça.

É muito alto, espaçoso e de elegante construção.

Não menos digno de nota é o paço da Câmara Municipal, que ocupa o andar superior do edifício, que se ergue em outra praça ao norte daquela, sendo o pavimento térreo aproveitado para a cadeia.

A entrada é pelo lado do sul, e de cima goza-se de vista agradável para todos os pontos.

O mercado consta de alguns quartos pequenos, estreitos, espalhados irregularmente num espaço quadrangular, onde no entanto se faz animado comércio.

Pròximamente a êste, um pouco mais a leste, ficam os alicerces de outra casa de mercado, que concluída segundo a planta deve ser um edifício magnífico.

Em conseqüência da rivalidade entre os chefes políticos deixou de ser erigido em 1878, com socorros do govêrno; ùltimamente, porém, o Sr. Antônio Francisco de Paula Quixadá levantou dois quartos com as devidas proporções, e outros pretendem imitá-lo.

Na praça da matriz se encontram estabelecimentos comerciais bem sortidos, onde abundam mercadorias estrangeiras.

A cidade estende as suas edificações para os lados do nascente e norte, e se bem que as ruas dêste lado não se achem completamente fechadas, apresentam todavia ora aqui, ora ali prédios excelentes.

* * *

Admirei a quantidade de algodão em caroço que entrava contìnuamente dos pontos vizinhos, e que oferecia serviço incessante ao locomóvel do Sr. José Liberato de Carvalho,

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

e às inúmeras máquinas no descaroçamento e arrumação em sacas dêsse valioso produto, a fim de serem transportadas aos centros consumidores.

Não é sòmente o algodão que se cultiva com vantagem no município, mas o açúcar, a aguardente, a rapadura, os cereais, e porção de gado no sertão.

* * *

A cidade tem três arrabaldes populosos e interessantes: o Reino de França ao poente, onde se vê algumas vivendas agradáveis em conseqüência das ondulações do terreno, Gurguéia ao sudoeste e o Alto dos Quatorze ao sul.

O nome dêste último proveio de ter sido ali assassinado um velho que tinha 14 filhos.

O clima é saudabilíssimo apesar da intensidade do calor no verão, e o lado sul da cidade é refrescado pelas águas do Ipuçaba, que em todo tempo oferece magníficos banhos.

* * *

A comarca do Ipu foi criada pela Lei n.º 482, de 31 de agôsto de 1848, com território desmembrado de Sobral; ùltimamente por fôrça da Lei n.º 1.789, de 10 de janeiro de 1878, compreende os têrmos reunidos de Ipu e Campo Grande.

Tem sua sede na cidade para onde foi transferida a vila do Campo Grande por Lei n.º 200, de 26 de agôsto de 1840, e 261, de 3 de dezembro de 1842.

É classificada em 1.ª entrância pelos Decretos n.os 687, de 26 de julho de 1850, e 5.185, de 11 de janeiro de 1873.

Seus limites com os têrmos de Tamboril e Santa Quitéria estão traçados por Lei n.º 984, de 13 de agôsto de 1861, com Sobral pela lei citada e mais território declarado na Lei n.º 1.695, de 22 de setembro de 1875, com o de Campo Grande pela Lei n.º 1.798, de 10 de janeiro de 1879, compreendendo ainda a freguesia de Ipueiras, que serve de limites com a

Província de Piauí pelos têrmos de Príncipe Imperial e Pedro II.

Criada a freguesia de S. Gonçalo na Serra dos Côcos por Provisão dc 30 de agôsto de 1757, foi transferida a sede da mesma para a igreja de S. Sebastião do Ipu, cuja denominação tomou (Lei n.º 2.037, art. 3.º, de 27 de outubro de 1883).

* * *

Tem quatro distritos de paz: o da cidade que se limita com o de Campo Grande pelas águas do Ipuçaba e mais lugares declarados na Lei n.º 201 de 22 de agôsto de 1882; e do Ipueiras a 42 quilômetros ao sul, no sertão, criado pela Lei n.º 1.340, de 22 de outubro de 1870; o de S. Gonçalo da Serra dos Côcos, a 54 quilômetros a sudoeste, na Serra Grande, criado pela Lei de 13 de outubro de 1827; o da Várzea Formosa a 48 quilômetros na mesma direção, criado por Lei n.º 929, de 6 de outubro de 1860, que ocupa larga zona desabitada entre Ipu, Marvão e Pedro II, de tal sorte que chegam a batizar-se meninos com 10 e 12 anos.

Êste distrito não foi até agora inaugurado.

Além dêstes pertence ainda ao têrmo do Ipu o povoado da Varjota, situado a 34 quilômetros ao nascente, que nada oferece de importante.

* * *

A instrução pública é distribuída por duas aulas primárias para ambos os sexos, que são bem freqüentadas.

Calcula-se a população da cidade em 3.000 almas, e a de tôda comarca em 26.000.

Segundo dados colhidos na repartição competente rendeu o ano passado a Coletoria Provincial a quantia de ..... 7:802$774 réis.

* * *

Com relação à origem do Ipu, fui informado de que o local onde hoje se acha assentada a cidade pertencera ao sítio de Manoel Alves Fontes, que em 1792 fizera doação de uma légua de terra em quadro ao orago S. Sebastião, edificando-se uma capela no lugar denominado Papo.

Essa doação foi feita para fundação de um arraial em competência com outro que começava a formar-se em Ipueiras.

A capela conservou-se até o ano de 1871; tinha a frente para o poente, ao contrário da da igreja atual, e servia para nela celebrar-se a missa de Natal.

Corria que na praça em frente dêsse templo havia um tesouro enterrado por um holandês, que o colocara sob a proteção do Santo.

Fôra trazido da gruta do Donato, 12 quilômetros ao norte da cidade onde, segundo um roteiro que possui João de Andrade Rodrigues Cajão, proprietário do único sobrado construído nesta localidade, ainda existem grandes riquezas guardadas por uma serpente dos olhos de fogo; mas que só se pode ali penetrar quando o feroz animal está com os olhos fechados, entrando-se sem ambição e conduzindo-se a oração do contrito Senhor Zacarias.

Conhecendo o holandês o segrêdo de fazer a serpente fechar os olhos trouxe muita riqueza que enterrou junto à porta da igreja, e voltando para procurar mais fôra devorado pela mesma serpente.

Conta-se que o Major João da Costa Alecrim, que perseguido em Pedra de Fogo procurava nesse tempo seu parente, o vigário de S. Gonçalo, Manoel Pacheco Pimentel, tirou o tesouro sob a guarda do Santo, e por isso ficou tão odiado que todos o evitavam como a um precito.

* * *

O Ipu e S. Gonçalo da Serra dos Côcos foram desde seus princípios teatro de grandes conflitos armados entre os que se revezavam no poder, sendo o último em 1846 por ocasião

de um assalto à vila, quando exercia as funções de delegado Manoel Ribeiro Melo, que entre outros foi assassinado com dois filhos.

Seu primeiro juiz de direito foi o célebre jurisconsulto Manoel Mendes da Cunha, anistiado da Revolução Praieira, que considerando presente grego a nomeação para esta localidade, a rejeitou, sendo substituído por José Quirino Rodrigues Silva, que aqui se apresentou em 1850.

Dessa data em diante a comarca entrou mais ou menos em regime de legalidade.

A autoridade conseguiu impedir os conflitos armados, mas nunca pôde acabar com rixa entre as famílias.

Ainda hoje questão nenhuma pode ser resolvida sem que nela tomem parte, mesmo as senhoras, os meninos, que ora propendem a favor dêste, ora daquele, e muitas vêzes de ligeira altercação se origina luta séria, em que triunfa sempre o que tem de seu lado as autoridades do partido dominante.

Por motivos políticos o cartório e mais papéis do Campo Grande, que deviam ser transferidos para a nova sede, em virtude das Leis de 1840 e 1842, **naufragaram**, os que convinham, na passagem do riacho Ipuçaba!

Eram por demais turbulentos para não dizer sanguinários os primeiros povoadores desta parte da Província, sendo certo que os homens mais influentes pela posição e pelo dinheiro percorriam com bandos armados da serra ao vale e do vale à serra, decidindo de tudo e sôbre tudo a lógica do bacamarte.

Hoje, felizmente, elevado o Ipu a cidade por Lei n.º 2.098, de 25 de novembro de 1883, vai se desenvolvendo regularmente e promete vir a ser em futuro próximo uma importante cidade, principalmente quando chegar até aqui a estrada de ferro de Sobral.

* * *

Diversos rios regam esta comarca: o Jatobá, que nasce do tronco da serra Ibiapaba, banha o povoado de Ipueiras

pelo lado esquerdo e vai lançar-se no Acaraú, abaixo desta cidade 48 quilômetros, no lugar Arara, correndo quase de sul a norte.

Ao nascente o Acaraú, do qual é afluente o rio Macaco, cujas águas servem de limite às freguesias de Tamboril e Santa Quitéria até a confluência com o riacho Feitosa.

O Diamante Azul, ao sul, que segue em rumo de norte a sul, e vai desaguar no rio Pinheiro, grande afluente do Poti.

No decurso dêste rio, como no do rio Jatobá, encontram-se alguns pequenos açudes de pedra e cal, que fornecem água suficiente à plantação da cana, da qual extraem os proprietários bastante aguardente, que é consumida na Província do Piauí.

Mesmo no perímetro da cidade existem dez engenhos de ferro e três de madeira, os quais, à exceção de dois, se ocupam na fabricação daquele produto; visto como pouco consumo tem o açúcar, e dispendioso é o transporte para o mercado de Sobral.

* * *

Uma das fontes de riqueza do Ipu vem a ser a variedade de minerais que abundam no seu território.

No lugar Bom Jesus, a três quilômetros ao nascente da cidade, se acha a célebre mina de ouro, que dela fêz referência o Senador Pompeu na sua **Estatística**.

Diz-se que a primeira pessoa que a descobrira foi um prêto velho que moía a pedra com uma alavanca, e vendia em oitavas o precioso metal.

O especialista Dixon, que por conta do Major José Bernardo Teixeira viera para examinar a mencionada mina, falava com entusiasmo das suas vantagens.

Entendia êle que tinha proporções para empregar cêrca de 1.000 pessoas, que se podia construir uma estrada de ferro de Camucim até ali, contando-se com todos os recursos, isto é, com a água do Ipuçaba que corre contìnuamente nas proximidades, madeiras em abundância, e a Serra Grande ao lado para abastecimento de gêneros aos operários.

Tirando-se em um raio da mina 18 oitavas por toneladas de pedras, extração igual à do Congo Sêco em Minas, maiores vantagens se deveriam esperar, quando chegassem os trabalhos à mina-mãe.

Associado ao Major Teixeira, parte Dixon para o Rio de Janeiro a fim de tirar o privilégio, e de volta passa no Recife, onde veio a falecer, desaparecendo as plantas e mais papéis relativos àquela emprêsa.

Quanto à do Juré, 54 quilômetros ao nordeste, que o naturalista João da Silva Feijó examinou e julgou o metal superior ao da mina de Curumatã, ainda hoje os moradores o encontram em palhêtas, e o Coronel Diogo Lopes de Araújo Sales, há anos tentou explorá-la, para o que fêz serviços extraordinários, mas foi afinal obrigado a suspender os trabalhos à falta d'água, e por ter sido assassinado por um seu escravo o indivíduo habilitado em mineração.

O escravo foi justiçado na praça da igreja.

Além daquele metal se encontram no têrmo minas de cobre, de chumbo, a que chamam impròpriamente plombagina, de ferro, ora oxidado debaixo da forma oligística, ora misturado com terras aluminosas e bem assim diversas substâncias salinas, como vastas nitreiras, pedra-ume (sulfato duplo de alumínio e potássio) no terreno sôbre que está sentada a capela do Peixe, na Macambira, potassa (carbonato de potassa), mais conhecida do povo pelo nome de sabão de pedra, e em grande quantidade o valiosíssimo antrácito.

Em passeio à ponta da serra que corre em direção ao norte, na distância de quase 12 quilômetros, observei extensa camada de pedra-sabão (carbonato de potassa), que tem ficado até hoje sem utilidade alguma.

Por tôda parte se encontram rochas graníticas, porfíricas, aproveitáveis para as grandes construções, massas de pedra calcária (carbonato de cal), de que se extrai pelo calor a cal empregada na composição de argamassas, diferentes espécies de argilas, e em abundância pedras esféricas (aetites), variedade de geodos, cujo centro está cheio de óxidos metálicos de várias côres, de que se servem os pintores.

Não menos importante é a flora do Ipu.

Na falda da montanha da Ibiapaba crescem as grandes espécies vegetais da nossa zona, donde vêm madeiras precisas para a edificação da cidade.

Esta localidade **Pedaço de Ouro**, como a costumava denominar o Senador Pompeu, pela riqueza mineral e vegetal que contém em seu seio, pela irrigação constante do Ipuçaba, pela salubridade do clima, pelo desenvolvimento da agricultura e criação pastoril, me parece que virá a ser a mais importante das que ficam ao norte da Província, inferior sòmente ao Crato, que não conheço senão por informação, e a serra de Baturité.

Talvez não seja preciso muito tempo para se verificar o que digo aqui.

* * *

A maior curiosidade do município é indubitàvelmente a Bica, jôrro d'água que se precipita da serra, de uma altura de 133 metros, em um sítio magnífico, a 2 quilômetros a sudoeste da cidade.

De longe parece larga fita de prata, caída sôbre o verde-gaio das árvores, ondulando suavemente ao efeito da luz do sol e expelindo as mais agradáveis irradiações.

Na estação invernosa avoluma-se, alarga-se, transborda e cai sôbre as pedras do solo com arruído extraordinário, que é ouvido a grande distância.

Umas vêzes o vento, soprando de rijo, atira as águas de encontro às negras paredes do talhado e faz descer largo lençol de espuma à semelhança de pujante cascata.

Outras remoinhando na concavidade que formam as pedras, em virtude da ignota pressão, eleva-as para o ar produzindo esplêndido repuxo, que delicia a vista pela grandeza da paisagem, e pela auréola alvinitente com que se coroa a serrania.

Essa maravilha é formada pelas águas do riacho Ipuçaba, que passa nas imediações do povoado Várzea, e nasce na

fazenda S. Paulo, propriedade do Coronel Félix José de Sousa, à esquerda da estrada que desce do Campo Grande.

No lugar donde surge, é tão brando o terreno que introduzida a mais comprida haste, não se tem podido medir a profundidade, notando-se ainda certo recuo apenas cessa a intromissão.

Desejando visitar a bica, se oferece para me fazer companhia o Dr. Sales, e assim no dia seguinte pela manhã para lá nos dirigimos.

Atravessamos o Reino de França, e em alguns minutos começamos a subir sensível ladeira.

Adiante notei à direita umas grandes pedras que formam uma espécie de sala, onde perfeitamente se pode resguardar a gente da chuva e do sol.

Pela posição horizontal de que descansa sôbre as duas laterais erguidas à borda do caminho, recordam êsses velhos **dolmens** antigos monumentos célticos, sôbre a natureza dos quais ainda não chegaram até hoje a um acôrdo os arqueólogos.

Quem sabe se aquêle monumento não teria sido habitação em tempos primitivos?

Assim pensando chegamos ao sopé da montanha, onde o volume de água da bica, o murmúrio do riacho que se perde à direita em direção à cidade, a mais variada vegetação aquática, os insetos mais elegantes, as rochas negras e sombrias em semicírculo imprimem ao local a mais imponente perspectiva.

A bica, em tôda a sua majestade, naquele retiro poético e cheio de rumôres, tem a solenidade selvagem do Staubbach, êsse **ruisseau-possuière** que se despenha de uma altura vertical de 300 metros no fundo do vale de Lanterbrunnen, nas regiões do Interlaken, da encantadora Suíça, e faz o deleite dos turistas e pintores.

Eu não me cansava de admirar aquêle quadro, que a natureza enriquecera com os resplendores de sua magnificência.

A água cai do alto em grossas gôtas de chuva, e é tão forte a queda, que chega a doer sôbre a epiderme.

Tangida pelo vento, ora se derrama em um ponto, ora em outro, e nesse movimento contínuo é acompanhada sempre de música sonora e agradável.

Meu relógio marcava 10 horas quando nos retiramos.

* * *

Voltei ainda à bica, mas desta vez a pé e acompanhado do meu arrieiro Antônio Guida, perfeito conhecedor daquelas paragens, como de todo o sertão.

Percorremos os arredores.

Ao perto se encontra um pátio lajeado, escondido entre viçosos arvoredos, onde, segundo fui informado, quando por ali aparecem as famílias da cidade em passeio de recreio, dançam quadrilhas e valsas como em apropriado salão. É um sítio encantador.

Do lado esquerdo vê-se a escada que, tornando mais curto o caminho para a cidade que pela ladeira da mina, por ela descem e sobem os moradores da Várzea e suas imediações.

Em noite de Natal é magnífico o efeito produzido pelos inúmeros archotes, que trazem as pessoas que descem por ali para a missa.

Pelo último movimento da longa enfiada de luzes dir-se-ia uma serpente de fogo, se agitando em meio da escuridão da noite.

* * *

Não deixa de ser perigosa e muito perigosa a ascensão por aquêles alcantis; apesar da perícia dos habitantes da serra, de quando em vez o descuido ou outro qualquer acidente atira vítimas ao abismo.

Por ocasião das eleições de 1871, um rabequista que com os outros eleitores venciam aquela arriscada passagem, dominado talvez mais do álcool, se desequilibrou, caiu sôbre as pedras e faleceu imediatamente.

De outra vez, voltando à noite um casamento com os mesmos convidados ao povoado da Várzea pela terrível ladeira, por motivos que não se pode explicar, a noiva atira o noivo no despenhadeiro, e acabou-se a festa.

Convém notar que a môça fôra raptada, e resistira aos esforços da família que se opunha a êsse enlace.

O desfeixo de um crime semelhante é fácil de se imaginar.

* * *

Mais além, já no comêço da declividade da montanha, onde a vegetação é mais robusta e derramam mais sombras as bignoniáceas e urticáceas gigantes, por cujas pernadas se agarram as mais caprichosas parasitas, sentei-me e comecei a observar os objetos que me rodeavam.

Enquanto me deliciavam os ouvidos os trilos melodiosos de um valente conirrostro, que não me foi possível descobrir, mas que me pareceu ser o **Carduelis brasiliensis**, que se expandia a pouca distância na ramada de uma **Acacea jurema**, fui despertado do meu enleio pela presença de uma grande aranha do gênero **Mígala**.

Walter Bates, acêrca dos hábitos e fôrça dêste terrível aracnídeo, de instinto carnívoro a ponto de atacar até as aves, refere no seu precioso livro **The Naturalist on the River Amazons**, que êle próprio encontrou um dia em Cametá uma da espécie Aviculária, em cuja teia de um tecido branco e forte se achavam presos dois **Caelebs**, um já morto e outro a expirar.

Que as mígalas saem à noite, trepam pelas árvores, sugam ovos e matam os filhos dos beija-flôres, eu sabia das descrições de Madam Merian e Palisot de Beauvois, mas diversos viajantes os contestavam, principalmente o Conde Langsdorff na sua **Expedition into Interior of Brazil**, sòmente se ficou conhecendo a veracidade dêste fato, depois que o secretário assistente da Sociedade Geográfica Real Inglêsa o certificou com o seu testemunho.

É de feito um inseto valente, mas apesar da coragem de

que é dotado, da desigualdade de tamanho, cai de ordinário sob as armas do cavalo-do-cão, como é vulgarmente conhecido entre nós o pompilo, inseto da tribo dos **Esphegios**, ordem dos Himenópteros.

Tem-se observado que apenas a aranha encontra aquela grande vespa, fica magnetizada, pára e conserva-se imóvel.

O cavalo-do-cão, que eu classificaria **Pompilus marginalis**, em conseqüência do ourelo côr de ouro que circula as asas posteriores, salta-lhe sôbre o dorso e a mata com seu terrível aguilhão, depois que a arrasta até introduzi-la no seu ninho feito no chão.

Espreitando os movimentos desta, interrompeu a minha observação a queda de uma fôlha sêca que a espantou e fê-la esconder-se na fenda de uma pedra.

Levei ainda muito tempo a esperar; mas ela custando a aparecer, pusemo-nos a divagar ora aqui, ora além, por lugares ermos, onde a cada passo oferece a natureza motivos para profundas reflexões.

Diante dos gigantes do mundo vegetal, que certamente não se podem chamar como na Califórnia, mamutes da floresta, aos cedros **Wellingtonia gigantea**, que se elevam a 150 metros de altura, com diâmetro de 30, eu refletia sôbre a longevidade das árvores, reconhecendo que a esterilidade é a causa principal da duração dêsses colossos, na opinião do naturalista Félix Pouchet, alguns dos quais assistiram nos países equatoriais às cenas finais da criação, e, tendo afrontado à ação de tantos e tantos séculos, se acham ainda de pé e vivos até hoje.

Superior à **Wellingtonia**, diz o botanista Ferdinand Muller é o **Eucalyptus amygdalina** com 280 metros de altura, o que é confirmado pela narração de Mr. Georges Robin, que viu e mediu nas montanhas de Berwick, na Austrália, uma dessas árvores com a grossura no tronco de 44 metros.

Donde se vê que o eucalipto pode com a sua sombra cobrir a grande pirâmide do Egito e a flecha da catedral de Estrasburgo, pois que a primeira mede 266 metros de altura e a segunda 268.

Troncos de árvores há tão descomunais que o gênio do homem os tem aproveitado para templos ou habitação de recreio.

Em Normandia se encontra o carvalho-capela de Allouville, no qual existe um altar dedicado à Virgem, onde em certos dias se celebra missa.

Marquis mediu-lhe a circunferência e diz que tem 16 metros de contôrno junto ao chão.

Mais espaçosa é a sala do Carvalho de Montravail, perto de Saintes, cujo tronco contém 26 metros de grossura, e os ramos derramam sombra a 26 metros de circuito.

Em S. Francisco introduziram um piano e deram um baile a mais de 20 pessoas no tronco de uma Wellingtonia, que para ali havia sido transportada.

* * *

Eu não me extasiava por certo diante de um dêsses colossos da criação; mas via a vegetação mais variada, mais caprichosa, cipós robustos se enredando nos caules, orquídeas mimosas pendentes dos galhos e das raízes aéreas que se embalam ao sôpro da brisa, mais verdura, mais ruído, mais selvatiqueza, mais vida.

Ali se balançava nas alturas um ninho longo e pendente da extremidade de um débil ramo, uma espécie de bôlsa, feita de fibras vegetais trançadas caprichosamente, semelhando grosseiro tecido, que o artista aéreo construiu sem outro instrumento mais do que o bico que lhe serve de agulha e que êle emprega com extrema agilidade.

Não cheguei a ver o construtor, mas o trabalho tem a forma do ninho do **Cassicus persicus**.

Além tremeluz no escuro da mata o colorido faiscante das asas dos morfos, que esvoaçam inquietamente pelos claros sombreados.

Dêste lado, nos delicia o ouvido a música retinente, aguda, aprazível dos beijos de várias espécies de **Trochilus**, colibris

que passam afagando as flôres das trepadeiras, e contìnuamente interrompem o silêncio dos bosques, os gritos dos psitacídeos, que povoam em número infinito o interior da Província.

Por tôda parte adejam milhares de insetos, uns trepando as árvores, outros se arrastando pelo solo, pelas pedras, êstes tàcitamente, aquêles com monótono sussurro.

Sempre ruído, sempre agitação, e no seio da natureza a luta pela vida é constante.

Domina a lei do mais forte, e assim os menores servem de pasto aos maiores.

A saúba (**Oecodoma cephalotes**) conduz ao dorso restos de um coleóptero, que talvez tivesse sucumbido na luta, e desaparece com sua prêsa nas galerias subterrâneas.

Dêsse lado outro mineiro cava o solo e se esconde na profundidade.

Isso lembra o que refere Louis Rousseau acêrca dos besouros (**Necrophorus vespillo**), que com a maior habilidade enterram o cadáver de um rato, de um pássaro ou mesmo um pedaço de carne.

Só trabalham à noite, tomando o dia para repouso.

Cavam a terra debaixo do corpo do animal morto, até que pelo pêso o corpo tome a posição desejada.

Terminado o serviço os necróforos põem sôbre o animal e se retiram depois de o cobrirem com terra.

Êste fato é confirmado por Mr. Gledistsch que, para experiência, prendera o corpo de uma toupeira a um pau fixo no chão.

Os necróforos não tardaram a chegar, e como o terreno era favorável, puseram-se logo em obra; por mais que se esforçassem, a toupeira prêsa por um cordão ao pau não podia descer.

Por fim um dos coveiros vem fora e começa a examinar o corpo e os arredores do fôsso.

Chegou ao pau e reconheceu que era aquilo que impedia ao corpo descer, e voltando à pressa para os companheiros os trouxe para junto do pau, e todos de acôrdo se puseram a cavar em redor até que êste tombou.

Desde então, sem mais empecilho, foi fácil levar-se ao fim a tarefa.

Rousseau reconhece que é infinitamente maior o número dêsses insetos nas zonas quentes.

No Brasil é conhecido o **Necrophorus scutator**.

* * *

Em qualquer canto do nosso território há muito que estudar, que aprender, que deliciar a um espírito culto, e que continua ainda inteiramente desconhecido, sòmente apreciado dos estrangeiros que invejam a nossa riqueza.

Já é tempo de se ir desenvolvendo o gôsto das ciências naturais, e de sairmos dessa ignorância profunda de tudo que há de constituir nossa grandeza no futuro.

Acostumados com os esplendores de uma natureza rica e pujante não atendemos senão ao que mais nos deslumbra.

Passamos ante as belezas perenais da nossa zona com a indiferença do indígena, que por insignificantes e ridículas miçangas trocava grossas palhêtas de ouro.

* * *

Adiante, depois de têrmos apanhado diversos insetos, cada qual mais lindo, mais irisado, que prova quanto rica é a nossa fauna entomológica, tive de assistir a uma cena curiosíssima.

Sôbre rija teia, armada no tronco de uma majestosa urticácea, pousava uma aranha do gênero **Acrosoma**, que à nossa aproximação se refugiou no centro, contraiu o corpo, dando-lhe a forma de botão e parecia espreitar-nos.

Eu sabia de quanta inteligência é dotado êsse animal pelo que li a respeito de Paulo Lellison, quando encerrado nas prisões da Bastilha em 1661, que apenas fazia vibrar as cordas de seu violão, uma aranha descia para ouvi-lo com a maior familiaridade.

Outra vinha sôbre o piano de Gretry cada vez que o

compositor punha em movimento o teclado; Michelet conta a história de um jovem amador de música que tinha estabelecido a amizade mais estreita com uma **Clotho**.

A mãe dêste, menos artista que a aranha, esmagou a graciosa amiga do filho, o qual veio por isso a morrer de dor.

Aquela de que falo, guardava a mesma posição defensiva, quando de repente caí se debatendo na extremidade da teia um pequeno díptero, cuja queda foi como a eletricidade levar o movimento a todos os cantos.

Num pulo o terrível aracnídeo se apoderara do pobre desgraçado, esmaga-lhe a cabeça e põe-se a saborear o sangue da vítima.

Nisto, desce entre nós uma grande vespa do gênero **Pelopoeus**, e rápida como o raio se atira contra a aranha, que tentando resistir, é afinal arrancada do seu reduto e levada nas patas do triunfador, que num segundo desapareceu nos ares.

Ficamos a pensar.

Cenas destas se repetem continuamente por tôda a face da terra, e já o vulgarizador J. Pizetta no seu interessante livro **Plantes et Bêtes**, coroado pela Academia Francesa, descreve fato idêntico.

Não é entre os irracionais que se produz em tôda a sua inteireza a fábula do leão destruindo a prêsa, não ; o homem às vêzes se esquece de sua superioridade e põe em execução êsses atos de selvageria.

A Inglaterra com relação às potências mais fracas da Ásia, África e Oceania, exerce protetorado semelhante, e ainda não há muito a Espanha estêve ameaçada de perder as ilhas Marianas em favor da Alemanha, que tinha apenas de seu lado a fôrça de suas armas.

Para os que reconhecem o direito da escravidão nada mais natural.

* * *

Continuando a subir a montanha, íamos sempre abrigados pelas sombras das árvores, e ora dêsse lado, ora daquele,

se erguiam as rochas em forma de tôrres, de muralhas, de escadarias, como se um povo de gigantes tivesse aplicado o esquadro e o nível da sobreposição das camadas horizontais.

Aquêles talhados, aquêles despenhadeiros, aquêles píncaros coroados de verdores imprimem certa grandeza à paisagem.

A natureza aqui como em parte nenhuma envolve os mais vigorosos contrastes, apresenta os mais graciosos ornamentos e sombrios horrores, e diante dêles o homem passa ràpidamente do sentimento da paz mais doce ao súbito receio, volvendo seus olhares com humildade ao céu para a mão do Deus Criador.

Ordinàriamente ela nos parece tanto mais bela, quanto mais sentimos nossa inferioridade em sua presença.

* * *

Íamos vagarosamente prosseguindo sem que nos assaltasse a idéia do encontro de uma dessas terríveis árvores venenosas da Índia, Java, Bornéu, Samatra e Celebes, que segundo Charles Thunberg, o botanista de Upsal, é preciso envolver a cabeça, as mãos e todo corpo para se pôr ao abrigo das emanações, sobretudo das gôtas do suco que caem dos galhos, devendo ainda se evitar a aproximação.

Uma delas é o Duho-Upas (**Strichnos tieuté**), cujas exalações produzem espasmos, entorpecimento, e quando alguém passa por debaixo com a cabeça descoberta perde os cabelos, e cai fulminado todo e qualquer pássaro que ousa pousar sôbre seus ramos.

O viajante holandês Foerset diz que, estando em Sourakarta, em Java, assistiu à execução de três mulheres às quais, tendo o algoz picado no seio com uma lanceta molhada em resina do upas, experimentaram um tremor seguido de convulsões, e seis minutos depois nenhuma existia mais.

Não; não receávamos envenenamento dessa ordem em uma natureza calma, inofensiva, onde a vegetação mais concorre para a salubridade do clima, para a purificação do

ar atmosférico, absorvendo ao contrário os elementos deletérios que se envolvem por fôrça do grande calor.

Certo, não receávamos, nem tampouco seríamos surpreendidos no caminho por lôbos e ursos, como os habitantes dos cantões ocidentais e do Meio-Dia da Suíça.

Nunca entre nós se ouviu dizer que das nossas montanhas descessem gipaetos ou **loemmergeiers** e águias para roubar crianças, chegando a audácia dêsses rapaces diurnos a atacar os caçadores nas perigosas passagens dos Alpes.

Em 1838, brincando duas crianças em um prado, no cantão de Vaud, sobrevém um gipaeto e arrebata a mais velha, Maria Delez, de cinco anos de idade, cujo cadáver só foi encontrado dois meses depois, num rochedo, horrìvelmente mutilado.

F. de Tschudi, no seu **Monde des Alpes**, a obra talvez mais importante de quantas tenham aparecido sôbre a Suíça, refere diversos casos dêsses, cada qual mais surpreendente.

Muito perto de nós, nos Estados Unidos, próximo a Nova Iorque, um menino de sete anos foi assaltado por uma águia, da qual chegou a evitar o primeiro choque.

Recomeçando a ave de rapina a investida, o menino esperou-a com sangue frio e descarregou-lhe na asa esquerda um golpe de foice, que a lançou por terra.

Felizmente, à exceção da cobra-de-cascavel que fere traiçoeiramente, todos os outros animais evitam o homem.

Adiante me voltei e vi desdobrar-se tôda a planta da cidade, a cinta verde e coberta de coqueiros e canaviais do riacho Ipuçaba, o rolos de fumo que partiam da chaminé da fábrica, outrora pertencente ao Padre Francisco Correia de Carvalho Silva, a qual situada a um extremo da cidade, se achava em serviço de moagem.

Do lado do nascente deliciava-me o lindo espetáculo da propagação retilínea da luz do sol, que oculta por uma acumulação de nuvens pardacentas, deixava jorrar seus raios por entre as aberturas, como uma cruz cintilante.

Em frente, a extensão iluminada e rica de tons, que variam aos esplendores de um céu de anil!

Quase nove horas resolvi regressar.

* * *

Pelo caminho observei que as plantas nos lugares mais elevados são de talhe menor e porte mais reforçado do que no vale.

A terra aquecida enèrgicamente pelos raios mais ardentes do sol, dá mais calor vital às raízes das plantas; ao passo que a intensidade muito maior da luz desenvolve uma atividade mais considerável para as funções das fôlhas, dos renovos, das flôres.

Na montanha o solo é quente e o ar fresco, ao contrário do que se dá com relação à vegetação da planície; e é essa a razão por que os ramos em lugar de se elevarem dobram-se procurando o calor maternal.

Despedindo-me daqueles desertos sítios a que reveste a mais curiosa vegetação, por entre a qual surgem aqui e ali cabeços de muros requeimados de rochas, demorava-me ainda a contemplar aquela paisagem, feita expressamente para os pintores, como disso Topffer, falando das montanhas do Brung, no fundo de Unterwald.

Deixei-os afinal.

* * *

Os filhos do Ipu ressentem-se da influência da montanha.

São fortes, robustos e aptos para o trabalho.

Pode-se dizer de um modo geral com Reclus "que êles se distinguem **par le courage et la solidité**".

Seu vasto peito encerra pulmões de células mais largas e mais numerosas que os habitantes dos campos, e enche-se de ar ao mesmo tempo mais puro e mais ligeiro.

Algumas mulheres que pude ver, nos poucos dias que por aqui me demorei, tinham certa correção de traços fisionômicos, que me agradou sobremodo, além da côr que, não sendo tostada como a da maioria das do sertão, as tornam atrativas e formosas; mas são em geral de formas cheias à imitação dos modelos de Rubens, o que talvez exprima superabundância de vida.

Não há ainda nestas paragens esta sociabilidade, que distingue outros pontos do interior tão celebrados por sua hospitalidade, e isso se deve aos exageros da política; entretanto fôrça é confessar que os costumes se modificam e que com o desenvolvimento da cidade, grandioso será o futuro do Ipu.

Já possui um gabinete de leitura enriquecido com mais de trezentos volumes, e consta-me que se procura divulgar por todos os meios a instrução entre o povo, e trata-se da aquisição de uma tipografia.

É o comêço de sua prosperidade.

Terminado o trabalho que me trouxera a esta cidade, agradeci pessoalmente aos amigos Antônio de Melo Marinho, Liberalino Dias Martins, Severino Correia da Silva e Dr. Sales as atenções com que me haviam penhorado, abracei-os e voltei a dar ordens para a partida.

Em casa, enquanto desarmava o microscópio e acondicionava alguns insetos apanhados na montanha, não pude deixar de rir ao ouvir uma discussão entre o meu arrieiro e um vizinho.

Sustentava Antônio Guida que ao passo que um mamífero ou pássaro tinha quinhentos e trinta músculos, um inseto tinha quatro mil e quarenta e um, segundo a opinião do anatomista Lyonnet.

Era o que havia ouvido de mim em conversa na tarde antecedente.

O vizinho duvidava com tôdas as fôrças, e a discussão exacerbava quando intervim a favor de Guida.

O homem estava admirado da **erudição** do arrieiro.

* * *

Ao outro dia, 7 de novembro, pela madrugada, acompanhado do Dr. Sales e do Capitão Melo Marinho, deixei o Ipu.

Quando surgiu o sol na linha do horizonte, já estávamos com mais de dezoito quilômetros de viagem.

Levávamos direção sudoeste, e por todo o caminho notei

que de quando em vez a vegetação era robusta nos lugares mais baixos sobressaindo as mimosas e as acácias.

As margens dos riachos são sempre reverdecidas por várias combretáceas do gênero **Combretum**, onde pascigam os frutos bandos de maracanãs (**Conurus guyanensis**).

Malgrado a aproximação da montanha que corre a pouca distância à direita, já se vai sentindo a aridez do sertão.

Pelas nove horas, chegamos à povoação de Ipueiras, onde nos acolheu delicadamente o Rev.^{do} João Dantas Ferreira Lima.

Ipueiras conta apenas de uma grande praça, circundada de pequenas casas, tendo na face ocidental a igreja não acabada, mas com excelentes proporções.

Em conseqüência dos esforços do inteligente vigário, que não poupa sacrifícios em bem dos seus paroquianos, não só esta, como a freguesia de S. Gonçalo da Serra dos Côcos, se erguem do abatimento em que as lançou a calamidade de 1877, e voltam à vida e à prosperidade.

Já não é esta florescente freguesia o teatro de hórridas façanhas, mas o campo, onde a população aplica a impetuosidade de sua índole para se elevar pela nobreza do trabalho, esquecendo os erros do passado.

Ipueiras desenvolve-se sob a direção do seu dedicado pastor.

* * *

Mostraram-me na mesma praça, ao lado meridional, a casa que pertencera ao Padre Francisco da Mota Sousa Angelim.

É grande, a maior talvez da localidade, porém acaçapada e de má construção.

Contemplando-a, volvia-me à mente a lembrança do seu habitador, homem forte, para quem a vida fôra uma luta constante, e que talvez tenha sido julgado por seus desafeiçoados com extremo rigor.

Eu que o conheci, amava a inflexibilidade do seu caráter; e atribuía alguns exageros de independência à constituição de ferro de que era dotado, que o impelia a não suportar qualquer humilhação.

No mais era um homem amável, delicado, bom amigo.

Pelas cinco horas, despedindo-me dos meus companheiros de viagem, parti com o Padre Dantas que me ia levar até o engenho de Vicente Gomes Ferreira Tôrres, cêrca de seis quilômetros.

* * *

Chegando àquele aprazível local, não pude deixar de soltar uma exclamação de surprêsa ao contemplar a linda perspectiva que se desdobrava a meus olhos.

Na casa de sobrado, assentada num alto, domina larga extensão, sombreada do lado esquerdo por árvores que se erguem à margem de um riacho e pela direita enfrenta com a cordilheira ao longe revestida de azul suave, que àquela hora refulgia aos deslumbramentos do pôr do sol.

No vale, as árvores, agitando como ondas impelidas pelo vento da tarde, os cimos descorados, por onde se distendia uma variedade de tons amarelentos com reflexos de ouro, tornavam mais solene o espetáculo do crepúsculo.

Todo céu se enternecia aos últimos lampejos, e as nuvens perdendo pouco a pouco o vívido colorido se desfaziam em tênue vapor, que imperceptìvelmente vencia a dúbia claridade.

Que agradável vivenda aquela que tem sempre de um lado alegrias da aurora e do outro o tristonho do arrebol!

Separamo-nos.

* * *

Tendo caído a noite, juntei-me aos homens que conduziam os animais das cargas, notando que daqui em diante todo caminho era geralmente acidentado.

Por essa ocasião ouvi de Antônio Guida, que não longe

da estrada ficava a fazenda Jatobá, onde tivera fim o célebre facínora Galuxo, que se evadira das prisões da Capital, e dava como razão de nunca ter sido capturado, apesar das inúmeras diligências empregadas pelas autoridades policiais do têrmo do Ipu, o expediente que tomara de dormir no meio das várzeas.

Quando por qualquer informação se expedia fôrça em direção ao lugar em que êle se achava, apenas se ouvia o tropel dos soldados, o tetéu (**Vanellus cayanensis**), que pressente ao longe o mínimo ruído, gritava, e o facínora despertava e fugia.

Assim nunca pôde ser pegado.

Guida entreteve com êle amizade, e referiu-nos que tendo Galuxo ido um dia à casa de Venâncio Pereira de Matos, morador naquela fazenda, dissera certa grosseria à senhora dêste, o que sabendo o marido, se armou de uma clavina e prometeu não a deixar enquanto não se tivesse desagravado.

Por sua vez Galuxo tentou acometê-lo nos caminhos, e não o conseguindo, o foi esperar na própria casa.

Aí Venâncio o surpreende, e rápido como um raio, lhe desfecha no peito uma bala, sem que o asassino tivesse tido tempo de lançar mão da arma.

Morto sob a varanda, Venâncio agarra-o pela perna e o arrasta até o pátio, onde algumas pessoas lhe deram sepultura, marcando até ainda há pouco tempo uma cruz o lugar de seus ossos.

Venâncio foi absolvido no júri.

Terminava Guida a sua narração, quando vi brilhar em frente uma larga extensão alvejante que parecia mover-se.

Era imenso rebanho de ovelhas da fazenda Mulungu, do Capitão Ludovico Catunda, que à nossa aproximação desaparecera a correr no pátio da casa.

Sendo mais de dez horas e havendo caminhado dezoito quilômetros, apesar da escuridão da noite, dei ordem para fazer alto e acomodamo-nos na varanda.

Ao outro dia, antes mesmo que se tivessem levantado os donos da casa, pusemo-nos em marcha.

Poucos passos adiante tivemos que atravessar a parede de um grande açude, abaixo do qual se mostrava imenso canavial, sendo aproveitados os lugares mais altos no plantio do algodão.

É uma propriedade magnífica a fazenda Mulungu, que além de grandes pastagens, oferece terras apropriadas à lavoura.

* * *

Pelas oito horas senti que eu ia cair, tamanha era a agonia que me dominava; por isso encaminhei a cavalgadura para o leito de um regato, e à sombra de uma combretácea me deitei, parecendo que ia soar minha última hora.

Neste transe angustioso pensava eu na família e me dispunha a deixar o mundo, quando vi brilhar uma substância dourada que se misturava às areias da barranca.

Esqueci o meu incômodo que descobri afinal ser o efeito da nicotina e atirei-me à mina do precioso metal.

O que eu encontrei não passava de palhêtas delicadas de mica com brilho dourado, e no entanto sua presença me revelava de modo esplêndido a riqueza do nosso solo.

Apanhei cêrca de meio quilograma, e prossegui meu caminho sem me lembrar mais da idéia da morte.

Minutos depois observei que o terreno que atravessava era negro e coberto de profundas fendas, que estava a indicar o fundo de uma lagoa, cujas águas se evaporaram em conseqüência da intensidade do calor.

Eram dez horas quando me apeei à porta da casa da fazenda Diamante, do Capitão Clínio Memória, do Campo Grande.

Fui recebido jovialmente por três indivíduos que se ergueram à minha aproximação, e enquanto chegavam os meus arrieiros, foi-me servido café.

Aí encontrei o célebre caçador de onças, Vicente de Sousa, que só na última semana havia abatido cinco dessas terríveis devastadoras da criação.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Jules Gérard, cognominado o Matador de Leões, e conhecido pelos árabes por Terrível Franco, talvez não fôsse mais destemido nem dotado de mais bravura.

Durante onze anos o bravo militar, por ter morto vinte e cinco leões, que infestavam a vizinhança da Argélia, munido de arma aperfeiçoada e balas explosivas, foi condecorado com a **Legion d'Honneur**; ao passo que êsse sertanejo tem derribado centenares dos mais ferozes dos nossos animais carniceiros, e continua a prestar os melhores serviços sem que ninguém o conheça.

É um homem alto, magro, de olhar profundo, e pelo pouco tempo que com êle conversei, ficou-me a convicção de que não sabe o que é mêdo.

Dias antes, tendo êle surpreendido, ao cair da tarde, uma onça negra malhada (**Felix brasiliensis**), que havia acabado de devorar uma rês, estando já saciada, foge e se oculta numa pequena gruta ao sopé da montanha.

Vicente de Sousa fecha com pedras a entrada, e prepara-se para o combate na manhã seguinte.

Logo que no céu bruxuleiam os primeiros clarões da aurora, o afamado caçador deita abaixo as pedras e penetra na gruta, onde apenas o apercebe o tigre, atira-se como uma seta contra êle e o teria espedaçado, se, calmo como a rocha, sem ter tido mesmo tempo de levar ao rosto a arma, visto como medeava entre ambos sòmente o curto espaço de cinco metros, não tivesse atirado aos pés da fera enraivecida a sua cachorrinha, sôbre a qual não tinha ainda firmado a pata, quando uma bala certeira a revira de costas.

A cachorrinha nada sofrera.

Vicente de Sousa referiu-me diversos casos, cada qual mais arriscado, em que só muita coragem e sangue-frio o têm salvado.

Vive de matar as onças que aparecem na vizinhança e de vender as peles.

Por essa ocasião trazia cinco, entre as quais uma de tamanho extraordinário.

Diego, o fazendeiro da Província de Goiás, tão exaltado

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

nos **Récits Americaines** de Mr. F. Dabadie, por suas caçadas de onças, não é mais bravo nem tem feitos mais heróicos que o modesto sertanejo cearense.

* * *

Percorri os arredores da fazenda e tendo chegado até as frondosas oiticicas (**Pleuragina umbrosissima**), que sombreiam os poços ainda com água no riacho, que corre a uns cem metros pelo funddo da casa, entretive-me a ouvir o canto de diversos conirrostros, alguns não classificados apesar das sessenta e seis espécies constantes das coleções existentes no Museu Nacional.

Se me fôsse possível dispor de mais tempo, e me tivesse premunido de uma espingarda, acredito que teria aumentado com pequeno contingente o estudo daquela parte da Zoologia; mas qual! as ordens que eu havia recebido eram de correr, correr e recolher-me à Capital com a brevidade possível, e era isso que me impedia de tratar com seriedade de qualquer assunto que pudesse aproveitar a mim e aos outros.

De volta, ao passar próximo a uma moita de camará (Lantana **sp**) deitou a correr adiante e tomou rasteiro vôo uma codorniz ou perdiz, da família dos **Tetraonidae**, que diferia da **Odontophorus rufa**, cujo corpo é listrado de vermelho escuro e tem a cauda curta.

Preparando-me para deixar o Diamante, apesar do fresco que me retinha na rêde, ergui-me à aproximação de um ruído que partia do lado do nascente.

Êsse ruído aumentava progressivamente de um modo assustador, de sorte que após dez minutos mais ou menos, cheguei a observar que uma coluna de pó avermelhado inundava todo terreno que se estendia em frente da casa, donde vai se deprimindo até além a encontrar as árvores do lado oposto, que formam outra colina.

O vento soprava sempre com violência e dentro em pouco remoinhando da direita para a esquerda em tôrno de uns arbustos a poucos passos da casa, erguia ao ar longa espiral

de muitos metros de altura, levando em sua rotação as fôlhas sêcas e torcendo de modo indescritível as árvores que semelhavam flexíveis vergônteas.

Chegamos à porta.

O estrépito continuava, e por felicidade nossa tomou o redemoinho, como vulgarmente lhe chamam, direção oposta, carregando no turbilhão areias, fôlhas e outros objetos que encontrava na sua passagem.

Durante o tempo que o terrível furacão demorou no pátio, o céu parecia que se apresentava turvo e o sol avermelhado como uma fornalha.

Foi então quando fiz uma idéia dos horrores do **simum** no Saara e na Arábia, do **samiel** na Síria, do **cansim** no Egito, **karmattan** em Guiné, **tebbad** nos desertos da Ásia, **tornados** nos Estados Unidos e **pampeiros** nas regiões do sul da América Meridional, cujas descrições muitas vêzes nos fazem eriçar os cabelos e gelar de mêdo o coração no peito.

Que coisa horrível é um redemoinho!

* * *

Saímos às três horas e por caminhos despidos de atrativos chegamos, ao cair da noite, ao riacho do Mato, pequena fazenda, situada numa colina, que lhe dá vista agradável, e, surdo aos conselhos da dona da casa que me convidava a descansar, visto ser muito distante a outra pousada, entendi de continuar e passamos adiante.

Meia hora depois nos arranchamos à beira da estrada, sob a copa de frondoso juàzeiro.

Tínhamos caminhado nessa tarde vinte e sete quilômetros e precisávamos de repouso.

Antônio Guida saiu pelo campo e voltou sem encontrar pedras para a trempe, sôbre a qual devia fazer o nosso café, e, enquanto eu me lamentava da privação daquele delicioso néctar, êle tranqüilamente se mune de uma corda, e prendendo uma extremidade no aro da cafeteira enlaçou a outra no

ramo da árvore, e assim ao fim de poucos minutos era servida a nossa ceia.

Louvei a sua inteligência, visto como nunca me teria ocorrido recurso semelhante.

Depois, quando já deitado me entregava a saudosas recordações, aparece Guido convidando-me a acompanhá-lo para o fim de ver como se fazia café sem o vasilhame indispensável.

A cêrca de 100 metros de nós acampavam sob outro juàzeiro uns comboieiros, que vinham de Príncipe Imperial, e que como nós preparavam a sua refeição da noite.

Cumprimentei-os, sentei-me sôbre uma mala e esperei.

Minutos depois vi que do meio de uma fogueira constantemente alimentada, retiravam uma pedra de sílex, a qual ao intenso calor se mostrava vermelha como o carvão incandescente e lançaram-na em porção d'água contida numa cuia, que imediatamente chegou ao estado de ebulição.

Passada a água no pano, onde se achava o pó do fruto da aromática rubiácea, ofereceram-me uma chávena da agradável bebida, que me pareceu mais saborosa do que a de que me havia servido minutos antes.

Admirado dos recursos de que dispõem os filhos do sertão, recorda-me, no entanto, que Lobbock diz que os homens da época da rena empregavam pedras para aquecer a água depois de as fazer corar ao fogo.

Fiquei sabendo, ainda nessa ocasião, de outro meio não menos engenhoso para cozer peixe.

Fazem fogo na rocha, onde encontram um orifício ou buraco, e depois que o lugar se acha convenientemente aquecido, deitam a água e logo o peixe que em poucos minutos fica preparado.

* * *

Bem cedo, ao outro dia, domingo, parti, decidido entrar pela manhã na vila do Príncipe Imperial, a 27 quilômetros do lugar onde nos achávamos.

Munido das instruções necessárias acêrca do caminho, me lembro que até a fazenda Serrote, num alto, à esquerda do riacho do mesmo nome, que continha ainda porção d'água em poços, ia eu seguindo o roteiro indicado, mas por distração em lugar de aproximar-me da casa, por onde se dirige a estrada, passei em frente de uns currais velhos e perdi-me.

Depois de muitas horas de viagem, em que me dominava certa impaciência por não encontrar sequer uma árvore, que me abrigasse dos ardores do sol, nem ente algum que me tirasse daquela vexação; depois de ter corrido de um para outro lado, e ter batido em tôdas as casas, que estavam fechadas por se acharem seus donos talvez na missa, de ter dado mil voltas entrei afinal pelas duas horas da tarde na vila do Príncipe Imperial (13) morto de fome e de cansaço.

* * *

Esta vila se compõe de uma espaçosa praça em cujo centro se acha a igreja-matriz, templo pequeno mas bem construído, e de poucas ruas, ainda com largos intervalos sem edificação que se estende de nascente a poente.

Está situada na margem esquerda do rio Poti, em terreno plano, de sorte que nas enchentes fica inundada uma grande parte da circunvizinhança.

À exceção do prédio do finado Fenelon Ribeiro de Melo, na face oriental daquela praça, que está feito com a elegância das modernas construções, e de outros na face oposta sem beleza, mas com vastos cômodos, o resto da edificação é comumente ordinária.

A igreja não tem tôrres, e os sinos ficam ao lado esquerdo sob um telheiro.

A casa de detenção no extremo sul da vila é ainda pequena e de aparência vetusta, se bem que me parecesse dispor da necessária segurança e solidez.

* * *

(13) — Cidade de Crateús.

O Poti, que corre a poucos passos em direção de leste a oeste, forma diversos poços e daí em diante até encontrar o Paraíba se conserva sempre com bastante água.

Os poços oferecem magníficos banhos para onde aflui desde pela madrugada grande parte da população.

Mas o que surpreende a todo aquêle que chega a estas paragens, é ver como a cordilheira da Ibiapaba se partiu de alto a baixo para dar passagem ao rio, acontecendo que em cima, em alguns lugares, são tão próximos os talhados que de um pulo se pode transpor o precipício.

Nas imediações convém a maior vigilância, visto como não se apercebendo o viajor da abertura dos cortes, pois que o capim cresce de um e outro lado encobrindo a fenda, pode sùbitamente cair no rio, que rola suas águas a centenas de metros abaixo.

De alguns pontos se vê a Ibiapaba a noroeste, que se prolonga na distância de 54 quilômetros da vila.

Além do rio Serrote, de que já dei notícia, e que serpeia ao norte, a 24 quilômetros, indo lançar-se ao Poti em igual distância abaixo da mesma vila, banham o municlpio e deságuam no grande rio de seis a 24 quilômetros o Itain, o Jucá, o Verde e o Gado.

* * *

Em uma ocasião que visitei o Curtume, um dos lugares afamados de banhos, recomendados por Mr. Chernoviz, soube que, ainda não há muitos anos, um grupo de senhoras tendo ido banhar-se àquele poço, uma caíra inesperadamente na água e fôra assaltada pelas piranhas (**Serrasalmus piranha**).

As companheiras pedem socorro, e chegando um prêto nadador, não mede o tamanho do seu sacrifício e se atira ao fundo do poço, saindo à riba oposta com o precioso fardo; mas em vez de ter salvado uma formosa mulher, traz um esqueleto horrivelmente mutilado.

O nadador não sofreu a mais leve arranhadura.

Diz Castelnau que, durante a sua demora de anos nas regiões solitárias do Brasil, não temeu a inimigo nenhum natural e só se arreceava das piranhas e dos mosquitos.

De feito, por onde aparecem os ferozes salmonídeos, os animais que por qualquer circunstância entram nos rios, como sejam bois, cavalos e antas, são igualmente vítimas de seu furor sangüinário.

Os próprios jacarés, apesar da solidez do tegumento escamoso, coriáceo e duro, não escapam aos ataques de tão desesperado inimigo.

* * *

Sôbre a origem da vila do Príncipe Imperial cheguei ao conhecimento de que se chamava outrora Piranhas, talvez em conseqüência da abundância dêste terrível peixe, e que havia sido uma fazenda pertencente a D. Luísa Coelho da Rocha Passos, natural da Bahia, que dela fizera doação ao Senhor do Bonfim, erigindo-lhe um nicho, onde se celebrava suas festas, até que João Ribeiro Lima, administrador dos bens da mesma imagem, levantou uma igreja que serve hoje de matriz.

Por Decreto de 6 de julho de 1832, foi elevada a categoria de vila com a denominação de Príncipe Imperial, e freguesia do Bom Jesus do Bonfim a povoação de Piranhas.

Por outro n.º 3.072, de 22 de outubro de 1880, se permutou o território de Carateús, que compreende os municípios de Príncipe Imperial e Independência, da Província do Piauí, pelo território da Amarração e seu respectivo pôrto nesta Província.

Quem conhece os terrenos permutados, fàcilmente reconhecerá que, apesar do muito que se discutiu, da oposição dos jornais do Ceará, dos porfiados debates na câmara temporária, o Piauí perdeu no negócio.

Amarração é lugarejo miserável, e talvez muito breve as areias, que ali se movem descomunalmente em todos os sentidos, aterrem-no para sempre, visto que ruas inteiras já

têm sido por elas sepultadas, e alguns habitantes se dão ao insano trabalho de anualmente arredar os morros, que formam nas frentes de suas propriedades, ameaçando submergi-las de dia para dia.

Quanto aos dois municípios, como sertões criadores, são dos mais ricos da Província, e concorrem com boa soma para as rendas do tesouro provincial.

Além disso, pelas margens do Poti se fazem grandes plantações de tabaco, que constitui um dos mais animados ramos de comércio desta localidade.

* * *

A instrução é distribuída por duas escolas para ambos os sexos, e são geralmente freqüentadas.

A população é cuidadosamente arrolada pelo Rev.do Vigário Antônio Cavalcante Macedo e Albuquerque, que me informou conter a vila 900 almas, e tôda a freguesia 4.300.

O têrmo do Príncipe Imperial é administrado judicialmente por autoridades do Ceará e no fôro eclesiástico pelo bispo do Maranhão.

As rendas provinciais arrecadadas pela estação competente montaram o ano passado a quantia de 4:078$783 réis.

* * *

Uma manhã, me achando ocupado a escrever para a Capital, fui despertado por um ruído agradável que parecia se aproximar mais e mais.

Eu tinha uma vaga lembrança de que já alguma vez em minha vida, havia ouvido aquêles sons.

De feito, um sorriso me iluminou o semblante ao ver um carro puxado a bois, que atravessava **cantando** a praça, não longe de mim, em direção de nascente a poente.

Lembrei-me de que muitas vêzes passavam dêsses veículos pelas ruas da Capital, acordando-me de manhã com o estridor de sua música.

Eu tinha vindo ver reproduzir-se dessas cenas, que tanto nos deliciam, porque recordam a fase da meninice.

Como é doce nos iludir, embora por momentos, pensando que nos rodeiam os objetos mais caros da infância!

* * *

Precisando de informações mais circunstanciadas acêrca da vila, me dirigi à casa do Rev.do Vigário Macedo, homem respeitável por sua idade, sua delicadeza, sua inteligência, que pouco adiantando ao que eu havia colhido de outros, presenteou-me com uma preciosidade encontrada na profunda escavação que fêz o rio Poti na grande enchente de 1879.

Era a extremidade superior ou pelviana do fêmur de um mamífero extinto, que apesar de se achar com o colo destruído, media 55 centímetros de circunferência.

Julgo pertencer essa peça ao megatério, se bem que eu saiba pela leitura de diversos naturalistas que o mastodonte tenha vivido na América, e Southall, na sua **Recent origin of man**, confirme sua presença em uma época relativamente recente, todavia até o presente ainda não foram encontrados restos das dez espécies conhecidas dêsse proboscídeo no continente sul-americano; ao passo que daquele desdentado, que se supõe intermediário entre o tatu e o tamanduá, tem-se achado ossadas nos terrenos de aluvião do nosso continente, com especialidade no Paraguai.

Segundo Mr. Pictet, no **Traité de Paléontologie**, I, pág. 264, o primeiro esqueleto de megatério foi encontrado nas margens do Koxan, a 16 quilômetros de Buenos Aires.

Da mesma ordem é o milodonte, do qual se acharam três espécies, na América do Sul, e ainda o **megalonix**, na caverna de Green-Brier, na Virgínia.

* * *

Referiu-me o Padre Macedo que o rio Poti, rasgando uma das margens, deixou sôbre a terra a ossada de um animal tão descomunal, que o povo fazia das vértebras cadeiras, e as

omoplatas de muitos palmos de comprimento servia de tábuas, sôbre as quais as lavadeiras batiam a roupa.

Fiz esforços para adquirir outros ossos, mas tudo foi inútil.

Já nenhum mais se pôde encontrar.

Pela largura e disposição da curva de um pedaço de costela, que ainda me remeteu aquêle bom amigo, podia se calcular mais ou menos o volume do corpo daquele colosso antediluviano.

Entretanto não se surpreende em vista dêsses ossos o que conhece o megatério ùltimamente exposto nas galerias do Museu de História Natural de Paris.

* * *

Enquanto dispunha de tudo para a partida tinham vindo dizer-me o adeus da despedida os amigos Francisco Coelho Ferreira, que da melhor vontade me havia cedido a casa, onde me hospedei, Manuel Correia Lima, excelente artista e melhor vizinho, Manuel Lopes Correia Lima, promotor da Comarca, Manuel de Melo Marinho, de quem recebi as mais vivas provas de amizade, o reverendo vigário, seu sobrinho o Dr. Antônio Gomes de Macedo Coutinho, juiz municipal, e ainda outros.

Tratando-se por essa ocasião de diversos assuntos, veio a conversa cair sôbre o célebre crioulo Caetano, natural do Ipu, geralmente conhecido por "Caetano o Caminhador".

Protegido de Tomé Lourenço de Sousa, faleceu em 1850; mas dêle conta a fama ainda viagens tão extraordinárias pela velocidade que surpreende a imaginação.

Um dia, disse uma das pessoas presentes, era na véspera de Natal, e o vigário da matriz de S. Gonçalo da Serra dos Côcos, Manuel Pacheco Pimentel, soube que não havia vinho para a consagração da missa da meia-noite.

O povo da circunvizinhança começava já de se reunir, e o vigário mais e mais se afligia, quando lhe vieram dizer que o Caetano se achava no povoado, e divertia-se com outros num samba no extremo da rua.

Estava reparada a falta.

Trazido à presença do vigário, pediu-lhe êsse que fôsse ao Ipu comprar o vinho preciso, o que lhe foi prometido sem hesitação, garantindo o Caminhador estar de volta antes da hora da missa.

Pelas 2 horas com surprêsa sua foi o Padre Pacheco avisado de que Caetano ainda se achava a cantar em desafio num samba, e que talvez não pudesse fazer a viagem em conseqüência de embriaguez.

Mandou-o chamar, repreendeu-o severamente da falta de palavra, mas teve em resposta que não seria por culpa sua que se deixaria de celebrar naquela missa.

Parte sem mais demora em presença do vigário, e desapareceu na curva do caminho.

Como havia prometido chegou antes da hora marcada.

O que faz pasmar é que não encontrando vinho no Ipu, Caetano sobe a serra da Ibiapaba e vai comprá-lo no Campo Grande, tendo caminhado nessa viagem 144 quilômetros em nove horas.

Ficaram todos surpreendidos com a discrição do itinerário do afamado Caminhador.

* * *

Corre como certo que o melhor cavalo estradeiro não o podia acompanhar, e a superstição acrescenta que apenas desaparecia êle das vistas, ninguém o alcançava mais, por maiores esforços que fizesse, senão no têrmo da viagem, onde sempre era encontrado já arranchado.

Enviado do Ipu à Capital conduzindo papéis de importância, aqui se apresentava ao fim de três dias com a solução do negócio, havendo percorrido 912 quilômetros de ida e volta pelos caminhos usuais.

Uma vez em serviço do Senador Francisco de Paula Pessoa, partiu de Sobral ao Acaraú, 120 quilômetros de distância, e regressou no outro dia pela manhã, trazendo peixe fresco para o almôço do senador.

Pessoas de sua família sabem dêsse e de outros fatos não menos extraordinários.

Caetano não podia andar sem pêso, por isso para regularizar a marcha, enchia de pedras um saco que trazia às costas.

Dêsse homem se contam histórias tão maravilhosas, que a dar crédito, fica muito aquém a velocidade das locomotivas; o que, porém, ninguém pode contestar é que pessoas de critério e distinção as confirmam com o seu testemunho.

Era célebre nestes sertões.

* * *

As sombras da noite já se estendiam vagarosamente pela extensão silenciosa, quando deixei a antiga vila de Piranhas, acompanhando-me até além de seis quilômetros o Dr. Coutinho e Manuel Lopes.

Levávamos rumo de sul.

Pauco adiante se nos apresentou à beira da estrada uma grande cruz, que media cêrca de cinco metros de altura.

Soube que aquêle emblema da nossa redenção havia sido erigido com outro que se vê ao lado oposto da vila, na estrada que segue para o Ipu, por Frei Vidal da Penha em sua última missão a esta Província em 1798.

Atravessamos o leito do Poti a pé enxuto.

Cêrca de dois quilômetros além voltaram os meus companheiros.

Apesar da noite o céu era límpido e esplêndidamente constelado, e à doce claridade das estrêlas ia eu notando os acidentes do terreno a refletir em silêncio.

Por tôda parte esta plácida sonolência da natureza, que enternece mais e mais o repouso dos ermos.

Se ligeiro arruído porventura se ouvia era a aragem da noite que ciciava passando nos braços nus das árvores negras e ressequidas aos ardores do sol do verão.

Que ternura não derramam na alma do viandante estas cenas de desolação e tristeza a horas mortas da noite!

Achando-me fatigado, mandei fazer alto e escolhemos para pouso a copa frondosa de um juàzeiro que, por inexplicável contraste neste tempo, revestia-se de rica e luxuriante folhagem.

Pernoitamos a 18 quilômetros do Príncipe Imperial, pouco além do lugar Caiçara.

* * *

Ao outro dia, 14 do mês, mal se debuxavam no céu oriente os róseos matizes da alvorada, íamos a caminho da Independência.

Quase todo o terreno percorrido era composto de argila avermelhada, e despido do encanto que produzem as perspectivas dos lugares revestidos de matas.

O sol inundava de luz tôda a extensão, a cujo efeito as asas dos psitacídeos que esvoaçavam adiante de nós, pareciam expelir vívidas cintilações de ouro azul-brilhante.

Era intenso o calor.

Às 10 horas viemos sair em um campo largo, circundado pela esquerda de magníficas oiticicas que, em conseqüência da proximidade de um riacho, ostentavam viço e verdura.

À direita da estrada se eleva um alto, sôbre o qual modesta casa de taipa domina a planície.

Chamam a êsse lugar Angicos.

Tendo tirado no trajeto da manhã cêrca de 30 quilômetros, não era possível que fôssemos mais além, por isso pedimos e nos foi cedido o agasalho franco, que a boa gente do sertão costuma prestar aos que transitam por aqui.

* * *

Cedo ainda recomendei minhas cargas ao cuidado dos arrieiros e parti.

Depois de duas horas de marcha, pude descobrir lá ao longe os panos brancos das paredes da igreja da vila, que ora apareciam, ora desapareciam à proporção que o solo se elevava ou se deprimia.

Uma certa alegria experimentava eu à vista daquela irrequieta aparição.

Só quem viajou pelo interior da Província nos calamitosos tempos de verão, é que pode conhecer do deleite dessas insignificantes sensações.

Caminhando, notei que o terreno ia pouco a pouco baixando para o lado da Independência.

Sumiu-se alfim o solo no ocidente, e se bem que eu tivesse necessidade de descanso, não pude deixar de demorar alguns instantes para me enlear na contemplação das belezas com que se ostentava o crepúsculo.

Às flamas crepitantes de um grande incêndio veio substituir a suavidade das côres cambiantes que, se extinguindo imperceptìvelmente, cada vez mais extasiam a vista pela maciez do colorido.

Predominava agora ligeira nuvem rósea, pálida, com delicada ourela de ouro em fusão nos recortes superiores, por detrás da qual se estendiam, na cúpula do céu meio mergulhado em dúbia opacidade, os raios de um verde terno, simulando o ninho do infinito.

Ante aquêle majestoso quadro da natureza do norte das terras brasíleas, eu protestava tàcitamente contra estas palavras de Mr. Albert Verhaeren, no seu livro **Notes et souvenirs d'un voyage du Brésil: "Sous les tropiques le crépuscule n'existe point, non plus que l'aurore, et le jour s'etéint comme il nait, presque sans transition."**

Com efeito, o ilustre engenheiro, membro efetivo da Sociedade Belga de Geografia, veio ao Brasil, mas não conheceu o Brasil.

Muitos fazem assim.

Reinava ainda essa luz triste e incerta, precursora da noite, quando se desenrolou diante de mim extensa várzea de solo negro, pelo meio da qual atravessa o caminho.

Aqui e ali algumas reses, com passo vagaroso e cadenciado, se cruzam em busca talvez da dormida costumeira.

Mais além, à direita, a grande casa de uma fazenda, situada em local magnífico, sobressaía às pequenas edificações, que se lhe seguem daí por diante.

Minutos depois entrei na vila da Independência.

Nota-se à primeira vista que esta localidade é superior em prosperidade à do Príncipe Imperial.

Sua perspectiva indica bem que grandes senhores habitaram-na outrora, pois que as casas de boa aparência e de vastos cômodos estão ainda a denunciar que a riqueza e um certo bem-estar aqui se aninharam por algum tempo.

Não obstante apresenta agora ar triste e melancólico.

Consta a vila de 35 prédios grandes, altos, espaçosos, de sólida construção, que fecham a praça, em cujo centro mais para o lado sul se acha a igreja, que olha para o nordeste.

O maior número dêstes se conservam fechados por causa da preferência que dão os proprietários a moradia nas fazendas.

Assentada numa pequena planície que se deprime irregularmente ao oriente, é circulada pelo riacho das Pombas que serpenteia de sudoeste a nordeste, formando poços que abastecem de água aos habitantes e fornecem-lhes magníficos banhos.

A pouca distância se vê do lado do nascente o serrote do Vinagre, grave e sombrio pela serenidade do seu aspecto.

Não tem nenhum edifício notável, e de casa da Câmara, de quartel e cadeia servem prédios particulares.

A igreja é pequena, velha, mas bem conservada, e tôda sua construção é de pedra e cal.

Poucas pessoas nas ruas, e apenas um estabelecimento comercial de pouca importância.

Além da praça que interrompe as quatro ruas que se cruzam, tem mais duas em começo com largos intervalos.

São estas as da Municipalidade, do Cruzeiro, do Conselheiro Rodrigues, do Fisco, da Boa-Vista e de Jerusalém.

* * *

Tem escolas para os dois sexos, que segundo a informação de pessoa competente são regularmente freqüentadas, sendo

a do sexo masculino criada pela Resolução n.º 255, de 5 de agôsto de 1850, e a do sexo feminino pela de n.º 337, de 11 de agôsto de 1853.

A população do município é calculada em 12.000 almas.

Suas rendas produziram no último ano decorrido a quantia de 1:138$560 réis, boa soma, se se atender que esta estação apenas tem que arrecadar a importância dos dízimos.

É lugar essencialmente criador, e as suas cavalgaduras são consideradas as melhores da Província.

Apesar desta vantagem, que é devida às ricas pastagens que cobrem os campos, por onde vagueiam os gados de 100 fazendas, a lavoura não é de todo descurada, porquanto em 32 açudes espalhados no município se planta porção de cana-de-açúcar, dispondo de engenhos para reduzir essa gramínea a rapadura e a aguardente, o Coronel Manuel Vieira Gomes Coutinho, na fazenda Divisão; o Major Antônio de Sousa Oliveira, na fazenda Mulungu; Joaquim Pacífico de Lima, na fazenda Bispado; Antônio de Sousa Oliveira Júnior, no Bom Tempo; Otaviano Coelho Ferreira, no Fechado; Belarmino José de Macedo, na Malhada de Areia; Tenente José Lopes da Cruz, em Santa Cruz; os herdeiros de Antônio de Oliveira Sousa, na Malhada; D. Clarinda, em Flôres-Belas; Major Domingos Francisco de Macedo, na Boa-Hora; Tenente-Coronel José Gomes Coutinho de Macedo, na Fidalga; Manuel Soares Godinho, no Desejo, e outros inferiores, não esquecendo o algodão e cereais que se colhem em abundância nos baixios e nas chapadas.

* * *

A Independência faz parte do vale do Carateús, comprado em 1721 por D. Ávila Pereira pelo preço de 4.000 cruzados, cuja posse lhe foi dada por um ouvidor vindo de Oeiras, da Capitania do Piauí, na fazenda Lagoa das Almas, 18 quilômetros ao sudoeste da vila do Príncipe Imperial, na margem esquerda do riacho do Gado, que deságua no Poti pelo lado direito.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

O vale tem de extensão cêrca de 180 quilômetros sôbre 120 de largura.

É circundado a oeste pela cordilheira da Ibiapaba, que o separa do vale da Macambira e do têrmo de Marvão; ao norte por uma linha de serrotes, em algumas partes interrompida, que se destaca das faldas da Ibiapaba, junto à antiga matriz da Serra dos Côcos com direção a leste, onde forma os picos da Forquilha e do Moleque, e passa ao sul da vila do Tamboril, na distância de três quilômetros, indo ligar-se à serra do Bargado, prolongamento da serra das Matas, que se estende de norte a sul, ficando dêsse modo metade do têrmo do Tamboril e um têrço do Ipu pertencendo ao dito vale; a leste pela mencionada serra do Bargado que baixando gradualmente até a fazenda Balanças, continua além com o nome de Cabogi, ponta mais setentrional da serra da Joaninha, a qual em direção leste, sul e sudoeste atravessa o município de S. João do Príncipe e termina a oeste na Ibiapaba, na serra do Jatobá, ficando assim o vale compreendido entre o Ipu, Príncipe Imperial, Independência, S. Jcão do Príncipe e Tamboril.

* * *

Acêrca da sua origem se sabe que Frei Vidal da Penha, quando por aqui passou em fins do último século, hospedou-se na fazenda de José Ferreira de Melo, bisavô do Padre José Rufino Soares Valamira e do Dr. José Gomes Vieira Leal, cuja casa existe ainda com 130 anos de edificada a leste da vila, na distância de uns 80 metros mais ou menos, e que ao se retirar aconselhara que erigisse uma capela.

Acedeu o piedoso sertanejo, dando logo comêço à igreja, que é a existente, dedicada a Santana, a qual foi concluída, depois de 1810.

Em seguida fêz êle doação à padroeira de meia-légua de terra pelo riacho das Pombas para baixo, começando na distância de pouco mais de um quarto, de sorte que a vila se acha colocada em terras de seus descendentes.

Construídas as primeiras habitações de parentes e protegidos seus em tôrno do templo, de modo idêntico à formação de outras localidades, foi a florescente povoação declarada distrito de paz pela Resolução n.º 56, de 6 de setembro de 1836.

Por outra sob n.º 356, de 15 de setembro de 1853, foi criada freguesia com a denominação de Pelo Sinal, separada da do Príncipe Imperial, sendo seu primeiro vigário o Padre Antônio Ricardo Cavalcante de Albuquerque, que falecendo veio a ser substituído pelo atual Padre José de Araújo Galvão.

Em 1857 foi elevada a vila por Lei n.º 456, de 25 de julho dêsse ano, sob o nome de Independência, e conquanto tenha sido desde 1880 com o Príncipe Imperial desmembrada do Piauí, e anexada a esta Província, continua a comarca sob a jurisdição do bispado do Maranhão.

O têrmo é dividido em três distritos policiais: o da vila, o de Vertentes, alegre povoado a 42 quilômetros ao sul, na estrada que segue para S. João do Príncipe, e o de Santa Quitéria, outra povoação na margem do rio Poti, a 96 quilômetros ao sudoeste.

Na igreja, no altar do lado esquerdo vê-se a imagem de N. S. Mãe do Povo, de um metro de altura, que me informaram ter sido a padroeira da antiga capela de Santa Rita, erigida por Inácio Soares Godinho, nos anos de 1817 e 1822, a qual caiu depois em ruínas, por causa do abandono em que a deixaram os descendentes dêste.

Santa Rita fôra distrito de paz de Quixeramobim, e deu nome à serra que forma hoje o município de Pedra Branca.

O local da capela, convertido atualmente em cemitério do campo, fica ao norte daquela vila, cêrca de 12 quilômetros, e continua, no entanto, a merecer a veneração do povo, que o visita constantemente com sinais do mais profundo respeito.

* * *

A Independência deu sérios cuidados ao govêrno pelas lutas sangrentas sustentadas entre as famílias Mourão, Ribeiro Melo e Santiago.

No período de 1849 a 1851 mais se exarcebaram os ânimos, e o bacamarte percorria temido e triunfante por diversas partes do município.

Dentro da vila foram assassinados João Severo, subdelegado, José de Paiva e outros, e em represália os parentes dêste deram caça aos seus inimigos, e conseguiram por sua vez assassinar o Padre Inácio Ribeiro de Melo, no lugar Pedregulho, próximo à cidade de Sousa, para onde se dirigia à procura do juiz municipal, nomeado para o Príncipe Imperial, a fim de se livrar dos crimes que lhe eram imputados.

Quase logo tiveram fim êsses desmandos, entrando o município em via de pacificação; hoje é uma região feliz, que prospera sob o influxo da liberdade e exuberância das fontes de riqueza de que dispõe.

Se bem que tivesse feito parte do território da Província do Piauí, dela separada pela barreira natural da cordilheira Ibiapaba, foi povoada em grande parte por famílias cearenses, o que se conhece logo à ligeira observação do espírito de independência, atividade e energia de seus habitantes.

É berço de homens ilustres nas letras e virtudes cívicas.

* * *

Não posso esquecer a agradável impressão que me causava na presença de uma sabiá da praia (**Turdus lividus**), que pousava no tôpo da cruz da igreja, vinha pela manhã e ao pôr do sol quebrar o silêncio daquele retiro com a melodia do seu canto.

Que saudades naquelas notas queixosas!

Interpretou-as perfeitamente o sábio naturalista Teodoro Descourtilz, na sua **Ornithologie brésilienne**, quando narrando a história dos pássaros do Brasil escrevia a respeito dêstes: **"La nature semble mettre alors une sorte d'harmonie entre le chant melancolique de cet oiseau et le declin du jour; il devient plus agréable, plus touchant aprés ces heures d'épouvante, et lorsque la terre humide exhale ses parfums que ne saurait l'être le bruyant ramage des musiciens des champs à l'aspect d'un soleil sans nuages."**

Referiu-me assim uma velha, minha lavadeira, a causa dos queixumes da terna avezinha:

— Há muitos anos, uma môça muito formosa se enamorou de um excelente rapaz, que por ser extremamente pobre, se opuseram os pais ao casamento.

Apareceram empenhos, mas os velhos cada vez se mostraram mais obstinados.

Êle quis raptá-la, ela porém recusou-se ao seu desígnio, como boa filha que era.

Adoeceu, e sentindo-se definhar, buscava a igreja, onde levava horas esquecidas em profundo recolhimento.

Agravou-se mais e mais o seu mal até que um dia, ao cair da tarde, pediu ela que lhe abrissem a porta que deitava para a frente da igreja.

Satisfez-se-lhe a vontade.

Ensaiou um sorriso, e num segundo após a luz brilhante que encheu tôda a sala, viu-se que alguma coisa em vôo rápido se escapara pela porta.

Voltaram-se imediatamente as pessoas presentes, e então perceberam uma sabiá, do alto da cruz, modulando uma queixa tão terna, tão sentida, tão lamentosa, que tornava mais tristonha a hora do crepúsculo.

A môça já tinha expirado.

Daquele dia em diante, pela manhã e à tarde, a pobrezinha vem em notas plangentes relembrar a história do seu infortúnio.

Verdade ou não, tôda vez que lhe ouvia os saudosíssimos gorjeios sentia-se enternecido.

Parece que vive a repetir continuamente a **stanza** magoada do epicédio de Aleardi, o poeta veronês, a quem na hora extrema balbuciara a mãe querida **con le labbra tremolanti e bianchi**:

"Ricordati di me, che t'amai tanto!"

* * *

Terminado o trabalho de minha comissão aqui, resolvi passar ao município vizinho.

Assim, aproveitando a companhia do Coronel Manuel Vieira, de seu irmão o Major Luís Miguel Gomes Coutinho, Franklin do Areal Souto, e outros cavalheiros, que regressavam das fazendas, partimos pelas 5 horas da tarde do dia 17.

A estrada, pouco além da vila, segue rumo sudoeste.

De todos os lados campos cobertos de louras gramíneas **Panicum** e **Paspalum**, apreciáveis como forragem, apresentam uma uniformidade de paisagem que de quando em vez é quebrada pela depressão do terreno na proximidade dos córregos e regados, e pela verdura das margens e baixios, onde a vegetação dos arbustos esgalhados e moitas na maior parte de combretáceas de diferentes variedades, parece que se confundem e se enredam de modo descomunal.

Fomos com pouco surpreendidos pela noite, e depois de três horas de viagem viemos dormir na fazenda Varzinha, de Bento Gomes Coutinho.

Na madrugada do dia seguinte deixei os bons companheiros da véspera, e prossegui meu caminho, acompanhado ainda do Sr. Franklin Souto, Major João Gomes, morador da fazenda Realeza, e José de Sousa Brito.

A manhã estava esplêndida, mas apesar de todo o fulgor do sol, nuvens negras, pesadas, acumulando-se em nossa frente, do lado do sul, ameaçavam não nos dar tempo de chegar ao descanso.

De feito, embalde vencemos longa distância correndo à desfilada; a chuva apanhou-nos sempre e deu-nos um banho em regra.

Cêrca de 20 minutos depois, vencida a suave declividade de uma colina, descobrimos além assentada na planície a povoação de Vertentes. (14)

É lugar pequeno, mas alegre, populoso e de algum comércio.

Consta de larga praça, rodeada de casaria de velha aparência, sobressaindo, no entanto, pelo meio delas algumas

(14) — Vertentes foi município, sendo depois extinto. Atualmente chama-se Vertentes do Ceará.

com a frente alta, de sacada, ao jeito das que se constroem na Capital.

Diversas lojas regularmente sortidas indicam que aqui há um pouco de vida, de movimento; pois que a tôda hora se vê em indivíduos que falam, que conversam, que mercadejam, e à vista dêsse contínuo arruído, nota-se um certo ar de prosperidade, que se não encontra na quase desabitada vila da Independência.

Sua igreja elevada, de proporções mais que regular, precisa ainda de algum serviço para ficar concluída.

As terras adjacentes ao riacho Merejo que lhe corre ao pé, estendendo-se pelo lado ocidental, são fertilíssimas, e os habitantes aproveitam-nas durante a estação sêca para o plantio de cereais e diversas cucurbitáceas.

* * *

A 12 quilômetros ao nordeste dêsse povoado existiu outrora o de nome Santa Luzia, que vem ainda nas cartas geográficas da Província, e onde se via a capela dedicada a S. Vicente Ferrer, erigida, segundo reza a tradição, pelos anos de 1760-1770.

Essa capela, em conseqüência de sua péssima construção, que era de barro e pedras redondas, conhecidas pelo vulgo sob o nome de cabeça de jacaré (sílex) desabou em 1839.

O procurador e vaqueiro do padroeiro, Alexandre Leite Chaves de Melo, dispondo dos recursos dêste, escolheu o terreno da fazenda Vertentes, que fazia parte do seu patrimônio, e levantou lhe em 1855 a excelente igreja de que já falei.

Chaves Melo foi seu zelador até o ano de 1883, quando faleceu em 24 do mês de junho.

* * *

Tendo de caminhar nesta tarde 42 quilômetros até a vila de S. João do Príncipe, resolvi cedo a partida, agradecendo ao Sr. Franklin e sua Ex.ma família a delicadeza com que me haviam acolhido.

Ainda por esta vez eu via realizada em tôda sua inteireza a proverbial hospitalidade dos nossos patrícios.

Foi ela, sem dúvida, que fêz dizer a Mr. Adolfo d'Assier, no seu Brésil Contemporaine: "**Dés les premiéres paroles que vous adresse votre hôte, vous reconnaissez votre hospitalité brésilienne qui semble rappeler les fabuleuses légendes des temps homériques. Au Brésil, l'hospitalité n'est pas un vain mot.**"

De feito, no centro da Província do Ceará, principalmente, é onde mais se vê praticada essa virtude querida dos árabes e dos lapônios.

* * *

Dentro em pouco vi desaparecerem atrás de nós as casas da povoação de Vertentes.

O Sr. Franklin ainda tomou a si o incômodo de me fazer companhia até mais de quatro quilômetros, e prosseguiria além se lhe não instasse para voltar.

Despedimo-nos trocando um abraço.

Pouco depois eu e Antônio Guida, meu arrieiro, começamos a subir a serra da Joaninha, nome que se supõe foi-lhe dado em conseqüência de ter habitado na fazenda que existiu ao pé da mesma serra, pertencente a D. Luísa Coelho da Rocha Passos, uma senhora assim conhecida.

Deixamos à direita a fazenda Mutuca, de Jerônimo Leopoldino de Araújo Chaves, com boa casa e excelente posição.

Na chapada se estendem campos atapetados de louras pastagens, que vão imperceptìvelmente declinando para o sul, em cuja direção seguíamos sempre.

Mais além apresentou-se Mutuquinha, outra fazenda de Antônio Leopoldino, irmão daquele, com melhor casa, engenho de ferro, e plantações de cana abaixo do açude, que continha ainda porção d'água.

Êste local é soberbo pela planície que se desenrola à esquerda, donde se destacam as copas verdejantes de robustas mangueiras e as frondes de um lindo coqueiral.

Um semelhante oásis em meio do deserto alegra um tanto ao viajante, que vê alterar-se a monótona uniformidade de tons escuros e tristes, produzidos pelas pedras e árvores esfolhadas da região percorrida.

Atravessamos depois uma extensão de caminho diferente, que se poderia chamar montanhoso, em vista dos lajedos e pedaços de rochas, por entre os quais prossegue a estrada, ora mais larga, ora mais apertada.

Em certo ponto Guida me convida a parar, e, indicando uma da pedras agrupadas irregularmente, diz:

— Em época que já me não lembro, um indivíduo, perto daqui, apunhalou a outro, que deixou na miséria mulher e dois filhinhos.

O mais velho não esqueceu a ofensa, e apenas atingiu a idade de 12 anos, informado de que o assassino passava constantemente por êste lugar, armou-se com a espingarda do pai e vinha emboscar-se atrás daquela pequena saliência.

Um dia, ao cair da noite, vinha o facínora despercebido, quando cai varado por uma bala.

O menino ergue-se de súbito e dominado de alegria feroz, exclama: — "Estou satisfeito: vinguei a morte de meu pai!"

— E depois?

— Ignoro o resultado dessa cena.

Prosseguimos.

Adiante o terreno toma outra feição; agora é o fundo de um vale, onde a verdura dos arbustos reveste o solo negro e fendido em diversas partes pelas torrentes d'água da chuva.

Sobressaem aqui as acácias-angicos.

Ao esconder-se o sol no ocaso, chegamos à fazenda S. Bento, do Dr. Francisco Primênio de Araújo Citó.

Junto da casa espaçosa, aberta em varanda ao redor, mas de construção baixa, antiga e sem gôsto, se ergue uma linda capela, cuja frente está voltada para o norte.

É um templozinho singelo, elegante, bordado de enfeites azuis, que está a alegrar com sua presença êste ameno destêrro.

Poucos tenho eu visto em tais condições mais asseados e mais risonhos.

O Dr. Citó, a quem visitei, convidou-me a passar a noite sob seu teto, e fêz-me os mais afetuosos oferecimentos.

Agradeci e pusemo-nos em marcha.

De S. Bento para o sul o terreno começa a subir e com pouco se deprime docemente.

Perde o caráter de vale e torna-se ondulado, coberto de seixos rolados, mostrando que em sua maior extensão argilo-silencioso, verdadeiro sertão.

Continua a presença dos angicos, que ostentam em todo o seu vigor a verde-escura folhagem.

Por veredas estreitas, mas difíceis de transitar em conseqüência da espessura da noite que então se mostrava triste e carrancuda, fomos caminhando quase ao passo das cavalgaduras.

Fazendo-se tarde, terminou insensìvelmente a conversa entre nós, e então agora reinava a hora do grande silêncio.

Por vêzes ligeiro ruído perturba essa paz: é um fruto silvestre que se abre, um galho sêco que cai, um animal que solta um grito.

Como o oceano, o deserto tem os seus estremecimentos súbitos e as suas vozes misteriosas.

Por isso é que, de quando em quando, me parecia ouvir o canto do galo nalguma moradia próxima, ou a voz de alguém que pronunciava meu nome; mas ilusão! tudo efeito da quietação no profundo ser da natureza.

Um ramo me apanhou num descuido o **pince-nez** e atirou-o para longe.

E agora que fazer? — eu me achava completamente cego, e portanto incapaz de dar um passo.

Apeamo-nos. Antônio Guida fêz fogo, e só depois de muito trabalho pôde ser encontrado o auxiliar de minha vista.

A noite ia bastante adiantada para que pudéssemos alcançar a vila de S. João do Príncipe (15) por isso aparecendo as primeiras casas da Cachoeira (16) seis quilômetros aquém, pedimos agasalho e arranchamo-nos na última do lado do sul.

Cachoeira acha-se em situação favorável.

---

(15) — Retomou a denominação de Tauá, que ainda conserva, em virtude da Lei n.º 485, de 14 de outubro de 1898.

(16) — Atualmente, cidade de Parambu, sede do Município do mesmo nome.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Tem açude de pedra e cal, excelentes vivendas espalhadas aqui e além, alguns olhos-d'água, e dão-lhe perspectivas agradáveis bastas quintas de cajueiros entremeadas de grupos de coqueiros.

Por aqui se mostra em abundância o espinheiro conhecido sob o nome de **favela**, da família das Euforbiáceas, segundo me pareceu, pois que despido de fôlhas contém, segundo ouvi dos moradores, as propriedades gerais com que o classificou o Professor Bellynck: raízes eméticas, lenho sudorífero, sementes purgativas e suco leitoso, acre e cáustico.

O espinho, cuja conformação se assemelha ao dente da cobra-cascavel, com uma espécie de bôlsa na base, apenas penetra na carne do indivíduo, que se prolonga até a extremidade superior, produzindo na pele certo prurido com sensação de queimadura.

É tão envenenado o terrível acúleo que, em se entranhando em qualquer articulação da mão de algum desgraçado, depois de dolorosos sofrimentos, a torna geralmente defeituosa.

* * *

Passamos pelo meio de um grande campo, onde se viam poucas árvores e estas acanhadas, sem ornato e esparsas em pequenos grupos, quando o astro do dia assomando no horizonte, alagou com sua luz quente e benéfica a planície adormecida, que parecia arfar ao longe em suaves cintilações de ouro, produzidas pelo movimento brando da aragem no tapete amarelento do capim mimoso (**Panicum capillaceum**). (17)

Que deliciosa paisagem esta à hora risonha e festiva da manhã!

O céu esplêndidamente anilado, a curva diáfana e transparente dos horizontes, confundindo pelo afastamento dos dois planos o aspecto grave e sombrio das serras além o ar mômo e saudável da campina, o melodioso concêrto dos conirrostros matutinos no qual sobressaíra o canto melífluo e

(17) — **Antephora elegans**, Schreb. Outra variedade: **Gumnopogon molhis, Nees.**

cromático da patativa (**Fringilla plumbea**) (18) o despertar enfim da natureza com tôdas as alegrias, os seus aromas, os seus esplendores, tudo me enleava e derramava-me na alma a mais doce sensação.

Avistei enfim os tetos das casas da vila, e pela posição em que se acha colocada, notei que de feito ocupa ela o ponto culminante do platô central da Província.

* * *

Situada na margem esquerda do rio Trici, aliás do rio Tauá, tem duas ruas que se prolongam de norte a sueste, tornando a face direita da mais extensa e mais edificada um ângulo obtuso, cujo vértice está voltado para o lado ocidental.

As casas são boas em geral, com grandes cômodos, construção pesada, tendo algumas até andar superior; mas não dispõe de prédios apropriados ao serviço público, como câmara, prisão e quartel.

Um lindo edifício que se nota ao lado oriental, erigido sob a direção do Senador Domingos José Nogueira Jaguaribe, quando juiz de direito desta comarca, ameaça completa ruína, apesar dos oito contos mais ou menos, que com êle tem despendido a Província.

No fim da rua principal, para o lado do sul, se acha o mercado, pequeno espaço quadrangular, com diversos armarinhos bem sortidos que ocupam as três faces, e a quarta, à frente, corre paralela à rua onde um grande portão dá entrada para o pátio.

Seu comércio já foi florescente em tempos anteriores à calamidade de 1877; hoje se pode dizer que renasce vagarosamente.

Quase à entrada de quem vem da Independência fica a matriz, igreja pequena, bem construída, com teto e corredores laterais levantados em abóbada, a qual foi concluída no ano de 1767, sendo certo que a mais antiga da comarca é a do Cococi, visto como já em 1748 fôra visitada e julgada capaz

(18) — **Esporofila plumbea**, Wied.

de nela se praticarem todos os atos da religião pelo visitador Frei Manuel de Jesus Maria.

O govêrno da Província mantém aqui duas escolas para ambos os sexos, e uma mista na freguesia do Arneiroz.

Calcula-se a população em 14.000 almas.

A Coletoria rendeu no ano último a quantia de ..... 1:540$776 réis.

Sua riqueza principal consiste na criação de gados produzidos por mais de 184 fazendas.

Antes da sêca a arrecadação dos dízimos montava à soma de 14:000$000 réis, atualmente não atinge a ..... 2:000$000 réis.

* * *

A história dos Inhamuns data do comêço do século XVIII.

Em 1707 foi concedida uma sesmaria no riacho Vocorô, hoje S. João, a Lourenço Alves Feitosa, seu irmão Francisco Alves, e outros.

Aquêle, pois, com seu irmão o Coronel Francisco Alves Feitosa, foram os primeiros descobridores e donatários da região Inhamuns.

* * *

O julgado de S. João do Príncipe, antigamente Tauá, foi elevado a vila por Decreto de 14 de agôsto de 1802.

Por ato de 17 de agôsto de 1832, passou a freguesia sob a invocação de N. S. do Rosário, sendo elevada a comarca pela Lei Provincial n.º 52, de 25 de setembro de 1836.

Seu primeiro juiz de direito foi o Dr. José Antônio Pereira Ibiapina, tempos depois distinto missionário.

Compreende o terreno de S. João do Príncipe, com juiz letrado, Decreto n.º 172, de 15 de maio de 1842, n.º 1.829, de 23 de setembro de 1856, n.º 1.999, de 21 de outubro de 1857, o município anexo do Arneiroz, Lei n.º 1.128, de 21 de novembro de 1864.

Tem por sede a vila de S. João do Príncipe dos Inhamuns, e está classificado em 1.ª entrância, Decreto n.º 687, de 25 de julho de 1850, e 5.195, de 11 de janeiro de 1873.

São três os seus distritos de paz: o da vila, criado pela Lei Orgânica de 15 de outubro de 1827; o de Flôres, pequena povoação a 30 quilômetros ao sudoeste, criado em execução do art. 2o do Código do Processo; o de Marrecas, outra povoação com uma boa capela, a igual distância ao sul, criado pela Lei n.º 831, de 22 de setembro de 1857.

Êste foi elevado a freguesia por Lei n.º 1.495, de 2 de agôsto de 1871, e suprimida pela Lei n.º 1.608, de 21 de agôsto de 1871.

Além destas conta ainda o município o florescente arraial de Marruás, na serra das Guaribas, a 60 quilômetros ao nascente.

Esta serra, que se prolonga até cêrca de 90 quilômetros para o norte, separando o município dos de Maria Pereira (19) e Quixeramobim, é bastante fértil.

Produz bom algodão e cereais, e tem diversos olhos-d'água, que o tornam úmido em alguns lugares, no que muito influi a natureza do terreno, composto em grande parte de argila vermelha.

* * *

Algumas palavras acêrca das disputas entre dois poderosos colonos, que por algum tempo ensangüentaram o solo da comarca e pontos circunvizinhos ao curso do Jaguaribe, por onde eram as vias de comunicação.

Pelos anos de 1723 a 1724, viviam no sul da Província duas famílias potentadas, a dos Montes, na margem do Jaguaribe, pròximamente do arraial de N. S. do Ó, depois Icó, e a dos Feitosas, mais acima, nas vertentes do mesmo rio, entre os índios Inhamuns.

Por motivos que até hoje se ignora, malquistaram-se, e travaram os chefes terríveis escaramuças, contando os Feitosas da proteção do ouvidor, José Mendes Machado.

Fortalecidos, dêste modo, caíram sôbre os Montes, e os perseguiram bàrbaramente.

À vista do estado de sublevação em que se achava a

(19) — Hoje, e desde 1938, tem o nome de Mombaça.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Capitania, a Câmara do Aquirás pediu providências ao capitão-mor, e êste com o povo decretaram a prisão do magistrado revoltoso.

Não o conseguindo, tratou o mesmo capitão-mor de desarmar as duas famílias, o que levou a efeito ajudado pelo povo.

Justiça seja feita que os Montes tudo sofreram dos seus adversários, e não consta que os acometessem, razão por que nenhuma pena lhes coube nas devassas que tiveram dêsse levante.

* * *

Até ainda muito pouco tempo era o município de S. João do Príncipe o valhacoito dos desertores e facínoras, que o procuravam pelo acolhimento que ali iam encontrar de parte dos **senhores** da terra.

Uma espécie de protetorado aos malfeitores parece que se havia estabelecido entre Uruburetama, Tamboril e Inhamuns, de sorte que, um daqueles não se julgava seguro, o chefe da liga o enviava para ali, indo sempre parar o protegido ao Inhamuns, onde vivia e muitas vêzes morria em paz.

Com o aumento da população que deu causa a se dividir a superfície territorial em porções menores, sujeitas à ação da justiça, e até certo ponto com se propagar a instrução nas classes do povo, desapareceu esta prática condenável, herdade da barbárie do pasado.

Nos últimos tempos, felizmente, nenhum fato notável alterou a tranqüilidade individual, e a lei é hoje aqui respeitada, como nos distritos mais pacíficos.

* * *

Esta região, além da indústria pastoril em que é afamada, dispõe de outros recursos naturais.

Em uma das suas **Memórias**, o naturalista João da Silva Feijó diz ter encontrado, no lugar Cajueiro, uma mina de pedra-ume (sulfato de alumínio e potássio), que ocupa

grande extensão de superfície, e do mesmo modo vestígio de ouro no Jaguaribe, no mesmo têrmo.

Conhece-se no município outra mina de arsênico, da qual me afirmaram, têm-se extraído diversas amostras.

Em alguns lugares se encontra vastos jazigos de xistos argilosos conhecidos sob o nome de ardósia, e alguma potassa no município de Arneiroz.

Nem um dêsses minerais há sido explorado convenientemente.

Abundam por aqui ossadas fósseis de animais extintos, e, ùltimamente, em um riacho entre as fazendas Cachoeira e Descanso, do Tenente-Coronel Joaquim de Sousa Vale, se descobriu uma camada dêsses restos de dimensões extraordinárias.

Por falta de tempo não me foi possível ir vê-los.

* * *

À bondade do Sr. Marcolino José da Rocha, devo a graça de ter visitado o lugar, onde a 12 de julho de 1883 pôs têrmo à sua existência o desditoso Dr. José Baltazar Ferreira Facó, juiz de direito da comarca.

Fui conduzido ao andar superior do prédio em que funciona a coletoria a seu cargo, e aí, diante da nódoa de sangue ainda impressa no assoalho, braços sôbre o peito, sem que nenhum de nós se atrevesse a quebrar o silêncio que reinava no salão desabitado, imagine-se as idéias que me tumultuavam na mente à lembrança daquela imensa desgraça para a família, para a sociedade e para a pátria!

Êle, tão cheio de vida e mocidade, enriquecido de talento superior, de ilustração não comum entre os sustentadores da magistratura brasileira, de dotes de espírito que lhe garantiam o mais brilhante futuro, tropeçou na tumba e desapareceu da vida com a rapidez da faísca elétrica que brilha e se apaga na treva.

Seu último esfôrço fôra um brado em prol dos escravizados da Província, no qual sua palavra mágica, enroupada

com tôdas as seduções da eloqüência, fêz extasiar a multidão arrebatada ao influxo da mais patriótica manifestação.

Tanta esperança, tão nobres aspirações, tanto afã de glória, onde foram parar, onde se escondem, que só o silêncio responde à interrogação dos que o amaram e jamais podem esquecer o seu nome?

Razão de sobejo tem a família para pranteá-lo eternamente, porque nêle perdeu um amigo dedicado, um parente nobilíssimo, um cidadão dos mais respeitáveis, e a terra do berço uma das suas glórias mais preciosas.

Fui informado de que ao exalar o derradeiro suspiro, aqui tão só, balbuciara com lágrima na voz o doce nome de Jesus!

Era que aos deslumbramentos da eternidade, voltara-lhe num segundo a luz do espírito para lhe fazer sentir a incomensurabilidade de sua queda.

Pobre Facó!

Eu que fui seu admirador, que fruí tanto tempo as doçuras de sua preciosa amizade, que pela tensão de seu afeto media a grandeza do seu bondoso coração, mudo e extático neste lugar sinistro, não podia acreditar tamanha infelicidade.

Retirei-me profundamente impressionado.

* * *

Precisando de visitar os arrabaldes da vila, onde não faltam curiosidades, principalmente pelas margens do rio Trici que, ao ocidente, corre a poucos passos do fundo das casas, descrevendo curvas caprichosas, sombreadas de magníficas oiticicas, ofereceu-se para auxiliar-me nessa excursão o meu parente e condiscípulo no Liceu da Capital, Lourenço Alves Feitosa e Castro, a quem eu já devia o benigno acolhimento que havia recebido da parte dos habitantes.

Assim, pelas quatro horas da tarde do dia 20, sendo-me trazida uma cavalgadura, dirigimo-nos ao serrote Quinamuiú, na distância de cêrca de três quilômetros ao poente.

Eram nossos companheiros, Pedro Marinho, môço comerciante, um filho do ex-coletor Craxão, e o guia Joaquim Pereira da Graça, que apelidam Bumbum.

Transposto o leito do rio, nota-se que o terreno vai se elevando naquela direção, e por entre arbustos enfezados que obrigavam-nos a abaixar ora aqui, ora ali, pelo receio das arranhaduras dos espinhos, chegamos ao tôpo da colina, onde se ergue o serrote aprumado como um muro de mais de 30 metros de altura.

Começamos a costeá-lo pelo lado do nascente, observando-se por ali velhas excavações que, soube, haviam sido feitas pelos engenheiros da Comissão Científica mandada à Província em 1859.

Nas fendas e cimo contínuas moitas de macambira (**Bromelia laciniosa, Mart.**), que dão ar selvagem àquela muralha alcantilada.

Os companheiros traziam-me grupozinhos de cristais de quartzo límpido, com as faces do prima estriadas, das quais algumas apresentavam extensão anormal.

Outros eram de quartzo amarelado.

Arrancados a golpes, sofriam defeito as facêtas.

Sabendo eu que naqueles sítios havia sido achado outrora um precioso diamante, que por bom preço fôra vendido na Inglaterra, examinava atentamente o solo, quando o velho Bumbum me entrega com outras pedras um quartzo transparente, roxo-azulado, como se não passasse de simples cristal.

Com a avidez do avarento atirei-o ao fundo do bôlso da calça e exultava de contentamento.

Era nada mais nada menos que uma bela ametista, cuja côr linda, como se sabe, é produzida pelo óxido de manganésio.

Soube depois, que por ali têm sido endontradas pedras destas belíssimas e de diversos tamanhos.

* * *

Pouco além contornamos a ponta do sul, e continuando sempre pela base em direção ao norte, para onde se prolonga o serrote, a poucos passos estacamos diante de um objeto curioso.

De certa altura da rocha descia um fiozinho d'água, e

nêle de cima a baixo se saciavam abelhas jandaíras (**Trigona jandaíra**).

Umas saíam, chegavam outras que vinham ocupar o lugar das primeiras, e assim contìnuamente.

Donde vinha aquela água do gnaisse sêco e estéril? — Ninguém o saberia responder.

La nature n'est jamais si grandiose que dans les petites choses, disse Plínio.

* * *

Como se fazia tarde, mostrei desejo de visitar o cume, no que fui imediatamente satisfeito, e por arestas abruptas e perigosas, com algum trabalho chegamos à parte superior.

Aí a largura varia de 10 a 16 metros mais ou menos; em tôda a extensão, porém, de 12 quilômetros é conservada a forma de muralha, com recortes irregulares.

Vê-se daquele ponto imensa planície, a casaria da vila, o cùrso do Jaguaribe internando-se para o sul, o que se observa perfeitamente pela verdura que lhe orna as margens.

O sol já havia desaparecido, e aproximando-se a noite, devia eu descer e os dois que estavam comigo.

Tendo chegado à beira do talhado a cuja altura excede uma gameleira, plantada a dois metros de distância, era admoestado do iminente perigo pelo velho Bumbum, que na maior aflição me convidara a voltar.

Pedro Marinho tentou acompanhar-me, mas recuou.

O velho exclamava, pedia, jurava nunca mais trazer visitantes ao Quinamuiú.

Segurando com a mão direita num galho fraco demais para me sustentar, dei certo impulso ao corpo e abracei-me ao caule da árvore.

— Aposto que êste diabo não tem família! foram as últimas palavras do guia ao cair quase exânime sôbre a pedra.

Lourenço, que já embaixo e a alguma distância assistira àquela cena, cobre o rosto com as mãos, e mandando ao companheiro fôsse à vila buscar uma rêde a fim de conduzir

o meu cadáver, precipita-se a correr até o lugar, onde lhe pareceu que eu tinha caído.

Aí me encontra **vivo e são**, descendo tranqüilamente pela haste, sem mesmo me lembrar que estava calçado.

Apesar da excitação nervosa de que se achava possuído, não pôde deixar de rir à vista de tanta fleuma, e embalançando a cabeça diz em tom ainda comovido — Temeridade!

Minutos depois, achando-nos todos reunidos, voltamos à vila, onde chegamos já noite fechada.

Forneceu aquela proeza assunto para conversa durante alguns dias, e ainda hoje se vai ali mostrar aos curiosos o perigo de uma tal descida.

* * *

Os lugares altos como S. João do Príncipe sofrem a falta d'água na estação outonal, mas os fortes orvalhos compensam de algum modo essa privação.

Isso não os impede de se desenvolverem, e tornarem-se centros populosos, onde a riqueza atraía a civilização com o seu cortejo de melhoramentos e prosperidade.

Com o tempo, disse Saint'Hilaire na sua **Voyage au Brésil**, o sertão cessará de ser deserto, vivendo sob um clima quente e tendo por conseguinte poucas necessidades, seus habitantes não mostrarão, sem dúvida, a atividade dos povos setentrionais da Europa e da América Boreal; mas tornados mais numerosos, não poderão mais ficar na mesma indolência. O sertão conhecerá recursos novos, e ao mesmo tempo lhe restarão sempre ricas pastagens, terras férteis, e a via-férrea estabelecerá útil comunicação entre o município e o oceano.

* * *

Esta é uma terra rica de sol, de configuração selvática, ar taciturno, que dispõe, todavia, de clima ameníssimo, manhãs serenas, noites claras e iluminadas ao fulgor das constelações, cuja serenidade indescritível permite ao olhar seguir as ondulações dos morros, as sombras das árvores e os plainos das campinas.

Seus habitantes em geral têm a tez morena, dominando em alguns indivíduos o tipo da raça indígena, pois que apresentam compleição forte e robusta, ossos da face largos e salientes, pescoço curto e grosso, tronco quase sem cintura e o abdome proeminente.

Talvez tenha para isso influído a posição do território neste recanto, cercado de montanhas por todos os lados, que os torna quase incomunicáveis com o resto da Província, de sorte que entre êles, mui raros são os que não são filhos do lugar.

Vi no entanto mulheres formosas, não dessa beleza incontestável, mas que possuem olhos brilhantes e úmidos de encantar.

O que mais sèriamente me impressionou no estudo que fiz sôbre a índole do povo, foi o crescido número de prostituídas, entre as quais até descendentes de família de certa ordem, não encontrando motivo para desculpar essa frouxidão de costumes, senão nas exigências do clima.

Mr. Adolfo d'Assier, censurando o mesmo abuso de outros lugares do Brasil, escreveu em 1867: "**Les voyagers répétent cette escuse, et aujourd'hui, aux yeux des honnetes gens, c'est le soleil de l'équateur qu'il faut accuser tous les déréglements qui se produisent entre les tropiques.**"

Não sei o que dizer a êsse respeito, o que é certo, porém, é que a licença nestes lugares parece coisa muito natural.

No dia 22, pela manhã, deixei S. João do Príncipe, e vim à noite dormir à Independência.

Não esquecendo o bom amigo Lourenço Alves, daqui lhe envio os protestos de minha gratidão.

Êle sabe que costumo ser reconhecido à mínima atenção que se me concede; portanto acreditará que muito mais ativamente deve dominar em mim êsse sentimento, quando a consciência me diz que fui tratado como um irmão.

Obrigado, muito obrigado.

* * *

No dia seguinte, dispunha as coisas para a viagem ao município vizinho, quando me entra em casa o velho camarada, Major Manuel Bezerra de Albuquerque.

Trazia êle notícias frescas da Capital.

Conversamos, conversamos largamente sôbre os negócios da terra.

Dêle soube que se achava na vila o Dr. Teodoreto Souto.

Fui vê-lo.

Devendo correr daí a dias a eleição para deputados à Assembléia Geral, versou a conversa entre as pessoas presentes quase exclusivamente sôbre política.

* * *

Nada mais agradável que ver o ardor com que a respeito dêsse assunto, discorre os filhos do sertão.

São tão dados a esta espécie de embriaguez, que conhecem não só os nossos homens políticos, como os das províncias estranhas.

Se se lhes perguntasse alguma coisa com relação ao melhoramento da raça dos gados ou que vantagem pode trazer o arado na agricultura, êles nada saberiam dizer; mas respondem com pasmosa facilidade quem dirigiu a Província em tal tempo, qual o chefe de polícia que serviu às ordens de certo e determinado presidente, que resultado teve esta questão na Câmara temporária, aquela no Senado; direi mais, descrevem com fidelidade até o transunto dos artigos do jornal da sua parcialidade em represália aos do adversário.

Em eleições consomem grande parte de seus haveres, acontecendo quase sempre deixarem por morte os filhos sem instrução e na miséria.

Os exemplos são freqüentes.

Entretanto, os que mais se sacrificam, são os menos compensados de tanta dedicação.

Todo sertanejo em geral é partidário frenético, e nesse trabalho de preferência a essa ou àquela fração, é absorvida tôda a sua atividade, todo o seu tempo e recursos.

O bem de seu partido está acima dos interêsses da família e da prosperidade da Pátria!

* * *

Sem mais demora dissemos adeus a Independência, e a 24 ainda com escuro tomamos caminho para Tamboril.

Logo à saída a estrada se desdobra em direção nordeste. Eu ia muito adiante.

Ao atravessar um campo de terra preta, fina, gomosa, me perdi desastradamente, e teria ficado por muito tempo nessa difícil situação se os arrieiros que haviam passado além, notando a ausência do rasto de minha cavalgadura, não me chamassem em altas vozes.

Esperavam-me junto a uma casa grande, caiada, de três portas de frente, que se mostrava em completo abandono.

Os cantos da sala estavam escavados pela mania de se procurar dinheiro enterrado; pois é crença entre a plebe que os nossos maiores guardavam dêsse modo sua fortuna.

Pelo corredor e quartos o mesmo destrôço.

Aqui, diz Antônio Guida, ao tempo da sêca, um indivíduo que buscava a Capital para escapar à fome, arranchou-se uma tarde quase ao sol pôsto, e, quando se dispunha a ir procurar água e lenha para preparar sua refeição, ao chegar à porta avistou no pátio dois vultos que se encaminhavam a correr para êle.

Transido de susto, recolheu-se a um dos quartos, correu o ferrolho e esperou.

Minutos depois entram na sala duas onças, as quais a saltar, a rosnar, a correr em tôdas as direções, rolavam por vêzes sôbre a porta, que parecia ceder aos empurrões.

O desgraçado não se mexia.

Felizmente, porém, com o dia cessou o ruído, e o pobre emigrante, percebendo que já não estavam ali os terríveis hóspedes, deitou a correr e fêz-se ao largo.

Assim conversando, chegamos após três horas de viagem ao lugar Jurumenha, a 24 quilômetros da Independência.

* * *

Partimos à hora do costume para a jornada da tarde.

Pouco adiante os campos gerais são interceptados por altos, que mudam completamente a natureza do terreno.

A argila que forra o solo é de côr vermelha viva, notando-se nos cimos de um e outro lado da estrada, apesar da acumulação dos sílex rolados, prodigiosa quantidade de cactos

As coroas-de-frade (**gênero Melocactus**), a palmatória (**Opuntia vulgaris**), o primeiro da tribo das Equinocáteas e o segundo das Opúncias, segundo a divisão de Bentham e Hooker, esplendiam por aí além com suas flôres escarlates.

O último alimenta, como é sabido, a cochinila, espécie de inseto do gênero **Coccos**, da fêmea dos quais se obtém o carmim.

Esta indústria é inda entre nós desconhecida; ao passo que tem sido explorada pelos mexicanos, sendo desde o comêço do século XVI por suas vantagens introduzidas na Espanha, Itália e Argélia.

Ao sair fora na planície tive de galopar a tôda brida para safar-me do fogo lançado ao pasto que, devorando as hastes das árvores, estalava ao perto com horrível estrépito e me envolvia já em nuvens de fumo.

É preciso ter assistido a tais incêndios para se avaliar do seu estrago, muitas vêzes produzidos por um ato de selvageria.

O fogo lavra com voracidade incrível.

Fora de perigo, eu temia ainda pela sorte dos arrieiros, quando me apareceu afinal, tendo feito a travessia igualmente em marcha acelerada.

Entre os animais que fugiam à morte inevitável na destruição geral, foi apanhado um tatu-bola (**Dasypus tricinctus**) com que me presentearam.

Diante daquela variedade do gênero Dasípode, ordem dos Desdentados, classificados assim por Burmeister, eu refletia que esta tende a desaparecer da Província, como a variedade guaçu ou canastra dos mineiros (**Dasypus gigas**), que só se

encontra hoje na Serra Grande, entre as terras de S. Gonçalo e Araripe.

Prosseguimos.

Protegidos pela meia claridade da lua em quarto crescente, íamos deixando atrás lindos campos, onde de quando em quando surgiam viçosas acácias-angicos, que parecia terem sido plantadas em simetria.

Pelas oito horas a luz avermelhada que partia de uma habitação assentada lá ao longe na planície, trouxe-nos a esperança de repouso após enfadonha caminhada de 30 quilômetros.

Era a fazenda Vítor.

* * *

Aqui nasceu o invicto General Antônio de Sampaio, que tão alto elevou a fama do nome cearense nas plagas do Paraguai, onde caiu vítima de sua bravura no glorioso combate de 24 de maio de 1866.

De coragem inexcedível, passou à história cercado da admiração dos brasileiros, que se orgulham de contemplá-lo como uma das glórias da Pátria.

A terra natal não esqueceu o seu herói e, em virtude da Lei n.º 1.202, de 2 de dezembro de 1876, mandou erigir-lhe, na cidade dos mortos, um monumento condigno, para onde foram trasladados os seus restos venerandos.

* * *

Êste teto que abrigara por tanto tempo na quadra infantil ao ilustre general, acolhia agora a mim abalado da mais profunda impressão de respeito, ao saber que por aqui se haviam escoado os seus melhores dias.

Eu refletia.

Que saudade não havia de lhe despertar na alma, se fôsse possível visitar êstes lugares, onde cada tronco, cada pedra, cada canto, desperta uma lembrança, tanto mais para o futuro, quanto mais fagueira, da vida de outrora.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Tudo passou, e o silêncio guarda para sempre o segrêdo dessa quadra querida.

* * *

À luz da alvorada foi que pude apreciar a beleza desta fazenda célebre.

De todos os lados vastos campos e à esquerda da frente da casa o serrote Feiticeiro, com sua perspectiva selvática, imprime certo ar grave a esta região.

Talvez tenha sido constante dêsses penhascos, que o bravo general aprendeu a severidade de que era dotado, qualidade que o tornara mais temido que simpático para os que com êle comunicavam.

A manhã vinha esplêndida, como esplêndidas são tôdas as manhãs do sertão, e antes que o sol despontasse no horizonte, já íamos de marcha.

Dobrando a ponta do serrote, atravessamos à esquerda uma extensa lagoa, que é contornada ao nascente por espêssa mata.

Pouco adiante Antônio Guida me fêz deixar a estrada para mostrar-me uma curiosidade, e tomando a do açude Grande, descemos por ela cêrca de 1.500 metros até o lugar onde se vê na ponta de outro serrote uma espécie de trincheira.

Por detrás destas pedras, diz êle, emboscaram-se em tempos idos os Mourões, e vindo-lhes no encalço José da Costa Alecrim, com um trôço armado, quando menos esperavam sofrem aqui fogo terrível, sendo completamente destroçados.

Os poucos que escaparam, fugiram precipitadamente.

Por isso chamam a êste lugar Trincheira.

Voltamos a continuar nossa viagem.

* * *

Vencida a extensão do mencionado serrote, chegamos a um imenso campo, que se vai insensìvelmente elevando até a extremidade, que circunda uma mata, pelo meio da qual

segue a estrada, larga, bem trabalhada, declinando daí em diante de modo suave.

Em certo ponto os arrieiros dão com um bando de macacos, e depois de algum trabalho pôde ser pegado um.

Os outros ficaram pelos ramos a chamar o prisioneiro.

Era a primeira vez que eu encontrava dêsses quadrúmanos.

Consta que só temos na Província, segundo a classificação de Claus, a guariba (**Mycetes barbatus**) e êste (**Cebus cirrhifer**), ambos da família **Cebidae**, subordem dos Platirríneos, ordem dos Pitecídeos.

Caminhando sempre, enfrentamos com um grande alto, em cuja base passa o riacho que chamam Fundo, verdadeira divisão entre as águas do rio Acaraú, que correm para o norte, e águas do Poti que seguem direção oposta.

Em cima encontra-se a fazenda Bom-Tempo.

Ocupa situação agradável.

Não tardou muito para que avistássemos as tôrres da igreja da vila, que de quando em vez nos indicavam ir desaparecendo a distância.

Meu relógio marcava 10 horas quando apeei-me à porta da casa que me havia sido preparada pelo Sr. Manuel Cavalcante de Albuquerque.

* * *

Tamboril está situado num alto, à margem esquerda do rio Acaraú que, nascendo na serra das Matas, cêrca de 30 quilômetros, circunda a vila pelo lado de sueste, norte e poente.

Em sua passagem na vizinhança não forma poços em conseqüência do declive rápido do terreno.

O serrote Bico da Arara e o Feiticeiro, que por sua posição descrevem um círculo, a seis quilômetros de distância, estendendo-se de sueste até quase sudoeste, dão ao lugar perspectiva agradável.

Se bem que pareçam reunidos, são no entanto separados dois quilômetros mais ou menos; e para quem os observa de

perto, fica a impressão de que os dois colossos se preparam para a luta, tal é atitude feroz de um e outro.

Ao segundo deu-se aquêle nome, porque apresenta a mesma forma de qualquer parte que seja visto.

* * *

Tem três ruas ainda com intervalos sem edificação, duas que se estendem de nascente a poente e uma em sentido transversal, a qual partindo da frente da igreja vai terminar na da Tatajuba, cujo nome lhe veio de uma dessas frondosas urticáceas, que a ferocidade de um fiscal derribou a despeito dos protestos da população

Prova isso a índole morigerada do nosso povo, pois que Mr. Saintine, na **Mithologie du Rhin**, refere que em 30 de dezembro de 1860 um mancebo de Pforzheim, palatinado do Reno, tentou assassinar o burgo-mestre, não por lhe votar ódio, mas porque êste abusando de sua autoridade, fizera abater uma tília, a que na Alemanha se rende culto.

Entre nós poder-se-ia extinguir até tôda flora do Brasil.

* * *

Em geral os prédios são bons.

No lado norte, no ponto mais elevado, acha-se a igreja de S. Anastácio, templo excelente, com uma tôrre; e no extremo oposto, o mercado público, um quadro rodeado de quartos insignificantes.

Há aqui duas escolas para a educação da infância de ambos os sexos.

Calcula-se a população em 10.000 almas.

A Coletoria Provincial, confiada ao honrado funcionário José Honorato de Araújo Chaves, produziu no ano último a soma de 5:586$140 réis.

* * *

Esta localidade foi criada freguesia pela Lei n.º 629, de 17 de dezembro de 1853, que lhe traçou os limites com a Boa Viagem (Lei n.º 1.025, de 18 de novembro de 1882).

Êstes limites foram alterados pela estrada que segue de Boa Viagem, compreendendo a Telha, Lei n.º 1.113, de 27 de outubro de 1864, e revogada pela n.º 2.064, de 12 de dezembro de 1883, art. 3.º, que mandou vigorar os limites da Lei n.º 1.862, para o têrmo e freguesia.

Seu primeiro vigário foi o Padre Raimundo Félix Teixeira.

Pela Lei n.º 664, de 4 de outubro de 1854, combinada com a de n.º 997, de 31 de agôsto de 1861, foi elevada a vila com os limites da freguesia. Seus limites foram alterados pela Lei n.º 1.617, de 2 de setembro de 1874, revogada pelo de n.º 1.801, de 11 de janeiro de 1879, art. 3.º, que fixou os da freguesia de Boa Viagem.

Com o município de Santa Quitéria foi também alterado, ficando para êste último as águas do rio Macaco, Lei n.º 1.900, de 16 de agôsto de 1880.

Por último ficou pertencendo entre Boa Viagem e Tamboril prescritos para a freguesia na Lei n.º 1.025, de 18 de novembro de 1862, art. 2.º.

Faz parte da comarca de Santa Quitéria.

São dois os seus distritos de paz: o do Tamboril criado em execução do art. 2.º, do Código do Processo, e o da Telha (20), criado pela Lei n.º 2.011, de 6 de setembro de 1882, tendo por limites os do distrito policial.

A Lei n.º 2.042, de 6 de novembro de 1883 (criação em duplicata) dando os mesmos limites, criou novamente o distrito.

* * *

O nome Tamboril é derivado de uma grande árvore, da família das Leguminosas (**Enterolobium canescens**), variedade de timbuíba, timbaíba, timbuíba ou timboíba (**Enterolobium timbouva**), que se achava a pequena distância da primeira casa, que aqui se erigiu no meado do século passado.

Foi seu proprietário o Capitão Luís Vieira de Sousa,

(20) — Elevado á categoria de Município, com o nome de Mons. Tabosa.

casado com D. Ana Alves Feitosa, que por achar muito bonito o lugar, resolveu fazer êste povoado.

Tendo prometido a Santana de edificar-lhe um templo, mandou vir de Pernambuco a respectiva imagem, e fêz-lhe doação das terras de Tamboril, a começar do lado ocidental do rio até a fazenda Cacimbinha.

Para o lugar da igreja designou êle o alto da Malhada Real, que ainda se chegou a benzer; mas sendo enviada de Pernambuco a imagem de S. Anastácio, em vez da de Santana, como havia sido feita a encomenda, e sendo já falecido Vieira, seus filhos, Tomé Alves Feitosa, Luís Vieira de Sousa, D. Esmerina Alves Feitosa, Joana e Cosma, recearam cumprir a promessa de seu pai, em conseqüência do lamentável equívoco, e só o fizeram à instância de Francisco Xavier de Araújo Chaves, pai do Coronel João de Araújo Costa, verdadeira influência naquele tempo e parente do doador.

Assim, se dedicou o templo a S. Anastácio, erguido no lugar onde se achavam fincadas as estacas de uma nova casa, que Vieira pretendia levantar.

Os seus descendentes dispersaram-se, ficando na casa em que êle habitara, Manuel Martins Chaves, casado com sua bisneta D. Ana Alves Feitosa, e vindo a falecer, deixou sua viúva e duas filhas, Maria de Barros Galvão e Ana Vieira de Sousa, esta com 72 anos e aquela com 81, que ainda vivem e residem na velha habitação por seu pai construída, vizinha da primeira, a nordeste da vila.

Nos dias em que por aqui me demorei, não pude deixar de notar a brevidade dos dias relativamente a outras localidades, o que é motivado talvez pelo sol que, tendo de vencer a altura da serra das Matas, só depois de seis e meia derrama seus raios na vila, e às cinco e meia mais ou menos fá-los desaparecer por detrás da cordilheira da Ibiapaba.

Não menos curioso é, neste tempo sêco, a esplêndida florescência dos pereiros (**Aspidosperma pyrifolium**), que coroados de pardo, e ostentando viçosa folhagem, enchem o ambiente de suave aroma a par das trepadeiras **Paulinias edulis**, de flôres brancas.

A vegetação nos lugares elevados se apresenta ainda robusta a despeito da contínua destruição dos moradores, e como prova, refere-se que há pouco tempo, na fazenda Convento, do Coronel Joaquim José de Castro, na margem de um riacho, se cortou uma canafístula (**Cassia fistula**), que media quatro metros de circunferência sôbre quatro e meio caule.

No sítio Almas, próximo ao Ipu, Manuel de Melo Falcão e seu filho José de Melo Cursino aproveitaram um cedro (**Cedrela brasiliensis**), cujo diâmetro continha um metro e 90 centímetros.

Dos galhos tiraram-se tábuas de metro e cinco centímetros de largura.

Ainda hoje se vê no sítio Algodões, do finado Major Antônio Ribeiro Campos de Noronha, um coqueiro que dois homens não abarcam, tendo como tem três metros e meio de circunferência.

A linha que forma o cruzeiro colocado em frente da igreja-matriz foi tirada de uma aroeira (**Myracrodruon urundeuva**), trazida da fazenda Deserto, a seis quilômetros de distância, em costas de homens, no dia 11 de julho de 1875; tem 10 metros de altura e 25 centímetros de face a face em tôda a extensão.

Cêrca de 30 anos antes Mr. Belmar, na sua **Voyage aux Provinces Brésiliennes**, escrita: "**La province de Ceará, en partie montagneuse et couverte de forêts vierges, en partie platte et semée de savanes verdoyantes ou arides, suivant la saison, est annuellement desolèe par le fleau de la secheresse, qui y fait parfois d'affreux ravages en destruisant la vegetation, les animaux, et même les hommes. Le mal n'est pas sans remede. On pourait par des barrages pratiqués dans les gorges des montagnes se menager d'immenses reservoirs et des arrosages, que sauverraient les recoltes pendant la saison seche.**"

Já naquele tempo lembrava o ilustre escritor a providência dos grandes açudes!

Em outro lugar acrescenta: "**Cette province, est en outre, assez riche en plantes medicinales et balsamiques, en gommes, resines, bois de construction, mines d'or, d'argent, de fer, de cuivre, de plomb, de salpétre, de crystal, etc. L'histoire naturelle pourra trouver là une matiére aussi ample qui variée.**"

Os troncos ainda aí estão para atestar a grandeza da nossa flora.

Na fauna encontra-se em Tamboril uma celebridade que me parece não há em outra parte do País.

É uma espécie de mocós, diferente da conhecida (**Koridon mocó**, Cuv., ou **Caviarupestris**, de Newied), cuja pele em uns é branca, e em outros é negra.

Incontestàvelmente é a mais linda variedade da classe dêsses roedores.

Se não fôsse ousadia minha, eu os classificaria, mas deixo esta honra a outros mais competentes.

* * *

Numa manhã, acompanhado de Antônio Guida, perfeito conhecedor destas paragens, visto como desde criança se fizera condutor de comboios, deixamos a vila em passeio de recreação.

Após duas horas de marcha, em rumo noroeste, paramos em uma várzea, onde se mostra uma pequena fonte mineral, cujas bôlhas se desfazendo à tona d'água, indicavam que fervia contìnuamente. É uma fonte sulfurosa, a que o vulgo chama Ôlho-d'Água do Azêdo.

Suas propriedades medicinais são bem conhecidas, e na circunvizinhança, se refere inúmeros casos de cura de moléstias cutâneas.

Apesar do sabor em extremo ácido, notei pela freqüência de rastos em derredor, que o gado vacum se serve de água sempre cristalina; sendo certo, porém, como me garantiu o companheiro, que o gado cavalar, em estado de gestação, aborta de ordinário pelo seu uso.

Esta fonte ainda não foi estudada, e ali se acha em completo abandono.

De volta, Guida, que conhecia bem minha avidez pelas

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

curiosidades, convida-me a nôvo passeio ao sítio Birimbau, de Cesário José de Sousa, na serra das Matas, para o fim de me apresentar uma rapariga ao serviço daquele agricultor, dotada de tanta fôrça que, apertando o fuso de uma prensa de algodão, nenhum homem seria capaz de o afrouxar.

Acedi, mas me faltando o tempo, fiquei privado de ver êsse Hércules do sexo feminino.

Soube mais tarde de pessoas gradas, que realmente ainda não havia aparecido quem a vencesse nesse desafio.

* * *

O serrote Feiticeiro, de que acima falei, serve de barômetro aos habitantes.

Tôda vez que aquela penedia se apresenta enevoada, não há que duvidar, a chuva é certa; e assim tem sido sempre, de sorte que do aparecimento dêsse sinal depende a aproximação ou ausência dos invernos.

De 1876 para 1877, falhando a experiência do tempo devido, se derramou o desânimo no seio da população com a certeza de terrível sêca, e foi esta localidade que mais sofreu as suas conseqüências, pois que sua maior riqueza consiste na criação de gado.

Hoje parece que ressarciu os prejuízos, atendendo-se as grandes colheitas de algodão, farinha e cereais, principalmente na serra das Matas, Serrania, etc., que são os celeiros do município.

As fazendas de criação estão quase reconstituídas.

O povo em geral é laborioso, e, por exemplo, basta dizer que, em 1863, Manuel Pereira Chaves, que foi o primeiro que introduziu o plantio da cana no sítio Carlos, de que chegou a vender nesse tempo cada uma a preço de 320 réis, nove anos depois, em 1875, continha o município 20 engenhos para redução dessa gramínea a aguardente e a rapadura.

* * *

Uma indústria que ainda ninguém se lembrou de explorar, e que deve dar excelente resultado, é o aproveitamento de belíssima lã de côr azul que se extrai do casulo da barriguda (**Bombax ventricosa**), assim como de uma trepadeira conhecida pelo nome de cipó-de-leite que a produz de igual qualidade, senão mais fina.

Esta como outras se perdem à falta de tino dos habitantes, ao passo que no Acaraú já se exporta porção de pêlo de gravatá (**Bromelia** sp), que é inferior em matéria e mais trabalhoso o processo da extração.

Vi por aqui que abundam aquelas bombáceas, e por conseguinte fácil seria tentar-se êste auxílio à riqueza particular.

Não se perderia nada em se fazer a experiência.

* * *

O clima é salubre a tal ponto, que a peste nunca chegou aqui a penetrar, e até se conta que os indivíduos que em 1879 regressavam da Capital acometidos de varíola, eram tratados dentro da vila sem que passasse o mal a outrem.

Foi o lugar onde vi pessoas de maior idade, ostentando nos hábitos robustez admirável.

Informaram-me que o finado Major José Gonçalves Veras, que servira nas guerras da Bahia, com 80 anos tomava parte nas vaquejadas, e corria no mato como o vaqueiro mais adestrado.

O Capitão Jerônimo Rodrigues Veras Ló, que ainda vive em avançada idade, não é menos forte nem menos ativo que seu irmão.

* * *

Tamboril tem produzido homens notáveis, entre outros o Coronel Diogo Lopes de Araújo e Sales, que o ministro da Agricultura, no seu relatório apresentado às Câmaras em 1855, dizia conhecer no País mais hábil catequista dos índios.

À sua espada encantada, que não podia soltar pelo receio

de exterminá-los de um só golpe, deveu êle escapar mais de uma vez às sedições dos selvagens.

Seus serviços nessa arriscada emprêsa foram de feito relevantes.

* * *

Visitei a igreja-matriz que é regida pelo Padre Francisco de Holanda Cavalcante.

Abriam-se arcadas do lado esquerdo, e êste serviço tornava mais amplo o recinto do templo.

A veneração dos habitantes por seu padroeiro chega a tal ponto, que raro é se encontrar uma família que não tenha o seu Anastácio.

Ao examinar a tôrre que termina em forma de quadrilátero, com pequenas pirâmides nos ângulos, soube que, ao tempo em que êle se construía, um rapaz conhecido por Manuel da Caixa, afamado clarinetista, mas dado ao vício da embriaguez, numa noite do mês de maio de 1877, trepara ao andaime superior e ali sentado executava as mais agradáveis variações.

Por vêzes dir-se-ia que o seu instrumento soluçava, tão sentidas ecoavam as notas pela calada da noite.

Depois o silêncio sucedeu àquela música melancólica.

Ao outro dia pela manhã jazia estendido no chão o cadáver do desgraçado, e logo que ao serviço voltaram os trabalhadores encontram sôbre as tábuas em que estivera sentado, seu chapéu e o clarinete.

Sua morte foi geralmente sentida, por que nêle se perdia um músico de merecimento, que desde cinco anos de idade solenizava com os arroubos de sua arte as festas da localidade.

* * *

O fato mais importante que, entre outras notas, coligi acêrca da capacidade natural dos filhos do sertão, é inquestionàvelmente o do descobrimento de um grande crime pelo

célebre rastejador Bernardino Pereira da Luz, o qual, se não fôra êle, ficaria como tantos, sepultado em eterno sigilo.

Deu-se assim.

Certo dia, no ano de 1870, se me não falha a memória, um indivíduo, tendo ido pescar a um poço do rio Poti, no lugar S. Luís, apanhou na rêde uma perna humana.

Aterrorizado com a presença daquele membro perfeitamente conservado, apesar da voracidade das piranhas que infestam o poço, corre até a residência da autoridade e lhe comunica a ocorrência.

A autoridade comparece ao lugar e faz prosseguir a pescaria, acontecendo que em breve foram retirados ainda 17 pedaços de um corpo, que se verificou ser o do caboclo Luís, bem conhecido de todos.

Pròximamente à margem do rio apenas o rasto de um homem.

Como se descobrir o autor do crime em lugar tão deserto? Impossível.

Em falta de outro meio, se mandou vir o velho Bernardino, que foi incumbido de rastejar o assassino.

Depois de examinar todos os rastos, tomou um que ia por debaixo de uma oiticica, a cuja sombra, no dia anterior, estiveram sentados dois homens.

O rasto de um dêles chegara até o rio, e daí se dirigindo à mata, onde se achavam dois cavalos, seguiu depois pela estrada afora.

Bernardino dizia que o facínora montava um daqueles animais e puxava o outro, pelo que a autoridade se pôs com a fôrça à sua disposição, nessa diligência.

Andaram o dia inteiro.

Sobrevindo a noite foram forçados a dormir no mato, e logo que amanheceu, continuaram a difícil tarefa, até a fazenda Jibóia, de Francisco Xavier Sampaio, onde desapareciam os rastos a 60 quilômetros do lugar do delito e 42 de Tamboril.

Apesar de ser o proprietário abastado fazendeiro, procedeu-se a rigoroso inquérito, mas sem resultado.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

Zombavam todos da imperícia do rastejador, quando momentos depois, chegando à porta dois cavalos que traziam para a ração, Bernardino declara que os rastos que vinham acompanhando eram com certeza os dos cavalos presentes.

Nova surprêsa, pois que não havia na casa escravo ou fâmulo, cujo rasto não tivesse sido verificado, e as pessoas da família andavam com calçados.

Mais tarde, Silvino Xavier de Sampaio, filho do dono da casa, tendo tirado os sapatos para entrar no curral, o rastejador procura a autoridade e diz-lhe que Silvino era o criminoso que procuravam, visto como se denunciara pelo rasto que havia deixado impresso na areia do curral.

Prêso Silvino, confessou que de feito assassinara o caboclo Luís, em conseqüência de ter perdido no jôgo, debaixo da oiticica, 1$280 réis, único dinheiro que levava; e que fizera em postas seu corpo e as arremessara ao rio, convencido de que as piranhas não deixariam senão os ossos, pelos quais nunca se poderia conhecer a quem haviam pertencido.

Não aconteceu assim, e à habilidade de um rastejador se deve ter sido descoberto aquêles crime, que aliás não chegou a ser punido porque Silvino evadiu-se da prisão e assassinou ainda a Queirós, em sua própria casa, onde êste dormia para conduzir de manhã uma vaca que dêle recebera em pagamento.

Prêso segunda vez foi recolhido à cadeia da Capital, donde regressou ao Tamboril a fim de responder ao júri, sendo depois enviado em 1872 para cumprir a pena à cidade do Ipu, então sede da comarca, de cuja cadeia ainda se evadiu.

Falecendo em 1873 na casa de seu pai, na fazenda Jibóia, foi sepultado no cemitério da vila.

* * *

Ainda, entre outras, esta do velho rastejador.

Francisco Pedrosa, tendo malucado, saiu de casa um dia, armado de uma faca, dizendo que ia se suicidar.

Apesar de bem vigiado, desapareceu.

A família, na maior consternação, fê-lo procurar por tôda parte, e perdia a esperança de o encontrar vivo.

Bernardino, ao saber do fato, vem oferecer-se para o trazer, caso vivo ainda, e sai-lhe no encalço.

Depois de percorrer as diversas direções por onde o alienado descrevera difíceis ziguezagues, galga os lajedos do serrote Feiticeiro, sempre sôbre o rasto, e, após longa excursão, vai achá-lo sentado sôbre uma pedra, cuja colocação punha em perigo iminente sua vida.

Como havia prometido, restituiu são e salvo à família.

* * *

O têrmo do Tamboril, além das correrias dos Moirões, foi ainda de 1871 a 1875 devastado pelo bando armado sob as ordens do salteador Manuel Ribeiro Melo.

Eram seus companheiros o desertor Tetéu, soldado do 14.º Batalhão de Infantaria, Odorico Cedro, e um indivíduo a quem chamavam Rôla.

Êsses facínoras traziam em sobressalto Tamboril e os municípios vizinhos de Príncipe Imperial, Independência, Boa Viagem, Pedra Branca, Santa Quitéria e Ipu.

O chefe era mais conhecido pelo nome de Ribeirinho.

Invadiam qualquer fazenda para mudar de cavalgaduras e arreios, forçavam as senhoras casadas e virgens, saqueavam as propriedades, e assim levavam por tôda parte a desolação e a morte.

Em certa ocasião, passando êles por um poço onde se lavava roupa, ordenou Ribeirinho que as môças se achavam em companhia de suas mães, se dispissem e dançassem para êle se divertir; o que imediatamente se fêz, executando os seus camaradas a música ao som das violas.

Afeito à prática do crime, entrava desassombradamente na vila com o seu acompanhamento, bebia nas tavernas, e se retirava sem a menor resistência da parte da população, que quase sempre cedia às suas exigências, pelo receio de incorrer no seu desagrado.

O govêrno da Província, entendendo pôr têrmo àquelas devastações, enviou para ali fôrça capaz de fazer frente à audácia dos bandoleiros.

Nestas circunstâncias, em 1872, o delegado Sebastião Alves Cavalcante, acompanhado de praças de linha, comandadas pelo alferes do exército, Sebastião Gonçalves da Costa, cerca alta noite uma oiticica, onde dormia a quadrilha, e nesse assalto captura Odorico, Cedro e Rôla, escapando-se o desertor Tetéu e Ribeirinho.

Êstes continuam a mesma vida de depredações, frustrando as diligências da fôrça pública que não os perdia de vista.

Em 1875, Tetéu entendeu de tomar a amásia de Ribeirinho, e como se guardassem mùtuamente, velando um enquanto o outro dormia, na ocasião em que o chefe repousava das fadigas do dia, com a cabeça coberta pelo chapéu de couro, o desertor dispara-lhe a arma ao ouvido.

A môça, ouvindo o tiro, corre à fazenda Morcêgo, 24 quilômetros ao sul da vila, e pede que se mande vir fôrça, que ela se encarregará de entregar Tetéu.

O delegado Sebastião Cavalcante expede imediatamente soldados disfarçados, e ali aparecendo o facínora a cavalo, com seu clavinote, mas sem suspeitar do plano, quando quis resistir, foi-lhe impossível: estava prêso.

Não havia notícia de Ribeirinho, que, no entanto, se sabia ainda era vivo.

Para descobri-lo o delegado fêz recolher à prisão sua amásia, a quem manda aplicar severo castigo, e então conseguiu se informar de seu esconderijo.

Prêso Ribeirinho, ainda gravemente doente em conseqüência da bala que lhe atravessara o pescoço, foi medicado pelo Sr. Antônio Mavignier, sendo remetido ao Ipu, daí para Sobral, e dentro em pouco para a Capital.

Voltando ao Ipu para responder ao júri, fugiu da prisão e faleceu pouco tempo depois.

Com o desaparecimento dêsses criminosos entrou o município em via de pacificação e prosperidade.

* * *

Tendo agradecido aos cavalheiros José Rodrigues de Farias, José Honorato e Manuel Cavalcante, as informações que me prestaram acêrca do seu torrão natal, e ainda mais reconhecido às demonstrações de sua preciosa amizade, resolvi deixar Tamboril a 28 para me dirigir a Santa Quitéria, 84 quilômetros ao nordeste.

Ao romper do dia, montei a cavalo, transpus o leito do Acaraú e fui caminho do meu destino.

No fim de duas horas de marcha começa o terreno a se elevar, depois de deixar à esquerda o serrote Cabeça Verde, nome que lhe vem por apresentar-se em todo o tempa coberto de verdejante vegetação.

Ignoro o motivo dessa exceção em meio da natureza agreste.

Vencida a extensão da serrania, cujo solo ondulado é de composição em sua totalidade argilosa, a estrada interna-se por uma mata regular, onde os caules dos angicos até a altura de um homem se mostram despidos da camada cortical.

Soube que se pratica aquela desnudez às preciosas plantas de marcenaria para se obter a substância empregada no preparo da sola.

O sistema da pedra-ume de que se servem os franceses parece que conviria mais, seria menos prejudicial, visto como por aquêle meio, a árvore sem o seu invólucro natural por onde se comunica à parte superior a seiva ascendente, definha e morre.

Por aqui há verdadeiro estrago nestas acaciáceas.

Adiante sai o caminho num vale de fundo negro, por onde a verdura das trepadeiras sarmentosas destoa da palidez geral dos campos.

Ia em mais de meio a estação sêca, mas se viam plantações de legumes e mandioca.

Para alimentar tanta frescura deve necessàriamente haver aqui algum ôlho-d'água.

Segue-se outro alto, no fim do qual a sombra de gigantescas oiticicas nos forneceu o pouso conveniente.

É aqui a Passagem da Madalena.

Em ligeira excursão a pé pelos arredores, conversava eu tranqüilamente com Antônio Guida, dentro da mata que borda a estrada pelo lado do nascente, quando a queda do galho de uma aroeira atrai minha atenção.

Examinando-o de mais perto, verifiquei que havia sido serrado, e chegamos a ver o serrador, um coleóptero que não pôde a meu pesar ser apanhado, mas que me pareceu pertencer à família dos Longicórneos, tribo dos Cerambicídios.

Coisa admirável!

Como um inseto tão pequeno serrara madeira tão rija e que media 35 centímetros de circunferência!

Não se explica; o certo porém é que tem fôrça prodigiosa nas mandíbulas, e empenhado nesse trabalho, não resiste às suas serras o lenho mais duro.

* * *

Às três horas pusemo-nos em marcha.

Daqui em diante o terreno se aplaina e ao fim de 30 quilômetros mais ou menos começam a aparecer elevações insignificantes.

Ao intenso calor da tarde vem substituir a calma e serenidade da noite, para o que não pouco concorria o esplêndido luar.

A natureza morta parece que se animava, se embelezava, se decorava ao mágico efeito da sua luz suave e benéfica.

O desejo de chegar me fazia marchar adiante.

Em certa ocasião interrompe o curso de minhas reflexões a voz estridente da mãe-da-lua (**Caprimulgus grandis**), pássaro bem conhecido da família dos Insessores, grupo **Strisor**, que segundo Wappaeus se filia à subfamília americana dos **Prionitidae**.

Quem não estremeceu alguma vez ao ouvir à noite, no mato da mata, aquêles sons monossilábicos, espaçosos, noturnos, que se produzem em escala descendente, e que infundem um certo terror?

Minutos depois pedia agasalho na fazenda Santa Maria, do Coronel José Antônio Moreira da Rocha.

No dia seguinte separei-me dos companheiros, e parti protegido ainda pela luz dúbia da madrugada.

Atravessei um riacho afluente do rio Macaco, contornei um grande cercado, tendo sempre daí em diante a serra das Cobras à direita, que se estende mais ou menos próximo da estrada cêrca de 12 quilômetros.

A alguns passos à esquerda vê-se a fazenda Santa Quitéria, do finado Dr. Francisco de Paula Pessoa.

É uma das mais importantes dêstes sertões, não pelas terras, ao menos por seu prédio magnífico, que não é inferior ao melhor de qualquer vila.

O espaço percorrido no trajeto da manhã era plano, igual e tapetado de ricas pastagens, que nutrem bem os gados.

Depois de três horas de marcha acelerada venci os 30 quilômetros, que medeiam entre Santa Maria e a vila de Santa Quitéria.

* * *

Assentada sôbre a margem ocidental do rio Jacurutu, numa planície em forma de ângulo que descreve o rio dêste lado, conta a vila de Santa Quitéria umas 120 casas distribuídas na larga praça, em cujo centro se acha a igreja-matriz, em três ruas, das quais a melhor e mais bem edificada corre à esquerda do templo em rumo de sul a norte, e ainda em outras com largos intervalos em sentido contrário atravessando estas.

Há aqui alguns prédios excelentes, construídos ao gôsto moderno: portas altas e frentes terminadas em cimalha.

Um edifício elegante que se vê ao lado oriental da praça, destinado a servir para câmara municipal, está abandonado e tem necessàriamente de cair à falta de um pequeno auxílio dos cofres provinciais, visto como faltando-lhe a coberta, as chuvas têm estragado as madeiras do andar superior e ameaçam as paredes.

É pena; não há melhor em outra parte.

Está traçado com tôdas as regras de arte.

O mercado, no extremo sul da rua mais extensa, não está ainda acabado, mas, no que se há feito, apresenta quartos de frentes elevadas, que prometem na conclusão um excelente edifício.

Perto daqui se levantam diversas casas, pelo que noto que a vila se estende para êste lado.

É a primeira localidade que se lembrou de construir depois da sêca de 1877, não sei se por lhe abundarem os recursos ou por influência de moradores de outros lugares a vila apresenta perspectiva alegre, e como sertão o seu território é um dos mais produtores da Província.

Tem duas escolas de instrução primária para ambos os sexos, regularmente freqüentadas, e na Barra do Macaco, 60 quilômetros ao sul, o Sr. Raimundo Minervino Ramos, môço habilitado, mantém aí uma a seu esfôrço, onde recebem instrução numerosos alunos.

A sua população é calculada atualmente em 10.000 almas, tendo tido antes da sêca um têrço mais.

As rendas provinciais arrecadadas pela Coletoria montaram no ano último a soma de 5:510$498 réis.

* * *

A comarca de Santa Quitéria foi criada pela Lei n.º 1.551, de 4 de setembro de 1873, compreendendo os têrmos de Santa Quitéria e Tamboril.

Atualmente êstes têrmos são independentes com juiz letrado, sendo o de Santa Quitéria criado pelo Decreto n.º 8.742, de 18 de novembro de 1884, e o de Tamboril pelo de n.º 5.552, de 20 de fevereiro de 1874.

A comarca foi primeiramente Tamboril, depois transferida a sede para Santa Quitéria pela Lei n.º 1.814, de 22 de janeiro de 1879, art. 1.º, § 9, e ereta pela de n.º 782, de 27 de agôsto de 1856.

É comarca de primeira entrância (Decreto n.º 5.641, de 16 de maio de 1874).

Foi criada freguesia por Decreto de 23 de março de 1823, a que se refere a Lei n.º 224, de 4 de janeiro de 1841.

Tem dois distritos de paz: o de Santa Quitéria, criado pela Lei Orgânica de 15 de outubro de 1827 e art. 2.º do Cód. do Processo, e o da Barra do Macaco, criado pela Lei n.º 327, de 6 de dezembro de 1850.

Além dêstes, que são também distritos policiais, tem o do Vidéu, sôbre a serra das Matas.

No município se encontram, a igreja-matriz da vila, criada por Decreto de 22 de março de 1823, e as capelas filiais da Barra do Macaco e do riacho Guimarães, a primeira no povoado cabeça do distrito do mesmo nome, e a segunda num pequeno arraial distante da vila 90 quilômetros ao nordeste.

Sua principal riqueza consiste na indústria pastoril, mantida por 350 fazendas de gados e 90 agrícolas, na serra das Matas e Umburanas, onde se cultivam algodão, mandioca e cereais.

Exporta para a Capital e para Sobral muito gado, sola, couros salgados, courinhos, queijos, algodão e alguma borracha (**Jatropha** sp) extraída da parte da serra das Umburanas, que extrema o têrmo pelo nascente, cujo leite é igual em qualidade ao do Amazonas: e importa fazendas, estivas e objetos de luxo das mesmas cidades, e farinha de mandioca, rapadura e aguardente da serra da Ibiapaba e Meruoca.

Conta sòmente três açudes espalhados no município, sendo os demais insignificantes reservatórios que secam quase sempre pelo fim da estação outonal.

O clima é, como o de todo o sertão, salubre e agradável.

* * *

Santa Quitéria deve seu começo ao português João Pinto de Mesquita, avô da mulher do Senador Francisco de Paula Pessoa, mãe do Senador Vicente Alves de Paula Pessoa, senhora respeitável por suas seletas virtudes; D. Isabel Geracina, avó do Senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil, e João de Mesquita Pinto.

Êste situou uma fazenda de gados no lugar em que se acha a vila, a qual se chamava **Cascavel**, nome que ainda conserva um riacho que corre de nascente a poente, vindo desaguar na distância de meio quilômetro no Jacurutu.

Desejando o mesmo Pinto formar um povoado, fêz doação do terreno encravado na curva que faz o rio neste ponto, estabelecendo a condição de que seus filhos teriam direito ao local preciso para suas habitações, cláusula que foi e ainda é observada.

Para patrimônio da igreja o Capitão-mor Antônio Pinto ofereceu as terras, onde se situou a fazenda, que ainda hoje existe com o nome de **Santa Clara**.

Os gados foram doados por diversos indivíduos, sendo o Coronel Vicente Alves da Fonseca o que mais contribuiu para a edificação do templo dedicado à Santa Quitéria.

Foi concluído sob a administração do padre Miguel Francisco de Oliveira, trabalhando nêle como pedreiro e carpina os irmãos Tomás Correia e Manuel Correia, um dos quais era avô do Rev.^{mo} Lourenço Correia, que foi visitador na Província.

Relativamente ao patrimônio da capela de Guimarães, consta que em 1751 o cego Joaquim de Tôrres Araújo, morador no Recife, fizera doação de 250 metros de terra quadrados, e Manoel Madeira de Matos, e sua mulher D. Francisca de Albuquerque, igualmente de três quilômetros de terras, 60 vacas e sete éguas.

* * *

Ao penetrar na vila fui logo generosamente recebido pelo meu bom parente, o Professor Manuel Alexandre Lima, que dentro em pouco me arranjou a casa do finado vigário Francisco Manuel de Lima e Albuquerque, situada à face ocidental da praça.

Achei-me logo aqui perfeitamente agasalhado.

Logo em seguida me vieram ver e oferecer os seus serviços os cavalheiros, Dr. Francisco Barbosa Cordeiro, juiz municipal

da Comarca e meu condiscípulo no Liceu da Capital, Coronel André Jácome, Tomás de Aquino de Sousa Catunda, Joaquim Gonçalves Magalhães Jinoca, e outros parentes do professor.

Não os esquece a minha gratidão.

Mal substituía o fato poeirento de viajante, saí à rua, levado pelo desejo de visitar o dedicado amigo e companheiro de infância, Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, que aqui viera pleitear sua candidatura a uma cadeira no Parlamento brasileiro.

Quem sabe, como eu, apreciar a inteireza de seu caráter, a magnanimidade de seu coração, sua sinceridade no trato social, achará sem dúvida natural a afeição que lhe consagro, principalmente porque até o presente não se deixou corromper pelas artimanhas da política.

Um abraço foi o nosso primeiro cumprimento.

Passamos depois largas horas a falar dos entes que nos ficaram longe, dos motivos que nos arredavam da Capital, dos negócios da atualidade, de notícias do interior e do exterior, de viagens, de jornais, de estudos de aspirações, de desenganos, de mil ninharias enfim que dão certo prazer à palestra no seio da amizade.

* * *

À tarde vieram convidar-me para um passeio aos arrabaldes os amigos Manuel Alexandre e Jinoca.

Acedi da melhor vontade.

Logo na face setentrional da praça, lado do nascente, foi-me indicada uma casa velha, baixa, de pobre aparência, na qual havia nascido o Senador Tomás Pompeu.

Eu não cansava de admirar aquêle casebre, que abrigara na primeira idade senão o maior gênio da Província, ao menos o seu melhor amigo.

Media-lhe a altura, tocava as paredes, reparava a respeitável vetusta de com a veneração de quem tem presente um objeto sagrado.

Vicissitudes da vida!

Do quieto remanso dêste retiro, abrigado a um canto da aldeia, ergueu-se o môço sertanejo à sumidade das posições sociais e da imortalidade.

Todos lhe devemos reconhecimento, pois que enquanto o animou o sôpro da vida, foi sua incessante aspiração pugnar pelos interêsses e prosperidade da terra natal.

Na Câmara Temporária e no Senado sua palavra era continuamente ouvida, exigindo um melhoramento, um benefício, uma verba, que lhe desse azo a apresentar os recursos de sua riqueza natural; e, se nem sempre o conseguiu por êsse meio, tornou-a mais respeitada e conhecida pela divulgação dos seus escritos.

Nem a posição, nem a fortuna o transviaram do dever que se impusera de a amar do imo d'alma, muito embora açoitada das calamidades da sêca; pelo que lhe cabe a glória de ter satisfeito o pensamento de Camões na estrofe estampada na primeira página do seu Compêndio de Geografia:

Eu desta glória só fico contente,
Que a minha terra amei e a minha gente.

Foi nisto sincero até o fim da vida.

* * *

Adiante notei que as margens do rio são revestidas de arbustos verdejantes, e que a água se encontra em todo o leito quase à flor da terra.

Esta água pura, cristalina, passa com justa razão por ser a mais saborosa da Província, e de feito, à exceção da da Serra Grande, que não é menos fina, nenhuma deixa impressão mais agradável ao paladar.

Tive ocasião de a experimentar por mim mesmo.

Continuando o passeio, encaminhamo-nos ao sítio que pertencera ao finado Padre Francisco Manoel, onde fui surpreendido pelas obras feitas de alvenaria para conter as águas que recuam cêrca de um quilômetro.

Ainda não tinha visto reservatório maior em meu caminho, e não me consta que para o norte da Província se encontre outro com tais proporções.

É realmente uma obra gigantesca, na qual deve o seu antigo proprietário ter despendido uma fortuna.

Acresce ainda que se acha a poucos passos da vila, prestando aos moradores grande serviço, já pelo fornecimento dágua, já pela abastança de peixe.

* * *

O que mais me impressionu e impressionará a qualquer viajante que chegar a estas paragens, foi a excessiva, a fabulosa, a incrível quantidade de pombas, conhecidas do vulgo pelo nome de **avoantes**, que em bandos de milhares cobrem a região por onde passam.

Se pousam sôbre qualquer árvore, partem-se os galhos ao pêso do número; se descem para beber em algum açude, esgotam-no em poucos dias; e quando se assustam e tomam o vôo simultâneamente, produzem o ruído igual ao de uma locomotiva em marcha acelerada.

Da frente de minha casa, tôdas as tardes eu as via passar de sul para norte, desde cinco e meia até à noite, como uma coluna cerrada que não deixava o mínimo sinal de interrupção.

É impossível calcular-lhe o número, e mesmo para aquêle que observa a nuvem compacta destas aves, da subordem das Galináceas, fica uma espécie de receio em referir o que viu, tal é a dificuldade de ser crido.

Chega a época da postura, elas escolhem alguma mata, deitam pelo chão, sempre voando em massa precipitada, quantidade tão prodigiosa de ovos, que os moradores da circunvizinhança vêm apanhar cargas e cargas, afluindo também ao lugar, a que chamam **pombal**, animais de tôda espécie que nesses dias se repastam largamente; e apesar de tôda a destruição, não reduzem a abundância dos mesmos ovos, dos quais expostos à temperatura elevada, produzida

pela ação dos raios solares, dias depois nascem os filhotes, que quase logo continuam a marcha dos pais.

Levou-me a curiosidade até o rio Curu para o fim de ver apanhá-las nos fojos, espécie de esconderijos cobertos de areia à beira do poço, com espaço dentro e pequena fenda horizontal na flor dágua; de sorte que tentando-se em multidão sôbre essas armadilhas, quando se debruçam para beber, o que fazem afogando tôda a cabeça, os indivíduos escondidos no interior puxam-nas pelo bico, sem que as outras pressintam, e torcendo-lhes num segundo os pescoços, atiram-nas no espaço vazio até enchê-lo.

Na véspera da minha chegada haviam apanhado 18.350, e no dia 31.617.

De volta à vila encontrei diversos comboios, vindos da Serra das Matas, transportando destas aves preparadas, os quais se dirigiam à serra de Baturité, onde é vendido o milheiro a 12$000 réis.

Por tôda parte se persegue as pobres **avoantes**, que aliás prestam grande auxílio à pobreza, e, no entanto, apesar da guerra que se lhes faz, parece que cada vez mais aumentam e produzem.

Observei que são lançadas fora as penas, as quais se fôssem aproveitadas talvez tivessem bom emprêgo no estrangeiro, servindo aos misteres da colchoaria, e por conseguinte ao valor da carne juntaria o sertanejo outra renda, que pouco ou nada lhe custou adicionar à sua fortuna.

Não pude, como desejava, fazer um estudo detido sôbre a origem e hábitos destas aves **columbae**; no entanto é convicção minha que são originárias desta Província, que pelo menos é nela que se reproduzem, e se daqui se ausentam, por breve tempo, seu caminho deve ser pelo vale que se estende para oeste até Minas e Goiás.

O Príncipe de Neweid escreve na sua **Voyage au Brésil**, que depois de ter transposto as montanhas do norte de Minas e penetrado nos campos gerais da Bahia, encontrara grandes bandos de pombas, as quais denominou cientìficamente **Columba leucoptera**.

Esta classificação já havia sido dada por Edwards ao pombo pardo das Índias.

Parece que lhes caberia mais pròpriamente o nome de **Columba cearensis**, pois que da **Histoire naturalle générale des pigeons**, de Temminck, e da **Synopsis of Birds**, de Latham, nenhuma descrição destas aves se encontra, cuja migração e modos de vida se assemelham aos da de que tratamos.

Os pombos viajantes da América do Norte, que foram indevidamente classificados, o macho sob a denominação de **Columba migratoria** e a fêmea sob a de **Columba canadensis**, e que Temminck diz que "**à l'époque de leur migration leur essaim nombreaux, dont l'étendue occupe quelquefois deux lieues de terrain sur un quart de lieue de largeur, obscurcit l'air. À la chute du jour, toute une troupe se perche en peloton serré sur les arbres, dont les branches plient sous le poids**", apesar dêsses pontos semelhantes, nada tem de comum com as nossas, que são menores, além de outras diferenças relativas à conformação do corpo e côres das penas.

Delas não consta que os filhos nasçam por incubação do sol, como acontece às do Ceará.

Digo do Ceará, porque são pouco conhecidas das outras Províncias à exceção da zona circunvizinha ao vale que Neweid chamou Araxá, se é que seguem essa trilha, o que não está provado; pois que em todo o ano são vistas ora em um, ora em outro município, estendendo sua migração para este sòmente até a parte oriental da Província do Piauí.

Insisto em supô-las originárias do Ceará, porque, sendo esta Província uma das mais habitadas, quase sem matas pelo estrago dos roçados, onde as águas desaparecem findo o inverno em conseqüência da grande inclinação do solo para o lado do oceano, e sofrendo elas a mais cruel perseguição dos habitantes em grande parte miseráveis, é aqui que formam os pombais e se demoram no tempo mais sêco.

Nos anos de 1877 a 1879, que a população do interior se refugiou à Capital, e que elas deviam emigrar por falta d'água,

foi quando mais se multiplicaram e apareceram em quase tôdas as localidades, chegando até aos arrabaldes da mesma Capital.

* * *

Constando-me que na parte ocidental da serra das Cobras, em terras da fazenda Santa Maria, havia uma gruta de fácil acesso e bastante curiosa, resolvi visitá-la.

O amigo Tomás Catunda ofereceu-se para me fazer companhia.

Assim, dispostas as coisas, transportamo-nos numa manhã a Santa Maria, levando Antônio Guida o indispensável para a viagem de um dia.

Recebeu-nos com amabilidade o velho João Bezerra, vaqueiro da fazenda, e tendo feito reunir alguns vizinhos para a fim de engrossar o pessoal que devia penetrar na gruta, abrigo ordinário de onças, partimos em número de 14 homens, armados de foices e espingardas.

À luz de inúmeros fachos transpusemos o grande salão.

Logo à entrada atraiu nossa atenção a presença de curiosos objetos formados pelas estalactites e estalagmites, tronos, confessionários, púlpitos, castiçais, arrendados, colunatas, etc., mas infelizmente sem as magníficas cintilações das concreções calcárias ao reflexo das luzes, devido às dejeções dos morcegos (**Vespertilio murinus**) que amarelecem a brancura dessas lindas pedras, e tiram-lhes a forma elegante e o brilho.

Seria uma gruta explêndida, atrativa e interessante, se a esterqueira dêsses hemófilos não a tornasse insuportável, diminuindo a beleza das delicadas figuras que costumam fazer as estalactites em iguais cavernas.

Regressamos às três horas.

Todo serrote em redor é coberto de uma árvore de folhagem permanente, verde-escura, conhecida pelo nome de pau-de-mocó (**Machaerium**), que cresce entre as pedras, a qual durante o tempo da séca prestou grande auxílio à pobreza pelo aproveitamento dos tubérculos.

Diz-se que a madeira, sendo queimada o fumo, cega a quem se expõe à sua ação.

Soube aí que o mel da abelha feito do néctar das flôres desta árvore é de má qualidade e mesmo tóxico.

Por ser servido de um pouco de mel fabricado pelo poliste lecheguana (**Chartigas brasiliensis**), correram perigo de vida Mr. Saint'Hilaire e o seu criado.

À vista disto é a flor de árvores tais como as espécies de Paulínia e Thingio (**Phoecarpus campestris**), que se deve atribuir o pernicioso efeito e não ao trabalho das abelhas e vêspas.

Felizmente, passa como certo que os paus-de-mocó florescem pouco ou nem sempre dão flôres.

* * *

Em caminho apanhamos lindos grupos de cristais côr-de-rosa e quartzos de formas variadas e transparentes.

Há por aqui pedras dessas formosíssimas.

Apesar do excessivo calor do sol estendi a minha excursão até à margem do riacho, que passa em frente da casa.

De longe notei larga cinta ferruginosa ocupando o leito e barrancas, que aliás são pouco elevadas, e ao aproximar-me verifiquei que eu pisava uma imensa mina de ferro.

Êste metal se encontra aqui em grandes massas, oxidado em forma oligística, e o meu companheiro, um filho do velho João Bezerra, informou-me que algumas pedras levadas à forja, dão de 80 a 90% de ferro puro.

Eu trouxe duas amostras, apanhadas sôbre a terra, pelas quais se pode ajuizar da riqueza e abundância da mina.

Era noite quando nos recolhemos à vila.

* * *

O município de Santa Quitéria sofreu também o assalto dos malfeitores.

No fim do século passado, um grupo de indivíduos da

família Ferro invade a povoação para o fim tomar à fôrça de armas do lar paterno uma môça de rara beleza, com quem um dêles pretendia casar.

Encontrando a mais enérgica resistência da parte dos Pintos, parentes da môça, se retiraram sem que se tivesse dado fato lamentável.

Pelo ano de 1824 outros salteadores comandados por um tal Benedito, parente dos Ferros, atacam a vila com intenção de roubar os mais abastados moradores, o Capitão Ludovico Pinto de Mesquita e outros; mas num renhido tiroteio, tendo dois homens mortos e muitos feridos, fugiram precipitadamente.

Da parte dos habitantes houve sòmente um ferido, não se dando grande carnificina porque, avisados com antecedência, se entrincheiraram e bateram-se com vantagem.

Ainda hoje se vêem as cicatrizes feitas por balas em uma das portas laterais da igreja, para onde se refugiou a maior parte dos moradores.

Felizmente nunca mais voltaram.

Os filhos dêste município são de índole dócil e morigerada, e a prova está em que se passam anos sem que funcione o júri à falta de criminosos, e diz-se que depois que a povoação passou a vila apenas têm aparecido duas ou três causas cíveis.

* * *

Uma observação me sugeriu a espécie cavalar que, não sei por que, é mais forte nesta Província do que em outra qualquer parte do Império.

Ela tem degenerado em tamanho e figura, como nota o Dr. Burlamáqui; mas deve ter sido oriunda de ótima raça, para que depois de três séculos se conserve ainda com tão boas qualidades.

Lembro-me que quando referia em S. Paulo que qualquer dos nossos cavalos corre em serviço de gado o dia inteiro; que suporta cargas de 150 a 180 quilos, fazendo longas viagens de centenares de quilômetros, sem muda, notei sempre que

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

minha asseveração era recebida com certa frieza, mas logo reconheci que o paulista tinha razão de duvidar; porque as cavalgaduras daquela banda em viagem acelerada de algumas horas fraquejam e cansam, não podendo absolutamente se medir em fôrças com as nossas.

Naturalmente esta superioridade lhes vem da alimentação ou do clima; pois que as do Piauí, que all são de péssima qualidade, basta passarem um ano nesta Província para se tornar iguais aos que nascem aqui.

Maria Graham, no seu **Journal of a Voyage Brazil**, quando passou em Pernambuco disse: "**It is astonishing to see the weight brough from two and three hundred miles distance, by the small and slight very swift horses of the country.**"

Estas palavras devem se entender dirigidas às cavalgaduras do Ceará, visto como em todo tempo esta Província supriu àquela de animais dessa espécie para o serviço de transporte e dos engenhos.

Para confirmar o que acima disse relativamente às cavalgaduras do Sul, a mesma Graham, quando no Rio de Janeiro escreveu ainda no referido jornal: "**These animals are rather pretty at Rio, but far from strongs.**"

Com efeito, é admirável que um animal dêstes em viagens de meses se conserve nutrido e forte, apesar da falta de pastagem no tempo sêco, tendo apenas uma ração de milho.

Quem viajou pelo Centro é que pode avaliar da energia de que são dotados êstes camelos dos sertões do Ceará.

* * *

Da palestra que de ordinário se sustentava tôdas as tardes em nossa casa, figuei sabendo que é neste município onde se encontram as mais terríveis cobras-de-cascavel, pois que falecia quase irremediàvelmente aquêle que era delas mordido; mas depois que para aqui se remeteu o permanganato de potássio, as injeções têm sido feitas com tanto proveito que ainda não se perdeu um doente a quem se tenha aplicado o benéfico medicamento.

Foi um grande serviço que o Dr. Raimundo Batista de Lacerda prestou, com a sua sábia descoberta, aos pobres sertanejos, entre os quais o terrível ofídio todos os anos fazia grande número de vítimas.

O permanganato tem levantado moribundos, e tal é a sua eficácia, que vai robustecendo a confiança de se poder com vantagem opor um antídoto contra o maior inimigo do homem e dos animais da Província.

Nós que éramos mais perseguidos dêsse horroroso flagelo, devemos ao Dr. Lacerda grande soma de reconhecimento.

Mil graças ao ilustre benemérito.

* * *

No domingo, 7 de dezembro, fui honrado com uma visita dos libertos residentes na vila, vindo à frente o prêto Sebastião, escravo de Tomás Pompeu de Sousa Magalhães.

Sebastião disse algumas palavras cheias de entusiasmo, relatando os feitos heróicos da Sociedade Cearense Libertadora, e terminou me felicitando pelos pequenos serviços que prestei naquela gloriosa cruzada.

Não tinham suas palavras, é certo, a correção da frase, nem beleza de eloqüência; mas naquele aranzel de idéias, que eu tinha generosidade bastante para conhecer, o que havia era gratidão daquelas almas simples arrancadas há pouco da escravidão.

Recebi-os com a maior efusão da alma, e a fé que poucas vêzes me tenho sentido tão feliz.

Pobres coitados, saídos da infâmia do cativeiro, êles se expandiam diante de um amigo, que sempre se condoeu de sua sorte e que jamais cansou de advogar o seu direito.

Não era uma festa de etiquêta, mas uma manifestação sincera de corações agradecidos.

Eu abracei a todos como um louco que sou pela liberdade, e êles se retiraram significando-me sua amizade e reconhecimento.

* * *

Santa Quitéria, que progride à medida de suas fôrças, ao passo que os distritos vizinhos estacionam ainda em conseqüência dos abalos da sêca, quando outra vantagem não tenha que a distinga, sobeja-lhe motivo na glória de seus filhos.

Entre outros é dos mais distintos o Professor Joaquim Catunda, nossa mais sólida e mais variada ilustração.

Ninguém há que desconheça ser o ilustre cidadão tão instruído quanto modesto.

Dos que se aplicam a estudos sérios entre nós, é êle incontestàvelmente o mais adiantado e incansável cultivador.

Em verdadeira oposição às suas idéias, rendo todavia o mais sincero preito ao seu grande talento, tanto mais espontâneamente quando reconheço que é êle dos poucos que lutam com a indiferença de seu tempo para enobrecer a sua prática, entregando-se sem descanso ao cultivo das letras e ciências.

Sinto e sinto profundamente, porém, que amigo como é da Província, descreia do futuro dela, não a considerando senão como uma terra pobre de recursos e por conseguinte impossibilitada de enfrentar com as outras suas irmãs, ainda mesmo dotada de extraordinários melhoramentos como vias-férreas, açudes, etc.

Não; respeito muito as opiniões do ilustrado professor, mas discordo do seu pessimismo, e alimento robusta convicção de que, se não por seus recursos naturais ao menos pelo desenvolvimento da indústria, ela se manterá no pé de prosperidade a que tem direito de esperar da energia do povo cearense.

Quem soube devassar as insólitas regiões do Amazonas tão célebres em perigos e mortalidade, que outro povo não seria capaz de explorá-las, tem coragem para levantar a terra do berço, dadas certas condições mais favoráveis.

Não deve desanimar quem sabe que de ingrata ilha de pescadores, tornou-se a Grã-Bretanha o empório do comércio do mundo e a rainha dos mares.

Ainda mais: quando outra província favorecida de todos os dons da natureza, como Maranhão por exemplo, cai em decadência, acabrunhada pela dívida, com minguada receita,

quase metade da que produz esta, tão perseguida das calamidades da sêca, que no entanto nada deve, não é fora de propósito acreditar que a atividade de seus filhos possa criar recursos que a elevem ao apogeu da glória e do engrandecimento.

Falta-nos um pouco de patriotismo e de instrução, e no dia em que forem admitidos os melhoramentos aconselhados pela ciência na agricultura e indústria pastoril, que desaparecerem para sempre a rotina e sistemas primitivos adotados pela ignorância até hoje em todos os gêneros do trabalho humano; que fôr conhecida a nossa riqueza mineral que ainda se esconde no seio da terra à falta de conhecimentos práticos e aproveitadas outras fontes de receita que a experiência há de lembrar, então muito contra a opinião do ilustrado Sr. Catunda, a Província se erguerá da ruína a que reduziu o atraso dos nossos antepassados para próspera e feliz superabundar em meios de se enriquecer e nada invejar das outras, que confiam de mais na uberdade de seu solo.

Elas têm as dádivas da natureza, nós temos o esfôrço humano que reage contra o gêlo dos pólos e edifica cidades nos areais do deserto.

Eu penso assim, e traço aqui esta página convencido de que no futuro se reconhecerá que predisse a grandeza desta terra querida.

* * *

Chegou afinal o dia 22 em que eu devia deixar Santa Quitéria para tomar o caminho de Sobral.

Incômodos de saúde haviam-me feito ultrapassar o prazo marcado para esta localidade, por isso devendo ressarcir o tempo perdido, de véspera despedi-me dos amigos com especialidade do Professor Manuel Alexandre e sua amada família, que tanto me tinha penhorado com sua extrema bondade e repetidas provas de afeição e delicadeza.

Encontrei naquele modesto lar muita virtude e felicidade.

Meus sinceros votos pela continuação da paz serena que reina entre criaturas tão estimáveis.

Ao abraçar o imperturbável Tomás Catunda, presenteou-me ainda êle, para minha coleção, com um machado de diorito, trabalho dos índios.

Conservo-o como uma lembrança de sua preciosa amizade.

* * *

Falando verdade, foi com uma espécie de saudade que vi desaparecer atrás de mim, ainda encobertas pelas sombras da noite, as casas da vila. Quando o sol se mostrou acima do horizonte, tínhamos andado cêrca de 18 quilômetros.

O caminho é mais ou menos acidentado, dominando nos altos as sabiás (**Mimosa caesalpiniaefolia**) e nos vales as teribintáceas aroeiras.

Marcava meu relógio oito horas quando ao chegar ao cimo de uma colina, retive o passo para admirar duas pirâmides altas, agudas, de rocha nua, que surgiam à nossa direita, e são conhecidas pelo nome de Picos.

Êstes serrotes que se avistam na distância de 96 quilômetros, são célebres, porque em vários anos têm ardido, e referiu-me Antônio Guida que seu pai lhe afirmava tê-los visto iluminados, durante muitos dias.

Nêles se encontra bastante salitre e uma gruta que não foi ainda explorada por apagar-se a luz dos fachos à falta de ar.

Pouco adiante mandei fazer alto e arranchamo-nos de baixo de uma umbrosíssima oiticica, à margem esquerda do rio Groaíras.

* * *

Partimos às três horas.

O mesmo terreno, a mesma mata; e não longe do rio que passa aqui com barrancas elevadas a fazenda S. Jorge, mais ou menos pitoresca pelo vasto e desassombrado horizonte que descortina.

Daí em diante de um e outro lado da estrada, em certas distâncias, vê-se insignificantes casebres, abertos às intem-

péries e cercados de arbustos cansados de reagir contra a teima da foice destruidora e brutal.

O crepúsculo ia se fundir em noite, quando deixamos à direita os restos de uma casa incendiada.

Neste lugar, diz Antônio Guida, deu-se há anos uma cena das mais lutuosas.

Um marido ultrajado assassinou a espôsa e o seu cúmplice, deitou fogo à casa e mudou de terra.

Pobre Francesca di Rimini sacrificada às iras de outro Lanciotto mais cruel, não teve um Sílvio Pellico para cantar-lhe a desventura, ou Dante para torná-la **sconsolata** no seu livro imortal!

É triste a solidão dêste descampado, e o vento que passa gemendo nas ruínas parece entoar uma nênia sentida sôbre a tumba dêsse amor tão desgraçado.

* * *

Já tarde chegamos ao Pajé, encontrando felizmente bom agasalho para a noite na fazenda do Sr. Joaquim Faustino da Rocha.

Ao outro dia fui visitar a fonte termal, único móvel que me trouxera a êstes sítios com grande desvio do meu itinerário.

A alguns passos da casa, em meio de uma várzea despida de vegetação, rebenta êste ôlho-d'água, célebre por suas qualidades especiais.

Um telheiro cobre o pequeno tanque feito de pedra e cal, com um metro de largura, dois de comprimento e pouco mais de um e meio de profundidade, o qual é guardado por forte estacada.

A água que sai dêste, lança-se em outro também feito de pedra e cal com maiores proporções, mas completamente desabrigado, sendo notável a diferença da temperatura d'água do primeiro para a do segundo.

O ar ambiente pela manhã era de 26° Reaumur, e logo que mergulhei o termômetro o mercúrio elevou-se a 35°.

No outro tangue a temperatura desceu para 28°.

As águas são azuladas sem sabor particular e um tanto pesadas.

Foi-me impossível fazer outras experiências sôbre as virtudes desta fonte, e creio mesmo que só uma análise qualificativa e quantitativa minuciosa poderia revelar os princípios de que se compõem, sob a ação dos reagentes químicos, se bem que Mérat, Delers e outros entendam que por mais cautela que se empregue no exame dessas águas, o resultado científico difere sempre da verdade da natureza.

Por esta ocasião tomavam banho diversas pessoas acometidas de reumatismo e moléstias de pele.

De um, que aí residia cêrca de dois meses, soube que havia colhido melhoras consideráveis, e esperava retirar-se em breve completamente restabelecido.

Os moradores afirmam que grande é o número dos curados por virtude das águas da fonte termal.

Nas condições atuais, se não se pode crer, também não se pode duvidar.

Quem sabe?

* * *

Visitada a celebridade do Pajé, passamos adiante.

Não posso esquecer a agradável impressão que me deixou o lindo carnaubal que se estende à esquerda enquanto dura a planície.

Magnífico!

Nesta jornada observei o processo empregado pelos sertanejos na extração da cêra vegetal.

Rasgam repetidas vêzes com uma faca os olhos mais tenros do pecíolo à extremidade, sendo em seguida expostos ao sol, e logo que murcham, agitam-nos batendo sôbre um pano ou couro.

Nesse movimento despega-se um pó sêco, pulverulento, côr de cinza, que exala cheiro delicado e agradável.

Depois é levado ao fogo para formar a cêra, que constitui um importante ramo de comércio na Província.

No último ano se exportou para o estrangeiro 386.259 quilos, cujo impôsto montou a 7:129$030 réis, sem contar 6.280 1/2 de cêra em vales que produziu 129$817 réis.

Não levo em conta a consumida na Província.

Apesar de sua perfeição, parece que seria conveniente lembrar um meio de corrigir os defeitos de que se ressente, tais como côr amarela e rigidez vidrenta.

Misturada com a amêndoa da andiroba (**Miristicae** sp) (21) que iguala em propriedade ao sebo animal, talvez que desse em resultado uma cêra alva e branda mais apropriada à iluminação, e portanto de muito mais vantagem.

Nada se perdia com fazer a experiência.

* * *

Depois de 30 quilômetros de viagem serviram-nos ainda de rancho as oiticicas no lugar Juá.

Durante a travessia da manhã admirei a quantidade de abelhas que fabricam colmeias nos ramos das árvores e pelo chão.

Os rapazes me trouxeram mel bastante para o almôço.

Eu já havia notado a abundância desta deliciosa substância em todo sertão, que no entanto se perde desaproveitada por falta de conhecimento de apicultura que tão bons resultados têm dado para os Estados Unidos, Rússia, etc.

Apesar do imenso estrago das abelhas e não menos das árvores onde fabricam o mel, em 1646 a Província chegou a exportar 32.745 quilos de cêra no valor de 5:850$440 réis.

Se continuasse a ter preço êsse produto, por certo a ignorância já teria acabado com a raça das nossas abelhas.

Entretanto, aproveitada convenientemente esta indústria, incalculável devia ser também a sua renda.

É sabido que os Estados Unidos produzem em mel e cêra de abelhas mais vantagens que, no nosso País, a colheita do açúcar ou do algodão.

---

(21) — **Carapa latifolia**, Willd.

Mr. Harbinson, da Califórnia, tira das abelhas uma renda líquida de 25.000 dólares, cêrca de 45:000$000 réis.

Poucos fazendeiros de café do Rio e S. Paulo contam com igual benefício.

O Capitão Hetherington, de Cherry Valley, no Estado de Nova Iorque, vende anualmente cêrca de 44.000 quilos de mel das abelhas, que lhe produzem perto de 42:000$000 réis.

As últimas estatísticas agrícolas da União mostram haver ali para mais de 90.000 apicultores, que possuem três milhões de colmeias.

Estas produzem 33 milhões de quilos de mel.

O mel e a cêra dão uma renda de 22.500:000 dólares ou mais de 40.000 contos da nossa moeda.

Ora, à vista dêstes dados é fácil de acreditar que se houvesse entre nós certa aplicação neste ramo de indústria, lucrariam os cultivadores, pois que temos boas abelhas e florescência das árvores em todo ano.

O volumezinho **Cultura das Abelhas**, por Paulo Sales, publicado há pouco no Rio de Janeiro, contém regras e conselhos sôbre o trato e aproveitamento do mel e cêra dêsse valioso inseto.

* * *

Apanhando algumas abelhas para a coleção que pretendo formar de todos os himenópteros melíficos da Província, Antônio Guida me pede para explicar-lhe os segredos do seu modo de trabalhar.

Vali-me do que escreveu Swammerdam, que o foi o primeiro que, por uma anatomia interna, estabeleceu a verdade a respeito delas, e não menos das admiráveis observações de Reaumur e Huber.

De tôdas as sociedades que formam os animais, as das abelhas é a mais perfeita, não só por sua duração, como pelos trabalhos que executam, cuja perfeição surpreende o espírito humano.

Elas vivem em enxame, e cada um compõe-se de três sortes de indivíduos.

A abelha-mãe, maior que as outras, é exclusivamente encarregada de propagar a raça; em consideração às suas augustas funções fica dispensada de todo trabalho servil.

Os machos ajudam a conservação da espécie, e não fazem outra coisa.

Êstes são em número de 1.500 por colmeia.

As operárias ou neutras, menores que aquêles e mais numerosas, representam as fôrças vivas da sociedade.

Constituídas essencialmente para o trabalho, e não conhecendo as doçuras da maternidade, são encarregadas das provisões, da educação dos filhos e da defesa da casa, visto como muito ao contrário dos machos são munidas de aguilhão.

Seu número ordinàriamente é de 15.000 a 30.000; vêem a grande distância, e seu olfato sutil as guia a dois ou três quilômetros para as flôres preferidas.

Em uma nova colmeia, a abelha-mãe ou mestra, como entre nós se chama, seis ou sete dias depois de sua última transformação em inseto perfeito, por uma bela manhã em que resplende o sol, vem fora, rodeia a habitação para ser bem conhecida e depois se lança nas regiões do ar, onde volteiam inúmeros zângãos.

Regressa pouco depois dêsse passeio fecundada por tôda a vida.

No dia seguinte começa a pôr nas células ordinárias ovos de operárias; algum tempo depois ovos de machos, e termina por depor nas células reais quatro ou cinco ovos de fêmeas ou rainhas.

O desenvolvimento dêsses ovos dá-se ràpidamente, assim como a transformação das larvas em ninfas e destas em insetos perfeitos.

A evolução completa das operárias faz-se em 20 dias, a dos machos em 24, e enfim a das fêmeas ou rainhas em 16.

A rainha, como acima ficou dito, não toma nenhuma parte nos trabalhos, nem deixa a colmeia, onde as operárias a cercam de cuidados; elas acompanham-na por tôda parte onde vai e alimentam-na apresentando na extremidade da tromba o mel que acabam de colhêr nos campos.

Seu único encargo é providenciar a colmeia, o que executa conscienciosamente.

Quando ela termina a postura, que regula mais de 100.000 ovos, morre, e a colmeia fica sem rainha até que as larvas das fêmeas sejam transformadas; as operárias suportam êsse interregno sem alterar seu trabalho.

A primeira das fêmeas transformadas apressa-se em matar com seu aguilhão as outras ainda encerradas nas células.

Esta herda todos os direitos da rainha precedente.

Quanto aos machos, são deixados em paz, se bem que seus serviços sejam inúteis, até o fim da estação, quando escasseiam as provisões.

Nessa ocasião as operárias caem sôbre êles e fazem uma matança geral que dura três dias.

Os arredores da colmeia ficam cobertos de cadáveres.

* * *

As espécies dos gêneros **Mellipona** e **Trigona**, que são brasileiras, substituem perfeitamente a **Apis melifica** importada da Europa.

Do gênero **Mellipona** se conhecem 30 espécies no Brasil e não menos de 60 do gênero **Trigona**.

As **Melliponas** são maiores e têm as asas menores que o corpo, que é oblongo e muito convexo.

As **Trigonas** têm as asas mais longas que o corpo.

O insuspeito naturalista Mr. Auguste Saint'Hilaire reconheceu a superioridade do mel das nossas abelhas sôbre o das da Europa, e assim o manifesta a França, onde se trabalha por aclimar as melhores abelhas brasileiras.

A Província possui 26 espécies.

Finda a minha ligeira excursão acêrca dos hábitos e vida do mais curioso dos insetos, saímos à tarde do Juá, e depois de 24 quilômetros de marcha viemos pernoitar à fazenda S. Félix, do Sr. Capitão José Silvestre Gomes Coelho.

* * *

Ao romper da aurora pusemo-nos a caminho.

Vinham-se dissipando as sombras da noite e serena claridade dominava a extensão.

A natureza despertava entre sorrisos e harmonias do seu sono reparador.

Uma alegria geral, espécie de vibração sonora, percorria de uma a outra extremidade por onde se despendia a luz.

As aves ensaiavam festivo gorjeio, a aragem sacudia brandamente a ramada com grato arruído, doce aroma exalavam os campos, o céu vestia-se de azul e o ar puro da manhã inundava-nos de inebriante frescura.

Mais 18 quilômetros, e teríamos o descanso de que precisávamos.

Pouco adiante deixamos à esquerda a fazenda Sabonete, importante pelo prédio elegante e assobradado, que a distingue das outras.

A vegetação por aqui consta em sua maioria de paus-brancos (**Cordia oncocalyx**).

Por todo o caminho encontramos grupos de homens e mulheres que se dirigiam a Sobral notando-se que tôdas ou quase tôdas traziam um chapéu-de-sol, que nestas paragens constitui peça indispensável do vestuário de uma sertaneja.

Adolfe d'Assier já havia observado a mania dêsse uso entre nós quando escreveu: "**Qu'il pleuve du qu'il fasse beau, un veritable brésilien ne sort jamais sans tenir à la main son chapeau contre le soleil.**"

Nos nossos sertões é exclusivamente atavio das mulheres.

Esta boa gente ia chegando para a missa de meia-noite.

Com pouco assomou do meio da planície a brancura da casaria da cidade, e à sua esquerda em linha de azul o perfil da serra da Meruoca.

Pelo lado do sul e nascente é rodeada por uma cinta de verdura, que serpenteia além, internando-se para o norte.

O sol banhava numa chuva de ouro aquela circunferência cintilante pela irradiação da vidraçaria das janelas dos sobrados e clarabóias das igrejas.

Em conseqüência da desigualdade da estrada que atravessa um terreno sensìvelmente acidentado, sumia-se a cidade para aparecer de nôvo, como de bordo de um navio se vê os recortes da praia surgirem e se esconderem à medida da agitação das ondas.

Pelas nove horas oferecia-me generosa hospedagem o amigo de infância Antônio de Vasconcelos, capitão do Corpo de Polícia, comandante do Destacamento e Delegado em exercício.

* * *

Eu tinha ansiedade de ver a cidade e por isso saímos logo a percorrê-la por todos os lados.

Dominava-me agradável impressão, pois que à exceção de Campinas, em S. Paulo, não tinha ainda visto outra cidade central, que se equiparasse a ela em edificação, em tamanho, em asseio.

Assentada à margem esquerda do Acaraú, uma parte ocupa terreno elevado e a outra se estende pela planície, sendo que esta é sujeita à inundação do rio que algumas vêzes chega até o mercado público, situado quase no meio da cidade.

Em 1873 as águas cresceram a ponto de as canoas e botes entrarem por um portão e saírem no outro, e fazia-se pelo rio o transporte das mercadorias daqui até o pôrto do Acaraú.

Tem 19 ruas traçadas em direção de sudoeste a nordeste, e são: a das Dores, do Rio, do Brejo, do Oriente, do Apolo, do Padre Fialho, do Menino Deus, do Senador Paula, da Aurora, da Boa Vista, da Esperança, do Conselheiro José Júlio, do Comércio, da Cândida, do Rocha, do Coronel Joaquim Ribeiro, de José Sabóia, do Marinho e do Coronel Campelo; 21 travessas: a do Oriente, da Matriz, da Municipalidade, do Moura, da Viração, de Santo Antônio, do Menino Deus, do Trapiche, do Duque de Caxias, de S. Francisco, da Esperidina, da Boa Vista, da Constituição, do Mercado, do General Tibúrcio e Senador Figueira de Melo; sete largos: o da Matriz, do Menino Deus, do Cemitério, do Patrocínio, do Rosário, das Trincheiras e Feira Nova.

As ruas em geral são estreitas e tortuosas, mas entre elas há algumas largas e alinhadas.

A maior parte das casas e sobrados são vistosos e elegantes, sendo sua construção admiràvelmente sólida.

De ordinário ocupa mais espaço de frente que de fundo, razão que as torna mais arejadas e saudáveis, e não raro é se ver gradil de ferro encerrando pequenos jardins.

A praça Figueira de Melo, circundada de magníficos prédios com exceção da próxima ao rio, não tem rival na cidade de Fortaleza, e dificilmente se encontrarão na Província palacetes e melhores cômodos que o que concluía o Sr. Fernandes Mendes, à rua do Conselheiro José Lúlio.

As casas são numeradas, as ruas empedradas, e por tôda a cidade estão postados combustores de madeira para a iluminação a querosene.

Faz aqui um calor excessivo, que parece aumentar ao reflexo dos raios do sol nas paredes pintadas de branco de uma alvura deslumbrante.

É notável o asseio das ruas e praças, donde se conclui que a Câmara cuida sèriamente do bem-estar da localidade.

Que diferença a êsse respeito das mais cidades e vilas!

Os sons do piano por tôda a parte, o rumor e atividade nos estabelecimentos comerciais, certa correção nos trajes, um pouco mais que asseio no arranjo interno das habitações, freqüência de transeuntes, agitação, vozeria, gritos dos vendedores de doces em tabuleiros, tudo anuncia que se chega a uma terra laboriosa e civilizada.

O comércio, que se faz quase diretamente com a capital do Maranhão, é bastante animado, e se mais não sobressai, a razão está na inúmera quantidade de lojas de fazendas e de molhados, que contêm mais que o necessário para o consumo da praça e da freguesia externa.

As esquinas das ruas e travessas não terminam como nas outras localidades, mas se erguem em frontão, simulando andar superior com portas e grades de ferro, defronte um do outro, e pela altura das paredes dão à paisagem ar elegante e imponente.

Esta originalidade por si torna Sobral uma cidade excepcional, atrativa e grandiosa.

A edificação é compacta no centro, com alguns intervalos nas ruas dos arredores.

A casaria está plantada em terreno árido, em conseqüência de ser forrado o subsolo de espêssa massa de gnaisse, de tal sorte que, em alguns lugares, a chuva tem feito aparecer a pedra.

Pontes há em que se não pode plantar uma roseira, tão delgada é a camada de argila para sustê-la.

Não obstante o imenso calor diurno, que por vêzes se eleva na sombra até 31° centígrados, são as noites agradáveis.

Em geral se goza de bom clima e salubridade.

O caráter do povo é grave, pouco expansivo, mas sobremodo moralizado.

Ouvi de pessoa fidedigna que uma mulher de costumes livres, tendo chegado a esta cidade no intuito de fixar residência, fôra intimada para se retirar imediatamente e de feito não se demorou.

Um sobralense é bairrista como ninguém; exagera as vantagens de sua cidade e tem o entusiasmo de supor que nem a Capital a vence em adiantamento e beleza.

Na comparação dos edifícios públicos dá preferência aos seus, já porque dispõe de maiores proporções, já porque são construídos com mais solidez e mais gôsto.

* * *

Visitei a igreja-matriz.

É um templo magnífico, espaçoso, com duas tôrres elevadas que chegam a medir 31 metros de altura; em uma delas se acha um excelente relógio.

O teto e pavimento são forrados de madeira; a capela-mor é ornamentada de bonita entalha pintada de branco com frisos dourados.

De um e outro lado ficam as capelas do Bom Jesus e Santíssimo Sacramento, que estão acabadas no mesmo gôsto.

As portas principais, a cruz do frontispício são de mármore; o lavatório, as piscinas da mesma pedra apresentam ricos lavôres, precioso trabalho de Portugal.

Diz-se que tendo vindo para uma das igrejas de Pernambuco, e não servindo, foram vendidas ao Padre João Ribeiro Pessoa, que construiu esta igreja, a qual teve comêço em 1777.

Concluída a capela-mor, em 1.º de fevereiro de 1781, no dia seguinte foram para aqui trasladadas as imagens da antiga igreja, que caiu em ruínas.

A época em que se edificou a primeira matriz não é conhecida, sendo certo, porém, que no ano de 1712, veio para esta ribeira do Acaraú o Padre João de Matos Monteiro, conhecido vulgarmente por João de Matinhos, como coadjutor ou administrador de seu tio, o Padre João de Matos Serra, Vigário do Ceará, a cuja freguesia pertencia esta dita ribeira.

Nessa ocupação estêve mais de quatro anos, tempo em que os moradores o pediram por cura, no que convindo ao vigário, seu parente, se criou êste curato, que compreendia então desde o rio Acaraú a serra Ibiapaba, inclusive, em cujo cargo se manteve até 1724.

Sucedeu-lhe o Padre Pedro da Cunha, que não sendo aceito pelos moradores, retirou-se sem demora.

Veio então o Padre José Dias Ferreira, e aqui estêve seis meses mais ou menos pelo ano de 1725.

Até aqui a tradição, pois que os primeiros assentos paroquiais foram feitos pelo revd.mo cura, o Padre João da Costa Ribeiro, de outubro de 1725 em adiante.

Êste estêve no curato até o ano de 1729, como se vê do primeiro livro dos batizados a fls. 15.

Em 1783 foi concluída a matriz atual.

Das contas vê-se que os trabalhadores eram pagos à razão de 40 réis por dia.

Eram êstes tapuias enviados de Viçosa.

Um prêto velho que se encarregava da comida ganhava, por seu trabalho, 20 réis.

* * *

A matriz, na arquitetura interior, é em tudo semelhante à da Capital, mas fôrça é confessar que guarda melhores proporções, não se ressentindo como aquela do efeito de ter a fachada acaçapada relativamente ao corpo do edifício.

As tôrres mais altas, mais delgadas tornam o templo mais altivo, mais imponente.

Na capela do Santíssimo Sacramento se vê um rico quadro a óleo representando a última ceia de Cristo, cópia do de Leonardo da Vinci e trabalho do Sr. José Lemos.

É digno de ver-se o quadro do pintor cearense.

Apreciei devidamente a atitude dos personagens, e sobretudo o efeito da luz que se derrama de uma lâmpada prêsa ao teto sôbre o busto de cada um.

Não tem tanta sombra da escola holandesa, e pelo contrário é sensível à impressão de doçura, de intimidade, de paz que reina naquele grupo de amigos.

Em outra parte o Sr. Lemos seria apreciado à medida de seu talento; no entanto, entre nós, passa despercebido, e não teve ainda quem lhe dissesse que dispõe de aptidão e gôsto, e que se pudesse freqüentar a escola dos mestres, honraria o nome da terra que o viu nascer.

Quem vê os seus trabalhos e sabe que não teve princípios, mas que aprendeu sem mestres a sublime arte de Rafael, não sabe o que admirar mais, se sua vocação ou sua fôrça de vontade.

A minha ignorância a respeito talvez do assunto me leva a preferir o quadro do Sr. Lemos ao do alemão Bindseid, colocado no fundo da capela do Santíssimo Sacramento, na Sé da Capital.

Naquele há pelo menos mais luz, mais expressão, mais vida.

É uma cópia magnífica do quadro do grande gênio florentino.

* * *

Além da matriz contém ainda a cidade as seguintes capelas:

A do Menino Deus, ricamente decorada e com duas lindas tôrres.

Foi edificada pelas religiosas da ordem do Carmo, Teresa e Merenciana, que da Bahia vieram em companhia de seu pai em 1810.

Uma faleceu em 1864 e a outra no ano seguinte, e estão sepultadas na mesma capela.

Contam-se ainda hoje fatos extraordinários de virtude dessas heroínas.

Quando deram começo à construção do referido templo, todo dinheiro que possuíam eram 1$280 réis.

A de Nossa Senhora do Rosário, pertencente aos pretos, pequena e de pouca importância.

A de N. Senhora das Dores, de tamanho regular, nova e muito asseada.

A de N. Senhora do Livramento, que pertence aos pardos, pequena e pobre.

A de N. Senhora do Patrocínio, em construção; já funcionou logo que se concluiu a capela-mor.

A de S. Francisco das Chagas, abandonada, apenas chegaram as obras à altura de receber a coberta.

* * *

Entre o largo da matriz e a praça da Municipalidade se acha o paço da Câmara municipal, notável edifício com três salões no andar superior e um quarto para o arquivo.

O andar térreo consta de um gande salão e diversas salas menores.

Êste prédio serviu outrora de cadeia pública.

O teatro de S. João, situado na face oriental da praça do Menino Deus, está construído segundo o plano do de Santa Isabel, em Pernambuco, sendo porém menor.

Tem bonita fachada, com largo salão de entrada, duas saletas laterais destinadas uma à venda de bilhetes e a outra para o botequim.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

O salão do andar superior mede 16 metros e meio de comprimento sôbre seis e meio de largura.

Tem três ordens de camarotes e a platéia pode comportar 300 pessoas.

O palco é vasto, com diversos camarins de um e outro lado.

Sob êste compartimento há uma casa térrea com entrada pelo fundo, que é destinada a hospedar as companhias ambulantes.

Falta-lhe decoração e outros serviços precisos para sua conclusão; mas mesmo assim tem funcionado, e já teria sido concluído, se entre os habitantes pudesse ser desenvolvido o gôsto da arte dramática.

Ao norte da cidade fica a cadeia pública, que ocupa um dos mais agradáveis locais por sua posição eminente.

Descortina vasta extensão do horizonte.

É de arquitetura pesada, feia aparência, mas realmente segura, pois que as muralhas são levantadas com cêrca de dois metros de espessura para sôbre elas montarem guarda as sentinelas.

Transposta a larga entrada com duas salas espaçosas de um e outro lado, se penetra numa área, no centro da qual há uma casa sustentada por colunas, com assentos ao redor.

As prisões são encostadas às muralhas com portas para o centro, desta forma ficam perfeitamente arejadas, visto como o ar, circulando livremente na área, é de contínuo renovado nas células.

Acham-se reclusos 65 sentenciados, entre os quais o célebre Juriti e um filho, autores principais do horroroso drama de Tabatinga.

Juriti é de estatura regular, tez bronzeada, pouca barba, maçãs do rosto salientes, testa estreita e olhar penetrante e feroz.

Conquanto tenha os cabelos bastos e duros, quase embranquecidos, apresenta ainda musculatura robusta.

Ao aproximar-se da porta de sua prisão, voltou-se sôbre a tripeça em que estava assentado, lançou-me um olhar indiferente e continuou o seu trabalho.

Demorei-me alguns minutos a observá-lo, e o galé tranqüilo e sobranceiro parecia não atender senão ao serviço em que se ocupava.

Êle fazia umas tranças de couro.

Eu repassava na mente as cenas lutuosas de Tabatinga, e media por aquela indiferença a perversidade dessa alma de hiena na noite da hecatombe.

Retirei-me sèriamente impressionado.

* * *

O município de O. a NE. é montanhoso, sobressaindo as serras do Camotim, do Rosário e principalmente a Meruoca, celeiro de Sobral; do lado de S.S.E. encontram-se alternativamente campos e terrenos ondulados; de L. campos e pequenas matas.

A 24 quilômetros está o serrote Barriga, quase dividido em dois com uma gruta ao lado do N.; êle separa as águas do rio Aracatiaçu a L. e do Acaraú a O.

O Acaraú atravessa todo o território de S. a N., sendo engrossado por alguns afluentes, entre os quais o mais importante é o Jaibaras que nasce na serra da Ibiapaba e vem juntar-se àquele pròximamente à cidade.

Encontra-se por tôda a parte pedra calcária em abundância, granito, sílex, argila de construção e barro apropriado ao fabrico da louça grosseira.

Das suas matas vem a madeira necessária para as edificações e para a marcenaria.

Há árvores de espécies preciosas.

A serra da Meruoca abastece a Comarca e pontos adjacentes de farinha de mandioca, algum açúcar e cereais; e em diversos lugares se planta largamente algodão, tabaco, mamona, etc.

Sua indústria principal consiste na criação de gados distribuídos em mais de 350 fazendas, no fabrico de queijos e de rêdes de dormir.

Êstes artigos já vão sendo objeto de exportação, podendo

se conseguir muito mais quando se reconhecer devidamente as vantagens do apérfeiçoamento desta indústria.

No último ano saíram da Província 56.334 quilos de queijo, que pagaram 1:027$870 réis de direitos, e no mesmo tempo 5.386 rêdes cuja imposição montou a 1:215$750 réis.

Tive ocasião de ver rêdes verdadeiramente ricas, umas bordadas a linha de côr, outras tingidas com substâncias vegetais que são vendidas por elevado preço.

O que realça o mérito dêsse produto é que é êle o trabalho da mulher, que nestas paragens se associa às fadigas do homem, fazendo cômodos leitos (rêdes) e tecidos grossos destinados a vestir as classes operárias.

Quanto ao fabrico do queijo é ainda pouco explorada esta indústria, desconhecendo-se totalmente os processos de melhorá-la e aproveitar suas vantagens reais; entretanto, apesar do atraso do nosso sistema de criação, sem cultura, sem noções de veterinária, êstes laticínios poderiam dar centenas de contos, tendo-se em consideração o crescidíssimo número de vacas leiteiras na Província.

Dou aqui um conselho útil aos criadores, que dêle se utilizarão como lhes aprouver.

Sua vantagem está cabalmente demonstrada por Mr. Victor Renault.

É hábito entre nós deitar fora o sôro depois de tirada a massa para o queijo; pois bem: dêsse sôro se pode tirar ainda tanto lucro como do queijo, com muito pouco trabalho.

Em primeiro lugar se pode conseguir um requeijão, e do resto tirar o açúcar de leite, que é importado da Europa, pagando-se por meio quilograma 1$000 réis e mais.

Eis o processo: o sôro depois de tirada a massa do queijo é levado ao fogo num tacho bem limpo; depois de ter fervido algum tempo vai-se ajuntando uma nova porção de queijo, coa-se então em um pano e tira-se o queijo que ficou em cima do pano, pondo-o em fôrmas. Assim, se obtém de um pote de leite que deu quatro queijos, ainda um queijo grande do sôro que era esperdiçado.

A água que fica é aproveitada para fazer açúcar de leite,

do modo seguinte: toma-se êsse segundo sôro que não apresenta mais essa côr branca e leitosa como o primeiro, mas um líquido transparente, quase azulado; ferve-se tirando de vez em quando a espuma até ficar da consistência do mel; despeje-se numa gamela para esfriar, e nessa ocasião se cristaliza o açúcar de leite, o qual se estende sôbre um pano, lavando-o com um pouco d'água fria, secando-se depois ao sol.

Obtém ainda o criador com êste serviço um quilograma de açúcar de leite ou 2$000 réis, que vale pelo menos tanto queijos fêz do leite.

* * *

Há na cidade duas tipografias, de cujas oficinas saem semanalmente os jornais **Sobralense**, que conta treze anos de existência, e a **Gazeta de Sobral**, que conta seis.

Tem seis aulas públicas: uma de latim, uma mista, duas para o sexo masculino e duas para o feminino.

Além destas há outras particulares em que se ensina o português, o francês e o inglês.

Um Gabinete de leitura funciona regularmente, oferecendo sua biblioteca à concorrência pública, e mantém uma aula noturna, que tem certa freqüência.

Conta duas fábricas, uma de cigarros pertencente a Gondim & Filhos, montada convenientemente à rua do Oriente, e outra de sabão, de Antônio Rangel do Nascimento, à rua da Aurora.

A população antes de 1877 era calculada em 42.643 almas; hoje em falta de dados seguros supõe-se que já atingiu senão excedeu aquêle número.

No último ano rendeu a estação provincial confiada ao escrupuloso serventuário Joaquim de Albuquerque Rodrigues a quantia de 24:350$044 réis.

* * *

Esta comarca consta de um só têrmo e município, formado com distritos de paz de Sobral, Santo Antônio do Aracatiaçu

e Meruoca (Lei n.º 1.814, de 22 de janeiro de 1879, art. 1.º, § 4.º), e mais distrito de Pacujá, últimamente criado (Lei n.º 2.034, de 29 de novembro de 1883).

O lugar de juiz municipal letrado foi criado por Decreto n.º 172, de 15 de maio de 1842, mantido pelo de n.º 306, de 10 de junho de 1843.

Tem por sede Sobral, ereta em vila em 5 de julho de 1773.

Foi elevada a cidade com o nome de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaracu, por Lei n.º 229, de 2 de janeiro de 1841, revogada pela de n.º 244, de 25 de outubro de 1842, que restabeleceu a antiga denominação.

É comarca de 2.ª entrância (Decreto n.º 687, de 26 de junho de 1850, e 5.195, de janeiro de 1873).

Foi criada freguesia por Provisão do Bispo de Pernambuco, de 30 de agôsto de 1757, compreendendo todo território desde o litoral até a Barra do Macaco, banhada pelas vertentes do Acaraú.

Estão traçados seus limites com as freguesias de Santana, Meruoca, Santo Antônio de Aracatiaçu, Santa Quitéria, Ipu, S. Benedito, e S. Pedro, e Palma, nas resoluções n.os 470, de 29 de agôsto de 1848, 1.799, de 10 de janeiro de 1879, 1.079, de 4 de dezembro de 1863, 542, de 31 de julho de 1848, 462, de 31 de junho de 1848, modificada pela de n.º 623, de 3 de outubro de 1853, 1.979, de 9 de agôsto de 1882, e 1.206, de 10 de agôsto de 1867.

A povoação de Santo Antônio foi criada freguesia por Lei n.º 1.079, de 4 de dezembro de 1863, que lhe fixou os limites.

A da Meruoca pela de n.º 1.799, de 10 de janeiro de 1879, na qual se acham determinados os seus limites.

Tem quatro distritos de paz: o da cidade, criado pela lei orgânica de 1827; o da Meruoca, criado pela Lei n.º 998, de 31 de agôsto de 1861; o de Santo Antônio, criado em execução do art. 2.º do Cód. do Proc.; o de Pacujá, criado pela Lei n.º 2.054, de 29 de novembro de 1883.

* * *

Nada pude colhêr ao certo sôbre a origem de Sobral.

O que parece é que em conseqüência das vexações da guerra dos Mascates, diversas famílias da Bahia e Pernambuco procuraram o interior do Ceará, estabelecendo-se primeiramente nas margens do Jaguaribe, caminho obrigado dos exploradores de um país desconhecido, e daí passaram depois para o norte.

Assim se povoou a ribeira do Acaraú.

O primeiro ponto habitado, na região que compreende Sobral, deve ter sido o Riacho Guimarães, hoje pertencente ao município de Santa Quitéria, onde consta que já em 1712 existia a capela de N. Senhora do Rosário.

O Rev.^{do} Visitador Lino Gomes Correia, obrigou a que se lhe fizesse doação sob pena de ficar interdita, em vista do que em 1735 o Alferes Lourenço Guimarães de Azevedo, seu fundador, ofereceu para êste fim cem braças de terras em quadro.

Esta doação foi nula por perder dita terra em favor do cego Joaquim de Tôrres, morador no Recife, o qual por sua vez a ofereceu à mesma capela em 1751, sendo aumentado êsse patrimônio com mais meia-légua de terra em quadro, 60 vacas e sete éguas por Manuel Madeira de Matos e sua mulher D. Francisca de Albuquerque, em 1767.

Em 1740 o mencionado visitador ordena que se faça matriz e indica para ela o lugar da fazenda **Caiçara**, tendo servido de matriz a capela Guimarães desde 1734 e 1746, quando começou esta, cujo patrimônio de cem braças de terra em quadro foi doado pelo Capitão Antônio Rodrigues Magalhães e sua mulher Quitéria Marques de Jesus em 1756.

Antes de 1741 servia de matriz a capela de N. Senhora da Conceição em S. José, ereta em 1718.

Seu patrimônio de meia-légua de terra em quadro e 50 vacas foi feito pelo Coronel Félix da Cunha Linhares.

A capela de N. Senhora da Conceição de Meruoca, que pertencia ao mesmo curato, tinha de patrimônio meia-légua de terra em quadro, cem vacas e uma engenhoca de fazer mel, doação de Sebastião de Sá e sua mulher Cosma Ribeiro.

Segundo uma notícia do Rev.^{do} Dr. João Ribeiro Pessoa, em 1757, a povoação da Caiçara continha 75 casas e 21.000 almas.

No extremo da rua do Oriente se vêem ainda as ruínas da primeira casa construída na povoação da Caiçara, que por muitos é respeitada como uma relíquia do passado.

A rua do Apolo chamou-se outrora da Gangorra, por ter sido ali justamente uma **gangorra**, onde se apanhavam e se cortavam os gados bravios.

Para o lado do nordeste fica o lugar conhecido pelo nome de Cruz do Padre e no lado oposto outro, hoje quase dentro da cidade, chamado Fortaleza, que consta de algumas pedras marcadas com tinta que o tempo não pôde ainda apagar.

Vêem-se nelas rostos humanos e outros sinais.

Os habitantes mais velhos dizem que êsses nomes vêm de um fato muito remoto, que neste lugar se dera, quando os índios fugiam perseguidos por uns indivíduos, aos quais acompanhava um padre.

Êste caiu atravessado pelas flechas e fôra aqui sepultado, servindo de trincheira as mesmas pedras, por detrás das quais atiravam os selvagens.

Daí o nome de Fortaleza.

No largo da matriz, entre o cruzeiro de ferro, dádiva do Coronel João Evangelista da Frota, que fêz substituir ao de madeira no dia de minha chegada a Sobral — 24 de dezembro —, e o edifício da Câmara municipal, se vê em ainda os alicerces do antigo pelourinho.

Felizmente ninguém se lembra mais das cenas de ignomínia que deviam ter sido praticadas naquele poste de vergonha da Metrópole.

Era o passado, passou.

* * *

Sobral tomou parte ativa nos movimentos da República do Equador.

Mais tarde, em 14 de dezembro de 1840, rompe uma sedição

militar ao mando do Major Francisco Xavier Tôrres e Tenente Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá, contra o presidente de então, Senador José Martiniano de Alencar, que se achava nesta cidade.

Alencar é atacado a viva fôrça na casa de sua residência, à rua do Senador Paula, mas os insurgentes são repelidos, deixando dois mortos e cinco feridos.

Na bagagem de Tôrres se acha um plano de revolução para depor o presidente, plano que abortou pela derrota daqueles oficiais.

* * *

Nas minhas excursões pela cidade observei que as sobralenses, além da música, têm decidido gôsto das flôres.

Por tôda parte um jardinzinho, ou pelo menos nos balcões das janelas alguns vasos com flôres.

Esta predileção deu motivo a Mr. Albert Verhaeren dizer: "**Toutes les brésiliennes adorent les feurs et la musique.**"

É uma verdade.

Trajam com tanta simplicidade quanto elegância.

São em geral morenas e têm bastos cabelos negros e luzidios que arranjam artìsticamente em tôrno da cabeça.

Os traços do rosto assemelham-se um tanto aos das filhas de Pernambuco.

Em conseqüência talvez da educação aprimorada têm as formas mais delicadas que as suas patrícias do alto sertão.

O que as torna porém mais apreciáveis é o espírito religioso de que são dotadas.

Há aqui mães de famílias verdadeiramente veneradas de todos por suas virtudes.

* * *

Uma tarde me levaram à estação do caminho de ferro.

O edifício é pequeno, sólido e bem acabado, como são tôdas as obras de construção desta estrada, e se acha a mais de meio quilômetro da cidade para o lado do poente.

De tudo o que eu havia visto e examinado até então era o traçado da via-férrea o único objeto que me deixava certo pesar.

Quando refletia na área pedregosa e estéril percorrida pela locomotiva desde Camucim até aqui, com prejuízo da uberdade dos municípios circunvizinhos à Serra Grande cujas vantagens só contesta quem as não conhece, deveras que a minha consciência se revoltava contra o capricho ou fatuidade dos que concorreram para essa lesão aos direitos daqueles, contanto que triunfasse o mais bafejado pelas auras do poder.

Percorri tôda linha, como examinei quase que minuciosamente o vale que se estende próximo à serrania, e sem ser profissional garanto que se não atendeu aos interêsses gerais, mas à vaidade de engrandecer uma das localidades mais pobres da Província.

Falo em recursos naturais.

Não tenho intenção de ofuscar o brilho de Sobral, cuja prosperidade é visível, mas esta estacionará logo que chegue a estrada ao Ipu.

Sobral é atualmente o empório do comércio do norte da Província, enquanto receber o auxílio dos municípios vizinhos, auxílio que há de perder pelo menos em parte, quando procurarem êstes o ponto mais próximo e o meio mais fácil de transporte.

Os produtos da Ibiapaba não se perderão como até hoje à falta de consumo, embora com algum dispêndio por se lhe ter distanciado propositalmente o caminho, e muito mais lucros auferiria o Estado e os particulares, se se observasse o traçado contornando a serra.

Por essa região os serviços de cortes e aterros, se excedessem às despesas dos que se fizeram na estrada de Sobral, aproveitando as zonas mais ricas, seriam compensados pela provável melhoria dos rendimentos e vantagens reais.

Entretanto não foi a economia quem guiou a estrada pelo caminho pior.

O Govêrno, pelo Aviso n.º 365, de 19 de junho de 1878, pressentiu a conveniência do traçado pela vila da Palma

rodeando a Ibiapaba, mas teve de ceder ante as informações dos seus delegados na Província, que ao bem do Estado antepunham a vanglória da terra do seu nascimento.

Venceram; mas por isso mesmo hão de reconhecer que se praticou uma injustiça.

Em um país em que o povo valesse alguma coisa, talvez tivesse ela sido reparada.

Tenho em meu poder as plantas dos terrenos mais favoráveis para uma estrada de ferro nessa região; as receitas e despesas da de Sobral desde sua inauguração, com que se poderia jogar para tornar bem patente e pouco proveito da estrada construída, mas me contento com o que hei dito, certo de que só tive em mente demonstrar que se cometeu aqui um êrro, pelo qual no futuro sòmente vem a sofrer a cidade favorecida.

O futuro o provará.

* * *

Terminada a minha comissão nesta localidade, designei o dia 5 de janeiro para a partida.

Sou feliz de poder agradecer aqui aos cavalheiros Dr. Antônio Ibiapina, Dr. Raimundo Belfort Teixeira, farmacêutico João Francisco do Monte, José Vicente da França Cavalcante, José de Farias Lima, José Lemos, Antônio Siebra, Tomás Pompeu de Sousa Magalhães, Pedro Ribeiro de Oliveira, Dr. Vicente Cesário Ferreira Gomes, Joaquim de Albuquerque Rodrigues, Major Francisco Marçal de Oliveira Gondim, José Bezerra de Menezes, José Gomes Parente e a Ex.ma família dêste, as provas de consideração com que me honraram.

* * *

Pelas cinco horas e meia da tarde dêste dia pusemo-nos a caminho, sendo meus companheiros de viagem, até S. Francisco, o Capitão Antônio de Vasconcelos e Antônio Joaquim de Araújo.

Um pesar me acompanhava ao sair de Sobral: o meu bom e fiel Antônio Guida fôra forçado a deixar-me por incômodos de sua saúde.

Vi brilhar-lhe nos olhos duas grossas lágrimas ao abraçar-me pela última vez, e mal pôde balbuciar as palavras da despedida.

Separamo-nos talvez para sempre.

Para o substituir contratei os serviços do Corneta-mor reformado do exército, José Leandro, que, se não era tão inteligente, era mais divertido, e tinha milhares de façanhas da campanha do Paraguai com que me devia distrair nas horas de enfado.

Tudo arranjado.

* * *

Diversos amigos nos acompanharam até além de três quilômetros.

A estrada larga e bem trilhada desdobra-se diante de nós em direção de leste.

Caindo a noite fomos obrigados a procurar pousada no lugar Ouvidor, a 15 quilômetros de distância de Sobral.

O Capitão Vasconcelos fêz-nos suspender o sono às três horas da madrugada, alegando ser melhor de viajar com a fresca da manhã.

O luar era esplêndido.

Além do Poço-Cercado, à nossa esquerda, se vêem três cruzes.

Soube que ali se dera um tiroteio entre a fôrça pública e uns ciganos que haviam raptado uma môça em Sobral.

Êstes expuseram na frente a infeliz que foi a primeira a cair traspassada por uma bala, não logrando escapar o raptor que com outro companheiro tiveram o mesmo fim.

Dormem ali o sono eterno!

Pelas oito horas entramos no Caracará, povoado insignificante, com algumas casas arruinadas e uma capelinha não acabada.

Só tem de notável a sua miséria.

Era meio-dia quando nos apeamos sob a varanda da fazenda Coité, depois de uma caminhada de 66 quilômetros.

* * *

Enquanto os companheiros descansavam, eu percorria os corredores, principalmente para o lado do norte, por onde se estende a cordilheira da Uruburetama, e admirava de longe uma grande pedra que se destaca da montanha, e me fazia lembrar o Pão de Açúcar, sentinela da barra do Rio de Janeiro.

Em baixo a planície árida e triste, e no alto a verdura colorindo os cimos da serrania!

Em meio da várzea assisti a uma cena dolorosa.

Uma ovelha lutava desesperadamente contra a voracidade de um caracará (**Polyborus caracará**), que insistia em lhe devorar o filho fraco e débil, nascido talvez havia algumas horas.

A pobre mãe investia contra o rapinante, fazia-o recuar, mas apenas retrocedia, êle aí estava terrível e pertinaz, esperando vencê-la pelo cansaço.

Salvei-a fazendo fugir para longe o ximango inexorável.

Narrando o fato aos companheiros, fui informado de que no sertão estas aves de rapina fazem grande mal aos rebanhos pela perseguição aos cordeirinhos.

Talvez que não seja muito difícil educar cães de gado para os guardar, como os há nas bandas do sul, e tão adestrados neste serviço que não deixam encostar o rapinante.

Charles Darwin, no seu livro **Voyage of a naturalist**, diz que estudou os cães pastôres em uma estância sôbre as margens de Berquelo, na banda oriental.

São educados assim: separa-se o cãozinho da cadela para o habituar à sociedade dos seus futuros companheiros.

Acostumam-no a mamar numa ovelha três ou quatro vêzes por dia, e fazem-no dormir sôbre peles de carneiro, ficando completamente separado de outros cães e de meninos, se os houver na casa.

É castrado novinho, de sorte que, se tornando grande, não pode ter mais gôsto em ficar com os de sua espécie; e do mesmo modo que o cão ordinário se desvela em defender seu senhor, o homem, assim aquêle defende o rebanho.

Ensina-se-lhe mui fàcilmente a conduzir o rebanho para o chiqueiro à hora determinada da tarde.

Diz Darwin que é divertido observar quando alguém se aproxima, com que furor o cão se põe a ladrar, e como todos os carneiros se colocam atrás dêle, como se fôra o pai do chiqueiro.

O cão pastor vem cada dia à fazenda procurar sua ração de carne, e desde que é servido, volta sem demora ao seu ofício.

Nesse trabalho êles consideram os carneiros como irmãos e vivem com êles em íntima confiança.

Por êste meio, pois, se poderia evitar o prejuízo que sofrem os criadores, que certamente não podem acudir êsses pobres animaizinhos nas primeiras horas de seu nascimento.

Se o nosso sertanejo fôsse capaz de atender a estas pequenas coisas, talvez que lhe aproveitasse o sistema admitido pelos Orientais que, no entanto, não demanda de dispêndio; mas qual! deixando o caracará metade do rebanho, ainda fica criação bastante para quem não tem ambições, nem mesmo gasta tempo com esta indústria confiada exclusivamente aos cuidados da natureza.

Quem se importa com tais ninharias!

Entretanto, 25% da população dêste Estado vivem inteiramente à custa dos demais habitantes.

* * *

Em conseqüência da excessiva viagem da manhã, do calor, do enfado, só pudemos chegar à tarde até a Cacimba do Meio, 18 quilômetros além do Coité.

Estava irremediàvelmente perdido o sarau em S. Francisco, para o qual havíamos sido convidados por telegrama na véspera.

Que fazer? Resignamo-nos, fazendo entretanto espirituosos comentários acêrca do esfôrço que se fizera para vencer

o caminho, e do lôgro de que fomos vítimas, pois que na última pousada, depois do jantar, surpreendendo-nos o sono, só depois de cinco horas e meia fomos despertados.

Contrariedade cruel!

No dia seguinte, à luz doce e suave da aurora, nossa caravana pôs-se em marcha.

A estrada segue sempre o mesmo rumo, umas vêzes pendendo para nordeste outras para sudoeste.

O solo, à exceção dos vales, é de formação argilosa.

Aqui e ali, de quando em vez, aparecem serrotes negros e sombrios anunciando a aproximação da Uruburetama.

No Saco-Verde me apeei e descansava com os braços apoiados sôbre a sela, quando Antônio Joaquim, que me ouvira, havia pouco tempo, lamentar de não ter encontrado uma cascavel durante minha viagem de mais de 1.300 quilômetros, diz-me com certa alegria:

— Não desejava tanto ver a cascavel? Eis aí uma à sua disposição. — E me indicava um lugar perto de mim.

Voltei-me num segundo.

De feito, o terrível crótalo atravessava vagarosamente de um ao outro lado da estrada a poucos passos de nós.

Tomando-lhe a frente, contraiu-se e parou.

Depois, tentou prosseguir sua marcha desviando-se, mas eu coloquei-me de nôvo adiante e lhe atirei com a ponta da bota um pouco de areia grossa.

Enrodilhou-se e ficou quêda com os olhos em mim.

Jogamos algumas pedras que a irritaram, e então, dentro em pouco, se ouviu o chiado da cascavel.

Os cabelos se me arrepiaram.

Não obstante me achar involuntàriamente impressionado, ia matá-la com o rebenque, quando me gritaram os companheiros: não facilite!

Não sei explicar o que se passava em mim.

Ao mesmo tempo que eu tinha o maior desejo de exterminá-la, o coração batia-me apressadamente, uma espécie de calafrio me passava por todo o corpo, e parece que eu era dominado por estranho poder.

Ela não se mexia, parecendo que me acompanhava sempre com a vista.

Do que presenciei, ficou-me a convicção de que o terrível ofídio só morde quando acometido.

O Conde de La Hure, na sua obra **L'Empire du Brésil**, diz: **"Le serpent à sonnettes, nommé cobra-cascavel est très dangereux. Il rampe avec ume rapidité si grande qu'il semble voler."**

Não é exato; seus movimentos são morosos, salvo quando desarma o bote, no qual só alcança até onde chega a extensão do pescoço, ou sendo perseguida pelas costas, que se precipita para trás, descrevendo um marco do tamanho do corpo, cujo ponto de apoio é o extremo da cauda.

Esta media quase dois metros, de grossura proporcionada, côr de um pardo sombrio com manchas de losangos mais claros e mais escuros.

Tinha 15 pequenas cápsulas sêcas, móveis e encaixadas umas nas outras no fim da cauda, o que queria dizer, segundo a opinião do vulgo, que contava 15 anos.

* * *

Adiante começa o terreno a tornar-se mais e mais acidentado, e melhores vivendas bordam as margens da estrada.

Por aqui a vegetação se mostra mais vistosa.

Avistamos afinal de um alto as casas da vila.

Prosseguimos.

Logo à entrada, do lado direito, nota-se a presença de uma pequena cruz.

Marca ela a sepultura do desditoso Cipriano, assassinado por André Ferreira Lima e Manuel Antônio da Mota, entre a casa da Prenda-rica e o curral do Açougue.

Ao voltar um dia o desgraçado para casa em completo estado de embriaguez, os sicários esmagam-lhe a cabeça com um pau de prensa e dão-lhe 21 facadas.

* * *

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

Eu pisava com certo respeito esta terra venerada para mim pela hombridade e patriotismo de seus filhos.

Recordava-me então do frenesi, do delírio dêste povo na festa do dia 2 de fevereiro de 1883, quando ao lado de ilustres companheiros assisti à libertação do município, o segundo da Província, é certo, porém de mais glória êste seu ato, para o qual todos concorreram espontânea e galhardamente, sem remuneração alguma.

O distinto abolicionista Filipe de Araújo Sampaio pedira a Acarape o segundo lugar para a terra do seu berço, e um mês depois conduzia êle, à sua expensa, uma comissão da sociedade **Libertadora** para ser testemunha do cumprimento de sua palavra.

S. Francisco acedera aos desejos de seu dileto filho, e, de feito, naquele dia traçou o caminho que deviam seguir os demais municípios na gloriosa cruzada, não com despesas para o Estado nem sacrifícios para os particulares, mas generosamente e só por amor da liberdade.

Terra de minha admiração, eu te saúdo!

Minutos depois tomávamos posse da casa que nos havia preparado o amigo José Augusto de Castro.

* * *

A vila de S. Francisco (22) acha-se situada ao pé da serra da Uruburetama.

Contém 385 casas distribuídas pelas ruas de Santa Quitéria, de Filipe Sampaio, de 2 de Fevereiro, do Comércio, da Municipalidade, do Trabalho, as quais se estendem quase de leste a oeste, e transversalmente as do Pau-Ferrado, dos Ferros, do Capitão Raimundo Pinto, de Luís Cordeiro, da Capela e do Targino.

As ruas são tortuosas e irregularmente traçadas.

A de Filipe Sampaio, antiga do Comércio, que é a melhor e mais importante, forma no comêço ângulo obtuso, cujo vértice está voltado para o beco do Pau-Ferrado, e adiante

(22) — Cidade de Itapajé, atualmente.

outro ângulo obtuso com o vértice para a de 2 de Fevereiro, no lado oposto.

Ao nascente desta fica o mercado público, pequeno quadrilátero com a face oriental ainda por concluir.

Abundam aqui os gêneros de primeira necessidade e alguma quinquilharia.

Para o consumo da população abatem-se quatro reses diàriamente, e aos domingos é insuficiente êste número.

A poucos passos do mercado ficam os dois magníficos prédios destinados para escolas dos dois sexos.

Foram construídos em 1878.

A igreja-matriz ocupa largo espaço para o lado ocidental com a frente para o nascente.

É um grande templo com uma excelente capela-mor, duas capelas laterais, uma dedicada ao Santíssimo Sacramento, a outra ao Bom Jesus, e nos ângulos da nave, pròximamente ao arco dois altares, onde se acham, no da esquerda a imagem de Santo Antônio, e no da direita a de N. Senhora do Carmo.

Foi começada pelo Rev.^{do} José Tomás em 1870 e concluída em 1878 com socorros públicos.

Na frente se vê o cruzeiro levantado sôbre alto pedestal, com muro em redor e uma porta de cada lado.

Foi erigido por José Furtado Pacífico, e dentro se acha sepultada sua mulher, D. Ana Geralda.

À esquerda da matriz está o velho cemitério, pequeno quadro murado e bem conservado, o qual, por se achar quase dentro da vila, foi transferido para um alto, ao norte, cêrca de meio quilômetro de distância.

Êste tem uma linda capelinha consagrada a S. Miguel.

O terreno da matriz, como o do velho cemitério, foi doado pelo Capitão Alexandre José Rodrigues.

* * *

Visitei a cadeia pública, pequeno edifício que fica no extremo do lado ocidental, por detrás da igreja-matriz.

Poder-se-ia chamar elegante se tivesse mais elevada a

frente, de sorte que a sua pouca altura lhe defeitua a disposição.

Interiormente é pouco asseada, e pareceu-me que devido a isso e certa umidade, sofrem os encarcerados, visto como são descorados e tristes.

Foi construída com socorros públicos em 1878.

Na rua da Municipalidade se acha o próprio da Câmara, casa velha que foi reparada e que apesar dos melhoramentos feitos não passa de um prédio comum.

Aí se lavrou a ata da sessão magna em que se declarou livre o município no dia 2 de fevereiro de 1883.

Quase no meio da vila, pròximamente à rua de Filipe Sampaio, num pequeno espaço irregular, do lado do sul, se vê a capela do Rosário, antiga de S. Francisco, que só se recomenda pela sua pobreza.

Erigiu-a, em 1847, Francisco Miguel de Andrade, e as imagens foram mandadas vir pelo Coronel Francisco Teixeira Bastos.

A frente está voltada para o oriente.

A um quilômetro da vila, dêste mesmo lado, se acha o grande açude no riacho adjacente à serra de Santa Bárbara, o qual depois que foi concluído, ainda não secou e se conserva sempre com bastante água.

* * *

O riacho do Ipu vem da serra Palmeira-Só, e depois de engrossado pelo Mato Grosso, Santana, Espírito Santo, Santa Rita e Frade, bifurca-se no lugar Carnaubinha entre as propriedades do Capitão Davi Bastos, Antônio Severiano Maciel da Costa e José Marques de Carvalho, e seguindo em direção ao norte contorna a vila pelo lado de leste e sul em S. Miguel.

Ao norte estende-se a cordilheira que separa Imperatriz de S. Francisco, desde o lugar Chapada e S. Félix, terreno de algodão ao poente, e dirigindo-se daí por Baixa Grande, Camará Grande e Rosário, terrenos ainda apropriados àquela malvácea, segue pelas cabeceiras do riacho Frade, transpondo Santa Rita, Bom Jesus e Ôlho-d'Água, onde nascem os riachos

de Santa Rita e Assunção, que dividem as águas de S. Francisco e Assunção.

Êstes terrenos por sua elevação são apropriados ao plantio da cana e do café, e por aí se encontram diversos engenhos de madeira nos sítios Santa Rita, Barreiro, Bom Jesus e Paraíso.

Na mesma cordilheira os sítios Cantagalo, Soledade e Jucá produzem algodão; Santana, Palmeira-Só, Mundaú e Bananal, cana e café.

Ao nascente da mesma cordilheira ficam Itapucu, Santa Maria, Camaratuba, Palmeira, Pau d'Olho e S. Elias, cujas terras frescas são aproveitadas para cana, e para algodão Boqueirão e Boa Vista.

Daí se eleva a montanha com três pontas, sendo mais saliente a do centro, a qual é avistada do Boqueirão de Arara ao nascente, e do serrote Barriga em Sobral ao poente.

Nesta parte estão os sítios Sòzinho, Cachorro Morto, Beija-Flor, Barrinha e Santa Úrsula, onde se plantam cana e café.

No talude da montanha, do lado do sul, fica a antiga vila de Santa Cruz, hoje povoação, com uma igreja de aspecto agradável.

Ao norte desta, na distância de meio quilômetro, a capelinha do Rosário, mandada construir pelo Coronel Francisco Barroso, do Curu, em conseqüência de promessa feita à mesma Senhora em 1724, quando foi prêso para ser julgado pela comissão militar.

Ao nascente descem as ladeiras da Prata e Santo André, com quase seis quilômetros de extensão, vindo terminar a planície nas fazendas **Campos** e **Carnaubinha**.

Do lado do sul se erguem as serrotas onde se planta algodão a começar da Chapada, Pedras-Pretas, Maritacaca, Jorge, Pedra Vermelha, Cajàzeiras, Tromba, Mulungu, Capim-Açu, povoação do Retiro, cêrca de 21 quilômetros da vila, Conceição, Santa Luzia, Capelinha, e mais ao norte, S. Tomé, Carnaubinha, Ipu e Prata, na estrada que vai para a Capital.

Na fazenda Santo Antônio, 18 quilômetros ao poente,

se encontra dentro do riacho do mesmo nome uma pedra com face plana em sentido vertical, sôbre a qual estão impressas com tinta encarnada diversas figuras de mãos.

Ao pé da grande pedra do Paraíso, caminho de Santa Rita, à direita da estrada, numa caverna horrorosa, feita pelas cachoeiras, que passam embaixo, vive há 10 anos uma velha de nome Francisca.

O lugar é pavoroso mesmo de dia, e apesar disso ninguém a tem podido arrancar daí.

A 54 quilômetros ao sul, na serrota Quixaba, pertencente à família Pompeu, em cuja base se acha a fazenda **Alegre**, vive há mais de 25 anos em completo estado de selvageria o crioulo Severino.

Pegado um dia pelos vaqueiros, foi levado à casa da fazenda, onde se lhe deu roupa e foi tratado com todo agrado; mas êle ao fim de três dias deixa num canto a roupa que havia recebido e evadiu-se.

Sabe-se que ainda é vivo pelos sinais de fogo que deixa ora aqui, ora acolá.

A causa de viver escondido a ponto de habituar-se à vida selvagem, vem de ter surrado a mulher que o havia traído, e sendo processado, abandonou terra e família no intuito de escapar a qualquer pena.

Severino tem filhas casadas em S. Francisco.

* * *

A importância de S. Francisco vem das suas grandes safras de algodão, safras que já produziram cêrca de 20 mil fardos.

Ainda hoje envia anualmente para os mercados consumidores mais de 10.000.

Sendo esta malvácea aclimada entre nós, conviria que de quando em vez fôssem empregadas sementes novas, porquanto com o andar do tempo a antiga vai se degenerando.

Tive ocasião de examiná-la ao microscópio e então verifiquei que a de que se servem os plantadores, se acha acometida da **Eriophaga gossipiana**, pequeno hemíptero, cujo estrago

se transmite à maçã, danificando os flocos de filamento de côr branca que constituem a substância têxtil.

Os Srs. Boris Frères, chefes da grande casa importadora na Capital, têm de algum modo procurado reparar o prejuízo, mandando vir alguma semente nova, que é distribuída por seus fregueses no município, mas apesar de sua melhor vontade não fica reparado o mal.

Cria também porção de gado em 220 fazendas, as quais pagam de dízimo 1:200$000 réis.

Sua população é calculada em 15.000 almas.

A coletoria Provincial cobrou de impostos no último ano a soma de 6:408$797 réis.

* * *

O que mais prende a atenção de quem chega a esta localidade, é certamente o **Frade de Pedra**, colosso de mais de 200 metros de altura, erguido para o lado do noroeste cêrca de cinco quilômetros de distância da vila, na encosta da montanha.

De pé, firme, sombrio, melancólico, com o olhar fito na amplidão do céu poente parece mergulhado em profunda meditação, da qual não poderiam arrancá-lo os abalos de um terremoto.

À luz dos luares avulta sua sombra hérculea em meio dos penhascos, e pela calada da noite diz-se que o ouvem salmodiar na voz da ventania.

Filho da montanha, assistira à formação do solo ao surgir das águas no comêço dos séculos; mas pouco depois a excessiva exalação do carbono das plantas gigantescas, banhadas por chuvas diluviais sob uma atmosfera úmida, saturada de vapôres que obscureciam a luz do sol, conservando, no entanto, o imenso calor, visto como só a zona tórrida envolvia todo o globo, asfixiou-o, ficando o pobre solitário ali tão só em resignada atitude!

Antônio Martins, o poeta do abolicionismo, dos sentimentos bons, à vista daquele gigante de pedra, dirigiu-lhe entre outras as seguintes lindas estrofes:

"Era da tarde ao fim, que o vi de perto,
Já das brumas da noite o vulto incerto...
— Um gigante de pé;
Depois, à luz do dia contemplei-o
Fui mais perto, mais perto — o mesmo enleio...
— "Infinito galé!"

Como êle é majestoso! viu passarem
Com os séculos gerações e se abismarem
Na tumba das idades;
Sentinela dos mundos no seu pôsto
Tem das procelas rugas, — pelo rosto
Sucos das tempestades.

Fêz-se monge... preferiu à cela escura
O ambiente sagrado da natura
Entre os muros azuis da cordilheira;
E aí, num paraíso aos céus aberto,
Constituiu-se um marco no deserto
— Âncora de ferro na crença derradeira.
.....

O povo aponta-o respeitoso e altivo,
Como a estátua fatal dum redivivo...
Do dilúvio... talvez!
Da arca de Noé caíra a nado,
Té que um dia — aportou extenuado
Dos serros no convés!

.....

Tem de encelados os membros de granito,
Rolou lá das ameias do infinito
No dorso dos destroços;
Caiu de pé que a raça dos gigantes
Se equilibra nos músculos dos Atlantes,
Nos ombros dos colossos."

* * *

A povoação de Santa Cruz da serra da Uruburetama foi criada freguesia pela Lei n.º 263, de 3 de dezembro de 1842, sob a invocação de N. Senhora da Penha; elevada a vila pela de n.º 502, de 22 de dezembro de 1849, com a denominação de Vila da Constituinte, voltando depois a chamar-se Santa Cruz pela de n.º 534, de 10 de dezembro de 1850.

A freguesia foi transferida para S. Francisco por Lei n.º 1.131, de 21 de novembro de 1864.

Elevada a categoria de Comarca pela Lei n.º 1.672, de 19 de agôsto de 1875, foi suprimida pela de n.º 1.814, de 22 de janeiro de 1879.

Seus limites foram os mesmos da freguesia, sendo mais tarde desmembrada do seu território o distrito e freguesia de Santo Antônio (Lei n.º 1.142, de 27 de outubro de 1864), bem como o Arraial (Lei n.º 1.771, de 19 de outubro de 1878).

Ùltimamente foram traçados limites gerais na Lei n.º 2.041, de 5 de novembro de 1883.

Tem dois distritos de paz: o de S. Francisco, criado por Lei Provincial n.º 474, de 31 de agôsto de 1848, com os limites marcados pela Câmara, e o de Santa Cruz, mantido pela Lei n.º 150, de 22 de setembro de 1838, art. 7.º, anexada ao têrmo de Imperatriz, pela Lei n.º 376, de 22 de agôsto de 1846, e ao de S. Francisco pela de n.º 886, de 20 de julho de 1859.

* * *

O lugar mais antigo da Uruburetama é Santa Cruz, sôbre a parte oriental da serra, a 12 quilômetros, cuja capela filial à freguesia da Capital foi edificada por Francisco da Cruz Melo em 1825, e tendo sido elevada a matriz e freguesia, passou em 1859 a sede da vila para a povoação de S. Francisco, ficando, porém, a matriz em Santa Cruz.

Em conseqüência das excursões dos Mourões e Vicente Lopes chamou-se S. Francisco primeiramente Riacho do Fogo, nome que conservou ainda depois de povoação.

Seu primeiro fundador foi Antônio Rodrigues Martins, por alcunha **Carola**, em 1839.

Quase no mesmo tempo vêm-se estabelecer no lugar Joaquina Alves Cavalcante e Rufino Ferreira Gomes.

Até 1846 dizia missa o vigário de Canindé, quando por estas paragens andava em desobriga, na casa da bolandeira de Rufino Ferreira Gomes, para êste fim convenientemente preparada.

Servia de sino uma enxada pendurada a um canto do telheiro.

Riacho da Sela, outra capela filial a 14 quilômetros de distância a nordeste, é de origem recente.

Foi seu fundador o Capitão Carlos Antônio de Sales, em 1868.

* * *

São Francisco, nas lutas da nossa emancipação política, separou-se do resto da Província a que dominava o espírito republicano, e fêz adesão à Independência em 2 de novembro de 1822.

Em outubro de 1824 o Coronel Antônio Bezerra de Sousa Menezes, comandante das armas da república do Equador, parte para Uruburetama, com o fim de fazer aceitar a república nesta parte da Província, faz proclamação aos povos da serra e incita-os à liberdade.

O Tenente-Coronel Gonçalo de Andrade Sampaio, chefe dos imperialistas, lhe opõe tenaz resistência.

Toma as ladeiras da Prata e Santo André, colocando em cada uma três pipas cheias de areia, detidas por cunhas de madeira, as quais deviam ser retiradas qundo subissem as fôrças de Bezerra, dando-se para isso um tiro de roqueira, que seria o sinal para sua gente em número de uns mil caboclos acampados no sítio Polônia.

Bezerra, apesar dos obstáculos, destroça os inimigos da república e segue para Baturité, cujas estradas ocupa a fim de esfaimar a Capital, que então se rendia à intimação de Lord Cockrane.

* * *

Biblioteca Central

Uma tarde, conversando-se à porta do Dr. João Oton do Amaral Henriques, veio a se falar de alguns fatos que ensangüentaram o solo da vila.

Entre os mais notáveis foi o da assassínio em 1854 de Leandro José das Neves, natural do Moçoró, que era conhecido por **Leandrão**.

Foi assim:

Leandro, chegado de nôvo, mas com aptidão para o comércio, fazia fortuna e ganhava certa preponderância sôbre os da terra.

Tinha estabelecimento comercial e açougue.

Um dia Benjamim da Rocha lhe devolve um pouco de carne verde por **falta** no pêso, e exige que lhe seja satisfeita a diferença.

Não sendo atendido, vem a casa de Leandro, e aí alterando-se os dois, vieram às mãos, levando êste a Benjamim pela abertura da camisa até a parede.

Passou-se algum tempo.

Num domingo, às oito horas da manhã, abaixando-se Leandro atrás de uma moita, cêrca de 150 metros à esquerda da antiga igreja, para o fim de satisfazer exigências da natureza, ouviu dobrar o sino por finados.

Ainda ali permanecia quando é surpreendido e cai aos golpes de cacêtes manejados pelos pardos Jorge e Elói, fâmulos de Custódio da Silveira.

Levado para casa, expira dentro em pouco.

Presos os assassinos e os mandantes, Benjamim, Custódio, Joaquim Coelho e Rev.^{do} Padre Coelho, são remetidos à cadeia da Capital, donde regressam para responder ao júri em Santa Cruz.

Com êstes se acha recluso João Pinto de Sena, natural do Rio Grande, que, exercendo em S. Francisco as funções de mestre-escola, efetuara casamento com a viúva de Leandro, sendo casado; pelo que ainda foi processado o Padre Coelho, que realizara êste enlace sem licença do vigário de então, Rev.^{do} Rogério José Cavalcante.

* * *

Acolhido francamente em quase tôdas as casas com a afeição de conhecido velho, sobrou-me tempo para estudar a índole do povo de S. Francisco que, se por um lado descai pelo excessivo amor do luxo, de bem-estar, direi mesmo, dessa vaidade de parecer bem, impõe-se por outro pela lhaneza e delicada urbanidade.

A hospitalidade entre êles é um título de honra, que os recomenda à veneração de quem chega a esta terra nobre de patriotismo.

As senhoras trajam com esmêro mesmo, e em certas ocasiões nota-se que a ostentação supera os recursos da localidade.

Perdoe-se-me a apreciação; não envolvem minhas palavras censura a ninguém.

Pode ser que eu tenha mal compreendido êsse lado de sua vida moral, notando defeito onde não há senão virtude.

Pode ser.

A vida em geral é aqui dispendiosa em conseqüência das comodidades que se procura manter.

Talvez seja isso devido às vantagens provenientes das grandes colheitas do algodão, visto como dêste gênero se ocupa não só a grande mas a pequena lavoura.

Numa reunião em que me achei a convite de um amigo, tive o desprazer de observar que só eu não calçava luvas de pelica.

Não previ que no interior da Província tivesse ocasião de expor-me a semelhante humilhação.

Os trajes eram custosos e o serviço do chá tão bom como na Capital senão mais regular; portanto não se notava a desordem, a devastação no arranjo da mesa, causada pela incivilidade dos filhos dos **grandes** daquela cidade.

Os costumes aqui são singelos, e sem as astúcias das sociedades adiantadas.

Não me posso furtar ao desejo de dizer que, relativamente à educação literária, comuniquei com senhoras tão bem educadas, como as mais distintas das nossas patrícias.

Lembro-me ainda da variedade de assuntos com que me

surpreendera a Ex.ma Sra. D. Maria Bastos, espôsa do Dr. José Francisco Jorge de Sousa, tão infelizmente atirada à viuvez ainda na flor dos anos.

Poucas vêzes tenho ouvido tratar as coisas de nossa literatura por um espírito feminil com mais gentileza, e desvanecia-me de ver que no meio da indiferença e ignorância de todos havia ainda quem fizesse dessa ninharia motivo de deleite.

Há outras não menos apreciáveis.

* * *

Uruburetama destina-se a grande futuro, não só pela uberdade do solo, idêntico em grande parte de Maranguape, Aratanha e Baturité, mas ainda pela índole empreendedora de seus filhos.

É pena que a dificuldade de vias de comunicação embarace o desenvolvimento que era de esperar de sua agricultura e comércio, pois se perde grande parte de seus produtos por falta de transporte cujo preço atualmente absorve o valor dos gêneros.

Entretanto se, em vez de atravessar a estrada de ferro de Sobral regiões imprestáveis, tivesse partido da Capital passando por aqui, pela Imperatriz, Aracatiaçu, municípios plantadores, que aumento de riqueza para a Província, para o Govêrno, para os particulares!

Estariam já em outro pé de prosperidade, contando com os recursos de que dispõe.

Mas, resignem-se os uruburetamenses; assim entenderam os senhores dêste país de infames, quis dizer, de escravos.

Talvez não esteja longe, porém, o dia em que possamos vingar estas e outras afrontas que se nos têm feito.

Tenhamos fé que êle há de chegar, há de chegar mais cedo ou mais tarde.

* * *

Nada mais me restava fazer senão agradecer aos cavalheiros, Dr. Oton, Vitalino Rodrigues Peixe, Luís Cordeiro, Antônio Sales Sobrinho, Antônio Augusto de Castro, Manoel Tandaia, Coronel Antônio Teixeira Bastos e Raimundo Pinto Cavalcante, a troca de sua amizade.

Ofereço-lhes em compensação ao seu muito afeto o meu pequeno préstimo, onde quer que me ache.

Depois de abraçá-los estreitamente tomei o caminho da Imperatriz no dia 14 pela manhã, preferindo a estrada da serra à que se dirige pelo Arraial, cujo trajeto já me era conhecido

À parte pequenos desvios por fôrça da conformação da montanha, a estrada segue sempre rumo de norte

Desde o comêço da ladeira se vê a grande pedra de Santa Rita, que fica à esquerda, e durante algumas horas, enquanto não se chega ao cimo da serra, aí está ela sempre ao lado a prumo, sobranceira, alcantilada, como se o viajante não saísse do mesmo lugar.

Atingida, ao fim, a cumeada, mudam-se as posições com o aparecimento do nôvo cenário.

Até então robustas árvores, cujas copas nos abrigam dos raios solares, trazendo-nos sombra e frescura; e agora sùbitamente rasgam-se os horizontes, a extensão se apresenta em frente sobremodo acidentada, por onde a vista se delicia em acompanhar as ondulações do terreno em grande parte agricultado e revestido da valiosa gramínea que produz açúcar.

Ao lado esquerdo, em altura de muitos metros, campeia a mata secular, donde o grito agudo das arapongas ecoa além, repercutindo pelas quebras e claros da montanha.

Que diferença entre o vale e a serra!

Lá embaixo a aridez do solo, a tristeza, a sequidão, a vista cansada da contínua e desolada perspectiva; aqui, colinas sobrepostas umas às outras, cobertas de verdura que simulam na distância macio tapête à suavidade da luz do sol; o murmúrio das cascatinhas rolando as águas no escuro da mata, cuja música merencória se casa ao cicio da aragem na ramalhada dos arvoredos; lindas paisagens, alegrias da natureza,

figuras caprichosas das rochas, rumôres, enfim, que indicam a presença da habitação do homem do trabalho.

Por um e outro lado da estrada inúmeros sítios, onde se plantam canas, fruteiras e cereais.

* * *

Em certa paragem assisti a uma destas cenas descritas por Mr. de Quatrefages, relativamente à luta entre os melros da Guiana excitada pela rivalidade na época dos amôres.

Eram três galos de campina (**Pyrgita cucullata**), dos quais dois, os amantes, ostentavam suas habilidades, desdobravam a mimosa plumagem, tomavam atitudes estranhas, acompanhando êstes movimentos com a mais extrema variabilidade de cantos trinados magistralmente.

Terminava um, o outro começava o veemente desafio.

A princípio a fêmea parecia indiferente; mas depois deu a um a preferência, esvoaçando para êle com os arroubos de enfeitiçada paixão.

É o fato comum, quando não vivem os pássaros em casais, como acontece com êste galante conirrostro.

Darwin já o havia observado, especialmente entre as aves-do-paraíso (**Paradesia apoda**), da mesma ordem daqueles e refere inúmeros casos para comprovar a sua doutrina da seleção sexual, sendo, no entanto, não menos admirável o que escreve R. de Schombrugk acêrca do decidido gôsto que tem o galo-da-serra (**Rupicula aurantia**) da arte coreográfica, em cujos exercícios as fêmeas assistem com prazer e até aplaudem com a voz os artistas.

Esta espécie é do Brasil.

Afirma Brehm que as danças podem comparar-se aos combates dados entre os machos de outras aves, e umas e outras se executam em homenagem às fêmeas.

Eu ia assim refletindo, quando se me apresentou a pitoresca povoação de Assunção, com sua capelinha e algumas casas esparsas no fundo de estreito vale.

As colinas em derredor são cultivadas e produzem cana e cereais.

A formação dêsses terrenos consta de barro vermelho procedente da decomposição de rochas graníticas, em muito semelhante à da Maranguape, menos úmido o solo em conseqüência da diferença de altitude.

Deixei a povoação à esquerda, e comecei de subir altos íngremes e desiguais, em cujos cumes a cada passo se desdobravam diante de mim os mais agradáveis panoramas, notando-se no entanto por tôdas essas paragens o estrago excessivo das matas.

Adiante, cêrca de seis quilômetros, o aparecimento das frondes de extenso coqueiral anunciava-me um centro mais populoso, mais larga região habitada.

Era, de feito, a Vila Velha, como é conhecida a antiga Imperatriz, situada numa assentada desigual da serra, cuja decadência sente o viajante logo à entrada.

Seu fundador foi Jerônimo de Freitas Gimarães, que em meado do século passado veio aqui estabelecer-se e a sua casa existia até o ano de 1884, quando foi demolida por ter caído em ruínas.

Foi criada vila por decreto de 17 de outubro de 1823, inaugurada em 16 de julho de 1824.

Tem duas escolas mantidas pela Província para um e outro sexo.

Apesar da sua posição magnífica num pedaço de terreno fertilíssimo, da excelência das suas águas, de outras vantagens que lhe advêm da atividade dos habitantes, Vila Velha retarda atualmente a marcha progressiva que encetou, tendo sem dúvida para isso concorrido a transferência da sede da vila para Itapipoca em 1862.

Por ser muito tarde, não pude, como pretendia, visitar a vila, e da estrada que passa à sua esquerda, em terreno mais elevado, voltei-me para medir-lhe visualmente as dimensões e avaliar quanto possível a importância de seu comércio e movimento industrial.

Foi de tristeza a impressão que me ficou, parecendo-me

que aquêle povo heróico em tempo de provança, cedia de sua energia e retrogradava criminosamente em relação a outros do sertão sêco e baldo de recursos.

Passei adiante.

Sempre e por tôda parte, terras aproveitáveis e frescas esperando que a agricultura as venha amanhar, mas em geral despidas do seu ornato natural, a mata.

Nos lugares habitados verdadeiro desleixo, ignorância completa dos processos modernos de tirar do solo o maior proveito possível: pois que nem sequer se planta fruteiras que devem desenvolver-se ràpidamente e produzir o **deleite** de suas mesas.

Tudo o que se faz neste sentido é pequeno, ruim, insignificante e mal dirigido.

À uma hora da tarde, ao dobrar uma curva da ladeira, avistei a vila de Itapipoca, o grande açude da Madalena ao oriente desta, o vale, o sertão, e lá ao longe, em frente, os alvos cômoros de areia das praias de Mundaú.

Minutos depois me recebia em sua casa, com a amabilidade que lhe é peculiar, o meu velho amigo Raimundo Vóssio Brígido dos Santos.

* * *

Assentada na raiz da serra para o lado do norte, 48 quilômetros distante de S. Francisco, Itapipoca ocupa terreno plano com pequena depressão no meio da rua em conseqüência da passagem do sangradouro do açude.

Esta, onde se acham os edifícios públicos e os melhores particulares, apresenta grandes interrupções na edificação, e se estende de sudeste a nordeste.

As outras, traçadas em sentido contrário, são: do Progresso, mais pròpriamente extensa praça com pouco menos de 35 metros de largura, que vai se estreitando a sudoeste, em cujo ângulo esquerdo dêste lado fica a igreja-matriz, templo pequeno, baixo e pobre, inferior à capela de S. Bernardo, da Capital; a do Fogo, menor que esta, a qual intercepta o pro-

longamento do beco José Paiva, que atravessa a mencionada do Progresso na parte de nordeste.

Algumas casas, enfrentando o oitão esquerdo da igreja, forma a travessa da Matriz; e mais além, caminho da serra, outras dispostas de um só lado, frente para sudeste, a rua da Boa Vista.

É grande o perímetro da vila em conseqüência de serem as casas espalhadas aqui, ali, além, na planície; mas seu número talvez não atinja a duzentas.

No extremo da rua da Municipalidade, lado nordeste, se encontra o paço da Câmara municipal, que ocupa o centro de largo espaço murado, em cujo recinto se acham igualmente a cadeia e o quartel.

Transposto o portão de ferro, apresenta-se logo a escada que conduz ao andar superior, e aí ao lado esquerdo se vê a sala das sessões regularmente mobilada.

Os outros compartimentos dispõem do mesmo asseio.

* * *

Das janelas da frente se goza de uma vista encantadora pela variedade de perspectivas que apresenta a extensão.

A hora que aí me achava, esplendia o sol com todos os fulgores de seu brilho, e ao reflexo dêste dilúvio de chamas a cinta prateada dos morros brancos da praia, na distância de 60 quilômetros, cintilava suavemente na meia-tinta e vapor sutil do horizonte.

À esquerda, a vegetação desolada do sertão apresentava côr pardacenta, um tanto opaca, que se obscurecendo ao longe, infundia ignota tristeza; ao passo que do lado contrário se desenhava frouxamente e com vagos contornos em pleno azul o perfil da serra, inundado de ondas de pura luz, cuja harmonia fazia mais sobressair a transição da côr triste do vale para a risonha da montanha.

A transparência do céu, o brilho do sol, a indecisão dos contrastes, a limpidez dos perfis, a fôrça e firmeza de tons

de uma natureza exaltada pela tensão do calor, dão a esta vista imensa um esplendor deslumbrante e vertiginoso.

Eu amo entretanto estas paisagens de aspecto rude, êstes efeitos da luz, esta atmosfera diáfana, êstes horizontes dourados, estas rochas nuas que mergulham o cimo no azul infinito, êste ar quente que nos agita o sangue, nos enche a alma de sonhos e o olhar de clarões.

Minutos depois tive que descer para continuar minha excursão.

* * *

No fundo, dentro da muralha, se acha a casa com os cômodos precisos, destinada à habitação do oficial comandante da fôrça destacada.

Adiante está uma praça, fechada de um lado pelo muro da Câmara, do outro pelo prédio da escola pública, na face sudoeste da qual se sentaram os alicerces da nova igreja, que deve servir de matriz, cujas proporções prometem um templo magnífico; infelizmente, porém, as paredes não chegaram à altura de receber a coberta.

A escola é um prédio bom, alto, espaçoso, acabado ao jeito das modernas construções.

Além, sempre em direção noroeste, fica o espaço quadrangular cercado de estabelecimentos comerciais, com frentes para todos os lados que serve de mercado.

Não é grande, mas de tamanho regular e se acha concluído.

Nas lojas abundam gêneros alimentícios e alguma mercadoria estrangeira.

Tanto aqui, como nos demais estabelecimentos espalhados nas outras ruas, em pequeno número, se nota a insignificância das transações, a escassez de consumo, a pouca afluência de fregueses, sendo raro ver-se, como em S. Francisco, a elegância, a forma das armações, dos armários, balcões, vitrines, prateleiras de qualquer loja de modas.

* * *

A vila tem excelentes arrabaldes.

O açude da Madalena para o lado de sudeste está situado em magnífico local.

Com grande volume de água, contornado pela serra, apresenta a mais soberba perspectiva pela delicadeza, pela limpidez com que no espelho liso e igual da superfície se refletem as côres do céu e as sombras da montanha.

Embaixo a extensão prateada aos raios solares e expelir continuamente vívidas cintilações ao mais leve roçar da asa da brisa, e além o verde-negro da vegetação montanhesca sempre carregada de tons coloridos e variados.

É propriedade do Sr. Domingos Francisco Braga, e presta grande serviço aos habitantes da circunvizinhança.

* * *

A primeira freguesia no município da Imperatriz foi S. Bento da Amontada, criada por Provisão de 30 de agôsto de 1757, compreendendo as ribeiras do Mundaú, Aracatiaçu, Aracati-Mirim, e suas vertentes e praias, cuja sede foi transferida para a capela de N. Senhora das Mercês da vila da Imperatriz, hoje S. José da Imperatriz, pela Lei n.º 364, de 29 de julho de 1846, e depois para a Itapipoca, que tomou a primeira denominação, Lei n.º 1.249, de 22 de dezembro de 1868, tendo passado a vila e comarca pela Lei n.º 4.011, de 3 de novembro de 1862.

A comarca foi criada pela Lei n.º 591, de 21 de outubro de 1852, compreendendo os têrmos da Imperatriz, S. Francisco e Trairi (Lei n.º 1.814, de 22 de janeiro de 1879, art. 1.º, § 3.º).

O primeiro têrmo tem juiz letrado por Decreto n.º 472, de 29 de agôsto de 1846, e n.º 809, de 30 de julho de 1851; o segundo por Decreto n.º 6.333, de 20 de outubro de 1876, e o terceiro por Decreto n.º 6.308, de 20 de outubro de 1876.

É comarca de primeira entrância (Decreto n.º 1.872, de 26 de novembro de 1852, e n.º 5.195, de 11 de janeiro de 1773).

O distrito de Arraial foi reunido a êste têrmo por Lei n.º 1.771, de 19 de novembro de 1878, tendo sido por Lei

n.º 2.045, de 9 de novembro de 1883, desanexado dêste para o de Trairi o distrito de Mundaú.

Tem quatro distritos de paz: o da Imperatriz, transferido de S. Bento para esta vila, Lei n.º 150, de 2 de setembro de 1838, art. 8.º; o do Arraial, criado pela Lei n.º 783, de 3 de setembro de 1857, com os limites traçados pela comarca; o de S. Bento, restaurado pela Lei n.º 253, de 19 de novembro de 1842, e o de S. José, Lei n.º 158, de 22 de setembro de 1838.

* * *

Das informações que colhi acêrca da origem desta vila, soube que em conseqüência da grande colheita de algodão que se fazia na serra, enviavam os plantadores e negociantes a lã em fardos para armazéns aqui construídos pelos anos de 1844 a 1850, sob a guarda de Vicente Xavier de Lima, donde eram transportados em carros para a Capital.

Por causa dêste serviço vieram estabelecer-se no mesmo lugar diversas famílias, principalmente de 1860 a 1865, quando maior preço obteve esta malvácea nos mercados da Europa, em conseqüência da guerra abolicionista da grande república dos Estados Unidos, cuja população foi desviada dos cuidados da agricultura.

Enquanto Vicente Xavier habitava a parte sudeste, Antônio de Oliveira com os seus parentes situavam-se, pelo mesmo tempo, no lado oposto, no lugar Fazendinha, para onde veio mais tarde a família Alves, oriunda da vila de S. José.

* * *

A grande exaltação dos ânimos nas questões políticas tem de algum modo demorado o desenvolvimento desta localidade; pois que procurava destruir a parcialidade dominante, o que conseguia fazer a parcialidade decaída, sendo no entanto mais poderoso o elemento liberal.

Outro motivo tem concorrido para êste lamentável retardamento, e vem a ser a paixão do jôgo; de sorte que boas somas

se transviaram nas lutas partidárias e excessos do pernicioso vício, sem que lucrasse o município outra coisa mais que a triste fama, ficando muitas vêzes os filhos dos gastadores sem instrução e privados dos meios que lhes tornassem fácil a vida.

Hoje, felizmente, a descrença ou reflexão têm modificado êstes desatinos.

Além do algodão que por aqui se planta em larga escala em terrenos apropriados e que produz não pequena receita, ocupa-se também o município da indústria pastoril, contando seu território para mais de 260 fazendas de criar.

A instrução distribui-se do modo seguinte: duas escolas primárias para ambos os sexos na vila, duas no Arraial, duas em S. Bento, uma para o sexo masculino em Aracatiaçu, uma em S. José atualmente vaga, outra em Assunção, idem.

Calcula-se sua população em 16.000 almas.

As rendas arrecadadas pela estação provincial no último exercício montaram à quantia de 11:666$548 réis.

* * *

Entre os homens perversos que puseram em sobressalto os sertões da Província, nenhum se equipara ao facínora, senão infeliz Antônio Braga Cunduru, cujo nome poucas pessoas pronunciam ainda sem sentir certo terror.

Filho de família abastada e de tôda a consideração na sociedade, revelou desde a infância decidida tendência para o crime.

Seus brincos, na primeira idade, eram trucidar os animais pelo gôsto de os ver estorcerem-se nas ânsias de cruciante agonia.

Muito cedo começou a sua carreira de crueldade e devastação.

Conta-se que, ainda môço, indo de companhia com um camarada, encontrara um prêto velho que trazia às costas uma cabaça com mel de abelha.

Pede o mel, e sendo servido sem a mínima repugnância, prossegue seu caminho; mas adiante pára e diz ao compa-

nheiro: "Lembro-me que não paguei ao prêto, por isso volto para satisfazer esta dívida de honra."

O companheiro, que o conhecia de perto, tira-o dêsse propósito; mas debalde, pois que Cunduru, encontrando o pobre prêto, paga-lhe o benefício varando-o com uma bala.

De outra vez obriga a trepar numa carnaúba um indivíduo que tirava os olhos da mesma palmeira para extração da cêra, e logo que atingiu a fronde, fê-lo cair de um tiro, dando expansivas gargalhadas ao choque da queda.

Em certa ocasião, passando próximo a um poço, onde se banhavam crianças, apontou a arma para uma e matou-a para o fim de ver os efeitos da morte na água.

Todos o evitavam, todos o temiam como a animal feroz, para quem é indiferente a lágrima, o gemido, o soluço, a orfandade e a miséria.

No seu terrível fado de assassinar não poupou os parentes nem pessoas de amizade.

Como requinte de perversidade entre uma multidão de fatos cada qual mais horripilante pela frieza com que era praticado, refere-se que uma manhã indo pela casa de um seu compadre, sabe da mulher dêste que êle se acha a tirar leite no curral.

Para lá se encaminha e chegando à porteira cumprimenta-o dizendo:

— Bom dia, meu compadre; vim aqui matar minha comadre, e como você não há de consentir eu o **confisco** primeiro!

Nisto leva a arma ao rosto, e o atravessa com uma bala sem que tivesse êle tempo de desviar-se.

Ao estampido do tiro corre a mulher, e prorrompendo em lamentação, o perverso impõe-lhe que suba ao último varão da porteira sob pena de caber-lhe igual sorte.

A infeliz cede a sua imposição brutal; mas apenas chega ao tôpo, cai impelida por outra bala terrível do bacamarte.

Nas vascas da morte notou êle que a comadre se achava no último mês de gravidez, e por isso saca do quadril uma faca e rasgando-lhe o ventre, extrai a criança a qual batiza sacrile-

gamente com areia, acompanhando êsse ato das palavras sacramentais.

Protegeu a assassinos, fêz que se realizassem casamentos à viva fôrça, chegando sua crueldade a ponto de matar o tio de uma môça para efetuar o casamento dessa com um pardo.

Multiplicavam-se as suas façanhas, repetiam-se os seus crimes, sua ferocidade enchia de horror essas paragens, quando as autoridades de Santa Cruz, não se sabe se de ordem do govêrno, se por mêdo das suas constantes ameaças de uma visita àquela vila, sentaram de opor um paradeiro às correrias dessa fera humana.

Para êste fim, João Ferreira Gomes de Miranda, Tenente-Coronel do meio batalhão da Guarda Nacional de Santa Cruz, manda ao Sargento Francisco Félix de Andrade, que com 11 guardas sigam até à ladeira que desce do Bananal para o Tapucu, e aí emboscados prendam a Cunduru, que na véspera havia passado para casa de seu irmão Francisco Braga, no engenho Gariguê.

Chegando ao ponto designado pela meia-noite, o comandante da escolta reflexiona aos camaradas que havia recebido ordem de prender ou matar a Cunduru, e sendo certo que êle oporia resistência, vindo a ser morto, julgava êste procedimento uma covardia, por isso os convidava para pôr cêrco no próprio engenho, onde se achava o criminoso.

Aceito o convite, para lá se encaminhavam, depois de ter sido mandado um dos guardas a Santa Cruz para comunicar esta resolução e pedir reforços.

Com efeito, só muita coragem os guiava à semelhante emprêsa.

Pelas duas horas da noite é cercado o engenho e levados a chicote os escravos em número superior a vinte para fazerem cessar o serviço da moagem.

Francisco Braga, sabendo de um dêstes o que se passava, tentou abrir uma das portas, quando se lhe impõe: "Não abra que morre!"

Ao clarear do dia, Braga pede para falar ao comandante da fôrça e foi-lhe designada a porta que devia ser aberta.

Do lado de fora pergunta ao sargento pela ordem que trazia, e êste lhe apresentando a arma responde: "A que trago é esta!"

Nesta ocasião, Braga enfurecendo-se replica que para rebater tais absurdos êle dispunha de meios, e mal terminava a palavra quando Francisco Félix, deitando-lhe o punho forte e robusto sôbre o peito da camisa, diz: "Ao tiro que partir da casa ou de outra qualquer parte, será o senhor o primeiro que há de morrer!"

Depois entrega-se ao guarda Antônio dos Santos, a quem recomenda que cumpra a ordem.

Braga, prêso de modo tão inesperado, chora de raiva.

Sua senhora tem larga conferência com o sargento, terminando por lhe oferecer presentes e dinheiro sob a condição de dar fuga aos assediados, mas debalde; êste lhe declara que não há riqueza capaz de o corromper, e que se desejava salvar seu marido, o meio era a entrega de Cunduru.

Nada conseguindo, pede ainda para mandar comunicar o ocorrido aos parentes na vila da Imperatriz, na distância de quatro quilômetros, e lhe é concedido generosamente.

Hora e meia depois assomou no alto da fazenda numeroso grupo de cavaleiros da primeira sociedade daquela vila; mas ao aproximarem-se da casa, fêz o sargento que convergissem para o lado dêles as armas dos guardas e gritou: "Façam alto, só podem vir de um em um!"

Ao que se apresentou o primeiro, concedeu êle 10 minutos de conferência com a senhora de Braga, e igual tempo aos outros, de sorte que terminada a visita do último, a senhora vem ter com o marido e diz-lhe que os parentes haviam convencido a seu cunhado Antônio Braga que se entregasse à prisão, pois que se dinheiro valia alguma coisa, êle em breve seria pôsto em liberdade.

À vista dessa resolução Francisco Braga cede também, e por seu consentimento penetram na casa os soldados.

Cunduru é encontrado de pé no centro de uma das salas, com os braços cruzados sôbre o peito, e completamente desarmado.

Ao dar com os olhos nêle, o guarda Antônio dos Santos exclama: "Ora! Ora! é êste o tal Cunduru? Não dava para uma **tragada** do meu cachimbo!"

O facínora imediatamente responde com certa arrogância: "Apesar da pequena figura que vêem, garanto que tiveram mais mêdo de mim que eu de vocês!"

Prêso Cunduru, seu irmão pede a Francisco Félix que o deixe sair de sua companhia como homem, do mesmo modo por que se havia rendido, e foi permitido até o lugar em que o entregasse.

Veio então um cavalo de sela arreado e na ocasião em que Cunduru deitava as esporas e procurava montar, o sargento reflexiona a Francisco Xavier que se esquecera dizer-lhe que o guarda Antônio dos Santos iria na garupa.

Feito isso voltaram a Santa Cruz.

Quase no cimo da ladeira do Tapucu, adiante do Bananal, encontram a fôrça que vinha em seu auxílio, composta de cêrca de 200 praças, ao mando do Tenente-Coronel João Ferreira Gomes de Miranda.

Aí manda Miranda tirar as esporas de Cunduru e amarrar-lhe as pernas na barriga do cavalo, sendo em seguida colocado no centro da tropa.

Depois de conversar com um dos guardas que viera à sua companhia, o tenente-coronel parte a galope.

Adiante, onde se vêem grandes cavernas na margem da estrada, Cunduru ouve na sua retaguarda engatilhar uma arma, e voltando-se sôbre a pá do cavalo brada: "Soldados covardes que assassinam um homem amarrado; se me querem matar, dai-me uma arma e deixem que eu morra no meio de vós!"

A estas palavras, Antônio dos Santos aproxima-se do prêso e diz: "Aquêle que atirar em Cunduru, morre também!"

O que é certo é que o soldado pretendeu tirar a vida a Cunduru, e que o fazia por ordem do Tenente-Coronel Miranda.

Felizmente, sem mais incidente, chegaram a Santa Cruz, onde se tratou logo de remeter o criminoso para a cadeia da Capital; mas receando êle ser morto no caminho, ofereceu-se

o Capitão João Teixeira Bastos para garantir-lhe a vida, o que cumpriu fielmente dormindo com êle até na mesma rêde.

Da Capital foi mandado para o presídio de Fernando de Noronha, onde se evadiu tempos depois com cinco companheiros.

No meio dos mares, quando já não tinha esperanças de salvar-se, ergueu os olhos para o céu e prometeu à Santíssima Virgem de nunca mais fazer mal a seu semelhante, se escapasse da morte; pois dos companheiros apenas restava êle.

Exausto de fôrças, morto de fome e cansaço, caí afinal sem sentidos nas praias de Almofala; mas tratado a tempo por um vaqueiro que era justamente pessoa da casa de uma sua tia afim, restabelece a saúde e volta para junto da mulher, em cuja companhia viveu algum tempo completamente mudado.

Um dia, tendo sabido que esta, que era a mulher mais formosa daquele tempo, lhe havia na ausência dado um filho adulterino, o qual à notícia de sua chegada fôra mandado esconder, não pôde conter-se, limpa o seu bacamarte e prepara-se para vingar a afronta, quando o govêrno, que tivera conhecimento de achar-se êle no têrmo da Imperatriz, ordena ao destacamento de Sobral que no seu regresso à Capital empregue a necessária diligência para capturá-lo.

Nesse mesmo dia é cercada a casa de sua fazenda pela fôrça sob o comando do Capitão João Domingos Tôrres.

Não tendo sido encontrado o criminoso, continua sua marcha o destacamento, e ficando na sala um dos soldados, dirige à sua senhora palavras equívocas, e esta se julgando ofendida, repele-o enèrgicamente.

Nisto, Cunduru, que estivera sempre debaixo das roupas da senhora, aparece num segundo, e dominado de justa indignação tenta castigar o insolente.

O soldado corre, chama os camaradas que já iam a certa distância e dentro em pouco é prêso Cunduru.

Remetido de nôvo para Fernando de Noronha, de lá torna a se evadir, e corre como certo que vive no centro da Província do Pará, com outro nome, já velho e inteiramente regenerado.

Pessoas que o conheceram afirmam que é um modêlo de paciência, e que emprega o seu tempo sòmente em fazer o bem, como verdadeiro apóstolo da caridade.

* * *

Desembaraçado das ocupações que me prendiam à vila, resolvi visitar os Picos, monte elevado que se apresenta a seis quilômetros em frente da casa do Dr. José Francisco, que me fôra cedida por alguns dias.

Assim, dispostas as cousas, na madrugada do dia 24, eu, o Capitão Raimundo Vóssio e seus filhos, armados cada um de bastão para auxiliar a subida, pusemo-nos em marcha, galgando em breve terrenos íngremes e por vêzes de difícil ascensão.

Com algum trabalho chegamos ao cimo, sendo de quando em vez obrigados a abaixar-nos ou saltar por sôbre intrincadas rêdes de cipós.

Aqui é rigorosa a vegetação, por entre a qual dominam as maçarandubas de caules eretos, que atingem 12 e mais metros de altura, cuja altaneria lhes dá ar grave a samambaia (**Tillandsia usneoides**) pendente dos ramos.

Contornando o monte pelo lado de nascente, quase ao tôpo voltei-me e admirei a magnificência do panorama que se desenrolava além.

Por uma infinidade de cabeços, desiguais, de côr verde-esmeraldina, e feito das árvores que os coroam, ou simplesmente enegrecidos pela nudeza das rochas, se descobre ao longe numa zona iluminada e fortemente colorida o florescente povoado do Arraial; e no lado oposto a cinta branquejante da estrada que se prolonga em linha reta até S. Bento da Amontada, a 42 quilômetros de distância da vila.

No momento em que o sol ia aparecer, eu vi desenhar-se no fundo do vale o recorte dos montes fronteiros, que ocupavam o grande astro, podendo se observar a diminuição da sombra projetada pelos cimos.

As árvores daquele lado revestiam neste momento o brilho

coruscante da prata em fusão, e aumentando a chuva de fogo, cada uma perdia sua auréola deslumbrante.

As fôlhas, banhadas da luz mais intensa, expeliam de sua superfície lisa e brilhante vívidas centelhas ao leve embalo da aragem matutina.

Naquele oceano de côres e cintilações, os troncos mais espessos escapam ao sol e desenham suas hastes sombrias no azul iluminado, parecendo que diminui seu diâmetro pela irradiação que os circunda.

Ao longe, por onde alcança a vista, a superfície modela-se em contornos transparentes, linhas suaves, harmoniosas como a música; e no escuro das moitas o soído rítmico e melodioso dos insetos nos acalenta o ouvido suave e agradàvelmente, soído que John Luccock, tendo penetrado as nossas florestas, descreve com vivas côres no seu livro **Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil: "The noise in these woods, during the day time made, by frogs, grasshoppers, cricktes and cigarras, was truly astonishing. It communicated to the mind an idea as different as possible from solitude, and taught the wanderer that, though at a distance from the hum of cities, he was surrounded with myriads of animated beings."**

Ó natureza sublime, templo de Deus, poesia das almas ternas, quem pode traduzir o encanto supremo de tua beleza, as esplendorosas manifestações de tua majestade ao experimentar essas doces comoções que acordam na harmonia dos teus concertos, no silêncio de tua solidão!

* * *

No centro da pequena área que forma o cume, vê-se abrigada, à sombra das árvores, uma cruz de madeira, que ali fôra deixada pelos membros da Comissão Científica.

Embaixo a vila se delineava com suas sinuosidades em pequenos traços, como numa carta geográfica em fundo avermelhado, com a diferença de que as casas minguavam de proporções e os homens tornavam-se pigmeus, vagando lentamente pelas ruas.

Ao examinar a natureza dos terrenos em derredor, a variedade da vegetação, os entes que povoam êste ameno retiro, ameno pela doçura da temperatura e mais ainda pelas belezas que nos surpreendem a cada passo, não pude deixar de sentir certa indignação, vendo diversas hastes de maçaranduba derrubadas a golpes de machado para se extrair de algum galho um pouco de mel de abelhas.

Santo Deus, quanta ignorância!

O govêrno já podia se abstrair dos labôres da política que nos traz a todos empenhados em luta sem proveito, para criar leis que impeçam esta obra de selvageria que continua seu fado de destruição e há de concluir por tornar a Província tristonho deserto.

É cedo ainda!

* * *

Como lembrança de minha visita àquelas paragens deixei entalhadas na camada cortical de um goiabinha (**Psidium** sp), as iniciais de meu nome e por baixo das letras a data do ano.

Depois acumulamos madeira sêca sôbre a pedra mais saliente do lado noroeste, que simulava pequena plataforma, deitamos-lhe fogo e retiramo-nos descendo por caminho diverso, mas não menos atrativo do que aquêle por onde havíamos subido pela manhã.

As chamas se atearam agitadas pelo vento fresco da tarde, e ainda à noite se via da vila aquela parte do monte iluminado, produzindo mágico efeito sob a escuridão do céu.

* * *

Em casa fui surpreendido pela alegria mais doce que pode encher o coração de um pai.

Recebia cartas da família, das quais estivera privado por espaço de quatro meses, enquanto atravessava os pontos mais longínquos.

Como minha alma se espandia em calma satisfação! Como eu comovido interpretava as palavras de Heloise com a mesma ternura que as ditara: **Qu'il est doux de recevoir une lettre d'un ami absent!**

Ah! eu tinha razão; já um poeta britânico havia dito: os ausentes são os mortos — **the absent are the dead.**

Senti-me robustecido e disposto a prosseguir com mais coragem minha enfadonha peregrinação.

* * *

Faltando ainda visitar uma curiosidade no arrabalde, no dia seguinte dirigi-me à fazenda **Taboca**, cêrca de três quilômetros em rumo norte.

A poucos passos da casa, sôbre a margem de um riacho, se vê uma pedra que nada tem de atrativa, mas na face superior apresenta o rasto de um pé de homem, e próximo o de um menino.

Quem o deixou ali? Em que tempo?

Teria por acaso êsse mortal assistido à formação do granito quando começou a solidificar-se? Se assim foi, por que só deixou a forma de um pé?

Não teria sido algum bípede alado, que pousando neste lugar, sentiu afundar-se a pedra e ergueu de nôvo o vôo receando submegir-se?

Segrêdo profundo!

* * *

Sentei afinal de deixar Itapipoca no dia 26 e dei ordens a José Leandro para tratar dos aprestos da viagem.

Êste volta pouco depois a comunicar-me ser impossível a partida neste dia, em conseqüência de não se ter abatido nenhuma rês para o consumo da população; portanto estávamos nós também privados do mantimento preciso.

Nos dias 27 e 28 o mesmo motivo nos retinha ainda, quando

resolvi fazer provisão de algumas galinhas, e assim preparados pusemo-nos a caminho ao romper da aurora do dia 29.

O prestimoso amigo Raimundo Vóssio, de quem eu havia recebido o mais cordial tratamento junto à sua ex.ma família, deu-me ainda ao abraçá-lo, na hora da partida, uma carta em que me presentava ao cavalheiro José de Paula Ribeiro Pessoa, do Acaraú.

* * *

Pouco além da vila o caminho apresenta logo sinais visíveis da aproximação do litoral.

Ao longo da estrada se mostram de um e outro lado excelentes fazendas de criar.

Adiante torna-se o terreno ondulado, composto em grande parte de terra grossa e seixos rolados.

À direita uma casa apresenta sôbre a portada, em letras gordas, o dístico **Café**, e apesar de intenso calor produzido pelos raios de um sol de fogo, apeamo-nos um instante, enquanto nos serviam da saborosa bebida.

Vencidos mais alguns quilômetros além na nossa frente a igreja de S. Bento e os telhados das casas.

A vegetação em todo êste percurso é despida de folhagem, sobressaindo por vêzes aqui, ali e além alguma árvore de copa verdejante.

Minutos depois, cêrca de 12 horas, atravessamos as duas ruas que formam os lados da praça em cujo centro se acha a igreja, belo templo de grandes proporções, o qual enfrenta com outra rua que fecha o quadro.

A igreja tem 23 metros de comprimento com 10 de largura, 14 de altura e dois de frontispício.

Situado sôbre a margem direita do rio Aracatiaçu, S. Bento apresenta perspectiva mais alegre que a da vila da Itapipoca, muito embora inferior em edificação.

Há, no entanto, aqui mais animação, mais vida, e até mesmo mais sociabilidade.

Em conseqüência do impulso que lhe imprime o capitalista Francisco Barroso Valente, promete vir a ser em breve uma importante localidade.

Êste senhor toma por seu desenvolvimento o mais vivo interêsse.

As terras baixas, próximas do rio, prestam-se perfeitamente à lavoura, mas sua riqueza provém dos gados que se criam em diferentes fazendas no distrito.

Pela aproximação em que está do oceano, torna-se mais farto em conseqüência da quantidade de peixe que abastece seu comércio.

* * *

Depois do descanso preciso, partimos para a viagem da tarde.

Pouco além transpusemos as barrancas escalvadas e enegrecidas do rio.

As frondes das carnaúbas, sobressaindo aqui e ali a pequena mata sombreada de tons suavemente pardos pela dilatação da planície, produziam doçura indizível à luz frouxa do crepúsculo.

Eu sentia a melancolia vaga do céu que nos arrasta irresistìvelmente à meditação; o encanto dêste esvaecimento terno da tarde que tanto surpreendeu a Thomaz Lindley, e o levou a dizer na sua **Voyage to Brazil**, que "**cannot be surpassed to any climate; this part of the day after the extreme warmth is irresistibly inviting**!"

Quase noite, José Leandro me mostrou empoleirada no galho sêco de uma elevada cesalpínea a rapinante uacauã (**Falco cachinans**), que eu tanto desejava ver e cujo canto já havia ouvido em terras da fazenda **Santa Maria**, próximo a Santa Quitéria.

Seu canto breve e agudo, que se assemelha, segundo John Loccock, ao grito de uma **person suddenly alarmed**, é tido por agoureiro e só se faz ouvir em noites de luar.

Entre as jovens tapuias supersticiosas do rio Iamundá é tão tímido que lhes causa ataques histéricos, diz o Dr. Barbosa Rodrigues.

Classificada na terceira família da subordem das aves de rapina diurnas, a uacauã tem, no entanto, os hábitos dos serpentários; pois que como êste reptilívoro se alimenta de répteis e principalmente de serpentes, com a diferença de que só se demora no solo o tempo preciso para empolgar a prêsa.

As cobras a temem, e Aires do Casal afirma que os índios para poderem andar à noite pelo mato, imitavam o seu canto, e assim se preservavam de ser mordidos.

* * *

Enquanto assim refletia, a lua escondeu-se na curva do poente, e no entanto a noite, como tôdas as noites do sertão, parecia quase um pôr do sol: era de uma profundeza e brilho admiráveis.

O céu mostrava-se azul, de um azul sombrio, rico, aveludado; as estrêlas cintilavam com um ouro magnífico, e as nuvens na abóbada insondável rarefaziam-se em véus tênues, sedosos, ondulando como a roupagem da noite.

O vento passava de manso a segredar nas fôlhas emurchecidas das árvores, e o silêncio profundo era apenas interrompido pelo cricri de algum inseto noctívago, que emudecia ao bater das patas das cavalgaduras.

Cêrca de 10 horas paramos na primeira habitação que nos ficava à direita, no lugar Floresta, e pedimos agasalho.

Ninguém nos respondeu.

Já era tarde, e tendo caminhado 18 quilômetros acomodamo-nos o melhor possível, convencidos de que os donos voltariam dentro em pouco do seu passeio.

Custando a aparecer, José Leandro e o seu companheiro me afirmam ter ouvido gemidos que partiam de dentro, e mais por piedade do que por outro qualquer sentimento, penetramos no interior.

Atravessamos a primeira sala, a segunda, o corredor, um

quarto, mais outro, a sala de jantar, a varanda do fundo, e nada encontramos.

Passamos aos currais de gado, aos de ovelhas, a tôdas as dependências enfim, e voltamos com a certeza de que aquela habitação estava abandonada.

Apenas chegamos fora, onde se achava nossa bagagem, dizem-me os arrieiros que os gemidos continuavam com mais insistência.

Nada tendo ainda ouvido por mais que aplicasse o ouvido, sentia-me no entanto dominado de ignoto terror.

Esta casa é mal-assombrada, dizia José Leandro; convém que saiamos daqui sem demora.

Apesar do mêdo eu me conservava calado.

Lembrava-me do que refere Henri Koster na sua viagem do Açu ao Aracati, quando descansava na casa mal-assombrada em Areias, onde haviam sido assassinados os donos pelos escravos, de sorte que corria o boato de que o marido vinha alta noite tanger a bengaladas os hóspedes.

Koster teima em ficar na casa, passa a noite e retira-se ao outro dia em paz.

Imitei o seu exemplo, mas não tirava os olhos da porta da sala, esperando a cada instante ver surgir daquele lado a alma penada.

Os arrieiros armaram as rêdes a alguma distância nos galhos de umas árvores em frente.

Adormeci de cansaço e não tinha ainda recuperado as fôrças abatidas pela vigília, quando sou despertado por José Leandro que me apresenta uma chávena de café, anunciando ser hora de partir.

Tudo estava pronto.

À luz de um fósforo consultei o relógio: duas horas e quarenta e cinco minutos.

Deixamos afinal aquêle lugar sinistro.

A noite era clara e transparente ao brilho das constelações, a cujo efeito os arvoredos parece que produziam sombra fraca e sutil.

De todos os lados o terreno se apresentava plano, igual,

em grande parte arenoso, dominando nas várzeas as palmeiras copernícias, que rumorejavam com doce cicio aos embalos da brisa nos leques recortados.

De quando em vez o grito soturno do nictério caboré (**Strix** sp) mais ou menos distante ecoava interrompendo o silêncio daqueles ermos.

Quando o sol se mostrou no horizonte, tínhamos caminhado 30 quilômetros, e chegávamos ao lugar Surucuju, onde resolvi descansar da viagem da noite.

A casa fica numa meia-colina, um pouco arredada da estrada.

Daqui se vê largo espaço que se estende em frente.

Nada nos restando mais das provisões que havíamos trazido, ordenei a José Leandro de comprar aos donos da casa alguma ave de criação para o almôço.

A mulher recusa-se a vender, e chegando minutos depois o marido, crimina acremente ao arrieiro de não ter trazido víveres suficientes para a viagem.

Intervim, dizendo-lhe ser impossível depois de um percurso de mais de 1.800 quilômetros, mas que trazia dinheiro suficiente, que valia a mesma cousa.

Escusou-se ainda, e, de foice às costas, desceu a pequena ladeira e internou-se na mata.

José Leandro volta de nôvo junto da dona da casa, faz-lhe sentir as minhas boas qualidades, o importante cargo que eu exercia na Capital, meu parentesco com o Presidente da Província e outras cousas que êle lá inventa, mas perdeu seu tempo e sua prosa.

A mulher era insensível como uma rocha.

Entretanto, enquanto isto se passa, eu via por todos os lados esgravatando a terra inúmeras galinhas e bandos de guinés (**Numida meliagris**), que desafiavam o meu apetite.

Resignei-me afinal.

Logo depois a senhora me apareceu e significava seu pesar em não me poder servir, quando entra na sala rolando em convulsões uma guiné.

José Leandro, que se conservava em pé com a mão esquerda

segura ao punho de minha rêde, exclama: "É o ar do vento, ave Maria, sinha dona!"

— Mate, seu homem! grita a senhora. E não tinha terminado a palavra já o corneta-mor torcia a cabeça da pintada.

Em seguida entra outra, e logo após outra, acometidas do mesmo mal.

A pobre senhora um tanto aterrada balbuciava maquinalmente um prolongado xi!... enquanto que José Leandro era só acabando de matá-las para não se comunicar o mal aos restantes.

— Está vendo? diz êle, foi castigo por não ter vossemecê dado de comer ao patrão, que aliás lhe pagava com generosidade.

Agora vou prepará-las para o almôço, porque sei de um remédio, com o qual se pode servir da carne sem perigo. Haverá por aí algum limão?

— E o senhor será capaz de comer ave morta do mal? — perguntou-lhe sobremodo admirada a senhora.

— Ora! ora! Já estou acostumado, responde frescamente José Leandro.

De feito, ao cabo de vinte minutos mais ou menos sou convidado para o almôço, mas rejeitei apesar da fome que me tornava triste.

Instado repetidas vêzes recuso ainda; ao passo que o velho soldado para me convencer que não havia risco, devorava na minha presença diversos pedaços com avidez admirável e fazia-me sinal para que o imitasse.

Quando me sentei junto à mala que servia de mesa, e levei à bôca a primeira trincha, a senhora torcendo as mãos brada em tom exclamativo: "Virgem Nossa Senhora!"

Comecei com receio e terminei satisfazendo-lhe a vontade, bem convencido de que não morreria dessa vez.

Nada sofri.

Quase à hora da partida, tendo-me afastado alguns passos da casa, José Leandro acompanha-me e então explica que as guinés não haviam morrido do mal, mas que em vista da ruindade da gente da casa, êle havia deitado farinha num

pouco de aguardente por tempo de 10 minutos e atirara o pirão às que se encaminhavam à casa, tendo tido o cuidado de entrar antes que se desse a embriaguez infalível das pintadas.

Ri-me da astúcia própria do soldado, e procurando a dona da casa para lhe pagar o excelente almôço, ela negou-se a receber qualquer importância.

Foi preciso convencê-la de que a morte das suas guinés se dera em conseqüência de **mandinga** do arrieiro, mas ela achava impossível, visto como a doença era exatamente a do ar do vento, ave Maria!

Agradeci-lhe a hospedagem e partimos.

* * *

Ainda de dia pude observar que quase todo o solo daí para diante era ora arenoso, ora de argila preta, e a estrada aqui mais larga, ali mais estreita, circundando as margens dos baixios diversas espécies de combretáceas.

Com pouco saímos numa grande várzea coberta de viçosas carnaúbas, onde as jandaias (**Conurus aurifrons**), aos gritos de uma que eu trazia, esvoaçavam em tôrno da prisioneira, expelindo das asas e pescoços cintilações de ouro ao reflexo dos raios do sol.

Se baixavam o vôo em movimentos rápidos e trêmulos a irradiação parecia de ouro e azul-brilhante.

Acompanharam-nos por muito tempo e seus gritos repercutiam além de modo retinente.

Adiante o caminho se estreita fechado dos lados por árvores ainda revestidas de folhagem, e quase ao sairmos fora, tivemos de desviar-nos para dar passagem a uma senhora môça e mui formosa que montava fogoso cavalo, e trazia sôbre a perna uma criança de dois anos, sendo seguida de perto por uma preta em outro cavalo não menos marchador.

Saudei-a, ela correspondeu delicadamente ao meu cumprimento, e passou avante ligeira como uma **Valquíria**.

Ao cair da noite atravessamos um córrego de solo enegrecido, sombreado à direita por uma colina que se mostrava coberta de grandes arvoredos.

Por aí ouvi pela primeira vez um canto melancólico que me pareceu o da galinácea (**Rasor**) zabelê (**Cypturus noctivagus**).

Transpusemos a colina que descreve aqui uma curva se prolongando a noroeste, e gastamos longas horas a andar por caminhos quase sem saída, completamente perdidos.

Eram mais de 10 horas, tornava-se a noite mais cerrada, as cavalgaduras começaram de enfadar depois de sete horas de marcha, e no entanto, segundo as informações colhidas na última pousada, já devíamos estar arranchados.

Tomamos à direita, depois à esquerda, e nada.

Os arrieiros acusavam um ao outro a inadvertência de tomar caminho diverso, pedindo-me desculpa do incômodo por que estava passando.

Eu me conservava silencioso e mais do que nunca disposto a aceitar o conselho do Dr. James Orton, no seu magnífico livro **The Andes and the Amazon — Patience is a necessary qualification in a south american traveler.**

Neste momento eu a tinha de sobra.

Voltamos, e tomando outra estrada, viemos sair em um pequeno arraial.

Chamam aqui Lagoa dos Negros.

Mais alguns minutos e o pardo Miguel, que se achava ocupado com outros em serviço de farinhada, nos recebe francamente em sua casa, onde não nos faltou refeição nem cordial acolhimento.

* * *

Daí nos retiramos pela madrugada desejosos de alcançar a cidade do Acaraú.

Nota-se perfeita diferença na vegetação que se apresenta por estas extensões arenosas.

Consta ela principalmente de arbustos baixos, ramosos, densos, cobertos de fôlhas miúdas e em geral de côr verde-cinzenta.

Entre as leguminosas, mirtáceas, melostomáceas e sapin-

dáceas figuram mais comumente as microlícias, as cumbessederias, etc.

As leguminosas, as begoniáceas e verbenáceas despem-se completamente e aumentam a isolação do caminho.

A flora dêstes campos abertos, de aspecto monótono e quase sempre igual, é a que denominou Von Martius região das hamadríades.

Marcando o meu relógio 10 horas, mandei fazer alto na Lagoa do Sal, preferindo a sombra dos cajueiros a casa de qualquer indivíduo do lugar.

Junto a nós estendia-se a lagoa em grande parte cercada.

Do lado direito perde-se de vista a planície, interrompida aqui, além por pequenos grupos de arbustos do meio dos quais se elevam as carnaúbas.

Pelas quatro horas deixei os companheiros e dirigi-me à cidade do Acaraú.

Depois de ter andado cêrca de seis quilômetros, retive o passo para observar o brinco de alguns meninos que, tendo apanhado em laço um gavião (**Falco sparverius**), se divertiam em sujeitá-lo ao mais cruel tratamento das galinhas.

Os peraltas haviam-lhe cortado as garras, amarrado o bico, e o pobre rapinante assim desarmado, era injuriado, insultado, ridicularizado de modo bárbaro.

Ao sol ardente da tarde substituía o mais esplêndido crepúsculo, quando entrei na cidade e apeei-me à porta do Capitão José de Paula Ribeiro Pessoa.

Depois de me convidar para ficar em sua casa, cedeu à minha recusa, e arranjou-me o paço da Câmara municipal, onde fiquei enquanto por aqui me demorasse.

* * *

Assentada à margem direita do rio Acaraú, rio das Garças, a 12 quilômetros do oceano, onde deságua por quatro bôcas, na altura de 60 quilômetros ao norte do morro Jericoacoara, ocupa a cidade vasta zona, e as ruas estendem-se umas de norte a sul e outras de leste a oeste.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Preenchidos os claros da planta, deve vir a ser uma das mais formosas da terra cearense.

Contém alguns prédios de sobrado e outros que dispõem de espaço ajardinado, em cujo recinto as flôres trazem à lembrança lugares mais adiantados.

Para quem entra pelo lado do sul, deleita a presença das frondes do coqueiral dominando irregularmente o teto da casaria, dêsse lado os alvos lençóis de areia que mais fazem realçar a faixa sombreada e terna do mangue de além, ao norte e oeste, circunscrevendo o horizonte, onde junto à água do rio reflete com mais ou menos vivacidade a côr opalizada do céu.

Empregando uma expressão alemã ela é verdadeiramente **freundliche**, isto é, tem uma fisionomia que agrada a vista e atrai a confiança.

Sinto-me no entanto embaraçado para descrevê-la minuciosamente em conseqüência de não terem as ruas denominação.

Entre estas, contém mais prédios a que corre próximo à margem do rio, em cujo extremo sul se acha o paço da Câmara, propriedade particular, mas perfeitamente mobilada e com excelentes cômodos para os vereadores, e no extremo oposto uma extensa ponte de alvenaria montada sôbre arcos por baixo dos quais passa a água, regando as árvores de fruto dos fundos das casas que parecem viçosos pomares; e a que se dirige em sentido inverso que começando à direita da mencionada ponte forma o lado meridional do largo da matriz e passa em frente da cadeia e quartel.

A parte setentrional dêste edifício, aliás de elevadas proporções, que devia servir de paço da Câmara, começa a se ruinar a ameaça perder-se inteiramente, se não ampará-lo um auxílio do govêrno.

Será lamentável se tal acontecer.

Pròximamente fica a igreja-matriz enfrentando com o poente, a qual foi começada em 1849 pelo seu primeiro vigário, o Rev.^{do} Antônio Xavier Maria de Castro, que ainda hoje exerce aqui o mesmo ministério e trá-la bem asseada.

É um templo de boa aparência, mas inferior em elegância e proporções ao de S. Bento da Amontada.

Quase na mesma direção, mas para o lado do sul, se apresenta no meio de uma grande praça o mercado públilo.

Construído segundo o gôsto moderno, portadas altas e frente terminada em peitoril, só tem rival no da cidade da Granja, sendo êste mais baixo, salvo o engano.

Está terminado e todos os compartimentos se acham ocupados por objetos de negócios.

De envolta com os gêneros do país vê-se porção de artigos estrangeiros.

Ao lado do norte, para além de uma depressão que forma o terreno, e por onde se intromete nas enchentes a água do rio, as casas de inferior aparência constituem uma espécie de arrabalde com a sua capelinha dedicada a S. Benedito.

Em tempo de novenas é lugar concorrido e oferece agradáveis motivos de recreação.

Não longe da rua da Municipalidade existe outra capelinha que foi levantada em honra de Santo Antônio; mas atualmente permanece em completo abandono.

No fim desta rua, na parte do sul fica um açude com bastante água, o qual presta grande serviço aos habitantes.

Apesar da aproximação do lagamar que inunda vasta área ao poente chegando até muito próximo, a água é clara e de ótima qualidade.

Num altozinho à direita se vê o cemitério, pequeno quadro murado, que nada tem de importante senão o abandono em que se acha.

O que apresenta perspectiva inexcedível, é a mata cerrada de mangues contornando o rio, por onde nas altas marés que alagam a planície, descem e sobem pequenos barcos com as velas enfunadas aos ventos frescos da manhã ou tarde, enriquecendo a paisagem a presença das garças brancas que esvoaçam vagarosamente por sôbre aquela espécie de lagoa azul.

É realmente formosíssima esta vista, sobretudo ao reflexo dos clarões do arrebol.

A extensão líquida, a princípio ligeiramente anilada, passa pela gradação mais suave na escala das côres, e pouco e pouco se vai enternecendo até mergulhar-se nessa opacidade, que mais se obumbra ao efeito da profundeza do céu noturno.

* * *

O Acaraú importa por cabotagem gêneros das Províncias de Maranhão e Pernambuco, e exporta algodão, cereais em grande quantidade, cêra de carnaúba, sal, camurupim, cuja pesca é feita em 300 currais mais ou menos levantados no litoral do município, numa extensão de cêrca de 120 quilômetros.

Esta indústria se avalia produzir a soma de 100 contos de réis anualmente, calculando-se o peixe que sai pelo pôrto e o que se vende para o interior da Província.

Conta além disto 95 fazendas de criar, e os seus campos nutrem vantajosamente os gados, visto como não são êstes acometidos das epizootias que tanta destruição causam aos do alto sertão, principalmente em tempos de sêca.

O desembarque e embarque das mercadorias é feito pelo pôrto das Cacimbas, pequena enseada que forma o rio, a cinco quilômetros da cidade, e a igual distância mais ou menos do mar, onde ancoram os vapôres costeiros.

Na barranca à direita se vê um grande armazém da companhia pernambucana, e em tôrno dêste prédio inúmeras casas dos homens empregados no serviço do mar formam um arraial.

Além dêste pôrto tem ainda o município o de Patos, na barra do rio Aracatiaçu, o do Barco, e a enseada de Jericoacoara, todos acessíveis às grandes sumacas.

Na costa se encontram as ilhotas dos Bois, das Vacas, próximo de Almofala, do Guajiru, do Mangue Sêco, do Rato, da Coroa-Grande e do Mosquito.

A instrução é distribuída em duas escolas na cidade para os meninos de ambos os sexos, regulando a freqüência em cada uma de 50 a 60 alunos.

Almofala e Cruz têm também escolas para o sexo masculino, mas se acham atualmente vagas.

Rendeu no último ano a estação provincial a quantia de 9:103$257 réis, soma inferior aos recursos de que dispõe o município, pois que é subtraída a vigilância do fisco pelo contrabando, em conseqüência da dificuldade de se exercer rigorosa fiscalização nos diversos braços do rio, por onde passam os gêneros importados.

Uma simples visita aos estabelecimentos comerciais, onde abundam mercadorias sujeitas a direitos provinciais, recebidas com diminuto pagamento na coletoria, basta para convencer que fiscalizadas convenientemente as rendas da Província, poderá muito bem em um lugar próspero como o Acaraú atingir a receita a nunca menos de 20 contos de réis.

Tenho razões para pensar assim, e se oculto aqui os motivos de minha convicção é para não recriminar a êste ou aquêle que tem concorrido com a sua esperteza para êsse prejuízo aliás criminoso.

Sua população é calculada em 11.885 almas.

* * *

Sob o nome de Oficinas começou o Acaraú a ser povoado pelo fim do século passado, época em que por seu pôrto passou a ser feito o comércio de Sobral, que até então se fazia por outro denominado pôrto do Barco, 56 quilômetros distante dêste.

A denominação de Oficinas provém de grande quantidade de charque que embarcava por aqui, pois que neste ramo de negócio consistia quase tôda a exportação daquele tempo.

Foi depois mudado êste nome para Barra do Acaracu, e finalmente para Acaraú.

Um dos seus primeiros habitantes foi José Monteiro de Melo, que adquirindo por compra em 23 de dezembro de 1793 uma légua de terra em Oficinas, deixou-a por sua morte, que sucedeu em 1806, à N. Senhora da Conceição, padroeira da freguesia; e como nesse tempo era a de Sobral, ainda hoje faz

parte esta terra do patrimônio do orago daquela cidade, não obstante ter sido elevado a freguesia o Acaraú em 1842, sob a mesma invocação.

Até o ano de 1846, quando para aqui veio fixar sua residência o Rev.^{do} Vigário Xavier, as casas eram de taipa e igualmente a igreja que servia de matriz, a qual foi substituída pela atual, apenas se concluiu em 1849 a capela-mor.

* * *

Sendo povoação passou a freguesia por Lei n.º 283, de 15 de dezembro de 1842, que transferiu para a capela de N. Senhora da Conceição da Barra do Acaraú a sede e freguesia de Santana, prevalecendo a divisão da de Almofala, que foi fixada naquele Decreto extinta pela referida lei; quanto ao mais subsistem os limites da Lei n.º 139, de 10 de setembro de 1838.

Foi elevada a vila pela Lei n.º 480, de 31 de julho de 1849, tendo por limites o território de sua freguesia e o da freguesia de Santana, cuja lei foi explicada pela de n.º 658, de 29 de setembro de 1854; a cidade por Lei n.º 2.019, de 16 de setembro de 1882.

O têrmo e município se dividem nos seguintes distritos de paz: 1.º, o da Barra do Acaraú suprimido pela Lei n.º 150, de 22 de setembro de 1838, art. 17, e restaurado pela Lei n.º 253, de 19 de novembro de 1842, 2.º, o de Almofala, criado pela Lei n.º 253, de 19 de novembro de 1842, suprimido pela de n.º 873, de 15 de setembro de 1853, foi de nôvo criado pela Lei n.º 1.084, de 12 de dezembro de 1863, que autorizou a Câmara a marcar os limites.

Além da matriz da cidade, tem três povoados com outras tantas capelas filiais, a saber: Cruz, a seis quilômetros a sudoeste; Almofala, a 48 idem, a leste; Santa Cruz, a 24 idem, ao sul, afora os nichos de Juritianha a 18 idem, a leste, e Tanque do Meio, a 36 idem, na mesma direção.

* * *

O que mais me agradou ao colhêr algumas lendas e tradições do município foi a fama de que merecidamente gozou entre seus conterrâneos o célebre curador de cobras João Saldanha Marinho, natural de Pernambuco, que para esta Província viera na infância e aqui habitou até 1850, época em que faleceu, na idade de 90 anos.

Era homem branco, de bons costumes, e diz-se que em extremo religioso.

O tio Saldanha, como era geralmente tratado na sua velhice, possuía a virtude de curar miraculosamente as pessoas mordidas de cobra, e era mesmo dotado de uma fôrça sobrenatural contra êsses perigosos ofídios.

Muitas vêzes, quando era chamado para fazer algum curativo, se limitava a mandar pelo portador o seu chapéu, sapato ou jaqueta, recomendando que se deitasse sôbre o doente qualquer dêsses objetos, que êle se restabeleceria ràpidamente.

De feito, assim acontecia sempre, não constando que falhasse a cura uma única vez.

Quando o tio Saldanha ia pessoalmente ver um doente, chegava junto, passava-lhe a mão pelo rosto e dizia: "Levanta-se que não tens nada!"

Êste se erguia imediatamente, muitas vêzes dando apenas sinal de vida pelo bater do coração.

Para que fôsse infalível a cura, bastava que chegasse êle ou objeto seu alguns minutos antes de morrer.

Se acontecia encontrar alguma cobra, que procurava fugir, mandava-lhe êle que parasse e ela obedecia maquinalmente a sua ordem.

Então cuspia-lhe em cima e a cobra, estirando-se descomunalmente, morria dentro de poucos minutos.

Referiu em minha presença o Padre Diogo José de Sousa Lima, que tendo sido mordido pela cascavel o cavalo da sela de um amigo seu, morador nesta cidade, morria o lindo animal, porque não se encontrava o tio Saldanha.

Todos lamentavam sua perda, e êste, caído a poucos passos da calçada, quase que já não tinha nenhum movimento, quando num segundo aparece o velho na ponta da rua.

Ouviu-se uma só voz: "Está salvo!" e no semblante de cada um brilhou a alegria de que em breve o animal voltaria à vida.

Realmente, o tio Saldanha chegando ao lugar, dá-lhe com a ponta do pé dizendo: "Levanta-te, bruto!" e como por encanto o bruto se ergue num salto e nada mais sofreu.

O que é certo e confirmado por pessoas de todo critério dêste e dos municípios vizinhos, é que enquanto viveu o tio Saldanha ninguém morreu de mordedura de cobra, se por êle visitado ou ao menos lhe deitavam sôbre o corpo algum objeto de seu uso.

Explique quem puder êste mistério.

* * *

Outro homem não menos célebre foi o Capitão Diogo Lopes de Araújo Costa, que nasceu na fazenda **Lagoa Grande** no ano de 1765 e veio a falecer em 1839.

Nunca se casou, mas teve de sete mulheres 35 filhos, dos quais sobreviveram 20 que constituem a família Araújo, uma das mais numerosas e consideradas do município.

O Capitão Diogo Lopes no seu tempo respresentou papel saliente, como homem instruído.

Sem ter freqüentado a academia de medicina exerceu, no entanto, com muito tino e inteligência, a profissão de médico.

Cego aos 40 anos, tinha não obstante, na Lagoa do Mato, lugar de sua residência, um hospital onde se tratavam doentes de diferentes partes dos sertões desta e da Província do Piauí.

Diz-se que ao apalpar o pulso de um doente diagnosticava em seguida a moléstia, e pelo tratamento que lhe era impôsto, o restituía a saúde.

Seu nome corria por tôda parte cercado de respeito e veneração.

Ainda hoje as pessoas que o conheceram referem fatos incríveis a respeito da experiência e conhecimento que tinha

das moléstias, afirmando que foram inúmeras as curas difíceis que conseguiu fazer, de sorte que o seu hospital era ansiosamente procurado pela certeza de pronto restabelecimento.

* * *

Entre as lendas com que se recreia a imaginação popular, houve esta.

Para o lado de oeste há uma grande mata que se estende desde a margem esquerda do rio Acaraú até o rio Tiaia, cêrca de 60 quilômetros de comprimento sôbre 36 de largura.

Por aí se encontram lugares intransitáveis, onde o machado e a foice pouco estrago têm feito.

Um dia, um indivíduo da casa do Capitão Diogo Lopes, andando à caça, internou-se na mata e perdeu-se.

Depois de muito trabalho conseguiu voltar à cidade e então referia que tinha encontrado uma grande lagoa, na qual havia caça com abundância, e de quando em vez ecoavam por ali os cantos mais harmoniosos possíveis, que retinham a gente a ouvi-los por uma eternidade.

De lá trouxera entre diversas flôres que bordavam as margens, cada qual mais variada, cada qual mais perfumosa, flôres de aguapé (**Villarsia nymphoeoides**).

A essa notícia muitas pessoas procuravam e ainda hoje procuram a tal lagoa, e nenhuma ainda foi vista que contenha ninféia, pelo que passa como certo que ali existe uma lagoa encantada.

* * *

Nos meus passeios à tarde pelas margens do rio, me apareciam sempre motivos para refletir sôbre as condições de vida da população.

Não há na Província lugar mais farto nem de mais recursos que o Acaraú.

Aqui, além do peixe que se vende por diminuto preço, abundam crustáceos decápodes braquiúros, como caranguejos

(**Cancer uça**), siris (**Lupa dicantha**), aratus (**Sesarma psionni**) e guaiamuns (**Uça uua**); decápodes macruros, como camarões (**Penoeus** sp), e moluscos da classe dos **Pelecípodes**, entre os quais algumas variedades de ostras.

Os gêneros de primeira necessidade como milho, feijão, arroz, farinha de mandioca e goma, quase que não têm preço, em vista da quantidade que concorre ao mercado; de sorte que dêste pôrto saem anualmente dezenas e milhares de sacos com farinha e outros gêneros para a cidade da Fortaleza e Província do Maranhão.

Quando no sertão se compra o litro a 120 réis e a mais, aqui em tempo nenhum excede a 40 réis da melhor qualidade.

São tão fáceis os meios de vida entre a última classe do povo, que nunca me foi possível conseguir que se me vendesse um pouco de ostras, embora oferecesse 1$000 réis por quilograma ainda com casca; porque diziam aquêles a quem eu me dirigia, não haviam de rasgar os pés nas pedras por tão pouco dinheiro, quando de um lanço de rêde no rio sem muito trabalho, ganhavam cinco e seis vêzes mais.

* * *

Não é sòmente por êsse lado que se pode avaliar as vantagens desta localidade.

Ela compete também com os municípios criadores, para o que basta verificar que, no ano passado, os dízimos de gados grossos foram arrematados por 1:160$200 réis e os de miunças por 1:116$000 réis.

À vista dêsses preços é fora de dúvida, que bem poucas são as que a excedem nesse ramo de riqueza particular.

Uma indústria que já vai tendo alguma saída é a das rêdes de tucum (**Astrocaryum vulgare**), principalmente das que são feitas do fio têxtil aperfeiçoado desta palmeira, que lhes dá a maciez e frescura do linho.

Tive ocasião de ver algumas com varandas de um tecido e desenho variados, trabalho arranjado da mesma substância vegetal, que era um primor d'arte.

Para enchimento de colchões e travesseiros extraem aqui os caboclos o pêlo do coroatá (**Bromelia** sp), que é muito procurado e vendido por bom preço o quilograma.

O processo da extração demanda paciência, porquanto a penugem leve e sutil que escapa da casca do fruto, introduzindo-se no nariz, produz certo prurido incômodo.

* * *

Ao enfrentar do lado do norte com uma cêrca revestida da cucurbitácea (**Momordica charantia**) vulgarmente conhecida sob o nome de melão-de-são-caetano, que Mr. Saint'Hilaire diz ter vindo da África, eu refletia sôbre a migração das plantas.

Como passou aquela trepadeira do continente misterioso às plagas do Brasil? Por terra? Por água? Pelo ar? Foi trazida pelos pássaros? Pelo homem mesmo?

Ignora-se; mas o que está provado é que as plantas viajam de um a outro extremo da terra.

Sabe-se que as sementes de muitas sinantérias, arrebatadas às plantas pela ventania, se misturam às nuvens tempestuosas, atravessam os oceanos e vão cair nalguma praia longínqua.

Não é raro ver, depois da passagem de certos furacões, se cobrir o solo da Espanha de diversas sementes aéreas procedentes da América.

Certos líquenes das montanhas da Ásia, viajando nas nuvens, absorvem os vapôres aquosos e aumentam de tamanho no trajeto, visto como arrancados do solo com a grossura da cabeça de um alfinête, quando caem sôbre a terra apresentam o volume de uma pitanga.

Refere Mr. de Chateaubriand, no **Gênio do Cristianismo**, ter observado nas margens do Yar, ribeiro do condado de Suffolk, na Inglaterra, uma espécie de agrião a que denominou **Migrator**, que mudava de lugar e andava aos saltos, de sorte que nunca era encontrado no lugar em que havia ficado na véspera.

Alguns frutos pesados demais para serem conduzidos pelos ventos fazem longas viagens náuticas e atravessam os mares impelidos pelas correntes e pelas ondas; os côcos, por exemplo, das ilhas Seychelles, vão parar em terras de Malabar, depois de um trajeto de mais de 2.400 quilômetros.

Muitos frutos da América Equatorial, entre outros o côco comum, transportados pelas ondas, são levados às costas da Escandinávia, e aí só deixam de se reproduzir por falta de ar e luz.

O sábio Karl Muller diz que a grande corrente, que nasce na costa oriental da América do Sul, arrastou uma flotilha de treze espécies de plantas do Brasil e da Guiana às plagas africanas do Congo. Outro grande movimento do oceano, atravessando um imenso espaço da zona tórrida, traz constantemente frutos das praias da Índia, e suas ondas vão semear os rochedos do Brasil.

Hoje se vê crescer no norte da Alemanha líquenes, musgos e mesmo vegetais lenhosos, que vieram das montanhas de Escandinávia, tendo sido arrastados pelos gelos sôbre as planícies da velha Germânia.

Outras vêzes é com o concurso de processo diferente que os gelos transportam as plantas dêste para aquêle hemisfério.

São ilhas flutuantes que, se desprendendo das praias, arrastam na sua marcha fragmentos de rochedos cobertos de vegetais.

Depois de terem sido por muito tempo batidas das vagas, estas ilhas aportam ao fim a alguma plaga propícia, e desta forma descem muitas vêzes para climas mais amenos sementes trazidas das regiões boreais.

Há frutos que têm as sementes rebeldes à digestão dos animais; por isso sendo comidas pelos pássaros e lançadas em qualquer parte, nascem com facilidade.

Lê-se em diversos viajantes que os holandeses destruíram as moscadeiras, plantas que produzem noz-moscadas, em muitas ilhas da Índia, com o fim de ser concentrada sua cultura sòmente em Ceilão; entretanto as pombas moscadeiras

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

Para enchimento de colchões e travesseiros extraem aqui os caboclos o pêlo do coroatá (**Bromelia** sp), que é muito procurado e vendido por bom preço o quilograma.

O processo da extração demanda paciência, porquanto a penugem leve e sutil que escapa da casca do fruto, introduzindo-se no nariz, produz certo prurido incômodo.

* * *

Ao enfrentar do lado do norte com uma cêrca revestida da cucurbitácea (**Momordica charantia**) vulgarmente conhecida sob o nome de melão-de-são-caetano, que Mr. Saint'Hilaire diz ter vindo da África, eu refletia sôbre a migração das plantas.

Como passou aquela trepadeira do continente misterioso às plagas do Brasil? Por terra? Por água? Pelo ar? Foi trazida pelos pássaros? Pelo homem mesmo?

Ignora-se; mas o que está provado é que as plantas viajam de um a outro extremo da terra.

Sabe-se que as sementes de muitas sinantérias, arrebatadas às plantas pela ventania, se misturam às nuvens tempestuosas, atravessam os oceanos e vão cair nalguma praia longínqua.

Não é raro ver, depois da passagem de certos furacões, se cobrir o solo da Espanha de diversas sementes aéreas procedentes da América.

Certos líquenes das montanhas da Ásia, viajando nas nuvens, absorvem os vapôres aquosos e aumentam de tamanho no trajeto, visto como arrancados do solo com a grossura da cabeça de um alfinête, quando caem sôbre a terra apresentam o volume de uma pitanga.

Refere Mr. de Chateaubriand, no **Gênio do Cristianismo**, ter observado nas margens do Yar, ribeiro do condado de Suffolk, na Inglaterra, uma espécie de agrião a que denominou Migrator, que mudava de lugar e andava aos saltos, de sorte que nunca era encontrado no lugar em que havia ficado na véspera.

Alguns frutos pesados demais para serem conduzidos pelos ventos fazem longas viagens náuticas e atravessam os mares impelidos pelas correntes e pelas ondas; os côcos, por exemplo, das ilhas Seychelles, vão parar em terras de Malabar, depois de um trajeto de mais de 2.400 quilômetros.

Muitos frutos da América Equatorial, entre outros o côco comum, transportados pelas ondas, são levados às costas da Escandinávia, e aí só deixam de se reproduzir por falta de ar e luz.

O sábio Karl Muller diz que a grande corrente, que nasce na costa oriental da América do Sul, arrastou uma flotilha de treze espécies de plantas do Brasil e da Guiana às plagas africanas do Congo. Outro grande movimento do oceano, atravessando um imenso espaço da zona tórrida, traz constantemente frutos das praias da Índia, e suas ondas vão semear os rochedos do Brasil.

Hoje se vê crescer no norte da Alemanha líquenes, musgos e mesmo vegetais lenhosos, que vieram das montanhas de Escandinávia, tendo sido arrastados pelos gelos sôbre as planícies da velha Germânia.

Outras vêzes é com o concurso de processo diferente que os gelos transportam as plantas dêste para aquêle hemisfério.

São ilhas flutuantes que, se desprendendo das praias, arrastam na sua marcha fragmentos de rochedos cobertos de vegetais.

Depois de terem sido por muito tempo batidas das vagas, estas ilhas aportam ao fim a alguma plaga propícia, e desta forma descem muitas vêzes para climas mais amenos sementes trazidas das regiões boreais.

Há frutos que têm as sementes rebeldes à digestão dos animais; por isso sendo comidas pelos pássaros e lançadas em qualquer parte, nascem com facilidade.

Lê-se em diversos viajantes que os holandeses destruíram as moscadeiras, plantas que produzem noz-moscadas, em muitas ilhas da Índia, com o fim de ser concentrada sua cultura sòmente em Ceilão; entretanto as pombas moscadeiras

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

fizeram aparecer a planta por tôda parte, onde o vandalismo neerlandês havia estirpado.

A uva da América (**Phytolaca decandra**) ùltimamente importada para as terras de Bordéus, foi pelos pássaros disseminada por tôda a França meridional, e é encontrada hoje até nos desfiladeiros dos Pirineus.

O homem também é considerado um dos maiores agentes da disseminação vegetal.

Os navios e as caravanas, transpondo os mares e os desertos, levam além sementes e plantas, que vão-se desenvolver e propagar em novos países.

Todos sabem que da Pérsia nos veio a lima, a laranja da China, a fruta-de-pão das Molucas, o café da Arábia, a cana da Índia, o fumo das pequenas Antilhas, o dendê das Guinés, etc.

Tem-se observado que, pelo tráfico da lã dos carneiros da América, certas sementes prêsas às peles dêstes se reproduzem naquele país.

Nos arredores de Montpellier crescem plantas da flora do México e Buenos Aires, que, se supõe, foram importadas nos couros dos carneiros.

Há países que têm sido invadidos por vegetações, que é impossível determinar quando chegaram, e menos calcular a fôrça do seu poder.

Desenvolvem-se na sua nova pátria com tanta energia que sobrepujam o que crescia antes; por exemplo, a sempre-viva (**Helicrysum fetidum**), (23) levada da América para França, assenhoreou-se como déspota por ali de grande extensão.

Com esta variedade de meios de transporte é que a vegetação se estabelece com tanta rapidez sôbre todos os pontos do globo, de tal sorte que, nos lugares estéreis, se vê logo depois se erguer uma floresta verdejante.

Há pouco, diz Mr. Lesbazeilles na sua preciosa obra **Les Forêts**, o observador colocado no campanário da catedral de Antuérpia, não via na margem oposta do Escalda senão

(23) — **Helichrysum bracteatum**, Audr.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

uma imensa planície, onde cresciam aqui e ali alguns turcos de ervas grosseiras, algumas árvores enfezadas e ressequidas pelos ventos do mar; hoje tem êle diante de si uma floresta cujos limites se confundem com os do horizonte.

As plantações corrigiram o regime atmosférico que tornava estéril o solo em que se acham, e as areias improdutivas transformaram-se em campos férteis.

As sementes conservam durante muito tempo sua faculdade germinativa.

Assim, se tem obtido sementes de feijão do herbário de Tournefort, que não têm menos de 100 anos.

Para não gastar tempo, citando fatos idênticos de datas muito longas, lembro que o Dr. E. Bouchut refere que grãos de trigo de uma antigüidade que remota à época dos Faraós têm germinado e produzido colheitas depois de confiados ao seio da terra.

Calcula-se que devem ter de três a quatro mil anos.

Contendo em si esta longa duração de vida, as sementes impelidas pelos ventos ou pelas águas vão germinar em lugares distantes da terra do seu nascimento, se a isso não se opõem o solo, o clima, os agentes atmosféricos.

Foi talvez por um dêsses meios que se fêz a transplantação da **Momordica charantia**, do Senegal para o Brasil, sua nova pátria, onde viceja esplendorosamente.

* * *

Depois de onze dias resolvi continuar meu itinerário.

O viajante experimenta tanto mais dificuldade em deixar uma residência, quanto mais tempo aí se demorou.

Eu fui recebido no Acaraú com essa hospitalidade cordial, que geralmente caracteriza o povo cearense.

Despedindo-me dos amigos Paulo José Rodrigues, Vicente Pongitoro, Francisco de Moura, Luís Viana, D. Mariana Beviláqua, professôra pública, José de Paula Ribeiro Pessoa e sua Ex.ma família, que me haviam distinguido com as mais significativas demonstrações de aprêço, eu sentia uma im-

pressão de tristeza, que era até certo ponto atenuada pela idéia de que em breve me recolheria ao seio da família.

No dia 11 de fevereiro, acompanhado do distinto môço José Dias Ferreira, que é incontestàvelmente um ornamento na terra de seu berço, por sua inteligência e qualidades não comuns, deixamos ainda com escuro a cidade.

Ao clarear do dia notei que a vegetação da estrada, aberta em meio dos tabuleiros, constava ordinàriamente da **Malpighia crassifolia** (murici), da rosácea **Multicaules icaco** (guajeru) (24), da deliciosa apocínea **Hancornia speciosa** (mangaba), de bastas moitas da bromelíacea craoata, poéticos grupos de palmeiras-tucuns, e sobretudo de leguminosas.

Os cardos (**Cactus**) apresentam-se por tôda parte, nos lugares secos, com os caules matizados de flôres grandes e vermelhas, semelhando rosas de muitas pétalas e variadas.

Pelas nove horas, à verdura dos arbustos substituiu a planície de solo pardacento, por onde dominam as carnaúbas.

Após 24 quilômetros em direção leste chegamos ao lugar Volta, sendo delicadamente recebidos pelo velho amigo Vicente Pongitoro, que me levou para sua casa e deu-me excelente almôço de peixe fresco.

Minutos depois de minha chegada vi aqui um indivíduo que, tendo meses antes saltado dentro de um curral para despescar camurupins, fôra apanhado por um tubarão que lhe arrancou de uma dentada a nádega e tôda a parte inferior da coxa, desde a cabeça do fêmur até à curva da articulação que se prende à tíbia.

Tôda essa parte do osso ficou descoberta.

O desgraçado dificilmente se sustém na muleta.

* * *

Agradecida a hospedagem partimos pelas quatro horas.

O caminho daqui em diante é por cima dos morros, e só duas horas depois descemos ao vale.

(24) — **Chrysobalanus icaco, Lin.**

Lembro-me ainda da agradável impressão que me causou a vista da campina, a que tapetava uma relva côr de ouro, no meio da qual surgiam aqui, além, lá ao longe pequenos montes coroados de arbustos, e por sôbre êstes se alteavam virentes carnaúbas.

Êstes grupos isolados davam à paisagem o mais atraente aspecto, que se ia alterando à medida que a luz do crepúsculo se enternecia ao cair da noite.

Atravessamos vastos campos, e tomamos à direita uma estrada trilhada por carros de bois, a qual nos conduziu ao poético povoado de Almofala.

Duas ruas de casas de pobre aparência de um e outro lado da estrada formam o povoado, que se acha situado à margem esquerda do rio Aracatimirim.

No meio do espaço compreendido entre as duas ruas, do lado de leste, fica a igrejinha, um mimo de arquitetura, que a rainha de Portugal, D. Maria I, mandou edificar em 1802 para os índios Tremembés.

É diferente de tôdas que se encontram na Província, no gôsto e na construção.

Quem a visita não pode deixar de reconhecer em tudo o cunho das obras dos jesuítas, e conquanto seja de pequenas proporções, sua perspectiva lembra um dos velhos templos de Portugal.

É pena que o abandono a vá deteriorando.

* * *

Nessa ocasião a curiosidade me levou à casa do Sr. Lourenço Correia de Sousa Lima, artista distinto, que me entreteve mostrando diversos trabalhos em que emprega sua rara atividade.

Apresentou-me chapéus de todos os feitios, flôres artificiais das mais perfeitas, instrumentos de música, entre outros um clarinete com chaves de metal, que em nada desmerecia dos fabricados no estrangeiro, estátuas, obras de difícil entalhadura, desenhos gravados em madeira, produtos de foto-

grafia, uma infinidade afinal de objetos curiosos, que noutra parte teriam subido valor; entretanto aqui passam despercebidos.

Gastei mais de uma hora a apreciar verdadeiras obras de arte.

Com efeito, sua oficina apresenta assunto para prender a atenção do mais exigente amador.

O Sr. Lourenço Lima deve ser conhecido do público da Capital, pois é o mesmo que quando menino e sem a mínima aprendizagem de desenho, abrira as jocosas caricaturas do jornalzinho **Tagarela**, que durou pouco tempo, mas que tanto deliciava os seus leitores.

O menino habilidoso fêz-se artista, e aproveitando a aptidão de que era dotado, apresenta hoje trabalhos admiráveis, que lhe devem ter custado muito esfôrço e estudo.

Ao retirar-me quis êle que trouxesse uma lembrança da visita a sua oficina, e presenteou-me com uma fotografia da igreja.

Não podia me ofertar nada mais à minha satisfação.

* * *

Quando cheguei a casa, onde havia passado a noite, já encontrei tudo pronto para a viagem.

Tomei um guia que nos conduzisse até além dos morros por onde segue o caminho, e deixei Almofala, sendo mais de sete e meia da manhã.

A poucos passos do povoado transpusemos o rio e logo a extensão acidentada pelo movimento das areias se apresentou diante de nós.

Nos terrenos mais baixos se acumulam as águas da chuva que formam grandes lagoas, e por aí abundam em quantidade extraordinárias aves aquáticas como carões (**Aramus** sp), pernaltas da família dos **Rallidoe**, colhereiras (**Cancorma cochlearia**), família das **Ciconidoe**, garças brancas, miúdas, cinzentas (**Ardea candissima, Egritta, Tigrina**), que se agrupam a esta

mesma família, tujujus (**Tantulus loculator**), e outros muitos que se não podem conhecer.

De entre estas e algumas variedades da espécie **Anas**, ordem dos palmípedes, como marrecas, patos, putriões, etc., sobressaía pelo brilho da plumagem vermelha o **Ibis rubra** (Guará), do gênero **Ibis**, grupo dos **Ciconidoe**.

Pode-se dizer que as margens dêsses pequenos lagos são ocupadas literalmente por aves das ordens dos gralatores, pernaltos, corredores palmípedes.

Se não fôsse Almofala tão farta de peixe, poderia a caça prestar grande auxílio aos habitantes; mas êstes são pouco afeiçoados a êsses passatempos, razão por que no seu distrito acodem tão variadas espécies de aves ribeirinhas.

Em muitos lugares, sôbre o chão movediço, se encontram vestígios de antigas habitações, que as areias aterraram e puseram em fuga os seus proprietários.

Não é raro se ver coqueiros indicando sítios apropriados a plantações ou pelo menos que pròximamente existiu algum morador.

Mais de uma vez, no pé dos morros, notei pequenos depósitos de conchas marinhas, mariscos e espinhas de peixe, acumuladas talvez pelo homem, que me traziam à mente a idéia dos sambaquis da costa meridional do Brasil, que há cêrca de dez anos têm atraído a atenção dos sábios nacionais e estrangeiros, pela semelhança que apresentam dos **kojkknmoddings** da Dinamarca.

Não me foi possível os examinar mais detidamente.

Umas vêzes subindo, outras descendo morros por onde o vento apaga o rasto deixado na areia pelos caminheiros que nos haviam precedido, chegamos a um campo arrelvado com alguns grupos de árvores enverdecidas pela umidade do solo, que apresentava alegre perspectiva.

Mais além à esquerda avistamos uma grande casa de bonita aparência, que soube pertencia ao Coronel José Frederico Rodrigues de Andrade.

É um prédio magnífico, como só se encontra nas grandes cidades.

Interna e externamente asseado, com melhores cômodos, nota-se logo à primeira vista que o seu proprietário dispõe de fortuna e bom gôsto.

Chamam a êste lugar Patos, e contém além dêste excelente prédio, outras casas de taipa espalhadas nos arredores.

À propriedade do coronel se prende uma ordem de casas destinadas ao engenho de ferro, alambique e outros misteres, tôdas bem conservadas e espaçosas.

Despedi o guia que nos trouxera até aqui, e continuamos a marcha por caminhos revestidos de um e outro lado de arbustos idênticos ao do litoral da Província.

Adiante extenso lagamar obrigou-nos a contorná-lo por longo tempo, de sorte que em breve reconheci andarmos afastados da verdadeira estrada; pois que nosso rumo de leste pendia agora para o norte e com pouco noroeste, atrasando-nos a marcha terríveis atoleiros, e assim andando, entramos afinal pelas duas horas da tarde em Patos, donde havíamos saído pela manhã.

Descansamos o tempo preciso para tomar algum alimento e partimos acompanhados de um guia.

Não longe da pousada atravessamos um lagamar com água acima dos joelhos das cavalgaduras, e seguindo pela estrada em frente, aberta entre árvores que conservam ainda amarelenta folhagem, chegamos depois de 18 quilômetros de marcha, quase ao pôr do sol, à barra do rio Aracatiaçu.

O grande volume d'água contida nas margens caprichosamente recortadas e sombreadas por virentes florestas de mangue, lembra a conformação de um lago pela serenidade da superfície líquida, crispada de leve ao contato da aragem ou pelo salto de algum peixe, cuja queda abre na extensão pequenos círculos concêntricos que se vão alargando até se desfazerem nas barrancas.

O longirrostro socó-boi, do gênero **Ardea**, quebrava o silêncio daqueles sítios com gritos estridentes, e passava de um para outro lado com seu vôo pesado e desengraçado.

Ao ligeiro movimento das águas baloiçava-se a sombra das árvores, que à meia-luz da tarde se estendia tristemente

com seus fantásticos contornos até quase o meio do lago, e daí por diante da margem oposta uma cinta branca, cintilante, refletia a côr de opala do céu.

Pouco e pouco o firmamento se anuviou, a folhagem do mangal tingiu-se de negro, perdeu o rio as suaves irradiações e a solidão fêz-se por tôda a parte mais terna, mais melancólica.

Era noite quando uma canoa, tripulada por dois homens, veio buscar-nos e nos transportou ao outro lado.

As cavalgaduras passaram a nado.

Na distância de 50 metros do pôrto de desembarque se acha uma casa de campo, para onde nos dirigimos e encontramos o mais franco agasalho.

Tínhamos apenas caminhado neste dia 30 quilômetros, 12 de Almofala a Patos e 18 dali ao Cedro, como é conhecido êsse lugar.

* * *

Tem homem sono ligeiro quando dorme pela primeira vez numa casa, onde se chega à noite e se deseja ver de dia.

Pela madrugada fui despertado pelo canto dos passarinhos escondidos na ramagem dos cajueiros que cercam a alegre vivenda, e a esta mesma hora deixei a rêde.

Nada encontrei nos arredores que me despertasse a atenção.

Antes de seis horas já estávamos de viagem.

O caminho é sempre o mesmo: vegetação esgalhada e raquítica, algumas árvores da família das leguminosas quase tôdas despidas de folhagem, e sempre a presença das cactáceas.

Rareiam por aqui as carnaúbas.

Duas horas depois tivemos de subir novos montes de areia, entre os quais se estendem no vale à direita áreas cobertas de capim rasteiro (**Paspalum pastum**), (25) de côr pardacento-escura, que o sol tem crestado a fôlha e parece imprimir-lhe

(25) — **Aristida americana**, Lin.

certo cunho de desolação, em vista das figuras tristes das reses emagrecidas, que se cruzam com passo vagaroso em busca de alguma sombra ou água contida em poços lodacentos.

Lá, em certa distância, avistamos o mar que se perdia na extensão sem limites.

A esta vista expandiu-se-me o coração, ergui instintivamente o chapéu e prorrompi numa exclamação de contentamento.

Mais alguns momentos e a costa arrendada de brancas areias e guarnecida em alguns pontos por cômoros irregulares simulando negros promontórios do nosso lado, desdobrou-se com todos os seus recortes e vívidas cintilações ao efeito da luz do sol.

Caminhávamos agora pela praia afora.

Marcava meu relógio 10 horas, quando mandei fazer alto no Sabiaguaba, na primeira casa de telha que se nos apresentou perto da praia.

* * *

Na viagem da tarde os arrieiros chamaram minha atenção para a presença de um barco a vapor que passava envôlto numa nuvem de fumo, na extrema do horizonte, levando rumo de sul.

Por muito tempo o acompanhamos com a vista até que afinal desapareceu na imensidade das águas.

Depois de 24 quilômetros de marcha sempre pela praia, como na viagem da manhã, pernoitamos no lugar Pedrinhas, onde nos recebeu em sua choupana e deu-nos ceia de peixe fresco um generoso pescador.

Se não fôsse o sobressalto em que ficamos pela presença de uma grande cobra, que inesperadamente apareceu à mulher e filhos do velho José Luís, e que chegou a ser vista por um dos arrieiros, teríamos dormido agradàvelmente, embalados pela música que produzia o vento nas fôlhas das paredes.

Mas qual! a meninada chorava de mêdo, e de quando em vez alguma voz denunciava que o pérfido ofídio atravessara de um para outro quarto e não sendo encontrado, passou-se a noite a procurá-lo.

Ao outro dia deixamos a incômoda cabana e dentro em pouco esquecemos a cobra e o chôro dos meninos.

* * *

Tôda praia é coberta de algas, umas purpúreas, outras coradas, outras pardas, filigormes, de diferentes feitios, diversas variedades de astérias, conchas bivalves lindas e caprichosas, pedras miúdas, coloridas, redondas, simulando ovos, e de quando em vez algum acalefos, zoófito de forma engraçada e conhecido entre nós por caravela e noutros lugares por urtiga-do-mar (**Physalia caravella**).

À beira do mar corria diante de nós, descrevendo as curvas mais extravagantes, o pernalta **Caladris arenaria,** vulgarmente conhecido por **maçarico**, que repetia contìnuamente o seu **tintim**, espécie de grito agudo e metálico.

Quando menos se esperava, paramos à margem do rio Mundaú. Fizemos a passagem em canoa e dentro em pouco descansávamos no pinturesco povoado que tem o nome do rio.

* * *

Assentado próximo à praia, cêrca de dois quilômetros da margem direita do rio, êste povoado se esconde entre coqueirais.

Consta de uma extensa rua irregularmente edificada, que se prolonga de leste a oeste, aqui mais larga, ali mais estreita, e de outras em comêço atravessando esta em direção ao mar.

Os prédios, à exceção de um ou outro melhor, são de taipa e de pobre aparência.

No fim da rua grande, próximo dos morros que ameaçam em futuro não muito remoto aterrar a povoação, se vê uma capelinha dedicada a S. João.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

A pobreza dêste templo denuncia o estado de fortuna dos habitantes em sua maioria pescadores.

A cadeia pública sobressai entre os demais edifícios do lugar; é pequena, mas bem construída. Fica no meio do povoado, ao lado setentrional da rua principal.

Os coqueiros erguem-se por tôda parte, na praia, nos morros, nos quintais, pelo meio das ruas, de sorte que o transeunte é ameaçado a cada passo de ser derrubado por um de seus frutos.

Para o lado do poente há lugares baixos, apropriados à lavoura, onde se planta cana e fruteiras.

Em conseqüência de seu magnífico ancoradouro que é procurado pelos vapôres das companhias do Maranhão e Pernambuco e outros barcos menores, para o fim de carregarem os algodões da Imperatriz e pontos adjacentes, e darem descarga de mercadorias importadas para o comércio dessas localidades, o Mundaú apresenta por vêzes uma certa animação.

Entretanto, apesar dos recursos que lhe vêm da pequena lavoura, acredito que de tão cedo não passará de arraial de pescadores.

Tem uma escola para meninos e nota-se que é regularmente freqüentada.

Os direitos de exportação sôbre as mercadorias que entram e saem por êste pôrto são cobrados por um agente, que arrecadou no último ano quantia superior a três contos de réis.

* * *

Dando por terminada a minha comissão nesta localidade, agradeci aos amigos Manuel Joaquim Carneiro, Antônio de Freitas Guimarães, Bernardo Soares de Almeida e Antônio dos Santos Melo os obséquios com que me haviam mimoseado e pus-me de partida para o Trairi na manhã do dia 17.

Depois de galgarmos elevados morros que se erguem ameaçadores a leste da povoação, viemos sair na costa por onde continuamos a viagem até cêrca de 12 quilômetros

sempre em rumo de leste, e daí pendendo para o sul por sôbre morros sobrepostos uns aos outros, descemos ao vale ao cabo de três horas de marcha enfadonha.

A mata pouco difere da dos lugares vizinhos, notando-se no entanto que a estrada era matizada de um e outro lado pelas flôres da verbenácea manacá (**Duranta bicolor**), (26) que em conseqüência das primeiras chuvas esplendiam suas côres branca e roxa-purpurina, embalsamando o ar com a suavidade de seu perfume.

De quando em vez deixávamos à direita ou à esquerda alguma agradável vivenda, que anunciava sítios de recreio ou de plantações e fruteiras.

Veio ao meu encontro o Sr. Raimundo Xavier de Sousa, apreciável cavalheiro, com quem eu havia entretido relações no Mundaú, e que se encarregara de me arranjar casa na vila.

Logo que constou minha chegada, recebi o cartão do Coronel Antônio Barroso de Sousa, que me cumprimentava e fazia empenho para me hospedar em sua casa durante os dias que por aqui me demorasse.

Agradeci-lhe cordialmente; já estava a meu cômodo.

* * *

À tarde saí a passeio para o fim de conhecer a vila e os seus subúrbios.

Notei que o terreno do lado do sul, desde o lagamar que a circunda a pouca distância, e entra pelo nascente até quase o poente, se vai elevando pouco e pouco para o norte. Esta depressão, por onde se intromete o mar, apresenta nas marés altas vista agradável pela porção de água, e não menos pela presença do coqueiral dos sítios do lado oposto desta espécie de gôlfo.

Por ocasião da retirada das águas apanha-se no solo grande quantidade de sal (**Chloreto de sodio**) sem que se precise de empregar como em outros lugares o processo dos poços.

(26) — **Brunfelsia Lopeana**, Benth.

* * *

A vila (27) contém 161 casas, 134 de telha e 27 de palha, distribuídas por diversas ruas em comêço, das quais a principal e mais extensa corre de sul ao norte.

As ruas são tortuosas e irregularmente traçadas.

Ao poente, banhando os quintais das casas e formando magníficos sítios pela variedade das fruteiras, passa o ribeiro Trairi na mesma direção da rua principal.

Numa praçazinha ao sul fica a igreja-matriz, templo pequeno, erigido a N. Senhora do Livramento, que se conserva com o devido asseio.

Está situada na légua de terra doada por Maria de Jesus e José.

Para o lado do norte se encontra o prédio que serve de cadeia e quartel, o qual precisa ainda de serviço para a sua conclusão.

É talvez o melhor da vila.

Observei infelizmente por todo o sertão que êstes edifícios, por serem do govêrno, são os mais bem construídos e contêm em tôda parte grande número de reclusos, vítimas da ignorância e desprêzo dos podêres públicos.

Quando a política deixar de ser um fanatismo que transvia até as classes mais **iluminadas** da nação, a ponto de só curarem de si e dos seus afeiçoados, para não empregar têrmo mais descortês; quando se respeitar o direito do povo por mêdo da guilhotina: então sim, as escolas substituirão as prisões, o trabalho honesto à ociosidade, a aspiração natural à prática do crime, o merecimento ao favoretismo, e todos serão felizes e trabalharão em comum pelo engrandecimento da terra natal com a consciência de haver cada um cumprido o seu dever.

* * *

Além do ribeiro, rumo de poente, está construído o barracão do peixe, sempre abundante neste ramo de negócio,

(27) — Hoje cidade, sede do Município de igual nome.

em conseqüência da aproximação da costa que fornece de instante a instante o alimento preciso à maior parte da população.

Uma buzina de contínuo anuncia a chegada de nôvo carregamento mais fresco, mais apetitoso.

Além do que se consome diàriamente, exporta o Trairi porção de peixe para o mercado da Capital.

Como o Acaraú, dispõe também de terrenos apropriados ao plantio de cereais e algodão, e todos os anos saem do seu município para mais de 5.000 fardos da valiosa malvácea.

Acêrca da origem desta localidade sabe-se que foi seu primeiro povoador Desidério da Costa Araújo de Matos, ignorando-se a época em que para aqui veio habitar.

* * *

Êste município foi criado com os limites da freguesia do Paràzinho, Lei n.º 1.068, de 12 de novembro de 1863, suprimido pela de n.º 1.078, de 12 de novembro de 1864 e restaurado pela de n.º 1.235, de 27 de novembro de 1868, tendo por sede o Paracuru.

A sede do município e freguesia ainda foi transferida para o Trairi com a denominação de N. Senhora do Livramento pela Lei n.º 1.064, de 14 de agôsto de 1874, passando a ter afinal a primeira denominação de Trairi, Lei n.º 1.669, de 19 de agôsto de 1875.

Desanexado da comarca da Capital passou a pertencer à da Imperatriz, Lei n.º 1.048, de 9 de agôsto de 1875.

Seus limites têm sido alterados do modo seguinte: com Pentecoste, Lei n.º 1.283, de 29 de setembro de 1869, combinada com a de n.º 1.542, de 24 de agôsto de 1873; com S. Francisco, Lei n.º 1.641, de 19 de setembro de 1874, alterada pela de n.º 2.041, de 5 de novembro de 1883.

O distrito de Mundaú, que a Lei n.º 1.771, de 19 de novembro de 1878, anexou à Imperatriz, passou ùltimamente a pertencer ao Trairi pela Lei n.º 2.045, de 9 de novembro de 1883.

Como freguesia foi criada por Lei n.º 1.020, de 14 de novembro de 1862, cuja sede era a igreja de N. Senhora dos Remédios do Paràzinho, a qual foi transferida para o Trairi, Lei n.º 1.604, de 14 de agôsto de 1874.

A lei que criou a freguesia marcou os limites atualmente regulados com a freguesia de Soure, Lei n.º 1.361, de 5 de novembro de 1870; com a de Pentecoste, Lei n.º 1.293, de 19 de setembro de 1869; com a de S. Francisco, Lei n.º 1.641, de 19 de setembro de 1874; com a da Imperatriz, Lei n.º 1.020, de 14 de novembro de 1862.

Tem quatro distritos de paz: o do Trairi, restaurado pela Lei n.º 253, de 19 de novembro de 1842; o do Parazinho, criado pela Lei n.º 1.027, de 21 de dezembro de 1862; o de Siupé, restaurado pela Lei n.º 1.836, de 17 de setembro de 1879, e o de Mundaú, criado pela Lei n.º 831, de 22 de setembro de 1857, que lhe traçou os limites; pela Lei n.º 1.771, de 19 de novembro de 1878, foi desmembrado do têrmo do Trairi, e anexado a Soure pela Lei n.º 2.045, de 9 de novembro de 1883.

* * *

Na distância de 18 quilômetros a leste da vila se acha a grande lagoa das Almecegas, formada naturalmente pelas areias dos morros que lhe fecharam o sangradouro.

Até 1860 os moradores da circunvizinhança abriam a barra para escoamento das águas, mas afinal tiveram de ceder ante a teimosia dos ventos que lhes neutralizavam o trabalho e daí a inundação estendeu seu domínio por largo espaço de terreno, destruindo as habitações das margens e atraindo outras, onde hoje termina sua circunscrição.

Há por aí sítios famosos.

Nos anos da última sêca serviu êste lugar de refúgio a milhares de emigrantes que desciam do sertão acossados pela fome, e em conseqüência da fertilidade das margens e abundância de peixe escaparam à calamidade.

Pessoa fidedigna afirmou-me que viu-se apanhar traíras (**Syodus**) de tamanho extraordinário, algumas das quais mediam pouco menos de um metro.

Se o govêrno não votasse tanta má vontade a tudo que pertence a esta Província poderia, aproveitando as disposições naturais dêste local e com pequeno dispêndio, dotar-nos com um magnífico reservatório que tem prestado e há de prestar grande auxílio a uma parte da população.

Apesar do abandono em que permanecemos, a natureza se compadece de nós, e com os pequenos recursos que nos fornece em tempos regulares, erguemo-nos sempre, tirando da adversidade incontestável vantagem sôbre outras províncias, que se ufanam de ricas e de privilegiadas.

Abençoado desprêzo êste que dá motivo para nos alevantarmos contando sòmente com o próprio esfôrço!

* * *

Há na vila duas escolas, uma para o sexo masculino e outra para o feminino.

Além destas, Mundaú, como já foi dito, tem uma para o sexo masculino, e Paracuru uma para meninos e outra para meninas.

Cria-se no município porção de gado, e o dízimo produziu no último ano a quantia de 1:728$000 réis.

A população é calculada em 8.000 almas.

Aos cofres do tesouro provincial fêz recolher a coletoria a quantia de 8:466$330 réis, apenas 636$927 réis menos que a estação do Acaraú, que dispõe de muito mais recursos, não se podendo concluir dêste confronto, senão que as rendas da Província foram mais zelosamente arrecadadas.

* * *

O Trairi tem também seu solo ensangüentado pela brutalidade dos sicários.

Foi durante muito tempo covil de assassinos e desertores, que aqui encontravam proteção e amparo.

Felizmente, mudou-se a face das coisas, e hoje o município acompanha os outros no desenvolvimento material à proporção das suas fôrças.

Entre muitos fatos, alguns para dar uma cópia da fereza dos antigos habitantes.

Pelo ano de 1840, Antônio Tomé travou razões com Francisco de Castro Aranha, seu irmão, intrigou-se com êle e jurou matá-lo.

De feito, uma tarde diversos indivíduos a mandado de Tomé se apresentam no lugar Santana, onde habitava o o irmão, e o intimaram que saísse para morrer.

Castro resiste quanto é possível, fazendo esfôrço para segurar bem as portas; mas os assassinos deitam fogo à casa, e nas chamas acabam todos que se achavam dentro: o próprio Castro, sua senhora e seu filho, de nome Sancho, afilhado de Antônio Tomé.

* * *

O português José Ferreira Pinto de Carvalho havitava com sua família a fazenda **Barreiras**, a 30 quilômetros da vila.

Em conseqüência de roubos praticados em bens de sua propriedade por Pedro Félix de Moura e Carlos Rodrigues da Costa Ferreira, levou-os aos tribunais.

Daí em diante se tornaram aquêles criminosos seus inimigos figadais e não cessaram de o ameaçar de morte, até que em a noite de 20 de agôsto de 1872, pelas sete horas, Pedro Félix, auxiliado por três sicários, assaltam a casa de Ferreira e o assassinam, bem como a sua senhora, um filho, a nora, um neto e o vaqueiro Alexandre Antunes Paz, que aí compareceu na ocasião.

Êste lutou como um herói, e só caiu aos golpes por se achar calçado de perneiras e gibão.

Mas mesmo assim feriu gravemente a um dos assassinos.

Os matadores foram presos e condenados a galés, sendo Pedro Félix remetido para o presídio de Fernando, onde se supõe ainda existe.

* * *

Liberato Barroso, filho de pai ilustre pela estima pública, revelou desde a infância má índole, a despeito dos esforços empregados para o corrigir.

Por ferimentos graves na pessoa de um seu companheiro de viagem do Arraial, foi levado ao júri e absolvido.

O prestígio de seu pai fazia pender sempre a sorte a seu favor.

Um ano depois de casado, achando-se sua espôsa D. Paulina de Pontes Franco em casa do pai na fazenda **Alto Alegre**, aí se apresentou Liberato, trazendo no semblante a mais afável expressão de contentamento.

Seu sogro, que o conhecia vantajosamente e se arreceava do seu caráter refalsado, à sua chegada dá ordens aos fâmulos que não se assustem e emprega os seus serviços ao derredor da casa.

Liberato pouco se demora, e despedindo-se de todos promete voltar dentro de poucos dias.

Uma tarde D. Paulina, em conversa com as irmãs, lhes diz que não sabe o que está para lhe suceder, pois que lhe pressagiava o coração uma grande desgraça.

Mal terminava a palavra, ouve-se o ruído das patas de um cavalo: era Liberato que acabava de chegar.

Ela o recebe com carícia, e depois de conversarem alguns minutos, êle lhe pergunta se está disposta a acompanhá-lo.

Obtida a resposta afirmativa, pede-lhe em seguida um pouco de água.

D. Paulina dirige-se ao ângulo da sala, e enquanto introduz a caneca na talha, Liberato dá-lhe três punhaladas pelas costas, e se retira, limpando o ferro homicida na sola do sapato.

A mãe da vítima, que entra nesta ocasião, exprobra o procedimento bárbaro do genro, chamando-o de malvado, e é intimada para se calar sob pena de lhe caber igual sorte.

Afluindo à sala diversas pessoas da família, deixa o marido assassino o lugar do crime com a indiferença de Antônio Gasparoni.

Prêso afinal e submetido a julgamento foi absolvido unânimemente, sentença esta que ainda hoje cobre de ridículo o júri desta localidade.

* * *

A par dêstes feitos tão tristemente célebres que a maioria da gente honesta deplora e estigmatiza, a muito de que se ufanar a nascente vila do Trairi.

No movimento abolicionista, por exemplo, que há de trazer a melhor porção de glória para esta Província, cabe boa parte a um de seus filhos, que na cruzada civilizadora se apresentou cavaleiro armado de tanto patriotismo e abnegação, quanta tenacidade e denôdo.

Quero falar de Antônio Martins, um môço sertanejo, que teve alma bastante pura, cerrando os ouvidos aos reclamos da conveniência negreira, verberar em estrofes incandescentes o crime dos retardatários, e arvorar entre os primeiros o estandarte branco da igualação dos direitos do homem das ameias da escravidão, ávido de ver surgir da elaboração dêste esfôrço titânico da mocidade generosa o comêço de uma nova pátria digna dos brasileiros.

De obscuro empregado de comércio aldeão fêz-se tribuno, jornalista e poeta, e secundado do prestígio de seu belo talento se colocou à frente do movimento reacionário que devia, por enérgica resistência, transformar em terra da luz a região caluniada pelo ódio dos vencidos.

Foi dos dez cognominados **libertadeiros**, que juravam vencer ou cair na luta travada com inveterados preconceitos, e antes que o desânimo o abatesse em frente da desigualdade das fôrças contrárias, viu coroados seus esforços e sacrifícios com a mais grata das compensações: a paz da consciência de haver cumprido o seu dever.

Em todo plano de progresso, cuja realização possa trazer algum bem para a terra natal, ei-lo pressuroso ao serviço da boa causa, como patriota que era, já concorrendo com o fulgor de sua pena, já com a franqueza de sua bôlsa.

Antônio Martins, o intransigente soldado das idéias novas, tinha demais um coração magnânimo que o tornava ainda simpático por atos de generosidade, e apesar da modéstia em que se escondia, fêz parte da plêiade valente que se ilustra nas letras e não escolheu meios para desbravar os tropeços

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

que se antepunham à marcha triunfante dos pioneiros do futuro.

Quando a pátria reconhecida tiver que referir aos pósteros os feitos mais gloriosos de seus filhos pela estabilidade de sua legítima grandeza, seu nome avultará entre os mais queridos e mais respeitáveis.

Há muito que me habituei a prezá-lo como benemérito e como herói.

* * *

Numa manhã, em que me achava desocupado e hipocondríaco, saí da vila e vaguei algum tempo a êsmo de um para outro lado. Quando caí em mim, estava longe, direção de norte, numa pequena mata próxima dos morros.

A continuação das chuvas havia reverdecido os campos, e as árvores enriqueciam-se de opulenta folhagem.

Como sempre em épocas idênticas, inúmera quantidade de borboletas, o maior número dos gêneros ninfálios e heliconias, e alguns lindos papílios, esvoaçavam irrequietamente colorindo com o matiz das asas a ramaria viçosa e rica de seiva e verdura.

O chão era lastrado de fôlhas sêcas que começavam de se decompor para formar terra vegetal, cujo solo assim preparado se torna mais fértil e produz melhor colheita.

É o grande serviço das florestas, em que dominam árvores que têm as fôlhas caducas.

Começavam as aves cantoras a despertar o silêncio do bosque, e de quando em quando o gemido da juriti (**Columba jamaicenses**) destoava da alegria geral.

No comêço do inverno se dá nesta Província uma verdadeira ressurreição da natureza; ao silêncio dos campos, à tristeza da mata, ao repouso da vegetação, ao aniquilamento de quase todo sinal de vida, sucede uma germinação geral, uma temperatura mais agradável, uma alegria perene, uma exalação perfumosa, contínua, uma perspectiva, enfim, nova e variada, que impressiona ao mesmo tempo que delicia.

Mudança total.

* * *

Sentei-me sob a copa de uma sombria imburana (**Torresia cearensis**) (28) e comecei a refletir sôbre a vegetação do nosso território em vista da variedade de plantas medicinais, de mercearia, de construção, de cordoaria, de tinturaria, floríferas e alimentícias, que por tôda parte esplendem e crescem maravilhosamente.

Numa pequena área se nota que cada árvore pertence a família diferente, ou pelo menos a uma de suas espécies, de tal sorte que bem poucas são as famílias classificadas, das quais se não conheça aqui um exemplar mais próximo ou mais afastado, bem entendido, das que vegetam na circunscrição da zona tórrida.

A família das leguminosas cobre grande parte do seu solo, e se lhe falta, por exemplo, a imponente sapucaia (**Lecythis** sapocaia), possui diversos tipos da mesma família das mirtáceas.

Nas palmáceas é bem representada a flora por sete gêneros: abacaba (**Aenocarpus**), o buriti (**Mauritia**), a carnaúba (**Copernicia**), o catolé (**Rhapis**), a macaúba (**Acrocomia**), o tucum (**Astrocaryum**), a palmeira-da-serra (**Attalea**), no que só é excedida pela das Províncias do Pará e Amazonas que, possuindo clima quente e úmido, oferecem a região de sua preferência.

Em alguns pontos dominam com superioridade certas espécies vegetais, como bem em Sobral e Santa Quitéria as cordiáceas (paus-brancos), em Independência a eufórbea (favela), em Tamboril para o lado ocidental as cactáceas e euforbiáceas (marmeleiros), e para o oriental as acácias (angicos); nas planícies de Príncipe Imperial a leguminosa (jurema-preta); pelas margens dos rios e lagoas diferentes variedades de combretáceas; em parte do Trairi a linda verbenácea (manacá); nos tabuleiros próximos da costa promiscuamente a melastomácea (carrasco), a rosácea

(28) — **Bursera leptophloeos**, Engl.

(guajeru), a malpíghia (murici) e a quenopedácea (cauaçu); pelos campos do interior, que ocupam cêrca de 4/5 da Província várias gramíneas, base da alimentação dos gados, e por quase tôda parte as leguminosas e palmáceas (paus-ferros, sabiás e carnaúbas).

Ao sopé das serras frescas, pelas faldas e cimos, a mata é mais viçosa e representada por espécies e gêneros próprios da zona tropical.

Por aí vicejam robustas lauríneas, leguminosas, begoniáceas, sapotáceas, etc., como louros, amarelos, jataís, copaíbas, paus-d'arco, jacarandás, maçarandubas, e outras árvores não menos preciosas, que simbolizam a riqueza da flora cearense.

Quando alguém penetra nalgum dêstes recintos sombrios, admira a variedade das espécies relativamente à uniformidade das florestas do sul.

Estas são esplendorosas, mas monótonas em conseqüência do profundo repouso de sua solidão, não se ouvindo jamais o canto de uma ave ou outro arruído, o que faz supor que a natureza por tôda parte é fria e inanimada.

Alcide d'Orbigny na sua obra **Fragment d'un voyage au centre de l'Amérique meridionale**, traduz a fastidiosa impressão que lhe ficou da passagem de Calavera ao Potrero d'Upayares, na Bolívia, por estas palavras: "**Le peu de variété de la végètation, réduite à quelques espèces d'arbres, me paraissait peut-être plus fastidieuse que l'éten dues des mers, lors de mes longues traversées. J'avais déjà remarqué allieurs que les très grands forêts, lors qu'elles n'ont pas de clairières, ne continnent ordinairement qu'un petit nombre d'espèces végétables et nourrissent très peu d'animaux. Il faut, pour qu'une forêt soit animée, qu'on voie s'y succéder fréquemment des plaines, des cours d'eau ou de fortes inégalités de terrain.**"

As nossas são mais ruidosas, mais variadas e com uma vantagem sôbre as demais do continente, e vem a ser que tôdas as plantas ou quase tôdas têm propriedades medicinais.

Pela presença de alguns troncos colossais que ainda se encontram nas baixas e coroas dos rios, depreende-se que a

Província devia ter sido revestida de robusta mata, a qual, destruída pelo incêndio, foi substituída por espécies novas.

Deu-se nesta região o mesmo que na Ásia Menor, que outrora coberta de florestas, é hoje desnudada e estéril.

Desde que se abateram as árvores pelo brutal sistema de roteação que ainda agora continua, secaram as fontes, o solo tornou-se improdutivo, e em vez daquela natureza em que a graça e a frescura se aliavam à beleza das perspectivas, ao brilho do céu, à grandeza dos horizontes, não resta senão serras sem águas e sem verduras, campos áridos e requeimados pelos raios do sol, vales tristes e desolados.

Na perniciosa mania de destruição das matas que prossegue por tôda parte sem estôrvo, ninguém refletiu sequer ligeiramente que os vegetais trabalham para a composição do ar que respiramos, que a nossa existência está indissolùvelmente ligada à sua, que nós lhe devemos a vida.

São êles uma fonte de umidade, e tanto assim é que, quando viajamos, somos advertidos da aproximação de uma mata antes mesmo que descubramos quaisquer indivíduos de sua flora, pela frescura úmida e penetrante do ar que se respira.

No mais intenso calor do verão experimentamos alívio tôdas as vêzes que nos abrigamos à sombra do juàzeiro.

É sabido que no tempo mais sêco pela manhã as umarizeiras (**Geoffraea superba**) gotejam a ponto de molhar o solo sob suas copas, como se fôsse aquela umidade produzida pela chuva.

Por onde há aglomeração de árvores, desprende-se incessantemente abundante vapor d'água, que se derrama nos arredores em orvalho vivificante, fazendo ostentar esplendente verdura os vales, os prados e as montanhas; ao passo que a flora dos campos agrestes languece aos ardores do sol abrasador.

As chuvas são mais freqüentes nas regiões cobertas de mata do que nas que se ressentem da falta delas.

É fácil de explicar a influência que têm as árvores na atração das chuvas.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
Biblioteca Central

Estas máquinas hidráulicas sorvem pelas raízes e transportam aos vasos uma enorme porção dágua, e como lhes basta diminuta quantidade para se nutrirem, expelem pelas fôlhas o restante na atmosfera, tornando-se dêsse modo cada um dêstes órgãos a sede de ativa evaporação.

Nos lugares abertos as correntes de ar sêco e quente dissipam as nuvens, entretanto que uma corrente de ar que contém vapor de água, quando encontra uma floresta se choca, se eleva e aumenta de altura: há aí dilatação súbita, resfriamento e por conseguinte queda de chuva.

Está mais que provado que há inteira correlação entre as florestas e as chuvas.

Nas zonas em que as matas destruídas chove pouco e esta asserção é confirmada por Mr. Blanqui que na sua **Voyage en Bulgarie** refere que por ocasião de passar em Malta em 1841, não havia caído uma gôta d'água durante três anos nessa ilha, em conseqüência de se ter derrubado as árvores para aumentar o cultivo de algodão.

As ilhas de Cabo Verde eram férteis outrora, hoje são assoladas por terríveis sêcas, que datam da destruição das matas.

A Grécia não foi menos devastada, e Onézime Roclus diz que "da antiga Helênia o viajante não encontra mais nada, senão o que o homem não pode dominar, nem destruir, nem abater: o sol quente, o céu claro, o mar azul, as linhas puras".

A Espanha Central não apresenta senão planícies amarelentas, nuas e desoladas.

A Sicília, como as ilhas do Arquipélago, não passa de rochedo estéril.

Na Córsega, as chamas e os rebanhos em extraordinária quantidade destruíram a maior parte das florestas.

Os Árabes do Tell arrasaram pelo fogo 1.300:000 hectares de bosques, que cobriam as montanhas do País.

O incêndio devorou preciosas riquezas florestais, calculadas em nove milhões.

A Rússia Meridional está quase completamente despida

de matas, e o Volga vê cada ano decrescer o volume de suas águas.

A Inglaterra passou pela mesma calamidade; todo seu terreno consta de campos e prados, apesar da grande paixão que tem pelas belas árvores.

Não menos devastada tem sido a França nos cantões de Solange, Dombes, Brenno, Alpes e Pirineus.

Entretanto, o mal pode ser reparado, e desde o século XVI Bernard Pallissy, mais tarde Buffon e ùltimamente Brémontier em primeiro lugar e depois o engenheiro Surell, lembraram a necessidade de repovoar de árvores as matas, conseguindo proibir o estrago das restantes com penas severas.

Brémontier iniciou êste grande melhoramento, revestindo com árvores mais de 250 hectares de dunas no departamento da Gironda.

Numerosas matas cobrem hoje os cantões mais improdutivos da Bretagne, da Champagne, e particularmente da Sologne.

Os terrenos estéreis e desertos, pois, por êsse meio tornam-se fecundos e atraem a si a prosperidade e a vida.

É incontestável exemplo a ilha da Ascensão, na costa da África, de que os inglêses se assenhorearam, quando foi Napoleão conduzido a Santa Helena.

Nesse tempo a ilha não era senão um rochedo nu e coberto de algumas plantas criptogâmicas.

Aí foi deixada uma companhia de cem homens que, perseverando em fazer plantações, no fim de dez anos transformaram o ilhote em verdadeiro paraíso.

Hoje aquela ilha tem chuvas, fontes, cultura, comércio e vida.

Nesta Província também o senhor Antônio Furtado de Albuquerque, residente em Sobral, fêz em grandes cercados o plantio de canafístulas (**Cassia fistula**), árvores forraginosas, de fôlhas persistentes e raízes profundas que, se desenvolvendo vantajosamente, imprimiram certa frescura às terras por onde cresciam; de sorte que, sobrevindo a sêca de 1877

e perdendo-se a pastagem dos campos, foram seus gados ali recolhidos e escaparam do terrível flagelo.

É fato conhecido de todos.

O que é mais admirável é a mudança operada nos departamentos da Gironda e das Landes.

A metade ocidental do primeiro e o segundo quase todo eram imensos desertos, entrecortados de charcos e cobertos de plantas agrestes.

A região das Landes não tinha sòmente contra si a esterilidade, o clima insalubre: outro inimigo a ameaçava contìnuamente.

Eram os cômoros de areia que se erguiam em tôda a costa ocidental numa área de duzentos quilômetros.

Êstes morros, produzidos pelos ventos de oeste, chegavam em tôda a costa a 60 e mesmo a 80 metros de altura.

Nada resistia à marcha das areias.

As aldeias de Lillian, Delos, Sart e Anchise, criadas com grande dificuldade, foram abandonadas, e hoje se ignora onde eram situadas.

Os pastôres e pescadores viviam por aí como nômades.

Convinha em todo caso tentar um meio de fixar as dunas, e tôda dificuldade consistia em proteger a sementeira.

A pertinácia de Brémontier, com o auxílio de ramos fixos no solo e inclinados no sítio do vento, conseguiu fazer que se desenvolvesse a plantação de pinheiros marítimos, e para consolidar o talude das dunas empregou vegetais que dão bem nas terras mais áridas: a gramínea **Arundo arenaria** e a leguminosa tamarindo (**Tamarindus indica**).

Desta forma crescem admiràvelmente os pinheiros, e à sombra dêstes o solo cobriu-se de arbustos e plantas, apresentando hoje em grande parte da Gasconha uma floresta que é calculada em 25 milhões.

Reconhecida a vantagem do revestimento das dunas, tratou-se da regeneração dos Alpes.

Mr. Surell empregou tôda sua atividade para levar a efeito êste melhoramento; via nesse serviço uma questão de interêsse nacional, de patriotismo, e cheio de fé apelou para

o Estado, encarecendo sua necessidade pela razão de que, se por qualquer acidente de guerra se viesse a perder aquêle departamento, a França levantar-se-ia para o defender.

Trabalhou muito; mas afinal viu realizados os seus desejos.

Em 1860 foi votada uma lei decretando o revestimento das montanhas.

Começados os serviços, dentro em pouco não se reconheciam mais os lugares trabalhados.

Em vez de muralhas nuas, fendidas, áridas, se vêem logo tôda extensão coberta de linhas paralelas de vegetação arborescente, acompanhando as sinuosidades da montanha desde a base até os cimos, à semelhança de alamêdas de um grande parque.

Dos Alpes passou-se a outros pontos, de sorte que de 1861 a 1878, 216 lugares numa área de 139.162 hectares, na região dos Alpes, na das Cevennes e no platô central, nos Pirineus, foram entregues à administração florestal, continuando êstes serviços nos departamentos as comunas e os particulares.

* * *

Ao passo que os governos da Europa e dos Estados Unidos se esforçam em repovoar as matas e conservá-las, entre nós tudo que se há feito é para destruí-las, e por êsse estrago sujeitar-nos a lamentáveis conseqüências das sêcas, à falta de umidade que os vegetais desprendem; pois que se tem observado que uma árvore de grandeza mediana transpira em forma de vapôres mais de 20 litros de água por dia.

Todos os anos para roçados a ignorância incendeia porção da pequena mata que ainda resta, e por êsse modo vai esterilizando as terras, secando a atmosfera e causando o maior mal possível ao território e à agricultura.

Nesta voragem têm já desaparecido muitos exemplares de plantas da flora primitiva, e inquestionàvelmente a insalubridade dos lugares habitados vem da ausência de vegetação, reconhecido como está de que além de outras vantagens de bem-estar, absorve ela os miasmas que andam na atmosfera,

exerce certa influência sôbre o clima, sôbre as estações e particularmente sôbre a fertilidade das terras.

Os plantadores rotineiros derrubam a mata e queimam-na, acreditando que desta maneira fertilizam suas terras, quando, no entanto, se tornam mais pobres, visto como lhes devorando o fogo o húmus, fica êste reduzido a cinzas, que são desprezadas uma parte pelo vento e o resto conservado exteriormente que pouca influência tem como adubo.

Nos tempos coloniais do Brasil, o govêrno de Lisboa recomendava expressamente aos corregedores de comarcas e câmaras municipais, no livro 1.º das **Ordenações do Reino**, a conservação das matas e bosques.

Os decretos de 23 de setembro de 1713 e de 14 de março de 1716 mandavam conservá-las por utilidade pública e proveito geral.

Por carta régia de 17 de março de 1796, D. Maria I, ou antes o Príncipe Regente D. João VI, para êsse fim criou uma magistratura com a denominação de Juiz Conservador das matas, e por Aviso de 6 de agôsto de 1798, ordenou-se ao Vice-Rei do Rio de Janeiro, que nomeasse o Intendente-Geral da Capitania para ocupar o cargo de Juiz Conservador das matas em conformidade da carta régia de sua criação, e com o fim de regular os cortes de madeiras lhe enviou o regulamento de 11 de julho de 1799.

Não obstante essas recomendações, que tem feito a respeito o nosso govêrno, ainda depois da **Memória** do sábio naturalista José Bonifácio de Andrade e Silva, que aconselhava em 1815 se mandasse plantar árvores e formar bosques?

Nada, que não lhe deixa tempo o mago enleio da política eleitoral.

Nunca pensou nem pensa ainda no mal que há de inevitàvelmente resultar dêsse desleixo para o país no futuro.

O valor das florestas e a necessidade de poupá-las ocupou sempre em todo o tempo a atenção dos povos menos cultos.

A lei das Doze Tábuas dos romanos proibia mutilar as árvores, e condenava com multas os que cometiam delitos dessa ordem.

Os germanos castigavam com penas severas o roubo de madeiras.

A lei Sálica punia os atentados contra as árvores, como contra os homens.

A dos Lombardos cortava o punho a quem abatia uma árvore.

O Japão, se conserva sua opulenta vegetação florestal, é devido a uma antiga lei que proibia derrubar uma árvore sem plantar outra em seu lugar.

A França atual tem os seus **gardes forestiers**, pagos à razão de 700 francos anuais, cuja ocupação é percorrerem de manhã à noite as florestas para o fim de proibirem o corte das madeiras, prendendo os delinqüentes, que são submetidos a processo.

Na Alemanha, há pouco tempo, um indivíduo tentou contra a vida do burgomestre de uma cidade, porque consetira que se derrìbasse uma árvore.

Todos os países, enfim, possuem imensas matas e cuidam delas, porque a cultura das terras é feita com método e regularidade.

* * *

Se se tivesse, na Província, observado alguma daquelas leis, não estaríamos tão expostos às variações atmosféricas que por mais de uma vez nos tem arrastado a tristes conseqüências, para as quais, não tendo o nosso território massas d'água, fonte de vapôres próprios, muito deve ter concorrido o arrasamento de suas matas.

Entretanto, o cearense, que tem o seu progresso já tão notável pelo desenvolvimento de suas indústrias, por seu próprio esfôrço, como verdadeiro povo americano, pode com sua costumada tenacidade tratar de ir reparando êsse grande mal; e, se não o conseguir extinguir de todo, obterá sem dúvida modificar os seus terríveis efeitos.

Para exemplo já temos o comêço iniciado pelo cidadão João Cordeiro na serra de Baturité.

Êste patriota, sem contestação um dos filhos mais úteis dêste abençoado torrão, que há muito dedica ao seu engrandecimento e prosperidade, fortuna e talento, tem feito plantar milhares de árvores lenhosas e de fruto naquela serra, e não cessa de clamar pelos jornais em criteriosos artigos as vantagens dêsse serviço.

Quem sabe que se tem revestido de luxuriante vegetação o litoral da França, coberto como o nosso de cômoros de areia, não tem direito de descrer que se possa repovoar de matas as nossas serras e lugares frescos.

Em primeiro lugar convirá que se reprima o hábito selvagem de deitar fogo aos campos, em que não raras vêzes se estraga a mata, e depois cada um tome a si o encargo de fazer plantações de árvores úteis que em breve melhorarão as condições climáticas, desaparecerão as epidemias, devidas às emanações paludosas produzidas pelos charcos descobertos e sem vegetações, cairão abundantes chuvas, visto como está reconhecido que as árvores derramam mais umidade no ar que o próprio oceano, e então teremos a Província florescente em todos os ramos de trabalho, e mais próspera e mais feliz.

As Câmaras municipais, se fôsse possível acreditar que no interior existam essas instituições, tão úteis em outros países e tão sem préstimo entre nós, cujas rendas ordinàriamente são absorvidas pela perícia de privilegiados procuradores, poderiam encarregar-se de fazer sementeiras e arborizar as praças das suas cidades e vilas, e bem assim os lugares frescos.

Açudes e arborizações é o que necessitamos como antídoto à devastação das sêcas tão fatais à Província.

Se são capazes de um sentimento bom, apliquem as câmaras do interior uma parte de sua receita, sempre tão mal empregada em melhoramentos que lhes tragam no futuro prosperidade e riqueza, e aquêles serviços exigem a preferência.

Restitua-se à natureza o que a ignorância dos nossos maiores lhe tirou, que além dos resultados climáticos que hão de vir do revestimento das terras, haverá alimentação suficiente para os gados nos tempos críticos.

O Sr. Albuquerque, de Sobral, deve ter colhido as vantagens de sua experiência na última sêca.

Agora é desenvolver em mais larga escala a arborização naquele município.

Não há clima, por pior que seja, que não possa ser modificado.

Na Austrália Ocidental as chuvas levavam oito a dez anos para aparecer; atualmente com o plantio das florestas se têm tornado freqüentes os aguaceiros e formam-se córregos e regatos que até então não existiam.

Era bem conhecida a temperatura insuportável do baixo Egito; entretanto, com a plantação de milhões de árvores, mandadas fazer por Maomé-Ali, aquêle território é hoje ameno e habitável.

Mr. Meceler sustenta que a África Setentrional se pode cobrir de árvores, e que o próprio Saara é capaz de se transformar por êsse processo.

À vista disto, não será por causa da aridez dos terrenos que se deixará de melhorar a face da Província; o único estôrvo é a indiferença e inépcia dos nossos comprovincianos.

Demandará êste trabalho de muito tempo, é verdade; mas se não puder fruir de suas vantagens a geração atual, delas se utilizará a que nos suceder.

A maior dificuldade será sem dúvida o dispêndio de algum dinheiro na aquisição de árvores para a formação das florestas, mas desde que a iniciativa parte dos habitantes e haja boa direção, temos fé que a Assembléia provincial e as Câmaras respectivas votarão a verba necessária; porque nem sempre teremos assembléias tão sem patriotismo como a do penúltimo biênio, que consumiu cêrca de 40 contos em verdadeira pândega, sem dar à Província uma lei sequer.

Não nos importamos com o procedimento dos traidores da pátria; cada um cumpra o seu dever, que mais cedo ou mais tarde os abusos hão de ser refreados.

Melhoremos as nossas condições, e nessa tentativa todo esfôrço deve convergir para enriquecer o nosso território.

Em Baturité, o cidadão João Cordeiro não esperou por

auxílio do govêrno, e vai por diante arborizando o seu município a despeito da indiferença da câmara por tudo quanto é útil e proveitoso.

Belo exemplo digno de ser imitado.

Segundo opinião de profissionais, produzem bem nos campos do Ceará as espécies de árvores seguintes:

De umari (**Andira fraxinifolia e Andira vermifuga**); de cajueiro (**Anacardium occidentale**); de aroeira (**Astronium Urundeuva**); de araribá (**Centrolobium tomeu tosum**); de milome (**Dalbergia brasiliensis, Dalbergia variabilis e Dalbergia glaucessens**); de mulungu (**Erythrina mulungu e Erythrina velutina**); de gameleira (**Ficus elastica, Ficus indica, Ficus benjamina, Ficus religiosa e Ficus perforata**); de mimosas (**Mimosa espera, Mimosa rupestris, Mimosa malacocentra**); de mangueira (**Mangifera indica**); de cabiúna (**Machoerium acubatum**); de oiticica (**Moquilia tomentosa**); de maçaranduba (**Mimusops eleugi e Mimusops subsericea**); de angico (**Piptadenia nitida, Piptadenia contorta, Piptadenia paniculata e Piptadenia macrocarpa**); de juàzeiro (**Ziziphus joazeiro e Ziziphus phatyphilia**); de tamarindo (**Tamarindus indica**); de pau-brasil (**Coesalpina brasiliensis e Coesalpinia peltrophoroide**); de canafístula (**Cassia fistula**); de munguba (**Bombax semiguttifera**); de palmeiras (**Attalea compta, Attalea agrestis, Caryota urens, Cocos schizophylla, Phenix dactylifera e Phenix silvestris**).

Nas serras tôdas as árvores vegetam fàcilmente e conseguem de ordinário rica folhagem.

O sábio naturalista Dr. Barbosa Rodrigues aconselha que se plante nas vertentes a **samaumeira (Erridendron samahumma)**, árvore que cobre o espaço de alguns metros em diâmetro e produz a paina que pode servir de matéria para o comércio, e bem assim a palmeira buriti (**Mauritia flexuosa**), a qual vicejando em lugares secos conserva o terreno próximo sempre úmido.

Lembra igualmente o plantio nas margens dos açudes e lagoas da **amna-yara** ou mãe da chuva dos índigenas

(**Wullschlagelia**), cuja madeira é considerada de lei, e que, segundo a tradição indígena, atrai a chuva.

Esta planta é muito vulgar na Província do Pará, e portanto deve encontrar aqui terreno próprio ao seu desenvolvimento.

Outra não menos útil, a árvore de chuva (**Tamia caspi**), que existe nas florestas próximas à cidade de Mayobamba, na Colúmbia, pode ser transplantada para os nossos sertões, onde atraindo a umidade da atmosfera e lançando-a em forma de chuva, concorrerá para atenuar o maior mal que nos flagela.

Nosso grande empenho consiste em fazer que se conserve em todo tempo água sôbre o solo, e depois dos reservatórios quase sempre irrealizáveis por dispendiosos, as florestas exerciam grande influência.

Há sempre água em abundância, onde há vegetação.

Becquerel e Vaillant reconheceram que o solo florestal recebe um quarto mais de água da chuva que os outros terrenos.

Demonstrou ainda Boussingault que um hectare plantado produz tanto vapor aquoso que, se condensando, transforma-se em 30 metros cúbicos de água, sendo a quantidade multiplicada, se a cultura é de árvores frondosas.

Está pois provado, por todos os sábios e homens práticos, que a arboricultura altera o clima, e entretanto passamos descuidosos sem nos recordar que, daqui a quatro ou cinco anos, teremos de assistir às lutuosas cenas de 1877, visto como nada se fêz para debelar o mal das sêcas. (*)

* * *

Nunca é tarde para se reparar um mal; por isso ouso apelar para os que amam sinceramente esta terra querida, que dêem comêço a êste melhoramento, a fim de que não

(*) — O que eu previ, está se realizando na quadra mais terrível da sêca atual.

sejamos de hora em diante tão duramente perseguidos pela natureza e pela inclemência dos que nos governam.

Os filhos das províncias do Sul não acreditam que possamos perder de tempos a tempos o produto do nosso trabalho, arrebatado pelos estragos da sêca; mas que nos felicitamos com a vinda dela pelas vantagens auferidas dos socorros públicos, como disse na Câmara Alta um rico senador mineiro.

Escárnio aos nossos sofrimentos!

Deus! Ó senhor Deus! já bastam os vossos castigos sôbre os povos desta região! Vós, a quem nada é impossível, fazei que o flagelo que nos ameaça brevemente por uma lei fatal, vá cair sôbre as populações do Sul, para que possam elas avaliar dos horrores por que passamos, e aprendam a respeitar a desgraça que fulmina a todos com a pobreza e com a morte!

Só assim seremos julgados desprevenidamente, e se reconhecerá que, apesar da ingratidão do solo, o cearense tem altivez bastante para preferir a luta pela vida a receber o pão da esmola amassado com o fel do insulto.

Suspendam-nos as sêcas, e teremos ocasião de mostrar que não nos deslumbra a prosperidade de nenhum povo por mais afortunado e mais favorecido da natureza; porque da escassez de recursos é que nasce a nossa atividade, esta predisposição para tôda sorte de trabalho que dá direito a nos considerarem os ianques do norte.

Seja como fôr, acabrunhados pelas calamidades que tão desastradamente nos assolam, erguemo-nos de nôvo e dentro em pouco reconquistamos a posição perdida, se porventura não a excedemos com mais ufania.

Filhos de outras províncias não fariam outro tanto, temos plena certeza; e senão, é fácil lembrar que basta a demora por alguns dias das chuvas do inverno na Bahia, para que se derramem no seio do povo o desânimo e o terror.

* * *

Mergulhado nestas reflexões pareceu-me ouvir uma voz humana na mata vizinha.

Escuto de nôvo... não me enganei; chamavam-me em altas vozes.

Era José Leandro que vinha arrancar-me dêste agradável retiro.

Regressamos à vila.

Em caminho o velho arrieiro colhe uma goiaba, e movendo-a na mão antes de levá-la à bôca, observa que uma lagartinha rompia o epicarpo.

Sobremodo admirado de não encontrar sinal que indicasse por onde tinha entrado a larva, volta-se para mim e pergunta:

— Como foi que êste **bichinho** entrou aqui?

Não me recusando de ensinar aos mais ignorantes, do que eu, e para que não tomasse êle aquêle fenômeno como um milagre, dei-lhe a explicação que de mim exigia.

Era o tal **bichinho** a larva de uma pequena borboleta pírale da última grande tribo da ordem dos Lepidópteros que os entomologistas consideram como uma legião à parte, sob o nome de Microlepidóptera.

Quase sempre ocultas durante o dia, procuram de preferência a obscuridade; mas são no entanto atraídas pela luz e é dêsse hábito que lhes veio o nome de **Pyralis**.

Muitas vêzes entram nas casas e vão encontrar a morte nas chamas das lâmpadas.

Elas estão agrupadas no gênero **Carpocapsa**, e são conhecidas vulgarmente pelo nome de **maripôsas**.

Alguns naturalistas pretendem que a fêmea põe um ôvo na flor de alguma árvore frutífera, a qual se modificando à medida que o óvulo se desenvolve para formar o fruto, aí nasce a larva, e esta, atingindo todo seu crescimento, abre afinal um furo do centro à circunferência e sai para continuar sua metamorfose até inseto perfeito.

Outros, que o ôvo é deposto no ôlho do fruto ainda tenro, e apenas nasce a pequena lagarta, penetra ela até a parte vascular e parenquimatosa imediata a que chamam mesocarpo e aí se aloja.

Com o crescimento do fruto o orifício se fecha completamente, de sorte que não fica mais traço no fim de pouco

tempo e nada indica a sua presença; mas tendo de preencher as leis de sua natureza, rompe em qualquer parte o epicarpo e passa à árvore, onde se transforma em ninfa e mais tarde em borboleta.

Desta tribo são os insetos que destroem os cereais, as hortaliças, as roupas, os livros, etc.

Assim conversando chegamos a casa.

* * *

Tendo-me demorado mais do tempo suficiente para o estudo desta localidade, me dispus a deixá-la.

No dia seguinte, 23 do mesmo mês, depois de agradecer aos amigos José Temístocles Teles de Carvalho e Sebastião Carneiro de Azevedo, os obséquios de generosa hospitalidade que me haviam prestado, partimos às cinco horas da tarde.

O Sr. Raimundo Xavier de Sousa, que nada poupara para me ser útil, acompanhou-me ainda até além de seis quilômetros.

Ao distinto cavalheiro o meu legítimo reconhecimento.

Com pouco, caiu a noite.

O caminho percorrido, porquanto revestido de verdura de um e outro lado, apresentava constante perspectiva da vegetação hamadríade.

Apesar da obscuridade noturna, mais cerrada e tristonha em tempo de inverno, milhares de pirilampos projetavam no meio das trevas cintilantes clarões, ora se cruzando nos ares em faíscas brilhantes, ora iluminando plàcidamente a folhagem onde pousavam.

Eram os **lampiris**, da família dos **Malacodermata**, subfamília dos **Telephorinae**, cuja propriedade luminosa tem por fim revelar ao sexo oposto sua presença, visto como as fêmeas são desprovidas de asas.

Bem como os sons ou odores que exalam outros insetos atraem um para o outro os dois sexos, assim entre os pirilampos um cheiro fosforescente assinala as fêmeas aos machos.

É o facho do amor, é um farol natural, é um telégrafo

animado que brilha no silêncio e escuridão das noites, diz um naturalista poeta.

Vendo-os dar às árvores, mergulhadas em profunda sombra, a aparência de um céu constelado, eu me lembrava de que na América Equatorial existem insetos fosforescentes muito mais brilhantes.

A Fulgor-lanterna (**Fulgora lanternaria**) pode substituir perfeitamente a uma lâmpada pela luz viva com que resplende a cabeça monstruosa.

Sybill de Merian refere que em Surinã lia as gazetas com o auxílio de um só dêstes hemípteros.

Não menos admiráveis são os piróforos noctilocus, **pyrophorus** (porta-fogo), muito comum em Havana, no Brasil, na Guiana e no México.

Êstes insetos produzem luz bastante para que se possa ler a pouca distância de seu corpo.

Eu li algures, que depois da conquista espanhola, um batalhão que havia desembarcado novamente, não ousou travar combate com os naturais, porque tomou os piróforos que brilhavam sôbre as árvores circunvizinhas por morrões de arcabuzes prestes a dispararem.

Em Cuba, encerram muitos dêsses coleópteros em pequenas gaiolas de vidro ou de madeira, que são suspensas nos quartos, onde derramam perfeita claridade, e à luz dessas lâmpadas as mulheres fazem agradáveis serões.

Aí mesmo os viajantes para iluminarem o caminho no meio da noite prendem um dêsses pirilampos em cada pé, com a vantagem de por êsse meio afugentarem as cobras.

As mulheres crioulas misturam aos anéis dos cabelos os **pyrophorus strabus**, e êstes, como deslumbrantes pedrarias, dão às suas cabeças o mais fantástico efeito.

Quando as damas mexicanas querem ornar seus vestuários com êstes diamantes vivos, os colocam em pequenos sacos de gaze, que são dispostos com arte sôbre as saias.

Às vêzes rodeiam com êles o corpo, como uma cinta de fogo, ou os trazem ao pescoço, como colares ardentes.

Chegam ao baile com um diadema de topázios vivos, de

esmeraldas animadas, e esta auréola fosforescente flameja ou desmaia à medida que o inseto está mais fraco ou mais fatigado.

Quando em 1766 foi levado a Paris um dêstes piróforos, causou grande susto aos habitantes do arrabalde Santo Antônio, ao verem voar de noite brilhando no ar.

Os americanos, no entanto, olham para êles indiferentemente.

Depois de 18 quilômetros de marcha pedimos agasalho em casa de pobres plantadores do lugar Calumbi.

Foi-nos cedido com generosidade.

Depois de armada minha rêde na varanda, dirigi-me a casa em frente onde se achava a família ocupada em preparar a farinha de mandioca.

Dois indivíduos de rija musculatura, com as camisas enroladas nos quadris, imprimiam velocidade indizível a uma roda, por sôbre a qual corria um rêlho que fazia mover outra muito menor, coberta de fôlha de flandre, eriçada de dentes, chamada caititu, que reduzia a massa úmida as túberas oblongas, de diversos tamanhos, da valiosa euforbiácea **Maniot utilissima.**

Mais de 12 pessoas tomavam parte no trabalho: umas raspando a mandioca, outras espremendo numa prensa a massa que caía do caititu na gamela, outras passando no forno a farinha.

À vista daquele serviço atropelado, sem ordem, dispendioso, vinha-me ao espírito a idéia do atraso da nossa lavoura, que por tôda parte luta com dificuldade à falta de ensino e organização industrial.

A agricultura entre nós é rudimentar.

Sem os princípios gerais da cultura, amanho e adubo das terras; sem as máquinas e instrumentos agrícolas, que substituam quanto possível a ação mecânica ao esfôrço do homem, é impossível acreditar que se possa reparar os defeitos que retardam o progresso da Província neste e noutros ramos de trabalho.

Têm nisto muita culpa os nossos comprovincianos, porque

devendo aplicar os seus capitais em melhorar pelos processos aperfeiçoados a indústria agrícola e mesmo pastoril, de que colheriam centuplicada vantagem, consomem o que possuem em tricas eleitorais, quando tremenda desilusão sem proveito por tarde demais, é quase sempre a compensação de sua ignorância e inadvertência.

Maldita política!

* * *

Enquanto os homens transformavam a mandioca em utilíssimo alimento, eu dava largas ao pensamento sôbre certas plantas que preenchem o papel de algumas espécies de animais domésticos ou certos atos de aplicação cotidiana, e se apresentam verdadeiramente curiosas.

A mandioca, que produz a alimentação dos povos da América Meridional, contém veneno tão fulminante como os filtros de Locusto.

Os negros quando querem se suicidar comem a raiz, e o efeito é tão rápido como o do ácido prússico.

Entretanto, das suas flôres tiram as abelhas um néctar perfumado, que transformam em mel delicioso; ao passo que das lindas corolas das azáleas, ornamento dos nossos jardins, extraem sucos venenosos.

Tournefort atribui o envenenamento do exército de Xenofonte na vizinhança de Trebizonda a terem se servido os soldados do mel que as abelhas haviam fabricado com o suco das azáleas.

O maná é o açúcar que o freixo da Sicília (**Fraxinus ornus**) fornece já preparado.

Êle escorre e se coagula sôbre o tronco e ramos, onde se apanham as estalactites brancas e açucaradas com o auxílio de uma faca de pau.

Na América Equinocial vegeta a árvore do leite, **palo de vacca** (**Galactodendron utile**), que pela simples ferida do tronco fornece um leite abundante, com que se sacia o viajante; porque tem tôdas as qualidades do leite de vaca, e substitui quase absolutamente a êsse em alguns países.

Mr. Smith, na Guiana, achou-o excelente e diz que é mais espêsso e mais rico que o leite da vaca.

Quase nos mesmos têrmos se exprime Mr. Paul Marcoy.

A árvore-de-manteiga (**Pentadesma butyracea**) presta serviços tão importantes como a espécie precedente.

Fornece aos negros das margens do Niger e de tôda zona central e ocidental da África uma secreção, que êles substituem à substância empregada em nossas cozinhas, com a qual preparam os seus alimentos.

Vende-se em abundância nos seus mercados e é conhecida sob o nome de **Manteiga de Shéa**.

Karl Muller diz que colhendo os indígenas manteiga mais do que necessitam, os mercados da costa receiam que ela venha a ocupar lugar entre os artigos de comércio. Êles conseguiram do rei de Dahomey ordem para destruir tôdas as árvores-de-manteiga nos seus Estados.

Atualmente a guerra está travada contra êsse vegetal; queimam-no tôdas as vêzes que êle brota, e todavia êste renova sempre como um protesto constante e enérgico contra o homem, que aniquila com premeditação um presente da natureza.

Sendo o primeiro alimento de cada dia o pão, convém lembrar a árvore-do-pão (**Artocarpus incisa**), da Oceania, que oferece o gôsto do produto de nossas padarias, e sustenta naquela região os naturais e os colonos estrangeiros.

Os velhos de Otaiti atribuem a origem da árvore-do-pão a uma lenda tocante.

Por ocasião de uma terrível sêca, um pai conduziu às montanhas seus numerosos filhos e lhes diz: "Enterrai-me neste lugar e vinde-me procurar amanhã."

Os filhos obedecem.

Voltando no dia seguinte, como lhes havia sido recomendado, foram surpreendidos de ver que o corpo do pai se havia metamorfoseado numa grande árvore.

Os dedos dos pés se tinham alongado e formavam as

raízes; o corpo constituía o tronco; os braços estendidos se haviam mudado em ramos e as mãos em fôlhas; a cabeça calva, enfim, estava substituída por um fruto suculento.

Outro vegetal dos países tropicais dá um produto não menos precioso ao homem: é um vinho preparado.

Fornece-o a seiva de uma espécie de palmeira, o sagüeiro (**Sagusvinifera**), que cresce na África Ocidental.

A seiva vinosa é doce e açucarada, quando se acaba de extrair; algumas horas depois fermenta e se torna uma bebida por demais embriagadora.

Os naturais apreciam-na bastante, e a árvore dá vinho com profusão.

A circulação vegetal tem tal energia e o líquido produz-se com tanta abundância que Scott assegura que na primavera certas árvores deixam correr uma quantidade de fluido seivoso que iguala a seu pêso.

A palmeira **Seroxylon andicola**, que habita os Andes, apresenta o espique e os frutos cobertos de uma espêssa camada de cêra perfeitamente semelhante à da abelha e a substitui na iluminação e outros misteres.

Os indígenas extraem essa substância raspando o tronco.

Dá-se o mesmo com a **Myrica cerifera**; mas nesta são os frutos que exsudam a preciosa matéria.

Para tirá-la, servem-se de água a ferver.

A cêra sobrenada no vaso.

Em Madagascar existe a árvore-do-viajor (**Urania speciosa**), que cresce nos lugares áridos e desertos, e goza da propriedade de guardar para os viajantes água límpida e refrigerante.

As fôlhas largas e curvas, aderindo ao tronco, formam uma cavidade, onde se acumula a água, e os que por aquêles lugares transitam podem saciar-se à vontade.

Muitas plantas oferecem notáveis preciosidades que surpreendem, por suas secreções, simpatias, movimentos, odores etc., etc.

Umas destilam gôta a gôta seus produtos gomosos, cristais salutares, resinas balsâmicas; outras ao contrário formam uma

atmosfera gasosa, e esta a circunda de tal sorte que, durante o crepúsculo dos dias quentes e calmos do estio, se se aproxima uma vela acesa, ela se inflama e produz uma luz viva que envolve tôda folhagem sem prejudicar a planta.

Êste fenômeno se observa na fraxinela (**Dictamus fraxinella**), cultivada nos jardins da Europa.

Encerrada numa caixa de vidro, logo que se chega um corpo em chama, determina-se um abrasamento geral.

Outras expelem cintilações especiais de relâmpagos no meio da noite.

Mr. Haggren fêz observações sôbre algumas destas flôres.

Êle associou-se para êsse fim a outro naturalista, que devia, por meio de um sinal, indicar o momento em que visse as cintilações luminosas.

Reconheceu o sábio sueco que se não podia dar a ilusão, porque o companheiro observava os relâmpagos no mesmo momento que êle.

Vêem-se êsses clarões nas flôres de côr amarelo-laranja, entre outras no malmequer, nas chagas e no girassol.

De há muito é notada certa simpatia entre os vegetais como se se deleitassem de viver uns à sombra dos outros.

Por exemplo, a salicária (**Lythrum salicaria**) vegeta de preferência nos arredores dos salgueiros; outras ao contrário parece que experimentam aversão entre si, e, caso o homem teime em as aproximar, languecem e morrem.

O linho tem manifesta antipatia à escabiosa.

A causa destas aproximações instintivas foi observada por Mathiole que a denominou **Amizade das plantas**.

Na Alemanha, guiada pela ciência, a agricultura ensina a tirar partido dessas mútuas afeições, e o sábio Schwers mostra como se deve aliar os cereais sociáveis para aumentar o produto dos campos.

As plantas animam-se com movimentos diversos sob a influência da lua e da temperatura.

Em muitas flôres, no momento da fecundação, os estames e os pistilos se agitam visìvelmente, buscando-se uns aos outros para o fim de cumprir a sua missão.

Nos cactos e na imperial são os estames que se animam de um movimento insólito; nas flôres das nigelas e dos maracujás se nota perfeitamente, o que é muito mais raro, o pistilo procurar o outro sexo.

Von Martius refere que, quando atravessava as savanas da América tropical, o ruído das patas do cavalo fazia ao longe contrair as sensitivas, como se elas fôssem dominadas pelo mêdo.

Outros vegetais praticam instintivamente atos quase incríveis procurando sua amante.

No seu livro de botânica, Grimard cita uma matricária que, tendo germinado no fundo de uma caverna, se havia elevado à prodigiosa altura de 120 pés para expandir-se à luz, quando ordinàriamente esta planta não tem mais que cinco ou seis polegadas de tamanho.

Certas ninféias que, durante o dia, abrem as flôres sôbre a face tranqüila do rio, à noite descem e vão adormecer na profundeza das águas.

Ch. Musset descobriu que a colocásia comestível (**Colocasia esculenta**) lançava para o ar e sob forma de jato pequenas gôtas d'água que saem das porosidades, que se vêem na extremidade de suas magníficas fôlhas codiformes, onduladas como as vagas do mar.

O engenhoso observador dêste fenômeno extraordinário afirma que cada um dêsses furozinhos atirava a alguns centímetros de distância 10 a 100 gotinhas de água por minuto.

À vista destas admiráveis disposições, Adanson supunha que as plantas possuíam muitas almas sensitivas, e, em nossos dias, Von Martius e Thédoro Fechner consideravam-nas como séres que sentem e são dotados de uma alma individual.

Nas lendas do Japão diz-se que os cedros seculares gozam de tal exuberância de vida que derramam gôtas de sangue, quando os fere o machado; e as velhas tradições acrescentam ainda que possuem almas à imagem da do homem e dos deuses.

Não menos célebres são ainda os vegetais relativamente a seus odores, que quase sempre são esquisitos.

As dormideiras e nenúfares emanam vapôres que têm efeitos narcóticos.

Das flôres das estapelias e aruns escapam-se exalações infectas análogas à da carne em putrefação.

Algumas emitem odores que nos atraem pela suavidade, outras lembram o mal cheiro de certos animais, outras provocam náuseas.

O satirion das florestas européias expele fétido absolutamente semelhante ao do bode, e os chichás (29) das nossas praças o de excremento.

São tão diferentes as emanações das flôres, como o são as próprias flôres.

* * *

Cêrca de uma hora depois fui chamado a casa, onde a bondade de meu hospedeiro me havia preparado magnífica ceia de café com beiju e tapioca.

Depois disto, só um sono reparador e foi o que aconteceu.

No dia seguinte, tendo em resposta que nada me havia custado a ceia, agradeci o delicado acolhimento.

Na ocasião da partida o dono assegurou-me em têrmos delicados sua simpatia e desejava-me uma feliz viagem, quando com pouco chega José Leandro, pedindo-me mil réis para a despesa feita com o cercado para as três cavalgaduras.

Achei-me à vista daquela exigência desobrigado da dívida de gratidão.

Mr. Ernest Grandidier, na sua **Voyage dans l'Amérique du sud**, refere fato quase idêntico na pousada de Mollepata, caminho de Lima a Cuzco, com a diferença sòmente de que eu não havia trazido carta de recomendação.

Deixei afinal Calumbi.

A manhã vinha esplêndida, e a luz parecia que ria por tôda a amplidão do espaço, dissipando as nuvens que empalideciam o azul transparente do céu.

---

(29) — **Sterculia chicha**, St.-Hil.

Amena frescura inundava a terra, e por tôda parte as flôres exalavam delicioso perfume.

Aos encantos da manhã juntava-se a música sonora e ritmada dos pássaros.

Revestidas de densa folhagem apresentam-se as árvores com os atavios de luxuosa vegetação.

Quadra querida!

Já não era a tristeza, mas um estranho contentamento que desperta a presença daqueles campos arrelvados e floridos, à vista dos quais reanima-se também o viajante com as louçanias da natureza.

Tudo em tôrno é riso, movimento e festa.

* * *

Vinha eu distraìdamente saboreando as delícias da mais agradável viagem, e aspirava em longos haustos o ar perfumado e delicioso da manhã, quando ao transpor um alto nas proximidades do rio Curu fui surpreendido pela magnífica perspectiva que desdobrava além para o lado direito a serrania da Uruburetama.

Que pena poderia pintar as curvas suaves, as ondulações gentis, os contornos flutuantes, os vagos coloridos daquele lindo panorama que em suas combinações continha tanta beleza e era tão cheio de expressão?

Magnífico!

O que Mr. Fletcher, no seu interessante livro **Brazil and Brazilians**, disse a olhar do morro do Ingá, no Rio de Janeiro, para as montanhas fronteiras, era o que eu diria em presença daquela linda paisagem.

"Words here are imperfect instruments and must yield thier place to pencil and the graver. But no can reproduce the light and color which play around this enchanting region. No skill can catch the hanging hues of the distant mountains and the aerial veils of rose and amethyst which drop over the hills from the skies of morning and evening."

"Such scenes can be felt, not described."

Com efeito, nesta época, a vegetação florescente ostentava tôdas as suas belezas.

A brisa da manhã, agitando de manso as copas das árvores que em moles ondulações simulam um oceano de verdura, aqui e além com ligeiros laivos de ouro, produzia a mais agradável impressão, cuja lembrança se grava n'alma em traços inefáveis.

O que mais contribuía para êsse encantamento era a variedade das plantas herbáceas, seu rápido desenvolvimento, suas flôres variadas; eram as espécies volúveis que serpeiam pelos troncos acima ou que a êles se enlaçam como emaranhada rêde, imprimindo à mata certo ar de desordem.

As passifloras de corolas franjadas e purpurinas descem em festões das moitas de arbustos, sôbre as quais se suspendem promìscuamente os cachos dourados do cipó **Golphimia officinalis** e de outras não menos deslumbrantes.

Os folíolos simètricamente inseridos ao longo dos pecíolos das leguminosas, mimosáceas e cesalpíneas dão à folhagem uma ligeireza impossível de descrever-se.

Ao cair da tarde êles pendem e adormecem, e o seu despertar pela manhã impressiona mais vivamente ao viajante, que o sono da noite que lhe mostra a natureza fatigada de luz e de vida, repousando durante a calma e frescura do céu constelado.

Êstes lugares, há pouco ressequidos, apresentam agora uma mudança de decoração súbita, um aspecto nôvo.

À direita a extensão iluminada e verdejante, com longes de uma transparência indefinida, perdia-se na indecisão do horizonte, donde emergiam as orlas azuladas da serrania de Uruburetama.

Num assomo de entusiasmo exclamei como Cooper: "Eu te saúdo, ó inverno, rei dos prazeres íntimos."

* * *

Dentro em pouco começamos a descer as barrancas íngremes e enegrecidas do Curu, que continha porção de água em poços.

Aqui se abre largo espaço semeado de rasteira vegetação, por entre a qual se destaca a côr avermelhada do solo até a vizinhança do rio, cujas ribas são formadas de terra de aluvião.

Do outro lado notei que diversas casas se elevam, aqui, ali, além, mais ou menos próximas umas das outras.

O calor já se fazia sentir de modo incômodo, quando chegamos ao lugar Palma, 24 quilômetros de distância da última pousada.

O dono da casa recebeu-nos com prazer.

Era êle meu conhecido, o cidadão Galdino, restituído à liberdade pelos esforços da sociedade **Cearense Libertadora**, que tendo casado, para aqui viera habitar e possuía já o seu roçado ao lado da casa acabada de nôvo, o seu animal de carga e alguma criação miúda.

Parece que vive feliz ao lado da boa consorte, que acabava de lhe dar nédio caboclinho.

Nada faltou-nos nesse hospitaleiro albergue, que o amor enche de alegria e o trabalho livre em evidente prosperidade faz esquecer a iniqüidade do passado.

Ah!, **freedom is a noble thing**!

Pelas quatro horas pusemo-nos em marcha.

Pouco adiante se estendem vastas campinas, por onde as carnaúbas ocupam o primeiro lugar entre as demais famílias vegetais.

Em vários pontos observei que os espiques da preciosa palmeira apareciam despidos da formosa fronde.

Haviam morrido de cansaço pelo corte incessante das palmas de que se extrai a cêra, e entretanto ninguém cuidou ainda de obstar êsse ato de selvageria.

A lei n.º 546, de 20 de outubro de 1851, impunha a pena de 4$000 réis ou quinze dias de prisão àquele que derribasse uma carnaúba, e hoje os vândalos matam a árvore por inanição, que vem a dar no mesmo, e nada sofrem.

A Assembléia provincial, a exemplo da de 1851, podia por outra lei proibir o estrago de um vegetal tão útil e tão necessário à vida do cearense.

Ouso apelar daqui para o seu patriotismo.

Entramos à noite no povoado de S. Gonçalo, (30) que consta apenas de uma extensa rua tortuosa com casas de pobre aparência de um e outro lado da estrada.

É aqui uma estação de compra de algodões do interior, e a esta hora alguns pequenos negociantes recebiam diversos volumes dêsse utilíssimo produto.

Atravessando o povoado, viemo-nos arranchar do lado ocidental, sob um grande telheiro, para mais comodidade da partida no dia seguinte.

Depois da ligeira refeição de viajante, achando-me sem disposição para dormir cedo, levou-me a curiosidade a uma casa mais abaixo, onde um **samba** alegrava os convidados com os seus nunca assaz apreciados prazeres de dança, música, cachaça e canto.

A viola por aqui recorda ainda as noites voluptuosas de Andaluzia; e se bem que Mr. Alexandre Holinski, nas **Scènes de la vie sud-americaine**, afirme que dentro de meio século será proscrito o instrumento sôbre o qual Almaviva exprimia sua paixão à encantadora Rosinha, e que a serenata do barbeiro há de vir aparecer então de uma vetustade lendária, acreditamos que entre nós não será tanto assim; porque, enquanto imperar o **samba**, a viola será o seu indispensável complemento.

Num banco junto à janela, donde pendia uma garrafa prêsa pelo gargalo, emblema das casas que vendem bebida espirituosa nas estradas, dois cantadores exibiam seu talento, improvisando versos admiráveis pela forma e correção métrica.

Entre muitos guardei de memória êstes:

Plantei amor no meu peito,
Pensando que não pegasse,
Tanto pegou, qu'inda pega,
Tanto nasceu qu'inda nasce.

(30) — São Gonçalo do Amarante, anteriormente Anacetaba. Cidade, sede do Município do mesmo nome.

S'eu brigar com meus amôres,
Não s'intrometa ninguém,
Que acabados os arrufos,
Ou eu vou ou ela vem.

Muito boa gente apregoa a morte da poesia e Milton no seu tempo escreveu que à medida que uma nação se civiliza a poesia desaparece; se se refere à poesia clássica, é possível; a do povo não, que a exprime naturalmente, e quem tira assunto dos objetos que cercam esta natureza exuberante de beleza e majestade não pode deixar de espontâneamente se arroubar essa harmonia musical que expandem todos os sêres vivos.

Será preciso matar-lhe primeiro o coração e a imaginação.

No nosso país, onde tudo é maravilhoso, a poesia será eterna como a fé, como a ciência, como a liberdade, como Deus.

Prosseguia mais animado o desafio, todos brincavam e bebiam, as castanhetas estalavam ao compasso voluptuoso do baião, quando num segundo termina o **samba**, como quase sempre costuma terminar por tôda parte, em pancadaria.

Motivara tão súbita debandada a provocação de algumas praças, que desciam do centro e que como nós pernoitavam aqui.

Aquêles que tinham obrigação de manter a ordem, eram justamente os que a alteravam, interrompendo o divertimento de pacíficos cidadãos.

Fui informado de que no sertão cometem os mais revoltantes desatinos, e que por onde passam, vão levando aquilo de que têm precisão, extorquido à propriedade alheia, que não tem o direito de se queixar com receio de maior represália.

No livro recentemente publicado, **Three thousand miles through Brazil**, Mr. James Wells queixa-se amargamente do modo por que são presos e conduzidos ao **callabuça** qualquer compatriota seu pela polícia do Rio, à qual acusa ainda de outras irregularidades.

Diz êle que **"it has suggested that the force was completely supressed, public order would not disturbed, and a considerable economy effected"**.

Tenho vaga idéia de outro escritor estrangeiro que com Mr. Wells pensa que no Brasil, se a fôrça fôsse completamente suprimida, não seria perturbada a ordem pública e grande economia havia de resultar dessa medida para os cofres públicos.

Não sei; o que é certo pelo menos entre nós, é que antes da guarda cívica, se provou que a maioria dos roubos, principalmente nos estabelecimentos comerciais, eram praticados pelos soldados que policiavam a cidade.

A vista dêsse e outros abusos, quase que me inclino à opinião do ilustrado engenheiro inglês.

* * *

No rancho, dei ordens para que me fôsse trazida a cavalgadura o mais cedo possível; por isso às 4 horas da madrugada fui despertado à voz de José Leandro, que tinha tudo disposto e me trazia uma chávena de café.

Quase no momento de me retirar, notei um certo ruído no canto do alpendre, por entre os objetos da bagagem, e procurando verificar a causa, vi um animal desconhecido para mim, que o velho arrieiro denominou **maritacaca.**

Pela forma e côr do pêlo devia ser o pequeno digitígrado jeritacaca, conhecido cientìficamente por **Mephites suffocans**, que evita o homem; mas que perseguido o ataca, lançando sôbre êle a urina, cujo cheiro forte e nauseabundo não desaparece senão muitos dias depois.

Kalm, que primeiro o descreveu, diz que o líquido que êle expele atinge seis metros de distância, e cita o fato de uma cozinheira que adoeceu por muitos dias em conseqüência da exalação infecta de um dêsses carniceiros.

Refere Audubon que, quando menino, encontrara um animalzinho desconhecido, gracioso, que parecia o acompanhar e a outros camaradas, como um velho amigo.

Querendo pegá-lo, êle lhe lançou no nariz, na bôca, nos olhos o líquido infernal.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ
ESCOLA DE ARQUITETURA
BIBLIOTECA

Como fulminado deixa cair o monstro, e fugiu em ansiedade desesperadora.

Froebel, ouvindo em certa ocasião um ruído atrás de si, volta-se e vê uma jeritacaca, que à sua aproximação lhe atira sôbre as roupas um jato da terrível urina.

Furioso, êle a estrangula e corre para casa; mas não o deixam entrar.

Águas de sabão e essências não tinham efeito algum.

O desgraçado viajante mete-se nos trajes de um colono, enquanto se defuma, submetendo igualmente sua roupa à mesma fumigação, e só depois de muitas horas é que se sente aliviado do pestífero cheiro.

D'Azara afirma que se um dêsses carnívoros largasse uma de suas bufas no centro de Paris, se sentiria o fétido em tôdas as casas dessa grande cidade.

Eu que conhecia a fama dêsse **filho do diabo**, como lhe chamavam os colonos franceses no Canadá, não consenti que se lhe tocasse, e felizmente o cagambá, nome que tem êle nas províncias do sul, retirou-se vagarosa e indiferentemente.

* * *

Deixei José Leandro e pus-me a caminho.

Quando brilharam no céu as côres da aurora e que os negrumes da noite se esvaeceram à difusão da luz matutina, eu já tinha andado para mais de 24 quilômetros.

Um pouco adiante se descortinou ante meus olhos a extensão verdejante dos campos de Cauípe, por onde dominam as carnaúbas e a essa hora as caraúnas, corruptela de **uiraúna** (**Icterus nigra**) enchiam o espaço com as melodias dos seus cantos.

Minutos depois avistei ao longe o perfil da serra do Boqueirão, e dentro em pouco atravessava uma extensa depressão que forma essa cadeia, comêço do cordão central, a 30 quilômetros da cidade da Fortaleza.

Dir-se-ia daqui em diante uma rua até Soure, tantas são as casas à beira do caminho de um e outro lado.

Aqui entrei pelas onze horas da manhã, depois de uma marcha forçada de 76 quilômetros.

Ao saber de minha chegada vem ao meu encontro e me conduz para sua casa o amigo Tito Braga, decidido soldado na libertação da Província.

Conversamos sôbre assuntos de que não ouvia falar, havia mais de seis meses.

* * *

Soure, (31) a antiga Caucaia dos índios, criada freguesia em 5 de fevereiro de 1759, suprimida por Lei n.º 2, de 13 de maio de 1835, e criada vila por Lei n.º 1.772, de 23 de novembro de 1878, sob denominação de Vila Nova de Soure, apresentava ar prazenteiro, por causa talvez das alegrias do inverno.

Verdadeiro sertão pela amenidade de seu clima, acolhia nessa ocasião diversas pessoas estranhas, que tinham vindo pedir alívio aos seus antigos padecimentos.

É um lugarejo animado que tem a sua igrejinha branca, sua casa de câmara assobradada, suas escolas para os dois sexos bem freqüentadas.

Do meio da casaria velha, que recorda os tempos da colônia, destacam-se prédios excelentes, de risonha aparência de frentes pintadas de côres vivas.

Tem uns 900 fogos, sendo mais ou menos 300 casas de telha e 600 de palha.

No último exercício rendeu a coletoria 9:403$473 réis.

* * *

Tudo por aqui me traz à mente os melhores dias de minha infância, volvidos entre os prazeres do Natal dêste saudável povoado.

Os bailes improvisados, a música estrepitosa e sem

(31) — Retomou a denominação de Caucaia, cidade do Município dêste nome.

cadência, os ricos trajes de chita encarnada, o sadio aluá em vez de cerveja, após a partida o café com tapioca e rôscas de goma em vez de chá com torradas e biscoitos, tôdas aquelas doces recordações deixam saudade tão profunda, que dificilmente podemos esquecer!

Eu quero muito a Soure.

* * *

Às quatro horas já estava de viagem.

Caminhando eu refletia sôbre esta magnífica estrada que, como a de Messejana, Pacatuba e Maranguape, são devidas ao Presidente José Martiniano de Alencar, que de conformidade com a Lei n.º 46, de 15 de setembro de 1836, mandara abrir, tendo 40 palmos de largura e árvores de sombra de um e outro lado, art. 2.º.

É àquele talvez a quem a Província mais deve o seu engrandecimento.

Passei a bela ponte de ferro sôbre o rio Maranguapinho, os formosos carnaubais das várzeas do Tabapuá, os altos conhecidos por Barro Vermelho, as lindas chácaras do Alagadiço-Grande, e minutos depois, ao apresentarem-se os primeiros prédios da cidade da Fortaleza, exclamei trêmulo de comoção e contentamento:

— Graças, meu Deus, porque trago vida para amar a minha terra e abraçar os meus!

O presente trabalho foi composto e impresso nas oficinas gráficas da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ
Av. Visc. de Cauípe, 2932 - Fortaleza

BIBLIOTECA